COLLECTION: Y&T || PÔSTERES: ANGEL WITCH • FIVE FINGER DEATH PUNCH

ROADIE CREW

...avy Metal & Class...

Nightwish

CONSCIÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

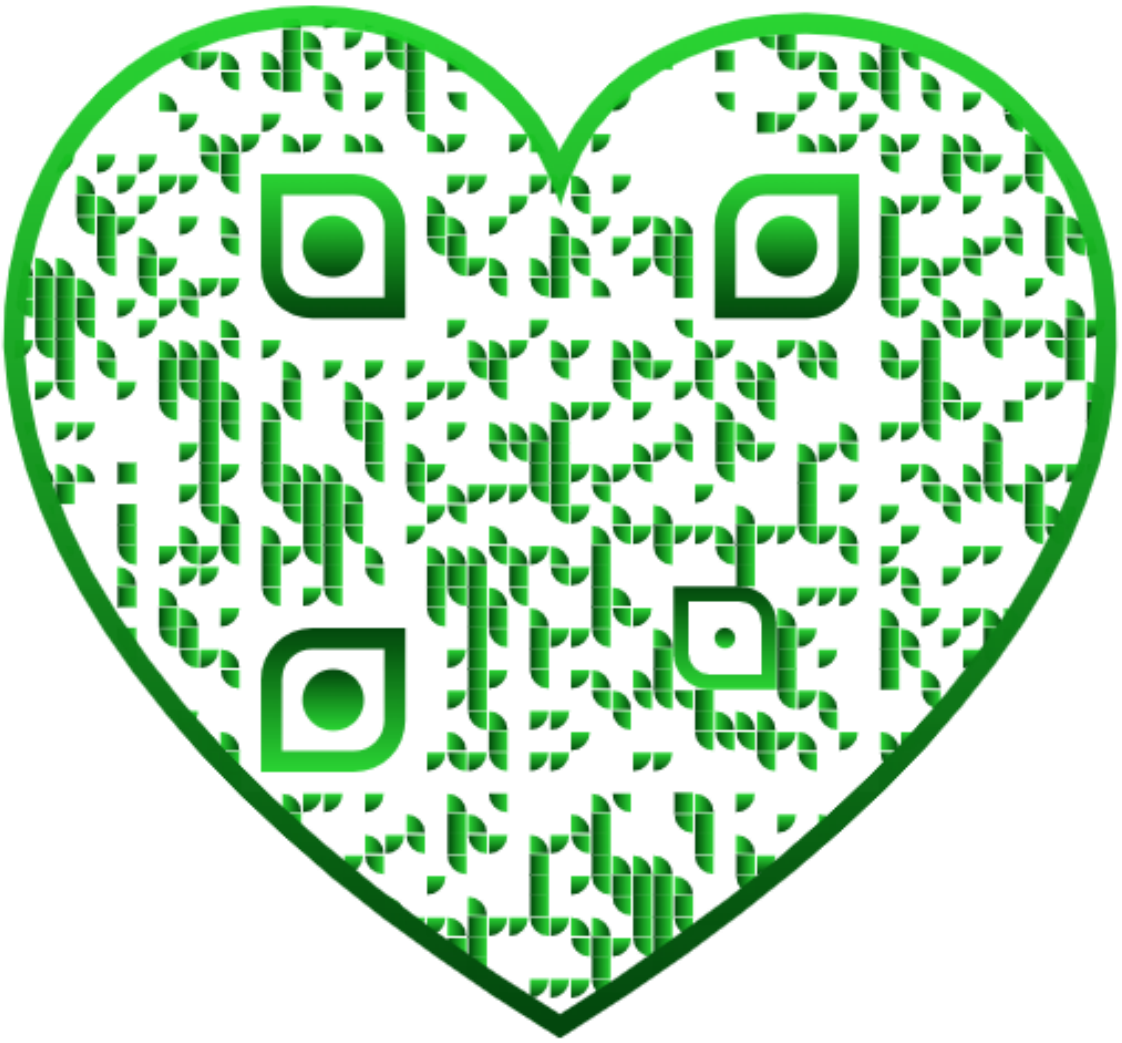
ESPECIAL

OS CAMINHOS DO THRASH METAL EM 1990

TESTAMENT · METALLICA · KREATOR · MEGADETH · ANTHRAX · PANTERA · SLAYER · DESTRUCTION · ANNIHILATOR

ENTREVISTAS

KREATOR || ANVIL || HEAVEN SHALL BURN || H.E.A.T || ARCHON ANGEL || KOBRA AND THE LOTUS
MAYHEM || CREEDENCE CLEARWATER REVISITED || BEHEMOTH || ROSS THE BOSS || VIRUS || TAURUS



SOUND CITY RECORDS e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

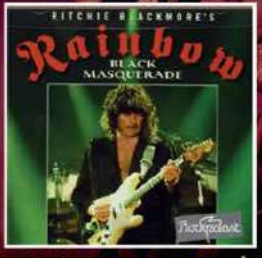
HEAT
II
A abordagem melódica do hard rock em sua melhor forma.

DEEP PURPLE
LIVE IN NEWCASTLE, AUSTRALIA 2014
Um novo conjunto de gravações de concertos Purple, The Soundboard Series, começa com o Live In Newcastle 2001. Gravado em Newcastle, na Austrália, a qualidade do áudio é alta. E a performance, da formação Gillan / Glover / Lord / Paice / Morse, é magistral.

DEEP PURPLE
LIVE IN ROME, ITALY 2013
O show leva o público de volta a turnê "Now What?!" de 2013, quando Ian Gillan, Ian Paice, Roger Glover, Steve Morse e Don Airey comemoraram o primeiro álbum após a morte do ex-colega de banda e amigo Jon Lord. "Live In Rome 2013" captura uma performance enérgica e emocional. Mais uma vez, o Deep Purple prova sua extraordinária qualidade não apenas no estúdio, mas também no palco.

CD + DVD

MYRATH
LIVE IN CARTHAGE
O ano de 2019 foi um grande ano para a banda de metal da Tunísia e pioneiros do ardente metal do deserto Myrath! Inclui impressionantes gravações ao vivo como "Believer", "Dance", "Get Your Freedom Back" e "Endure The Silence". Para completar, o CD inclui uma gravação em estúdio muito especial da faixa "Believer" com a participação de Don Airey do Deep Purple.



YES
OPEN YOUR EYES
O Yes de 1997 - incluindo os membros clássicos Jon Anderson, Steve Howe, Chris Squire e Alan White, além do novo tecladista Billy Sherwood. Novas faixas como "New State of Mind", "Open Your Eyes" e "Fortune Seller" misturam as inclinações progressivas da banda com melodias solidamente criadas que as colocam entre as criações mais atraentes da banda.

RITCHIE BLACKMORE'S RAINBOW
BLACK MASQUERADE
Após sua saída do Deep Purple em 1993, Ritchie Blackmore reformou o Rainbow com uma nova formação e entrou no estúdio para gravar o aclamado álbum Stranger In Us All. A banda então pegou a estrada para uma turnê extensa que incluiu esse show ao vivo em Dusseldorf, em 1995. A banda apresenta várias faixas do álbum Stranger In Us All, ao lado das faixas clássicas Rainbow e Deep Purple.

YES
THE LADDER
O Yes mistura seu som progressivo dos anos 70 com o estilo mais rock dos anos 80. Contém as clássicas faixas Face to Face e Homeworld (The Ladder)

arte: www.jdsartedesign.com.br

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

AREA-55
ÁLBUM DE ESTRÉIA DA BANDA DE LOS ANGELES
ONE OCEAN
LANÇAMENTO MUNDIAL 29/05
EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS
Spotify
MUSIC
DEEZER
amazon
TIDAL
napster
Rhapsody
YouTube
Google Play

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 ROADIE MAIL
18 NIGHTWISH
26 BLIND EAR
Tales Groo (Darksyde)
28 KREATOR
32 ETERNAL IDOLS
Eddie Money
34 CLASSICREW
King Diamond, George Harrison e Dio
36 ANVIL
40 COLLECTION
Y&T
42 HIDDEN TRACKS
Molested
44 RELEASES
47 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Vader - Solitude In Madness
52 ROCK AVERAGE
Queensrÿche - Empire
56 HEAVEN SHALL BURN
58 H.E.A.T
62 ARCHON ANGEL
66 KOBRA AND THE LOTUS
68 PLAYLIST
Alexandre "Xandão" Brito (Andralls)
70 MAYHEM
72 CREEDENCE CLEARWATER REVISITED
74 BEHEMOTH
78 ROSS THE BOSS
80 VIRUS
82 BACKGROUND
Ozzy Osbourne (Parte 5)
86 HEADPHONES IN FURY
Erik Grönwall (H.E.A.T)
88 TAURUS
90 OS CAMINHOS DO THRASH METAL NOS ANOS 90
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood /
A Look At Metal / Campo de Batalha
98 PROFILE
Neto Romão (Furia Inc.)

FOTOS:
Nightwish: TinaKorhonen

CARTA DO EDITOR

UM ANIVERSÁRIO SEM FESTA

Todo mês de maio tem um significado especial para nós da **ROADIE CREW**, pois foi neste mês, em 1998, que lançamos nossa primeira edição de circulação em todo o território nacional. Com a publicação da edição #254 iniciamos o ciclo do 23º ano em que a revista se tornou profissional. Mas quem nos acompanha desde o início sabe que a Roadie Crew começou bem antes, ainda como fanzine, cuja estreia se deu em agosto de 1994 (ed. #0) durante a realização do primeiro festival "Monsters of Rock" produzido no Brasil. Até o final de 1997 foram 8 edições do fanzine (de #0 a #7), mais a publicação do projeto piloto da revista oficial (ed. #8), que saiu em fevereiro de 1998. Portanto, já são quase 26 anos de dedicação ao rock em geral e ao heavy metal em especial.

Infelizmente, desta vez, mesmo tendo motivos para comemoração, não poderemos ter uma festa de aniversário. A causa principal que impede reunirmos toda a equipe para uma celebração é a grave crise na área de saúde que assolou o mundo neste primeiro semestre de 2020, com a pandemia do covid-19, que não poupou lugar nenhum neste planeta. Muitas vidas se perderam, incluindo artistas e profissionais que atuavam no cenário musical do qual fazemos parte, e a eles rendemos nossas homenagens e registramos nossos agradecimentos pelo trabalho que desenvolveram em prol da música pesada. Isso vale para músicos, técnicos, produtores, promotores de eventos, divulgadores, enfim, todas as pessoas que, de alguma forma, dedicaram sua vida, ou ao menos parte dela, ao rock e ao metal. Que continuem fazendo aquele barulho de respeito onde quer que se encontrem em outro plano.

Aqueles que continuam na batalha com certeza conseguirão superar esses momentos tão difíceis, até porque quem trabalha com esse tipo de música não o faz por mera obrigação. Existe muita paixão envolvida, e as coisas vão voltar ao normal. E quem tem o privilégio de curtir, de sentir o prazer de ouvir esse gênero musical, tem tido a oportunidade de dedicar mais tempo ouvindo música de alta qualidade. E a quantidade de obras disponíveis para se desfrutar é gigantesca, afinal são mais de 60 anos de produções que não têm prazo de validade e nunca se desgastam com o passar do tempo. Para quem é obrigado a ficar em casa para minimizar os riscos de contaminação, além das facilidades que a tecnologia possibilita no acesso às músicas através de plataformas de streaming, esta é uma grande oportunidade para colocar em dia as audições de seu próprio acervo. Afinal, nós, os amantes dessa arte geralmente somos colecionadores de discos de vinil, CDs, DVDs e revistas. E não há quase nada na vida melhor do que ouvir seu som preferido, no sossego da sua casa e no volume que você gosta.

Desde o final de 2019 temos enfrentado dificuldades com o cumprimento de prazos de serviços dos quais fazemos uso, entre eles distribuição em bancas, entregas para assinantes e serviços gráficos. Por essa razão, as edições deste primeiro semestre foram publicadas com frequência bimestral. Estamos trabalhando no sentido de voltar ao normal o mais breve possível.

Airton Diniz

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 254
MAIO-JUNHO/2020
ANO 23

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Eco Souza Diniz, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivane Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata e Valtemir Amler

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Marcelo Vieira

Fotógrafos: Carlos Delagosta, Renan Faccioli e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-0447
E-mail: redacao@roadiecrew.com

Site: www.roadiecrew.com
facebook/twitter: roadiecrewmag

ISSN 1415-322X

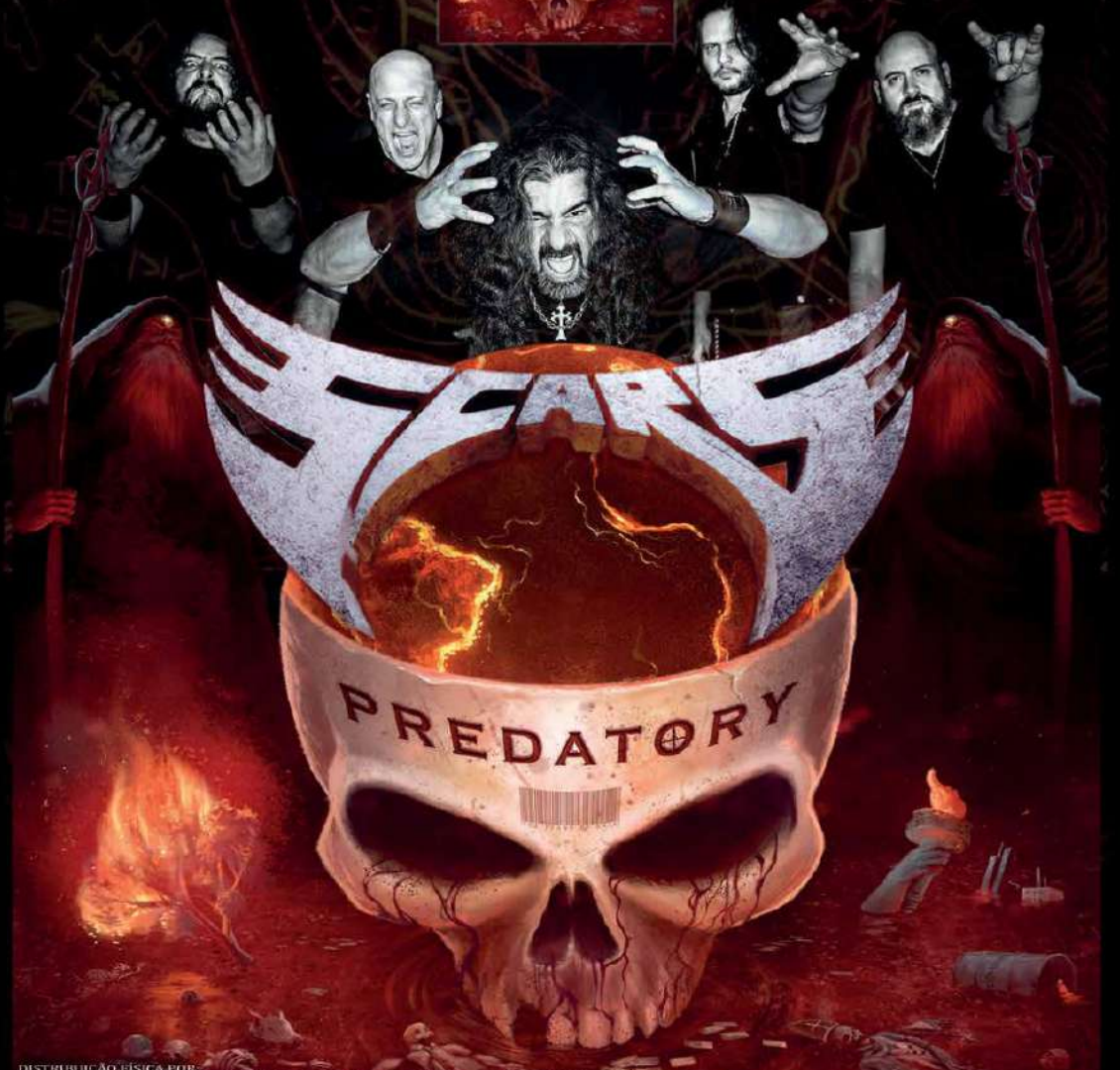
Proibida a reprocução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista

For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

NOVO ÁLBUM
PREDATORY

LANÇAMENTO MUNDIAL
07.AGO.2020



DISTRIBUIÇÃO FÍSICA POR:

EUROPA & WORLDWIDE: proper music distribution — www.propermusic.com

BRASIL: VOICE MUSIC — voicemusic.com.br

EUA & CANADÁ: BRUTAL RECORDS — brutalrecords.us / www.brutalrecords.com

JZ PRESS ASSESSORIA

WORLDWIDE DIGITAL DISTRIBUTION BY: The Orchard / SONY MUSIC — SONY MUSIC/THE ORCHARD

VOCIFER

OS CONTADORES DE HISTÓRIAS DO TOCANTINS

Abençoados por Shaman e Angra, apadrinhados por Thiago Bianchi, do Noturnall, e responsáveis por propagar lendas antigas da região amazônica por meio do heavy metal, os tocantinenses do Vocifer são uma grande revelação no cenário nacional. Em sua estreia, *Boiuna*, o título faz alusão a um mito de uma cobra gigante que atacava embarcações e devorava pescadores. Responsável pelas composições e a gravação do debut, João Noleto (vocal), Pedro Scheid (guitarra) e Lucas Lago (baixo) contam os detalhes sobre esses primeiros passos do grupo que, após as gravações, foi reforçado pelo guitarrista Gustavo Oliveira e pelo baterista Raphael Carvalho.

Gustavo Oliveira, Pedro Scheid, João Noleto, Lucas Lago e Raphael Carvalho

Everson Bertolini / Lucas Lago Henrique

Achei interessante a proposta da banda em falar a respeito de lendas da região amazônica. O ponto de partida foi o mito da Boiuna. De quem partiu essa ideia e, diante dessa proposta, como é desempenhar esse papel de contador de histórias por meio do heavy metal?

Lucas Lago: É como dizem: "Toda história boa começa numa mesa de bar". Nesse caso, não foi diferente. Tudo começou numa conversa minha com um amigo nosso, Miller, que sempre apoiou nossas loucuras musicais. Nesse dia, estávamos falando sobre lendas regionais, e foi quando ele me disse sobre a Boiuna. Depois disso partimos para pesquisa, entrei em contato com alguns professores que conhecia, e eles foram me passando algumas coisas. Enquanto isso o João começou a descobrir mais lendas que se integravam com a história da Boiuna. Por isso decidimos separar em capítulos.

Que outras lendas estão presentes no álbum de estreia? Esta é uma tendência para os próximos trabalhos?

João Noleto: Sentimos a necessidade de criar um cenário para construção das narrativas da Boiuna. E como seu cenário é a natureza, resolvemos contar a origem de diferentes elementos, a partir de interpretações de contos típicos ou da cultura indígena do Brasil, como a noite, a Lua e a chuva. Para os próximos discos, pode até ser que se mantenha essa linha, porém, como artistas, sentimos a necessidade de expressar o que está à nossa volta às vezes. E tem muita coisa acontecendo no mundo neste momento, então, quem sabe...

Outro fator interessante, ainda diante desse fato, é vocês serem propagadores do metal de Tocantins. Aproveitando a deixa, como é a cena no Estado?

Lucas: Bom, nosso Estado é o mais novo do Brasil, então, na minha percepção, ainda estamos engatinhando com a cena do metal daqui. Vejo que tem muita gente esforçada, talentosa e com vontade de fazer acontecer, porém ainda falta um certo amadurecimento das bandas e dos produtores de eventos. Penso que, enquanto esses dois lados não conseguirem se alinhar em função de um todo, a coisa não vai andar para frente.

O Vocifer tem como algumas de suas inspirações o Angra e o Shaman. Como é filtrar tais influências para tentar criar algo novo? E ainda diante disso, esses dois grupos também os influenciaram no sentido de propagar a cultura e o folclore brasileiros?

Pedro Scheid: O Shaman e o Angra servem como modelo para nós em vários quesitos, e seus trabalhos nos inspiram muito. Suas músicas atmosféricas, com ritmos brasileiros e alusões ao folclore, contribuíram para que também nos engajássemos nesse sentido de representar nossa cultura. Assim, com esse conceito em mente, buscávamos elementos harmônicos ou rítmicos que combinassem com a gente. É um trabalho árduo, mas a recompensa é inimaginável!

Falando no Thiago Bianchi, responsável pela produção no álbum, em um vídeo ele os rotula como uma "molecada sangue bom, pessoal 'coração'" e que traz uma "energia positiva muito forte". O que acharam dessa declaração? Como foi o trabalho com ele, que é uma referência como produtor no país?

Pedro: Foi incrível. Estar presente num ambiente que exala música, com outras pessoas que carregam a mesma paixão por ela, além da própria estrutura do estúdio – que nos deixava boquiabertos – foi uma experiência que nos ajudou muito em vários aspectos. O Thiago conseguia extrair o melhor de nós nas gravações e contribuía muito na estruturação das músicas. O trabalho final, o disco, fala por si, e somos muito gratos a ele pela oportunidade e por ter nos abraçado. Poucos movimentam a cena como ele.

***Boiuna* também conta com os teclados de Fabio Laguna em duas músicas, *The Curse of River's Lord, Pt.2* e *Primal Clash*. Como se deu essa parceria? Aliás, vocês têm planos de efetivar um tecladista futuramente?**

João: Ah, o contato se deu de maneira bem interessante. Durante a turnê "Temple of Shadows in Concert", do Edu Falaschi, fui um dos selecionados para cantar *Winds of Destination*. Foi no show de Belém (PA). Lá tive a honra de conhecer o Fabio, um cara muito gente fina. Posteriormente, quando estávamos na busca de um tecladista para os arranjos, o Thiago o sugeriu. Trocamos figurinhas, e a parceria fluiu de maneira muito boa. O Fabio sempre superava nossas expectativas. Em relação a ter um tecladista efetivo na banda, essa vontade não falta, pode ter certeza.

A melódica e técnica *Up on the Hills* foi escolhida como videoclipe. Seria ela a faixa que melhor sintetiza o conteúdo do álbum?

Lucas: A escolha dela foi mais ligada ao simbolismo das datas, pois um mês depois aconteceria a queima dos tambores, que é a história que narramos na música. A respeito da música que mais sintetiza nosso álbum, esta seria *Primal Clash*: a própria estrutura que usamos para compor, passando por vários ritmos musicais e encaixando os sentimentos da letra com o instrumental, é algo que sempre me arrepia ao vivo.

Como estão os planos para um segundo álbum? Como funciona o processo de composição de vocês?

Pedro: Não minto que, recentemente, já tivemos alguns insights sobre um segundo álbum, mas nada certo ainda.

Lucas: Amei muito essa conexão com a cultura local e gostaria de trazer mais trabalhos assim! Porém, acho que nosso dever como artista de metal é enfrentar e narrar as situações do dia a dia. Depois desse caos do mundo, a gente está refletindo bastante sobre o que podemos fazer.

João: O fato é que hoje temos uma banda bem melhor do que quando começamos a escrever o *Boiuna*. O Gustavo e o Raphael vão levar nosso próximo trabalho para um outro patamar com certeza.

Thiago Prata

MARCIO BARALDI
IMAGINAÇÃO A SERVIÇO DO ROCK

Ao longo das décadas, Marcio Baraldi tem sido muito mais do que um cartunista que gosta de rock. Aliás, se você prestar atenção ao movimento cultural que ajudou a solidificar o rock brasileiro nas décadas passadas, encontrará o seu nome repetidas vezes associado às principais bandas do cenário. A mesma coisa acontecerá se pesquisar quem está hoje trabalhando para conservar a memória da música e dos quadrinhos no Brasil. Se tudo isso é motivo de orgulho, existe algo especial para ser celebrado neste momento: o relançamento especial comemorativo dos 15 anos do game *Roko-Loko no Castelo do Ratozinger*, que já pode ser baixado na Steam. Celebrando sua longa jornada e o aniversário do jogo daquele que é o seu personagem mais célebre, Baraldi conversou com a ROADIE CREW.

Divulgação

Como começou a sua jornada como fã de música e leitor de quadrinhos?

Marcio Baraldi: Quando criança, via o seriado The Monkees na TV e os filmes do Elvis, mas era muito pequeno e não sabia que aquilo era rock. Só fui entender com uns 11 anos, quando ouvi *We Will Rock You*, do Queen, no rádio. Aquilo me fisgou na hora. Esperei o DJ falar o nome da música e saí correndo para comprar o compacto. Foi meu primeiro disco de rock! Virei fã do Queen na hora, depois descobri o Kiss, que era perfeito para um moleque como eu, pois misturava rock pesado e super-heróis. Os quadrinhos surgiram antes. Aprendi a ler com os gibis – minha mãe me deu uma forcinha para ler e eu aprendi rapidinho. Quando entrei no primeiro ano primário já lia perfeitamente. Os quadrinhos são um instrumento didático extraordinário! Comecei lendo Turma da Mônica, e posso dizer que fui alfabetizado por ela. Lia de tudo, mas tinha preferência por ela e pela turma do Pererê, do Ziraldo, pois tinham uma brasilidade muito legal, mostravam mais a nossa realidade do que a Disney, por exemplo. Depois cresci um pouco mais e fui para os super-heróis. Eu vivia nos sebos e descobri os super-heróis brasileiros dos anos 60/70, como Escorpião, Capitão 7, Raio Negro, Fikom, Mylar, etc, desenhados por caras como Eugênio Colonnese, Rodolfo Zalla, Fernando Ikoma e outros. Eu queria crescer rápido para virar desenhista como eles. Eles eram meus heróis de carne e osso, pois mostravam que era possível fazer quadrinhos no Brasil.

Você lembra quando teve a ideia de relacionar quadrinhos e rock?

Marcio: Eu passei minha puberdade inteira desenhando o Kiss e o Queen nos meus cadernos. Com uns 16 anos virei chargista no Sindicato dos Químicos do ABC, paralelamente fazia fanzines de rock, punk e humor. No ABC paulista, nos anos 80, havia um jornal chamado Rocker, que também era uma gravadora independente. Eu virei ilustrador do jornal, fazia um personagem punk chamado Johnny Bastardo, e também fiz a capa do disco *Rock do ABC*, lançado por eles, e do disco do trombonista Bocato, *Lixo Atômico*, que fiz junto com o cartunista Glauco, falecido tragicamente. Fazia cartazes de shows das bandas do ABC da época, como Laranjas, DZK, Libertação Radical, e outras. Até que, em janeiro de 1996, criei o Roko-Loko e a Adrina-Lina, ofereci para a Rock Brigade e eles toparam. Fiquei 18 anos lá, até a última edição, em março de 2014. Na sequência, fui colaborando com revistas como Roadie Crew, Metalhead, Comando Rock, Dynamite, Valhalla, entre outras. Fiz várias séries de rock paralelas por muitos anos.

O Roko-Loko foi basicamente incorporado ao espírito 'rocker' do brasileiro e se tornou basicamente o símbolo de uma época. Como se sente com isso?

Marcio: Acho que foi um momento único. Pouca gente percebeu, mas, na época, chegamos a ter a maior imprensa especializada em rock do mundo. Chegamos a ter 10 revistas de rock simultâneas nas bancas. E lotadas de jornalistas ótimos. Me sinto honrado e feliz por ter contribuído para essa imprensa do Brasil, por ter ajudado a divulgar as bandas nacionais com meus quadrinhos e por ter trabalhado com tantas feras do jornalismo.

Além das revistas e livros, Roko-Loko foi imortalizado no jogo *Roko-Loko no Castelo do Ratozinger*. Como surgiu a ideia e como foi o trabalho na criação dele?

Marcio: A ideia do game veio dos meus brothers Sidney Guerra e Richard Aguiar, dois viciados em games que já produziam pequenos jogos comerciais para empresas. Confesso que sou um prego com games, não consegui nem zerar meu próprio jogo até hoje (risos). Mas adorei a ideia e topei na hora. Bolamos todo o roteiro e eu desenhei tudo – Sidola (Sidney) e Richard animaram tudo, fizeram as vozes, etc. E, por último, os amigos do Exótica gentilmente cederam músicas para a trilha sonora, que ficou matadora! Na época só havia dois games nacionais no mercado, bem infantis, bem simplinhos, um da Turma da Mônica e um do Menino Maluquinho. Não havia um game mais complexo, mais bem produzido, para adolescentes. Nós fizemos o primeiro! Tínhamos pouca grana, mas muita vontade, criatividade e tesão de fazer. Ficou bem legal, profissional e deu muito mais repercussão do que a gente esperava.

Celebrando os 15 anos do lançamento, *Roko-Loko no Castelo do Ratozinger* está sendo relançado. O que pode nos falar sobre isso?

Marcio: Pois é, o legal é que nesses anos todos as pessoas não esqueceram do game. Continuaram me pedindo, perguntando dele, mesmo com o personagem não sendo mais publicado desde 2014. Significa que o game tem vida própria e, então, resolvemos aproveitar os 15 anos e colocá-lo novamente no mercado. O game pode ser baixado no Steam, uma das maiores lojas virtuais de games, pelo link: bit.ly/rokoloko.

Existem planos para uma sequência ou um novo capítulo? O que teremos no futuro do Roko-Loko e do Marcio Baraldi?

Marcio: Sim. Sidola e Richard estão loucos pra fazer uma sequência, mais elaborada e produzida. Roko-Loko é um personagem muito legal, que conquistou seu espaço na HQ nacional e tenho muito carinho por ele. No que depender de mim, topo sem problemas. Atualmente, além de charges políticas, ando produzindo documentários e DVDs. Fiz dois documentários sobre Serguei, falecido ano passado, um sobre o Rodolfo Zalla e um do Eugênio Colonnese, dois dos maiores mestres do Quadrinho brasileiro. Também produzi vinte DVDs da banda Made in Brazil, além de um CD duplo ao vivo. Fiz também revistas-pôsteres do Serguei e do Made, além de contribuir com o livro biográfico do Serguei, escrito por Rodrigo Barros e Paulo Roberto Andel. Também estou editando um monte de livros dos mestres da HQ que admirava na infância. Estou lançando livros de HQs e biográficos de Rubens Luchetti, Shimamoto, Gedeone Malagola, Ignácio Justo, Fernando Ikoma, etc. Estou focado em ajudar a preservar a memória do rock e do quadrinho brasileiro!

Valtemir Amier

HELLISH WAR
MAIS UMA AULA DE HISTÓRIA E METAL

O Hellish War iniciou 2020 ainda colhendo os frutos de seu quarto álbum de estúdio, *Wine of Gods* (2019), considerado por muitos o mais consistente e imponente trabalho da discografia da banda de Campinas (SP). E se você ainda não escutou o mais recente petardo gravado por Bil Martins (vocal), Vulcano e Daniel Job (guitarras), JR (baixo) e Daniel Person (bateria), faça um favor a si mesmo e vá logo conferir essa aula de metal. E não deixe de ler abaixo a conversa que tivemos com Bil e Person.

Vulcano, Daniel Job, Bil Martins, JR e Daniel Person unem com maestria heavy a outros subgêneros do metal

Foto: Sérgio Mazzuchi

Em suas redes sociais, o Hellish War ressalta que vem mantendo a tradição de se fazer heavy metal à maneira clássica há mais de 20 anos, enquanto novas bandas e tendências desaparecem com a mesma rapidez com que surgem. Como é se manter vivo e forte em meio a tantas dificuldades enfrentadas no underground?

Bil Martins: Algo muito importante para a banda é acreditar no que está criando e no que quer deixar como legado. Mesmo com todas as dificuldades, nos mantemos firmes, pois acreditamos demais no estilo, e é o que nós gostamos realmente de fazer. Não há outro caminho a não ser o do heavy metal.

***Wine of Gods* vem sendo bastante elogiado, marcou presença em várias listas de melhores do ano e, de fato, exibe a banda em seu auge, no meu modo de ver. Em que lugar ele está inserido dentro do cenário nacional? E qual o grande diferencial ou mérito do álbum?**

Bil: Ficamos muito felizes com o resultado e as críticas a *Wine of Gods*. Não costumamos lançar álbuns em uma sequência rápida, e acredito que esse possa ter sido um ponto positivo, pois pudemos trabalhar bem os detalhes e arranjos do disco. Neste álbum, pude participar de forma efetiva na parte lírica e nas linhas de voz e acredito que isso possa ter dado um ar um pouco diferente, sem descaracterizar a identidade da banda.

Daniel Person: Provavelmente nunca seremos uma banda que lança álbuns todos os anos; só lançamos um trabalho quando temos certeza de que fará jus à discografia da banda. É interessante ver que, entre os fãs e amigos que acompanham o Hellish War já há um bom tempo, não existe um grande consenso quanto a qual é o melhor álbum da banda. É esse tipo de discussão saudável que queremos gerar quando lançamos um novo trabalho. Se não for para disputar o topo da nossa discografia, é porque ainda não é a hora de lançar.

É perceptível um grau maior de maturidade no disco como um todo, mas o que vocês apontariam como primordial para que faixas como *Trial By Fire* e *House on the Hill* tenham obtido esse patamar de qualidade?

Bil: Todas as letras giram em torno de história e comportamento humano. No caso de *Trial by Fire*, falamos sobre Inquisição, e acho que esse tema combinou muito com o instrumental pesado e rápido, influenciado pelo metal alemão oitentista. O Hellish tem algumas músicas instrumentais, e, em minha opinião, *House on the Hill* é a mais legal já composta, com arranjos bem elaborados e melodias marcantes. Tentamos fazer isso no álbum todo, junto a um trabalho mais atento na parte lírica.

Person: Minhas faixas favoritas variam bastante, mas uma especial para mim é *Devin*, que fala sobre as ruínas de um castelo na Eslováquia, país onde vivi por mais de um ano. É um lugar com uma aura realmente especial e cheio de história.

O heavy metal é o fio-condutor do disco, obviamente, mas é possível notar outras nuances, uma pegada mais thrash ali, outra mais power... Vocês também veem dessa forma? O que é crucial para vocês na hora de compor?

Bil: Vejo o Hellish como uma mistura de metal mais tradicional com speed e hard rock também. Na hora de compor, mesmo não havendo uma regra, seguimos um caminho que já é característico da banda. A intenção não é inovar ou reinventar algo. Acontece de forma natural sem ficarmos presos a algum conceito.

O álbum foi composto numa chácara na região de Campinas. De que forma esse tipo de ambiente influenciou *Wine of Gods*?

Person: Foi um período de imersão bastante produtivo para a banda, onde todos estavam 100% focados em sair de lá com as músicas mais fortes já feitas pelo Hellish War. O processo de composição de um novo álbum pode ser bem desgastante, por isso essa mudança de ares foi importante. É algo que pretendemos repetir no futuro, pois definitivamente deu certo. A casa onde ficamos estava localizada em um lugar bem remoto, no alto de uma colina, o que serviu de inspiração para o título da *House on the Hill*.

O álbum conta com a participação de Chris Boltendahl, do Grave Digger. Como se deu o convite para contar com ele? E o que acharam do resultado dessa parceria?

Bil: Tínhamos alguns outros vocalistas em mente, mas o Chris com certeza foi o que se encaixou melhor na proposta da banda. Enviamos a música *Warbringer* e pouco tempo depois ele nos enviou as linhas de voz dele. Sou muito fã dele e do Grave Digger desde quando comecei a cantar. Ficamos muito felizes e orgulhosos com o resultado.

Person: Quando tivemos a ideia de trazer um convidado especial para o novo álbum, algo que nunca havíamos feito antes no Hellish War, a única condição era a de ter alguém que de fato fosse agregar à nossa música. O dueto do Chris com o Bil, que em minha opinião é um dos melhores vocais brasileiros da atualidade, ficou demais. Uma curiosidade interessante é que, há dez anos, me casei ao som de *The Brave*, intro do álbum *Tunes of War* (1996), do Grave Digger.

***Wine of Gods* foi mixado e masterizado no Piccoli Studio, em Londres, por Ricardo Piccoli (ex-Dead Nature, Sunseth Midnight, Kamala, Scars Souls, Shadowside). Como foi reeditar a parceria de *Keep It Hellish* (2013), disco anterior?**

Bil: Piccoli é um cara muito talentoso e paciente. Ele consegue imprimir exatamente o que procuramos em nossas produções, então foi uma escolha óbvia para nós. Acho a produção do *Wine* um pouco mais crua e direta em relação a *Keep it Hellish*, e esse foi um detalhe importante, pois as músicas também foram compostas nessa linha. Tudo se encaixou bem e o resultado foi mais que satisfatório.

O Hellish participa de um tributo ao Maiden, *Somewhere in Brazil*, com *Heaven Can Wait*. Como foi a escolha dessa canção?

Bil: A escolha foi feita pelo selo. É uma grande canção de um grande álbum (N.R.: *Somewhere in Time*, de 1986), então ficamos felizes em poder fazer nossa versão. Sobre o Maiden, gosto muito de tudo gravado até *Seventh Son of a Seventh Son* (1988). Ao vivo é incrível até hoje, mas não tem muita coisa que eu escute pós-*Brave New World* (2000). Uma grande influência para nós, sem dúvida.

Thiago Prata

THORHAMMERFEST 2020

EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 10 ANOS, COM VÁRIAS ATRAÇÕES INÉDITAS!!!

BORNHOLM
"HUNGRIA"

CERNUNNOS
"ARGENTINA"

MIASTHENIA

CROWN OF FALLEN HEROES

THE HEATHEN SCYTHE

TAHDRA - VINGARD

.....

02 DE NOVEMBRO - 13h

FERIADO ... ÚNICA APRESENTAÇÃO!
PROMOÇÃO DE INGRESSOS APENAS 50,00
SÓ ATÉ O FINAL DA QUARENTENA!

CLUBE PIRATININGA - S.PAULO

Tkts: Clube do Ingresso - Infos: www.thorhammerfest.com.br

SILVER MAMMOTH

VERSATILIDADE E MAIS MASSA SONORA EM NOVO TRABALHO

Muitos reclamam e questionam, mas o fato é que hoje, sem uma visão empresarial, encarar uma banda como negócio é fundamental para que ela sobreviva em meio ao oceano de grupos existentes. Junto aos consagrados Angra, Krisiun, Sepultura, entre outros, temos a galera do Armored Dawn e o Silver Mammoth, liderado pelo vocalista Marcello Izzo. Fundindo heavy/rock com psicodelia e toques contemporâneos, o grupo, completado atualmente por Renato Haboryni (guitarra), Chakal (baixo), Daniel Agostino (bateria) e Felipe Leão (teclado), chama a atenção não apenas pela música, mas também pela qualidade de seus clipes e o lançamento de alguns de seus trabalhos em vinil. Marcello Izzo fala um pouco sobre o sucessor de *Mindlomania* (CD, 2015) e *Singles* (compacto/vinil, 2017) e comenta sobre a pandemia gerada pela COVID-19.

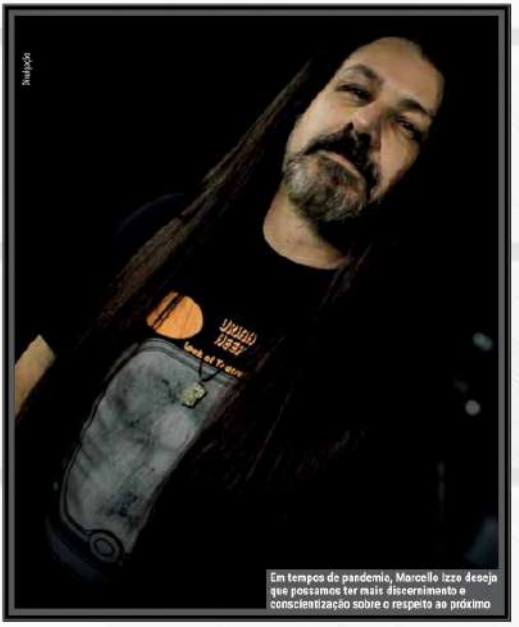
Western Mirror traz faixas inéditas, versões de clássicos do heavy/rock e acústicas. Quais foram as expectativas para essa nova empreitada?

Marcello Izzo: A ideia inicial para este novo álbum seria colocar mais massa sonora, explorar mais o peso das guitarras, já que os teclados sempre foram uma marca importante em nosso som, sem perder a identidade da banda. Tentamos entregar um trabalho com várias vertentes: heavy/rock, toques psicodélicos, acústicos e um hard blues em homenagem aos saudosos Muddy Waters, Robert Johnson, Chuck Berry e tantos outros. Além disso, queríamos compor uma canção que tivesse o mesmo impacto que teve *Shock Therapy*, de *Mindlomania*, tocada até hoje na rádio Kiss FM. Isto se deu com *Western Mirror*, que deu o nome ao álbum e, inclusive, também está nas rádios.

Embora a grande sacada de _Western Mirror_ tenha sido o peso, a viagem de _Free Soul_ é uma grata surpresa, justamente por apostar num clima intimista à la Beatles. Qual a importância de ter uma faixa mais calma em um trabalho mais dinâmico?

Marcello: Boa observação. *Free Soul* é uma faixa com toques psicodélicos. Como mencionei, gosto de compor canções que exemplificam meu momento atual e quando escrevi a letra para esta, pensei em uma sonoridade estilo segunda metade dos anos 60, com tudo aquilo que se via pós-*White Album*, com uma sonoridade capaz de levar a grandes viagens.

O álbum saiu pelo seu selo, Oebuicaota Records, que lançou recentemente o trabalho do baixista Ricardo Parronchi (ex-Destra). Depois da experiência com o compacto com os singles _Let Me Hide You_ e _Coup to the End_, há possibilidade de mais lançamentos em vinil? Qual expectativa possui em relação ao selo?



Em tempos de pandemia, Marcello Izzo deseja que possamos ter mais discernimento e conscientização sobre o respeito ao próximo

Marcello: O selo Oebuicaota Records é um sonho antigo e tenho este nome comigo desde garoto. Fazer o álbum de Ricardo Parronchi foi bem legal, pois se trata de um músico incrível. A ideia é produzir novas bandas e artistas, que façam um som voltado para soul, jazz, MPB e, claro, rock. Os mais próximos sabem da minha paixão por vinil. Tenho uma coleção imensa, com muitas raridades, originais de época e faço um convite para, no futuro, vocês conhecerem a 'Mammoth's Cave', pois ali está uma vida de dedicação a este hobby que faz parte do meu dia a dia. Gostaria de ter lançado *Mindlomania* e *Western Mirror* em vinil, mas os custos são altíssimos e teríamos que ter alguns parceiros para poder levar este projeto adiante.

Várias músicas do Silver Mammoth receberam videoclipes, um dos pontos fortes da banda, que sempre prima pelo capricho em suas produções. Com a tecnologia cada vez mais presente na vida das pessoas, acredita que possam servir de entrada para quem não conhece a banda?

Marcello: Nasci em uma época em que não tínhamos acesso a quase nada e me recordo de assistir Realce Baby na TV Gazeta, apresentado por Mr. Sam, e o Som Pop aos sábados, na TV Cultura, apresentado por Paulinho Heavy. Era o que tínhamos, mas eu ficava encantando com os clipes. Quando fundei a banda, uma das minhas prioridades seria usar este contexto para levar a música também de forma visual às pessoas. Iniciei os trabalhos com alguns fundamentos que vivi desde criança, de lançar ao menos um single antes de um trabalho e, se possível, com o suporte de um videoclipe.

Ainda sobre o trabalho audiovisual, _Rise Up_ recebeu um clipe interessante, mostrando uma rinha de luta clandestina, tendo um mafioso na organização das apostas. Como surgiu essa ideia? Além disso, o vídeo foi indicado na categoria 'Clipe Musical' no Festival de Cinema Curta Pinhais e no Festival Cine Lobeira de Cinema (GO). Qual a satisfação em relação a esse tipo de indicação?

Marcello: É sempre gratificante quando seu trabalho é reconhecido. A ideia do roteiro foi da Plural Brother Filmes, produtora que já tínhamos trabalhado em nossa versão de *Symptom of the Universe*. Enviei a música, e a ideia inicial era bem diferente da que foi para a tela. Achei o roteiro um tanto arriscado mas, confiando no profissionalismo da Plural, deixei eles tocarem o projeto e ficamos felizes com toda repercussão favorável. No futuro, após estes dias difíceis em que vivemos, pretendo fazer um novo clipe para outra canção de *Western Mirror*, talvez *Like a Blind Man*. Vamos ver...

Uma sacada interessante em _Western Mirror_ foi trazer as letras traduzidas no encarte, inclusive para as versões, promovidas anteriormente, que gravaram em tributos para Black Sabbath, AC/DC e Motörhead. De quem veio a ideia?

Marcello: Sempre cuido da produção artística dos trabalhos. Colocar as letras em português daria ao ouvinte que gosta de acompanhar a audição com o encarte na mão, a sensação prática de entender a proposta para cada canção. Eu aprendi a ouvir música neste formato, mas os discos nacionais quase nunca tinham encartes. Fui muitas vezes ao Centro Cultural São Paulo tirar xerox de álbuns importados para ter uma aproximação real com a obra. Coloquei as traduções para que todos pudessem acompanhar nossa poesia em tempo real.

Embora o mundo atravesse um grave problema mundial devido à pandemia gerada pelo COVID-19, quais os planos para apresentações ao vivo?

Marcello: Iniciamos a 'Mirror Tour' no dia 1º de março no 'Balbags Fest', onde já contamos com a formação atual. Vivemos tempos difíceis, propício para revermos alguns conceitos, refletir que não somos donos de nada, muito menos das nossas vidas. Tenho fé que tudo volte a uma normalidade razoável para seguirmos em frente. Penso que o mundo não será o mesmo e meu desejo é que possamos ter mais discernimento e conscientização sobre o respeito ao próximo e, principalmente, à vida.

João Messias Jr.

DEAD OR A LIE
METAMORFOSE E AMADURECIMENTO

Nova fase para Matheus Vieira, William Albino e Carlos Oliveira

Criado em 2009 e com a mesma formação desde 2010, o Dead or a Lie começou a carreira como Dead or Alive e assim permaneceu por um bom tempo. Até que resolveram mudar tanto o nome como estilo musical, abrindo mão do hard rock e caindo de cabeça no stoner com alguns elementos que deixam o som ainda mais denso e sombrio. Assim, Matheus Vieira (guitarra e baixo), Carlos Oliveira (guitarra e baixo) e William Albino (vocal e bateria) criaram *Monster*, EP conceitual que fala sobre aquele monstro que mora dentro de cada um de nós. Os três conversaram com a gente para falar sobre tudo isso.

A banda existe desde 2009 e recentemente mudou de nome. Por que fizeram essa mudança e qual o significado do novo nome?

Matheus Vieira: Nesses onze anos de vida, conseguimos muitos feitos bacanas e também lançamos quatro álbuns como Dead or Alive. Porém, em certo momento, o fato de existir uma banda de enorme sucesso (e muito boa) com o mesmo nome passou a atrapalhar em diversas situações, como a organização das músicas em plataformas de streaming, por exemplo. O Ricardo Batalha, inclusive, foi um dos grandes incentivadores dessa mudança. O novo nome veio através de uma semelhança de pronúncia que, de alguma maneira, tornou-o subjetivo e misterioso.

Vocês também fizeram uma mudança no estilo da banda, que era hard rock e hoje abrange vários gêneros. Como você definiria o estilo atual do Dead or a Lie? E o que motivou essa mudança?

Matheus: Não é clichê dizer que tudo foi algo natural. Acredito que a evolução no som do Dead or a Lie vai ao encontro da nossa metamorfose como instrumentistas. Nós temos um entrosamento ímpar, no qual cada um já escreve um riff já sabendo como o outro vai complementá-lo. Musicalmente, os três são oriundos de diferentes gêneros: eu, por exemplo, sou mais heavy metal. O Carlos, hard e blues. Já o Wiliam sempre carregou algo do punk e do alternativo. O elo de ligação entre nós sempre foi o Black Sabbath, banda preferida dos três. E depois que resolvemos baixar a afinação das guitarras, no terceiro disco (*Lost Man Standing*, de 2014), o stoner e o doom acabaram ganhando força nas composições

Vocês são um power trio com uma formação um pouco diferente, já que um revezamento entre Matheus Vieira e Carlos Oliveira na guitarra e no baixo. Por que essa opção? E como isso funciona ao vivo?

Matheus: Carlos e eu somos amigos próximos há mais de duas décadas. Começamos a tocar guitarra na mesma época, ambos com 12 ou 13 anos. E, desde então, formávamos banda, ele na guitarra solo (pelo seu amor ao Slash e afins) e eu na guitarra base (na vibe Scott Ian). Assim, quando montamos a Dead or a Lie, acabei migrando para o baixo. Mas, em estúdio, eu gravo as guitarras-base, enquanto ele faz as linhas com detalhes e solos. Em alguns momentos, Carlos tem alguma ideia melhor e acaba também gravando o baixo. Para nós, essa alternância é natural. O que vale é resultado final. Ao vivo, é power trio mesmo. Nada que uma distorção no baixo não ajude (risos).

Já o batera William Albino também é o vocalista da banda. Não é complicado para um batera desempenhar essas duas funções, já que ambas são muito 'físicas'?

Wiliam Albino: Trato isso como um desafio desde quando comecei a cantar. Gostava muito da melodia, mas não conseguia ficar sem me concentrar no ritmo. Desse jeito, forçado, acabei desenvolvendo o gosto pelos dois.

A produção de *Monster*, a cargo de Ali Jr., ficou excelente, inclusive no sentido de dar o clima meio sombrio que a música de vocês exige. Foi muito trabalhoso chegar nesse resultado?

Wiliam: Sim. Discutíamos muito quando estávamos compondo e alguma música parecia não se encaixar na proposta. Graças ao nosso produtor, Ali Jr., e ao Matheus, todas as ideias mantiveram a mesma linha. Lembro de Ali mandar mensagem durante a madrugada dizendo que abandonou uma mixagem no meio porque não estava legal. Daí, no outro dia ele estava mexendo de novo nos sons até chegar a outra identidade. Pensamos: vai sair algo grande.

***Monster* é um disco conceitual. No material de divulgação vocês usam as palavras 'assustador; demasiadamente humano' para defini-lo. Qual a história que ele conta e por que o definem dessa forma?**

Matheus: O conceito de *Monster* surgiu como algo simplório, porém que foi ganhando desdobramentos antes impensáveis. Quando roteirizei a história e passei para o Wiliam fazer as letras, dividi o conto em Temor, Perturbação, Suplício, Contemplação e Fé para mostrar um ser humano contra ele mesmo. Todos temos um monstro dentro de nós. O mundo nos sufoca e nos obriga, muitas vezes, a conviver com situações em que não sabemos como reagir. Esse monstro pode ser a depressão. Pode ser a ansiedade. Pode ser o emprego que você não aguenta mais. Ou mesmo um casamento que já acabou e você insiste em não se separar. Pode ser o fanatismo político, religioso, enfim. Por isso, resumi o conceito como assustador e demasiadamente humano. Afinal, em algum momento da sua vida, você vai entrar em contato com esse monstro, precisando de muita força para conseguir sua paz interior.

Vocês chegaram a cogitar fazer as letras em português, já que, ao contrário de tantas bandas, têm algo a dizer, o que por si já é um diferencial? Ou o mercado externo é a meta do Dead or a Lie?

Carlos Oliveira: Cogitamos, algumas vezes, porém sentíamos dificuldades para passar a nossa mensagem. O português é uma língua muito difícil para se compor. Por isso a escolha pelo inglês. Mas, claro, tocar fora do país seria excelente.

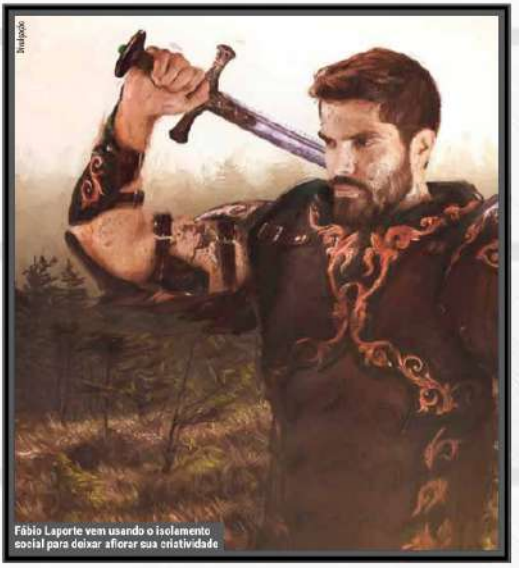
Quem são os convidados que participam do álbum?

Matheus: Temos quatro participações especiais. No teclado, o ótimo Matheus Botelho, que fez um trabalho magistral na faixa-título. Para fazer solos de guitarra, chamamos dois grandes amigos: Danilo Bortolani, luthier super competente e um excelente músico, e Cleber Shimu, um dos melhores guitarristas do Brasil, que no disco ataca de guitarra lap steel. Talvez a participação mais curiosa seja do renomado violeiro Ricardo Vignini. Conheço-o desde a época em que atuava com jornalismo cultural e tê-lo em um disco era um antigo anseio. Resolvemos convidá-lo para fazer a "intro" na viola. Ele aceitou e fez um arranjo super sinistro, captando na hora a essência do material. Com certeza, todos contribuíram muito para o bom resultado de *Monster*.

Antonio Carlos Monteiro

WILD HUNT
PRIMEIRO CAPÍTULO DA CAÇADA SELVAGEM

Não demorou praticamente nada, pois quando a banda Akallabêth encerrou atividades em 2008, Fábio Laporte já estava com um novo projeto pronto para estrear. Nascia o Wild Hunt. No entanto, a verdade é que o projeto demorou até finalmente colocar suas asas de fora. Foi apenas em 2018 que o EP *Awakening Of The Wild Spirits* viu a luz do dia, e só agora sua visibilidade está realmente aumentando. Uma pena, já que se trata de um dos melhores trabalhos de folk/black metal da atualidade. Sobre o fim da sua antiga banda, e tudo que aconteceu e está planejado para o Wild Hunt, conversamos com o mentor, Laporte.


Divulgação

Fábio Laporte vem usando o isolamento social para deixar aflorar sua criatividade

Gostaria de falar um pouco sobre a Akallabêth. Como foi trabalhar com essa banda e o que ela representou em sua evolução como músico?

Fábio Laporte: Formei a Akallabêth junto com amigos em 2000, com o intuito de tocar um som cru e épico, como eram o Satyricon e Cruachan antigos, Otyg, Storm e o Isengard. Akallabêth foi a minha escola de música. Tudo o que estudava e tentava aprender era para ser aplicado diretamente na banda. Aos poucos as formações foram mudando e, com isso, também o estilo da banda, de forma que tive oportunidade de experimentar desde as influências iniciais até algo mais heavy metal (como Skyclad e Mago de Oz), e mesmo o black metal, pois quando a banda acabou estávamos ensaiando covers de Bathory e Emperor.

Existe o plano de voltar às velhas demos do Akallabêth, e talvez relançá-las em CD, como uma coletânea?

Fábio: Uma coisa que sempre me trouxe certa frustração é o fato da Akallabêth não ter lançado um material com uma gravação decente. A boa notícia é que depois de gravar *Awakening of The Wild Spirits*, decidi gravar o álbum póstumo da Akallabêth, *Shores Left Behind*, em 2019, que está disponível desde então no YouTube – um lançamento apenas digital. As músicas são de todas as formações e estão mais ou menos na ordem cronológica em que foram compostas. Então, é algo interessante em termos de história da banda.

Apesar de surgido em 2008, só dez anos depois tivemos a primeira grande mostra do Wild Hunt. O que causou essa demora?

Fábio: Em 2008, fiz toda a pré-produção do que seria *Shores Left Behind* e a primeira demo da Wild Hunt. Só que o meu computador na época deu um problema e acabei perdendo todos os projetos do Cubase. Só sobrou um rascunho de *Savage Rebel*. Isso coincidiu com o período em que estava terminando a faculdade, começando a focar na minha carreira profissional. Quando me dei conta, já eram 10 anos.

Pelo que ouvimos, uma viagem para a Escócia atiçou novamente seu fogo criativo. Como isso aconteceu?

Fábio: Meu irmão mais velho passou um ano morando em Bristol (ING) e quando fui visitá-lo, em 2017, resolvi fazer um passeio pelas ilhas britânicas. Não tinha me dado conta de que o período da viagem era exatamente em torno do Halloween que, para quem não sabe, tem origens célticas. É justamente o período em que os portões do outro mundo se abrem e o 'Wild Hunt', os espíritos selvagens, vagam por nossa terra. Na noite de Halloween, estava no Festival de Fogo de Edinburgh (Samhuinn), e o Wild Hunt estava bem na minha frente – eles o chamam Sluágh). Se existir essa coisa de 'sinal do universo', esse com certeza foi um.

Musicalmente, o Wild Hunt traz referências de diversos gêneros musicais, do metal tradicional ao extremo. Como trabalha o equilíbrio de cada elemento enquanto forja suas músicas?

Fábio: Eu gravo todas as ideias que se encaixam na Wild Hunt e vou escolhendo as melhores. Nunca se sabe qual é o riff esquecido que vai se encaixar perfeitamente em uma música composta anos depois. Sempre tento fazer mudanças no modo e no campo harmônico da música em diferentes trechos, que fazem com que um riff que soaria fora do conceito faça sentido em um contexto mais 'pagan'. Fora esses aspectos mais técnicos, sempre faço as músicas pensando em alguma história, em alguma pintura, algum conceito. E as músicas costumam vir por inspiração já prontas. A maioria eu componho as melodias principais em alguns minutos e depois passo meses trabalhando nos arranjos.

Outro elemento chave está nas letras que, em primeiro momento, apresentam um enorme flerte com a literatura de fantasia. Como este era também um dos destaques na música do Akallabêth, como é a sua relação com a literatura e quais são seus escritores/obras favoritos?

Fábio: Na Akallabêth, as letras eram principalmente sobre o Silmarillion, de Tolkien. Apesar disso, nunca li muito fantasia, fora o próprio Tolkien, T.H. White e Terry Pratchet e alguns outros. Minha influência é mais da mitologia, da história e da psicologia mesmo. Em relação a autores, sempre gostei muito de Bukowski e de ficção científica (Asimov, Arthur Clarke e Ursula Leguin por exemplo), mas esses não tiveram influência direta sobre o conceito da Akallabêth ou da Wild Hunt.

O primeiro EP, *Awakening of the Wild Spirits*, foi definido como uma obra conceitual baseada no "Sláine", de Simon Bisley, certo?

Fábio: Ao compor melodias quase folk sempre existe um risco de cair em melodias felizes. Então, ter um quadrinho do Sláine me ajuda bastante a fazer uma triagem do tipo de melodia que quero incluir na Wild Hunt. Sempre olho para as pinturas e me pergunto: essa melodia poderia ser trilha sonora do Sláine? Fora isso, Sláine apresenta a mitologia celta de uma forma muito interessante. Sempre associamos cultura celta às ilhas britânicas, mas não esqueçamos que nossos ancestrais portugueses também eram celtas (celtíberos). Isso é bastante importante para o conceito que quero apresentar na Wild Hunt.

Você poderia falar também um pouco dos elementos da psicologia junguiana que permeiam as letras?

Fábio: Eu sou psicólogo de formação e profissão. A primeira abordagem com que me identifiquei na psicologia foi a junguiana, por conta da sua relação com a mitologia, que foi uma paixão desde criança. Hoje sigo uma linha mais científica profissionalmente, mas como psicologia junguiana e compor metal surgiram na minha vida num mesmo momento (lá pelos 15 anos), acaba que as letras sempre levam essa característica de ter uma narrativa fantástica ou mitológica, com um segundo significado psicológico por trás. No caso de *Awakening of the Wild Spirits*, o pano de fundo são os ciclos de desafios e constante amadurecimento que permeiam a vida, mas a interpretação dos detalhes é sempre mais interessante deixar para o ouvinte/leitor.

Quando teremos um novo álbum do Wild Hunt?

Fábio: Desde que terminei *Awakening of the Wild Spirits*, comecei compor o seu sucessor. Inclusive, uma das músicas faria parte de *Awakening*, mas achei que combinava mais com o conceito do segundo. Durante essa quarentena tenho tido mais tempo de focar nas composições e estou quase finalizando. Ele deve sair ainda esse ano. E já comecei o terceiro...

Valtemir Amier

SEVENTH SIGN FROM HEAVEN

PESADO, TÉCNICO E CONCISO

Novo disco da Seventh Sign From Heaven trás em sua natureza, o melhor do Heavy Metal Tradicional.

A venda pelos links:

www.blackrockstore.com.br // www.submarino.com.br // www.americanas.com.br
www.diehard.com.br // www.locomotivadiscos.com.br

Escute nas plataformas digitais:

Spotify DEEZER YouTube Music

VOICE MUSIC ROADIEMETAL

FÖXX SALEMA
A PRIMEIRA BATIDA DE UM CORAÇÃO SELVAGEM

A vocalista Föxx Salema é, como todos nós, uma alma conectada ao heavy metal. Nesta entrevista, ela nos conta que cantava desde criança, mas que algo mudou quando conheceu o heavy metal: "Quando descobri o metal, foi o meu chamado, digamos assim. Alguma coisa que estava adormecida em meu íntimo despertou e eu pensei 'é isso!'". Daquele primeiro momento até o lançamento de *Rebel Hearts*, passaram-se vários anos. Föxx encontrou pela frente o melhor e o pior lado dos fãs de metal, mas encontrou na sua força interior na sua música e em seu caráter a bravura necessária para seguir adiante. Hoje, com o álbum de estreia em mãos, ela nos contou sobre alguns pontos dessa jornada.

Föxx Salema celebra as conquistas de *Rebel Hearts*

Divulgação

Sua primeira mostra como artista apareceu pro público em 2013, com o single *Constant Fight*. Na época, seguia um caminho musical diferente do atual, com uma inclinação mais evidente ao hard rock. Esse era o gênero que mais atraía você na época?

Föxx Salema: Eu estava muito encantada e influenciada pela ex-banda do Andi Deris, o Pink Cream 69. Então, resolvi ir por esse caminho, mas foi ideia do produtor musical colocar nela algo com tino mais comercial, aquele coro após o solo de guitarra e antes do último refrão. Apesar de isso ter cativado o público, limei esse trecho na regravação dela, pois estava voltando às minhas raízes no metal. Meu marido, Cleber, que, em meados de 2018 se tornou meu tecladista, sente falta dessa parte, mas, paciência (risos).

***Constant Fight* também já dava pistas sobre o aspecto lírico da Föxx Salema. De cara, vemos você tecendo críticas ao 'modus operandi' basicamente cínico e corporativista da sociedade, especialmente dos governantes.**

Föxx: Sim, sempre foi a minha primeira opção. Sempre fui muito crítica em relação a injustiças, então, para mim, foi natural exteriorizar esses pensamentos e sentimentos. Componho também letras ficcionais de horror, vide uma das músicas do meu álbum autoral, porém meu foco principal é a minha realidade. Isso se intensificou após eu ter popularmente me tornado uma porta-voz pra quem, muitas vezes, não possui representatividade na sociedade. Como, por exemplo, as pessoas transgêneras que são headbangers no Brasil.

De 2013 até 2018, não foram muitas as novidades musicais da Föxx Salema, mas foi nesse período que firmou os passos que daria desde então, certo?

Föxx: Entre 2015 e 2016, formei uma 'banda' com meu nome e, além de shows, também realizei um festival local, que contou com algumas edições. Dessa mesma época vieram duas das composições que estão no meu álbum autoral, porém com as devidas modificações no instrumental e também em certas partes das letras. Em 2017, me concentrei mais em gravar covers em estúdio e os publiquei no meu canal no YouTube. Apresentações mesmo eu fiz algumas, mas estas foram realmente solo, sem integrantes fixos me acompanhando no palco.

Em 2018, foi a vez de *Mankind*. Antes de qualquer coisa, gostaria que nos contasse a história e a ideia por trás da capa desse single.

Föxx: A ideia surgiu diretamente da minha letra, após ter decidido qual música seria o single do álbum e pensado em como poderia representar isso numa imagem que fosse impactante. Então, após analisar as possibilidades e ver estilos artísticos similares ao que queria, através de um conhecido em comum, contatei o ilustrador. Expus minha concepção, conversamos sobre o valor e fechamos parceria. Dali via foto, eu posei para ele como uma referência contextual: o empalamento simbólico do fascismo fundamentalista reacionário 'contemporâneo, moderno', através da bandeira LGBT+ em um mastro de prata empunhado por mim. Fomos acertando os demais detalhes, as cores da cena; e fiquei extremamente satisfeita com o resultado final. Tenho bastante orgulho da realização disso.

Tanto *Mankind* quanto *Constant Fight* aparecem como parte do seu primeiro álbum, *Rebel Hearts*.

Föxx: Em 2013, essa ideia do álbum ainda não existia. Entre 2015 e 2016, surgiu na forma de um EP, mas somente em 2018 evoluiu para um álbum todo e foi concretizada. O que tornou esse momento o ideal foi algo simples, porém vital: o incentivo e principalmente o investimento de uma pessoa. Nesse caso, meu marido Cleber, que na época ainda era apenas meu namorado.

As respostas para *Rebel Hearts* têm sido muito boas, tanto diante do público quanto na mídia especializada. Muita gente parece estar se identificando com a sua música e com a sua mensagem. Como se sente com isso?

Föxx: Me sinto ótima! É extremamente gratificante que isso esteja acontecendo. Estou agradando tanto pessoas da comunidade LGBT+, quanto quem não faz diretamente parte dela. A prova disso são os números alcançados por mim em serviços de streaming, as várias resenhas positivas ao álbum, as vendas particulares e em lojas do CD físico (em formato digipak e com encarte). Além disso, há músicas sendo tocadas em rádios especializadas em metal, as coletâneas que estou fazendo parte e as listas de "Melhores de 2019" que entrei. Incluindo, mais recentemente, o 7º lugar em 'Álbum Nacional' na votação popular da própria ROADIE CREW.

Quais você diria que são os 'prós' e os 'contras' da sua jornada na música até agora?

Föxx: Os prós são a receptividade do público e da mídia especializada no geral. Admiração, elogios, positividade e reconhecimento são sempre bem-vindos! Os contras são 'haters' e 'stalkers'. O boicote em alguns veículos de comunicação ligados à cena metal brasileira e a perseguição grupal transfóbica, que injustamente sofri por ser uma ativista LGBT+ de esquerda, é algo que me chateou bastante. Ainda mais porque isso também atingiu o meu marido e até mesmo a minha idosa mãe, que mora conosco (sou filha única e meu pai já é falecido). Isso, infelizmente, ainda ocorre, mas tento ao máximo "ignorar" as ofensas e focar as minhas energias e o meu tempo em algo construtivo. Muitas portas se abriram e isso, juntamente com o apoio de quem me quer bem, estimulam a minha força de vontade e perseverança em transcender as adversidades que me foram impostas.

Já que falamos em novas canções, gostaria de finalizar perguntando o que teremos após o ciclo de *Rebel Hearts*. Quais são os seus planos no que se refere a um novo álbum?

Föxx: O que posso adiantar é que há planos para um EP com composições inéditas e que também haverá um novo single. Este, liricamente será diferente de grande parte do que já concretizei em minha carreira artística, porém mantendo o metal como meu gênero musical.

Valtemir Amier

ANGELIQUE
REVISITANDO OS PRINCÍPIOS DO GOTHIC/DOOM

Desde que nasceu em 2014 no Rio de Janeiro (RJ), a Angelique tinha muita clareza no gênero musical que queria praticar. Muito pelo fato de que o líder e principal compositor, o guitarrista Jonathan Dimithri, colocava tanta emoção em suas composições, que elas fluíam naturalmente pelos caminhos do gótico. Daí para acrescentarem doses cada vez maiores de elementos sinfônicos com arranjos cada vez melhor elaborados, foi apenas questão de tempo. Com a ótima recepção de seus singles mais recentes – *The Seven Principles of Kybalion*, inclusive, integra o volume 14 da coletânea Roadie Metal –, a banda deixa claro que tem um álbum sendo preparado, além de uma surpresa para os que a acompanham desde os primeiros dias. Confira o que o vocalista Beltane Tristesse nos contou sobre essa jornada.

Divulgação

Camila Oliveira, Beltane Tristesse, Jonathan Dimithri, John Vasques, Guilherme Ramos, Bruno Bard e Lincoln Lopes preparam o primeiro full

Consta que a Angelique nasceu em 2014 no Rio de Janeiro e, de cara, optou pela sonoridade doom. Quais eram as principais referências musicais naquele início?

BeltaneTristesse: Quando foi fundada, a banda tinha em sua essência esses elementos de doom e também de gothic metal, e à medida em que Jonathan Dimithri ia se aprimorando em termos de refinamento de composição, os elementos sinfônicos começaram a ganhar forma e força. À época, não havia bandas com essa proposta em plena atividade. A banda feminina de doom metal Mortarium e a Aldren Liebe vinham passando por processos de reformulação – a primeira acabou por encerrar as atividades e a segunda mudou o direcionamento para algo mais próximo do prog metal.

O que os fez sentir que este gênero era ideal para representar as ideias musicais de vocês?

Beltane: Foi um processo natural. A carga emocional das composições do Jonathan acabava refletindo nas letras que escrevia. Assim, as músicas iam crescendo em termos de criação. O resultado quase sempre é algo que posso classificar como 'belo e sombrio'.

Olhando para esse início, podemos imaginar que *Sarah's Eyes* foi uma das primeiras composições de vocês como Angelique. Como foi trabalhar nas primeiras composições e como surgiu a ideia que resultou nessa canção, especificamente?

Beltane: Jonathan me estendeu o convite para a criação da banda com uma base musical pré-elaborada: uma demo com três faixas, compostas apenas de guitarra/teclado/vozes. *Sarah's Eyes* era uma dessas faixas e esse material inicial me arrebatou de tal maneira que senti necessidade de fazer parte desse trabalho. À medida que os demais músicos iam sendo recrutados, os horizontes musicais iam se desdobrando, devido às possibilidades vislumbradas no potencial de cada integrante.

Meu contato inicial da música de vocês foi com *Fallen* e, de cara, a riqueza de arranjos vocais foi algo que me cativou. Então, gostaria de começar falando sobre os vocais: como organizam cada diferente elemento de voz ao longo da música?

Beltane: Coincidência ou não, essa música também integra aquela demo que citei. Ela tem um lugar especial na história da banda, pois inicialmente seria cantada pelo próprio Jonathan nas parte de vocais masculinos 'limpos', enquanto nossa vocalista cantaria as partes pertencentes a ela e eu cuidaria dos guturais e apoio nos corais, como de costume. Quando o tenor Lincoln Lopes foi incorporado à formação oficial, percebemos o quanto essa música cresceria em termos de 'corpo e profundidade' e alcançaria um nível até então inimaginável.

Outra coisa que me chamou a atenção em *Fallen* foram os arranjos sinfônicos e o contraste que eles criam com os elementos típicos do metal. A ideia inicial para as músicas costuma partir deles, ou das partes metal?

Beltane: Tudo parte de um tema inicial, geralmente, uma espécie de sinfonia composta por Jonathan. A partir dela, ele compõe as outras partes instrumentais e também as harmonias vocais. Tendo isso como ponto de partida, analiso o 'clima' apresentado e escrevo uma letra condizente com aquela atmosfera, dentro da métrica, para que tudo se encaixe e faça sentido. Daí em diante, são elaboradas as partes onde cada vocalista irá desempenhar o seu papel nas letras que foram escritas. É um processo prazeroso e fascinante.

Outro single dessa jornada, *A Dream Of Osiris*, traz em seu corpo musical muitos elementos sinfônicos, agraciados com uma dose extra de elementos musicais do Oriente Médio. Gostaria que comentasse um pouco a ideia que gerou essa música.

Beltane: É a nossa segunda incursão nessa seara, que é a música oriental, e ela foi uma grata surpresa até mesmo pra nós, membros da banda. Quando Jonathan as escreveu, estávamos estudando mais a fundo o Hermetismo e suas Doutrinas, e isso influenciou diretamente no resultado apresentado.

O mais novo single, *The Seven Principles of Kybalion* foi escolhido para integrar o volume 14 da coletânea Roadie Metal. Como isso aconteceu, e como interferiu na divulgação da banda?

Beltane: Tudo aconteceu a partir de um convite caloroso do nosso querido Gleison Junior, da Roadie Metal, que faz a nossa assessoria. Fazer parte do cast, e também da coletânea, é de uma felicidade sem tamanho mensurável. O impacto positivo e crescente causado nas nossas redes sociais reflete o poder da divulgação feita por eles, com muita competência e seriedade. Aliás, em tempo, deixo aqui os meus sinceros agradecimentos e um grande abraço ao Gleison e à sua equipe.

Já existe um cronograma para o lançamento de mais músicas? E quanto a composições antigas, existe material que desejam revisitar para um futuro lançamento?

Beltane: Sim, existe! Haverá o lançamento de uma música composta ainda nos primórdios da banda, e contará com a participação da minha querida irmã espiritual, Ludmila Reis (Dooren), já que ela fazia parte da formação da Angelique na ocasião. Então, estendemos esse convite para que ela conduzisse esse dueto comigo.

Vocês pretendem manter o esquema do lançamento dos singles ou planejam gravar um álbum completo?

Beltane: Sim, os singles continuarão sendo lançados periodicamente e farão parte do álbum que será lançado, e já tem nome e capa definidos. O lançamento de um álbum oficial é, e sempre será, um marco importante na trajetória de uma banda. Ele é fundamental em termos de cronologia e evolução. Ele é a história de uma banda, que reflete o momento em que ela estava vivendo.

Valtemir Amler

Roadie M@il

Escreva para o "Roadie Mail" - Roadie Crew
roadiemail@roadiecrew.com

1 ANO SEM ANDRE MATOS

Escrevo para parabenizá-los pelas mais recentes edições. Não que elas sejam melhores que a história inteira de vocês, mas porque percebo que a qualidade é a mesma, mesmo com as mudanças de jornalistas. Afinal, o Batalha e o Claudio Vicentin não fazem mais entrevistas (gostaria de saber o motivo), André Dellamanha e Ricardo Campos devem estar em outras atividades. Mas hoje tem o Guilherme Spiazzi, Valtemir Amler e o Daniel Dutra que estão realmente fazendo um bom trabalho. E quando teremos alguma seção nova? Está na hora, essas novidades nos motivam e sabendo da qualidade de vocês, sempre pode vir coisa boa. E, para terminar, mês que vem faz um ano da passagem de Andre Matos. O que podemos esperar da ROADIE CREW? Obrigado, abraços.

Marcelo Cardoso
Curitiba/PR

Hoje temos Antonio Carlos Monteiro, Guilherme Spiazzi, Valtemir Amler, Daniel Dutra, Thiago Prata, Leandro Nogueira Coppi, João Messias Jr., Claudio Vicentin, eu e outros da equipe, fazendo seções, resenhas, entrevistas e os especiais. Sobre o saudoso Andre Matos, ele terá uma belíssima, e merecida, homenagem com o anúncio do documentário em sua memória: "Maestro do Rock". Este projeto, que a equipe da ROADIE CREW irá ajudar no que os produtores precisarem, teve início em 2018, quando o próprio Matos autorizou uma entrevista. O filme conta com direção de Anderson Bellini e com pauta e produção do jornalista Thiago Rahal Mauro, que foi integrante da equipe da ROADIE CREW. (Ricardo Batalha)

PEDIDO ONLINE

Terminei de ler a edição 253 com o Testament na capa e confesso que todas as matérias estavam excelentes. É muita informação relevante, muitos textos legais. Em apenas uma edição ter entrevistas com Helloween, Blind Guardian, Testament, Sammy Hagar, Torture Squad, Nazareth e tantas outras é sensacional. Curto muito as edições especiais também, elas acrescentam demais e conseguimos ter mais conhecimento sobre o mundo do metal, mas eu prefiro as edições lotadas de entrevistas e as seções. Muitas vezes já me peguei pensando em assinar a ROADIE CREW, mas gosto de adquirir nas bancas. Obrigado a todos na redação, vocês formam uma equipe nota 10. Sucesso e abraços.

João Paccioli
Ribeirão Preto/SP

Primeiramente, agradecemos pelas palavras. Sobre comprar em banca, agora é a hora de fazer seu pedido online de edição avulsa ou realizar sua assinatura. O momento é de isolamento social e nada melhor que recebê-la em casa. Estava comentando, em uma das muitas 'lives' que participei nesses tempos de Covid-19, justamente sobre esse ponto. As pessoas pedem comida, bebida, mantimentos e produtos de limpeza para suas residências, além de, em nosso caso, compras online de CDs, LPs, merchandise de bandas. Temos visto um aumento exponencial do e-commerce, mas por que não podem pedir uma revista para recebê-la em casa? Pense nisso. Uma pena que não tivemos o Sammy Hagar por aí, porque estava certo para eu ir para Ribeirão rever os amigos e curtir o show. Abraço e siga escrevendo. (Ricardo Batalha)

QUARENTENA DO ROCK

Estamos todos passando por um momento difícil que é essa epidemia do vírus covid-19 o que nos força a uma quarentena um tanto quanto longa. Mas neste período o que me dá um alento é poder continuar lendo minha revista preferida (ROADIE CREW) e passar o tempo curtindo minhas bandas de metal favoritas e também praticar um pouco minha guitarra. Vocês todos estão de parabéns por continuar o trabalho e permitir que continuemos recebendo as novas edições sem problema algum. Gostaria de sugerir uma matéria sobre como funciona os trabalhos da revista, como o pessoal do suporte, como são selecionadas as matérias, as entrevistas e o que mais vocês acharem bacana de compartilhar com os leitores. Um grande abraço pra todos e fiquem bem, pois amamos vocês!

Marcio Camargo
Londrina/PR

Salve, Marcio! Pois é, estamos todos isolados e cuidando de nós mesmos e dos outros. É uma situação inédita, que jamais imaginamos passar, mas temos que enfrentá-la da melhor forma possível! E a música tem uma importância muito grande nisso, ela é a grande responsável por mantermos a serenidade num momento tão complicado. Muito bom saber que a ROADIE CREW também está ajudando você a passar por essa fase! Bem legal sua sugestão, vamos pensar num jeito de viabilizar. Abração e se cuida! (Antonio Carlos Monteiro)

RELEASES

Olá, ROADIE CREW, saudações! Sou um leitor assíduo da revista e um ouvinte insaciável de rock/metal, curto praticamente todos os estilos sem preconceito. Sei que elogiar e parabenizar vocês pelo trabalho realizado é clichê, mas merecem todo o reconhecimento por colocarem nas bancas essa revista que nos mantém informados desse universo incrível da música pesada. A parte que mais gosto é a dos "Releases", porque através dela conheci muitas bandas incríveis que, talvez, não conheceria de outra forma. Sempre que compro a revista e abro nos "Releases" eu vou ao YouTube para ouvir os trabalhos que me chamam a atenção. As entrevistas são um show à parte, vocês conseguem arrancar o melhor dos artistas, conseguindo informações que talvez eles não dissessem a qualquer repórter que não seja do meio. Aproveitando a oportunidade, gostaria de pedir uma matéria sobre as bandas Bloodbound e Blazon Stone, que pertencem ao fértil solo sueco e possuem ótimos discos. E gostaria de parabenizar

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

Envie o "Roadie Mail" (roadiemail@roadiecrew.com) colocando seus dados (nome completo, cidade/estado) e o seu TOP 3. Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Diretor/Editor)
We Sell The Dead - *Black Sleep*
Area 55 - *One Ocean*
Power Trip - *Nightmare Logic*

Ricardo Batalha (Redator-Chefe)
Autograph - *Loud And Clear*
Black 'N Blue - *In Heat*
Captain Black Beard - *Sonic Forces*

Leandro de Oliveira (Diretor de Arte)
H.E.A.T - *II*
Paradise Lost - *Obsidian*
Five Finger Death Punch - *F8*

José Tadeu Rezek (Leitor)
Black Sabbath - *Sabotage*
Tau Cross - *Tau Cross*
Jane - *Sign No 9*

Franci Silva (Leitor)
Testament - *Titans Of Creation*
Entombed A.D. - *Back To The Front*
Motörhead - *Aftershock*

Mario Regatieri Filho (Leitor)
Dokken - *Under Lock and Key*
Warrant - *Cherry Pie*
XYZ - *XYZ 1989*

vocês pela edição especial do Andre Matos – ficou muito boa, o Andre ficaria orgulhoso. Vou ficando por aqui agradecendo a vocês pela atenção. Long Live rock'n'roll!

Renan Goedert
Camboriú/SC

Salve, Renan! É bastante interessante como vários leitores comentam sobre a importância dos nossos comentários na seção "Releases" para descobrir novas bandas. Isso só aumenta nossa responsabilidade e nos deixa felizes por ajudar o público que acompanha a revista a ampliar seu conhecimento musical. E o mesmo se aplica às entrevistas, que você cita, e a todas as demais seções da revista. Obrigado pelo comentário sobre a edição em homenagem a Andre Matos. Ainda hoje a morte dele entristece a todos nós. Um abraço e escreva sempre. (Antonio Carlos Monteiro)

REVISTA IMPRESSA

Gostaria de parabenizar e agradecer por vocês continuarem com a revista impressa. E mesmo com tantos problemas e dificuldades, estão produzindo materiais cada vez mais cativantes e eternos, tais como as matérias e edições especiais, que são as que mais gosto. Tenho um pedido a fazer para vocês. Seria possível produzirem as duas edições especiais sobre os anos 80 que faltam. Respectivamente: 1982 e 1983. Assim, fecharia o ciclo dos anos 80, e com a expertise de toda a equipe será um acervo magistral e eterno. Principalmente para mim, pois considero essa década como sendo mágica e eterna, além da nostalgia pessoal. É claro que há nos anos 60 e 70, centenas de bandas/álbuns/hits que são eternos e maravilhosos, mas não tanto quanto nos anos 80. O mesmo pode ser dito sobre as décadas de 90, 2000 e 2010. Mais uma vez, obrigado. Espero que continuem produzindo matérias e edições especiais sobre décadas, anos, gêneros, subgêneros, os esquecidos, quase chegaram lá, novas bandas com som antigo, etc. Enfim, tudo sobre esse maravilhoso universo do rock e metal.

Antônio Landim
Ibirité/MG

Oi Antônio. Obrigado pelo contato. Não sabemos se faremos as edições de 1982 e 1983. Esses anos foram incluídos em outros especiais anos 80 que fizemos. Mas nada confirmado, vamos analisar ainda. Pretendemos ainda criar uma edição anos 70 no mesmos moldes da anos 90 que lançamos há poucos meses. E depois rumar para os anos 2000 e assim por diante. E outros tantos especiais que virão em breve, também. Assunto não falta. Abraço, obrigado. (Claudio Vicentin)

MEMÓRIA

"Eu queria fazer um disco no mesmo tema, mas focando na sobrevivência, na perseverança através do drama da peste. A peste bubônica (N.R.: Pandemia ocorrida no século XIV) é um exemplo de um evento profundamente traumatizante, que varreu metade da população europeia. Mas você tem que lembrar que a outra metade sobreviveu e isso levou a muita prosperidade, reflexão e sabedoria, coisas que não aconteciam antes. A coisa não está muito distante de tempos atuais", profetizou o idealizador e líder do Ghost, Tobias Forge, à ROADIE CREW, em entrevista publicada na edição #233.

Nightwish

.DECLARAÇÃO. :||: .DE AMOR.

Floor Jansen fala do conceito envolvendo natureza e o ser humano no novo álbum do Nightwish: crítico, porém positivo e esperançoso

Por Daniel Dutra

Foram cinco anos de espera, mas finalmente Floor Jansen (vocal), Tuomas Holopainen (teclados), Emppu Vuorinen (guitarra), Marco Hietala (baixo e vocal), Troy Donockley (gaita irlandesa, vocal e outros) e Kai Hahto (bateria) reapareceram com um novo álbum de estúdio do Nightwish. E o aguardado e ambicioso *Human. :II: Nature.* não apenas é um trabalho para agradar em cheio aos fãs, mas leva também a outro patamar dentro de sua própria história e no estilo que lidera e é a principal referência. Em uma entrevista de fato exclusiva – a ROADIE CREW foi a única publicação na América do Sul a falar com a banda durante a divulgação do disco –, Floor falou do conceito formado por Holopainen em torno da natureza e do comportamento humano, mas com a sua própria visão de alguns temas, num bate-papo animado e espontâneo que começou às 9h na Suécia e 4h no Brasil. Divirta-se!

Human. :II: Nature. tem uma mensagem positive em relação a humanidade e natureza, mas não deixa de ser uma coincidência um conceito assim agora, porque a relação entre o homem e a natureza talvez não seja mais a mesma. Você chegou a pensar nisso?

Floor Jansen: Na verdade, não, porque não é algo que não poderíamos imaginar. Somos bilhões de pessoas num planeta superlotado, e acontece de as pessoas ficarem doentes. O problema agora é que, como nos tornamos tão desapegados com a natureza, existe um sentimento de surpresa. O que está acontecendo não é estranho, e estranho é não estarmos preparados, porque não é a primeira vez. A humanidade já passou por dificuldades no passado, algumas piores do que a que estamos vivendo, mas as pessoas parecem ter esquecido. Mas se não aconteceu com você, isso não significa que não tenha acontecido.

> **Se você não sabe a diferença entre imaginação e realidade, as coisas podem dar muito errado**
> **Floor Jansen**

E qual foi a sua reação quando Tuomas falou de suas ideias para o disco?
Floor: Nunca sei como irei me sentir ao cantar as letras escritas por outra pessoa, mas neste caso sinto-me afortunada por trabalhar com um grande compositor como Tuomas. Pensamos muito parecido em reação ao amor por nosso planeta, pela natureza, e sou fascinada por isso desde criança. Então foi muito fácil me conectar às letras que ele escreveu (N.R.: confira no site da ROADIE CREW uma entrevista com o líder do Nightwish).

Dito isso, gostaria de saber seu ponto de vista sobre alguns dos conceitos abordados pelo Tuomas. O primeiro é o poder da imaginação humana.

Floor: Interessante, porque todos vão interpretar as letras de maneira diferente, baseados em suas experiências de vida. A imaginação do homem não tem limites, então é interessante pensar, por exemplo, em alienígenas e coisas que não existem no mundo real e viram filmes na mão do homem. Mesmo quando o caminho seguido não é o certo, o poder da imaginação humana faz com que coisas que não existam pareçam reais, e

> (...) de repente, virei mãe, esposa e vocalista do Nightwish, (...) e posso continuar assim porque é um ótimo lugar para se estar
> Floor Jansen

você consegue até visualizá-las. Cria-se uma imagem que o faz pensar que talvez elas estejam mesmo por aí. E é interessante pensar também que a maneira como você olha a história é sempre baseada em experiências, assim a imaginação pode ser realidade para algumas pessoas. Aí está o perigo. Se você não sabe a diferença entre imaginação e realidade, as coisas podem dar muito errado.

O segundo conceito é o poder da empatia humana.

Floor: Isso é absolutamente essencial, especialmente nestes dias que estamos vivendo, porque precisamos cuidar de nós mesmos e dos outros. Se não fizermos isso, a situação vai piorar ainda mais. Quando nos perguntam como estão as coisas, talvez esteja no nosso subconsciente responder que está tudo ótimo, que os estudos vão indo bem ou que as crianças estão fantásticas, mas não é exatamente sobre como você está. É sobre como você se importa com o sentimento de outra pessoa, por exemplo, e a preocupação com o próximo é vital para a humanidade.

O terceiro ponto é questão do homem versus a tecnologia...

Floor: E eu não entendo por que precisa ser um contra o outro, porque temos a tecnologia para nos ajudar. Atualmente, temos pessoas com dificuldades para respirar, então construímos equipamentos que as ajudam a respirar. No passado, queríamos voar, mas obviamente não podíamos, então construímos uma máquina que nos ajudou a voar (risos). A tecnologia sempre nos auxiliou, mas ela é ótima somente enquanto nós a controlamos, e não o contrário. Hoje, parece que nos sentimos controlados por ela, uma vez que as redes sociais e os videogames fazem parte de uma tendência do homem de ficar viciado em alguma coisa. Algumas pessoas são mais sensíveis do que outras, então acabam mergulhando de cabeça em algo que as prende, seja álcool, drogas ou jogos. Existe uma linha tênue entre o mundo de verdade e falso mundo tecnológico, mas somos capazes de entender a diferença e nos controlar.

O quarto conceito tem a ver com a instrumental *All the Works of Nature Which Adorn the World*, que é a carta de amor do Nightwish à natureza. E qual seria a sua carta de amor?

Floor: Uau... Se eu pudesse compor esse tipo de música, acredite que talvez escrevesse uma letra para poder expressar cantando meu amor pela natureza (risos). Mas tem algo muito legal que fazemos como banda, mesmo, que é ajudar uma organização chamada World Land Trust (N.R.: instituição de caridade britânica fundada em 1989), que ajuda países a proteger seu meio ambiente. Há vários projetos em andamento em várias partes do mundo, envolvendo basicamente a compra de terras que ainda tenham algum valor e recursos naturais, como uma bela floresta, para protegê-las de ações predatórias. Se você mora numa dessas terras, o fundo vai ajudá-lo a preservá-la, o que beneficia quem vive dela. No entanto, há casos como o do Brasil, cujo atual governo basicamente disse "é a nossa floresta, é o nosso dinheiro, e nós vamos decidir o que fazer com eles". Somos nós, europeus que acabamos com parte de nossas florestas, que vamos dizer que não é assim porque o resultado será ruim para o mundo? Entendo que o bem-estar econômico e o bem-estar do povo são importantes para um país, mas não me entenda mal, por favor, porque é absolutamente horrível e errado o que está sendo feito na Amazônia. A World Land Trust tem uma postura muito interessante para lidar com situações assim, trabalhando para que funcione para todo mundo, preservando a natureza, ajudando as pessoas que moram na região e, também, o governo local. Sinto-me muito feliz por fazer parte de tudo isso com a banda, e pessoalmente tenho tentado fazer mais. Houve leilão de algumas de minhas pinturas, e tem um show solo na Holanda cujo lucro será inteiramente doado à organização. Essa é a minha carta de amor à natureza.

Há essa conexão verdadeira do Nightwish com o tema, mas uma coisa é ainda mais impressionante. O novo álbum vem cinco anos depois de *Endless Forms Most Beautiful*, e nem parece que vocês ainda tiraram um ano de folga nesse intervalo. A química é tão incrível que a banda soa como se fosse a mesma desde sempre...

Nightwish

WORLD TOUR 2021

SPECIAL GUEST SÃO PAULO:

ARMORED DAWN

29/01/21 - SÃO PAULO

ESPAÇO DAS AMÉRICAS - R. TAGIPURU, 795 - BARRA FUNDA

INGRESSOS: WWW.TICKET360.COM

WWW.DYNAMOPROD.COM.BR

26/01/21 - RIO DE JANEIRO

VIVO RIO - INGRESSOS: WWW.EVENTIM.COM.BR

TOUR BY: DYNAMO BRAZILIE

TILL DAWN THEY COUNT

photo: Tina Korhonen art: www.jduartedesign.com

> (...) as pessoas estão viciadas em seus celulares, estão sempre olhando e-mails, nas redes sociais ou enviando fotos
>
> Floor Jansen

Floor Jansen: vocalista mostra consciência ambiental e, também, social em tempos de pandemia

Floor: (rindo) Tenho de concordar, e há uma explicação para isso: temos feito muitos shows juntos. Embora tenhamos ficado um ano parados com a banda, voltamos imediatamente para uma turnê, e acredito que isso nos inspirou. Fico feliz que você tenha tocado nesse assunto, porque trabalhamos em antigas músicas do Nightwish que ficaram diferentes da época em que foram compostas, e esse processo criativo nos uniu ainda mais. Foi a inspiração que falei, uma vez que as novas canções trouxeram elementos diferentes, especialmente na harmonização vocal em quase todos os refrãos cantados por mim, Troy e Marco. Foi uma grande mudança nos backing vocals, com aquelas harmonias legais adaptadas às músicas... Um momento. (N.R.: Floor fala com alguém: 'Ela está com a coleira? OK.') Desculpe-me. Estou do lado de fora com o gato, que está com medo da cachorra (risos).

Sem problema, e não deixa de ser uma boa maneira de passar o tempo nestes dias difíceis (risos). Eu estou trancafiado num apartamento (risos).

Floor: Nós também estamos em quarentena, mas vivemos no campo, o que é bom. Podemos sair para caminhar sem ter contato com outras pessoas, mas é uma situação horrível... (N.R.: Floor para novamente e fala em algo holandês com alguém.) Desculpe-me mais uma vez, mas meu gato é muito medroso (risos). Bom, estamos vivendo um período muito estranho. Eu deveria estar na China com o Nightwish neste exato momento.

E se preparando para vir ao Brasil no próximo mês.

Floor: É verdade! É preciso ver o que vai acontecer até o fim deste ano, mas acredito que voltaremos ao seu país assim que possível (N.R.: a entrevista foi realizada no dia 17 de abril, e os shows do Nightwish que seriam realizados em maio foram adiados para janeiro de 2021: dias 26, no Rio de Janeiro, e 29, em São Paulo).

Voltando a *Human. :II: Nature.*, gostaria de falar sobre algumas faixas, começando por *Music*, já que você falou anteriormente um pouco dos vocais. Ela parece ser bem difícil de cantar...

Floor: Sim! Definitivamente, é difícil, e devo dizer que fiquei impressionada porque, apesar da complexidade... Mais um minuto, por favor. (N.R.: Floor começa a falar novamente em holandês, desta vez com a sua filha.) Desculpe-me de novo, mas também estou passeando com a minha filha. Como ela tem apenas 3 anos, não entende quando pode ou não poder falar, e ela fala bastante (risos). Bom, *Music* foi um desafio muito grande para mim, mas ao mesmo tempo foi legal vê-la tomando forma, porque as melodias são fantásticas. Aliás, como falamos em carta de amor à natureza, ela é nossa carta de amor à música.

E uma carta de amor em que não dá nem para respirar direito entre as frases...

Floor: (rindo) Com certeza, mas fiquei satisfeita porque ela soa fácil, uma vez que flui bem. Algumas vezes, canções complexas soam apenas como canções complexas, porque não há fluidez, e acredito que *Music* é muito natural. Aliás, também foi um desafio fazer com que ela soasse corretamente.

E isso me leva à sua performance no geral. Você é o destaque em *Pain*, por exemplo, mas depois que ouvi *Shoemaker* eu tive certeza de que *Human. :II: Nature.* é o seu melhor trabalho vocal até hoje. O desfecho da música é incrivelmente bom.

Floor: Muito obrigada! Fico muito

HUMAN NATURE
Dynamo Rec - Nac.

feliz de ouvir isso, porque *Shoemaker* é como uma pegadinha. Você pode apenas cantá-la, mas ela precisa da performance certa para ganhar a dinâmica que não seja tão pesada nem tão leve. Obrigada mesmo pelo elogio. *Shoemaker* é um dos meus melhores momentos, e sinto que nunca fui tão desafiada como em todo o novo álbum. O fim desta música mostra isso.

E tem *Noise*, cujo pacote é perfeito. O videoclipe passa muito bem a mensagem. A cena em que as pessoas estão de frente para o quadro da Mona Lisa (N.R.: famosa pintura de Leonardo Da Vinci), mas não param de olhar para os próprios celulares, é perturbador...

Floor: É mesmo, e é o que está acontecendo. Claro que a cena não é precisa, mas as pessoas estão viciadas em seus celulares, estão sempre olhando e-mails, nas redes sociais ou enviando fotos. Ou seja, estão ocupadas demais para o mundo real e para a mágica de verdade que acontece nele, e queríamos mostrar isso de uma maneira que pudesse chocar. Ainda assim, no fim vídeo há um belo pôr do sol no mundo real, o que mostra que isso ainda existe, que a Mona Lisa ainda está disponível para quem quiser ver. Basta apreciar de verdade. Curiosamente, como as letras podem ser interpretadas de maneiras diferentes, a reação de algumas pessoas foi dizer 'É óbvio que vocês não gostam de celulares', mas não é esse o significado que quisemos passar. Todos nós temos celulares, e eu gosto do meu (risos), então a questão é o comportamento humano com o celular, ainda mais com as redes sociais. Não dá para se esconder por trás da tecnologia, como conversamos antes, porque a ameaça é mais a maneira como o homem a usa.

Por último, cito *Tribal*, porque ela traz elementos diferentes ao som do Nightwish, como você mesma havia destacado, sem que a banda perca suas características, soando revigorada depois de tantos anos.

Floor: Legal que você tenha percebido dessa maneira, e é assim que também me sinto em relação a *Tribal*. Era a música ideal para levarmos o Nightwish a um terreno mais rock'n'roll, por causa da vibração e da sonoridade. Não é uma típica canção de heavy metal, e foi diferente para o Kai, nosso baterista, por causa de toda percussão. Ele montou um set de bateria maior do que o normal, mas infelizmente não pôde mostrá-lo ao vivo, o que vai acontecer algum dia desses (risos).

***Human. :II: Nature.* saiu cinco anos depois de *Endless Forms Most Beautiful*, mas não são os únicos trabalhos do Nightwish com você. Há três DVDs com conceitos distintos, então qual o seu favorito entre *Showtime, Storytime* (2013), *Vehicle of Spirit* (2016) e *Decades: Live in Buenos Aires* (2019)? E por quê?**

Floor: Uau, essa é difícil... (risos)

... Então pode falar um pouco de cada (risos).

Floor: O mais legal dos três é que cada um representa um período diferente, e há algo único em *Showtime, Storytime*. Foi a primeira vez que estávamos juntos, e o documentário com cenas de bastidores é representativo, mostra como tive de aprender o setlist em 48 horas. Foi uma situação peculiar, e isso o deixa um pouco acima dos outros dois. Mas *Vehicle of Spirit* é especial porque foi a minha primeira turnê mundial com o Nightwish, um importante começo depois de eu ter gravado o primeiro disco de estúdio com a banda; e *Decades* é especial porque apresenta uma coleção singular de músicas que nunca

tocaremos novamente. Foi ótimo termos imortalizado aquela turnê, porque foi algo incomum para o Nightwish.

E como você descreveria sua jornada no Nightwish até agora, oito anos depois de ter pego um avião para o seu primeiro show, aprendendo as músicas durante o voo, até o lançamento de *Human. :II: Nature.*?

Floor: Parece uma vida inteira em pouco tempo, mas de uma maneira positiva, porque minha vida realmente mudou muito desde aquele voo para os Estados Unidos, em 2012. Eu morava na Holanda e estava me recuperando de um esgotamento emocional, e hoje moro na Suécia, estou casada e sou mãe (N.R.: Floor é casada com Hannes Van Dahl, baterista do Sabaton, e mãe da pequena Freja). Eventualmente, as coisas mudam na vida das pessoas, mas para mim parece mesmo uma vida inteira de mudanças num período tão curto, então sinto que não há mais nada para acontecer (risos). Pense bem: de repente, virei mãe, esposa e vocalista do Nightwish, tudo isso vivendo há quatro anos na Suécia, e posso continuar assim porque é um ótimo lugar para se estar. Também estou muito feliz com o novo álbum, porque ele mostra uma banda ainda faminta. Não fizemos um disco apenas porque somos capazes de lançá-lo, mas porque temos nos desafiado e reinventado, e amo a energia que envolve tudo isso.

Você mencionou o esgotamento emocional que teve, e isso é algo que não tive tempo de abordar quando a entrevistei uns dois anos atrás. Os fãs do Nightwish a receberem de braços abertos desde o primeiro dia, então dá para dizer que isso a ajudou a superar a crise de nervos e chegar ao ótimo lugar onde está?

Floor: Ótima pergunta, também. Sair de uma crise de esgotamento emocional não é algo fácil, porque ela vai tomando conta de você lentamente, e você se recupera também lentamente. Todo o processo leva um bom tempo, e no começo você desenvolve um medo e um ódio do que vinha fazendo. Muitas pessoas que têm essa crise acabam mudando de emprego porque elas acham que o emprego era o responsável por toda a estafa mental, mas não é o trabalho, é a maneira como você o faz ou estava fazendo. No entanto, para descobrir isso, você precisa abandonar tudo e recomeçar, e eu recomecei de repente e de uma maneira única. Mal tive tempo de desenvolver aquele medo, afinal, tive uma confirmação positiva de que o que eu estava fazendo era o que eu realmente deveria fazer. Senti-me mesmo muito bem no Nightwish por causa dos fãs, então tive um resseguro pessoal de que obviamente sou uma cantora e uma performer. Voltei a me sentir um peixe dentro d'água, mas essa crise emocional faz você duvidar intensamente de você mesmo e odiar o que faz, então eu não tinha mais tanta certeza de que queria continuar. Por isso, o carinho dos fãs ajudou com que eu voltasse a me sentir confiante. Foi bom demais ter essa confirmação tão imediatamente e poder seguir em frente.

> **(...) precisamos cuidar de nós mesmos e dos outros. Se não fizermos isso, a situação vai piorar ainda mais**
>
> **Floor Jansen**

Então, é possível dizer que, quando recebeu a ligação do Tuomas, você nem mesmo pensou em transformar aquela oportunidade em algo permanente?

Floor: Vou ser honesta com você, novamente, porque eu não podia imaginar nem mesmo o que futuro poderia reservar. Havia tanta coisa acontecendo naquele momento que eu não tinha como falar sobre isso com os empresários da banda. Eu realmente não pensei isso.

Obrigado pela entrevista enquanto curte a família, Floor, e o espaço final é todo seu.

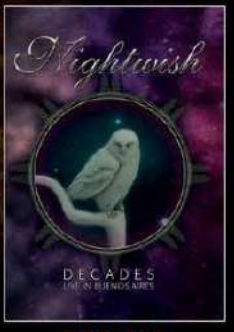
Floor: Obrigado a você por fazer isso a essa hora da manhã (risos), e quero dizer que estou ansiosa para voltar ao Brasil. Estou frustrada porque tivemos de adiar as datas este ano, mas é o que todos deveríamos fazer neste momento. Isso não significa que não voltaremos, porque vamos voltar. Mal vejo a hora de tocar para vocês novamente, e espero que curtam o novo disco.

Emppu Vuorinen, Troy Donockley, Tuomas Holopainen, Floor Jansen, Marco Hietala e Kai Hahto: o Nightwish declarando seu amor à natureza

NOVO ÁLBUM JÁ DISPONÍVEL!

Versões
JEWELCASE E DIGIPACK

DECADES
Live in Buenos Aires (CD)



DECADES
Live in Buenos Aires (DVD)

NOVO CD SOLO

MARKO HIETALA
Pyre of the Black Heart

DYNAMO RECORDS
www.DynamoRecords.com.br
contato@DynamoRecords.com.br

www.ShinigamiRecords.com.br
contato@ShinigamiRecords.com.br

BLIND EAR

DARKSIDE

TALES GROO

Por Leonardo M. Brauna • Fotos: Felipe Aasgard Magni

Cathedral
The Ethereal Mirror

MIDNIGHT MOUNTAIN

"Tem umas levadas setentistas, mas dá para ver que não é daquela época. O vocal é meio largado. (R.C.: O vocalista já foi de uma banda Grindcore). Isso é o que mata, a gente vê aqui que o tipo de som não tem nada a ver com o outro (R.C.: Em 2013, eles anunciaram o encerramento). Não vou acertar essa. (R.C.: É o Cathedral). Nunca que ia me lembrar! Ouvi Cathedral fazendo som mais pesadão e arrastado. (R.C.: Esta é a única música desse álbum nesse estilo, o clipe dela também exalta os anos 70). Perfeito, gostei!"

Exodus
Blood In, Blood Out

BLACK TO

"Muito efeito eletrônico, não é minha praia... Ah, agora sim, isso foi uma pegadinha? (risos). Gary Holt é um monstro e sou fã do Zetro. Baloff tem importância histórica, mas como vocal prefiro Zetro. Aliás, em 2005 ele saiu da banda e o restante veio fazer um show em São Paulo com um vocalista que não me recordo do nome. (R.C.: Na verdade, esse show de São Paulo foi em 2004, com o vocalista Steve Esquivel). Ok, não tenho memória boa!"

Chakal
Abominable Anno Domini

MR. JESUS CHRIST

"Baixo ultra distorcido... Caramba! Isso me é muito familiar, mas me foge o nome. (R.C.: Fizeram parte da coletânea *Warfare Noise*). Holocausto? (R.C.: Não, Chakal). Isso! Em 1989, conheci Vladimir Korg e o Willian Wiz. (R.C.: Acredito que eles não vão ser muito legais com você da próxima vez). Cara, a minha memória é uma merda e isso é devido ao álcool! (rindo muito)"

W.A.S.P.
The Last Command

WILD CHILD

"Estou reconhecendo essa introdução, mas ainda não estou conseguindo me lembrar... É meio hard rock. (R.C.: Você gosta desse tipo de som?) Gosto, escuto mais thrash metal e hardcore, mas também tem horas que dou uma relaxada (risos). O vocal entrou... Ah, bicho! Esse aí é o Blackie Lawless cantando e essa música é do segundo álbum do W.A.S.P., *The Last Command*. Gosto desses caras, mas o primeiro álbum deles é o melhor pra mim, tem mais pegada, é mais metal e aqueles riffs são genuínos. Este é bom, mas prefiro o anterior."

Possessed
Seven Churches

BURNING IN HELL

"Difícil... Bom, é Possessed. É do *Beyond The Gates*? (R.C.: Não, é do primeiro, o *Seven Churches*). Ah, eu tenho esse álbum em vinil, mas faz tempo que não o escuto. 'Bangeei' muito ouvindo isso em 1987, 88... Jeff Becerra é muito bom em palco, apesar de estar numa cadeira de rodas. Ele tem um carisma sensacional. Pude vê-los no festival 'Underground Metal Fest' aqui de Fortaleza, foi esse mesmo? (R.C.: Não, o Possessed tocou antes desse festival). Falei que não tenho boa memória (risos).

Exciter
Unveiling the wicked

DIE IN THE NIGHT

"(N.R.: Acerta de primeira). Exciter! Esses riffs são clichês do heavy metal, mas o Exciter sabe fazer muito bem. Um dos melhores shows que vi no 'M.O.A.' foi deles e agora que o Dan Beehler voltou... Olha, que coisa linda! (N.R.: Tales interrompe e começa a cantarolar o riff). Mas gosto mais do *Long Live The Loud*."

Cavalera Conspiracy
Infiikted

HEX

"O guitarrista é bom pra caralho! Quem é esse cara? (R.C.: Ele e o baterista são irmãos). São? Não conheço, nunca ouvi essa música. (R.C.: É do Cavalera Conspirancy). Ah, eu escutei bastante a música que tem participação do Roger Miret. (R.C.: A que você escutou é *Lynch Mob*, do segundo álbum, mas esta é do primeiro, *Infiikted*, que foi lançado em 2008). Engraçado, eu gosto mais do vocal do Max aqui do que no Sepultura. No Soulfy, pelo pouco que escutei, também não gosto. Mas pode ser que ouvindo mais eu passe a gostar. E quanto ao Igor, estou sentindo falta das 'bumbaradas' dele, mas esses caras são demais!"

Deep Purple
Burn

YOU FOOL NO ONE

"Isso é Purple, cara! (R.C.: Você gosta dessa fase?) Gosto sim! Se vacilar, gosto mais dessa do que a com Ian Gillan. Claro, ele é muito bom, mas o David Coverdale e o Glenn Hughes levaram coisas diferentes para a banda, um lance mais soul, mais funkeado... Este e o *Stormbringer* são sensacionais! E Deep Purple é uma banda de muita "jam", certo? Eles gostam dessa coisa de tocar livre. (R.C.: Sabia que esses álbuns foram lançados no mesmo ano?) Não sabia, eu pensava que tinha um ano de intervalo entre um e outro."

Obskure
Denise Shades Of Mankind

HIDDEN ESSENCE RESCUE

"Este é Obskure. Para quem não sabe, o vocalista Germano Monteiro é primo da minha esposa. Bem, esse é um álbum muito foda! (R.C.: Ele foi lançado no mesmo ano que o último álbum do DarkSyde). Isso, mas o *Denise Shades of Mankind* começou a ser produzido muito antes. Encontrei-me com o Daniel Boyadjian no estúdio durante as sessões, e ele me chamou para fazer um solo neste álbum, mas eu não sei solar. (risos)"

Death
Human

LACK OF COMPREHENSION

"(N.R.: Em poucos segundos). Death, inconfundível! Essa banda, coincidentemente, quem me mostrou foi o pessoal da antiga Insanity. (R.C.: Falando nisso, o Bruno Gabai, que é do S.O.H. e tocou na Insanity, participa hoje de um tributo ao Death). Isso mesmo, também havia um baixista que tocava na DarkSyde em 1992, o Pluto. Ele era louco para levarmos essa música nos ensaios. (R.C.: suponho que você gosta dessa fase mais técnica). Acertou, muito mais que a anterior, lógico."

Mille Petrozza fecha um capítulo com *London Apocalypticon*, e já indica o novo caminho do Kreator com o single *666 - World Divided*

Kata Ionis

KREATOR

HORDAS DO CAOS EM LONDRES

Com *London Apocalypticon - Live at the Roundhouse*, lenda alemã do thrash metal prepara o terreno para o novo álbum de estúdio

Por Valtemir Amler

Com *Gods of Violence* (2017), o Kreator alcançou marcas inéditas na sua longa carreira. Na frieza dos números, o álbum conseguiu a sexta posição no Top Hard Rock Albums da Billboard, e a primeira nos charts alemães. No calor dos palcos, *Gods of Violence* foi ainda mais grandioso. Foram 152 shows, onde dividiram os holofotes com os amigos do Dimmu Borgir, Bloodbath e Hatebreed, e onde contaram com a maior produção que a banda alemã já dispôs em sua carreira. E, na maior parte dos shows, os ingressos se esgotaram rapidamente. Foi justamente esse momento especial e único que eles resolveram eternizar com seu novo trabalho ao vivo, *London Apocalypticon - Live at the Roundhouse*. O vocalista, guitarrista e membro fundador do grupo, Mille Petrozza nos falou sobre essa fase especial, sobre seus álbuns ao vivo favoritos e, ainda, sobre como o Kreator se tornou uma das principais referências para o metal extremo.

Como fã de heavy metal, álbuns ao vivo são algo que costumam lhe atrair?

Mille Petrozza: Sim, desde os meus primeiros dias como fã de música pesada. Por um lado, acho que, no começo, eu talvez até tenha ouvido mais álbuns ao vivo do que de estúdio, mas é difícil dizer. Mas lembro que existiam alguns discos ao vivo que não saíam dos meus ouvidos, como *Made In Japan*, do Deep Purple (1978). Cara, nem sei dizer quanto ouvi esse álbum. Ou ainda o EP *Maiden Japan*, do Iron Maiden (1981). Eu curti esse EP desde o início – uma porque era um trocadilho óbvio com o título de um dos meus álbuns favoritos, e outra que o repertório é incrível, cheio de energia. E ainda tem todo o aspecto histórico, o fato de ser a primeira viagem do Iron Maiden para o Japão, tudo isso... Existe toda essa coisa em um álbum ao vivo, todo um caráter típico deles, e isso sempre foi algo que me chamou atenção. Poxa, já que estou falando isso, seria extremamente injusto não citar *Unleshed In The East* (Judas Priest, 1979) e *No Sleep 'Til Hammersmith* (Motörhead, 1981), que foram álbuns importantíssimos para mim. E qual seria o seu favorito, do início da sua jornada?

Acho que *Strangers in the Night*, do UFO (1979) e *Mortal Way Of Live*, do Sodom.

Mille: Ah, uau. *Strangers in the Night*... Cara, realmente não existe nada para reclamar nesse disco! A banda é incrível, o repertório é sensacional, tudo é intenso e grandioso. E o álbum do Sodom acho que foi a coisa mais extrema que existia na época!

Sim, foi isso que me atraiu.

Mille: Pois é, álbuns ao vivo são uma ótima porta de entrada para uma banda, por assim dizer. É normal que você tenha o melhor do repertório dela em uma determinada época, e tudo mais. Conheci muitas bandas através de álbuns ao vivo, era incrível. Claro que os tempos mudaram, pois hoje você acha uma dúzia de vídeos da banda ao vivo no YouTube, com qualidade muito boa de áudio e tudo, mas eu ainda curto muito ter o disco ao vivo nas minhas mãos. É um material que amo e sempre irei valorizar.

LONDON APOCALYPTICON
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

> "Conheci muitas bandas através de álbuns ao vivo."
> Mille Petrozza

O que mais o atrai nesse formato?

Mille: Eu acho que é a atmosfera deles, toda essa questão quase mística e alquímica de um álbum ao vivo. Pense, por exemplo, em um álbum como o *No Sleep 'Till Hammersmith*. Se você parar para pensar, tem muitos vídeos online hoje com um som muito melhor do que aquele disco. O álbum, em uma primeira análise, soa como um monte de barulho, não é uma grande produção. Mas existe a parte alquímica, a mistura da banda com a plateia, e também com a nossa expectativa. Muitos de nós nem sonhávamos que realmente teríamos a chance de ver uma banda como o Motörhead ao vivo e, então, aquilo era o máximo para nós. Vibrávamos em cada acorde, cantávamos junto, passávamos horas olhando as fotos, sonhando em um dia ter uma banda como o Motörhead. Quer dizer, muito do fato de existir o Kreator hoje se deve ao fato de eu ter ouvido os álbuns certos na minha infância e adolescência. E boa parte deles são álbuns ao vivo!

Sim, existem vários deles que se tornaram clássicos. Inclusive, um dos maiores clássicos foi lançado no mesmo ano em que o Kreator lançou seu álbum de estreia, lembra?

Mille: Claro, você está falando do *Live After Death*, do Iron Maiden, certo?

Isso mesmo.

Mille: Claro, nunca esqueceria esse álbum, ele é incrível. E sabe o que é engraçado? *Live After Death* tem algumas características realmente marcantes para o fã do Iron Maiden. Ele é longo, tem um monte de material nele, o principal de tudo o que o Iron Maiden tinha feito até então. Era uma coisa realmente grandiosa, e foi mais ou menos isso que planejei fazer neste nosso novo *London Apocalypticon*.

Isso é realmente interessante, pois, dentre os álbuns que são considerados clássicos, existe o *Live Kreation*, que vocês lançaram em 2003. Quer dizer, vocês conhecem o caminho para um bom disco neste formato.

Mille: Muito obrigado, este é um grande elogio. Bem, a verdade é que quando nós estávamos pensando no *Live Kreation*, tínhamos um foco muito específico na nossa mente. Deixe-me explicar melhor: existem duas maneiras básicas de você registrar material para o seu disco ao vivo. Uma delas é gravar o show completo, mantê-lo na íntegra e lançar aquele show específico. A outra é gravar um monte de apresentações, selecionar o que de melhor aconteceu em cada um deles e, então, fazer um álbum ao vivo mais como a compilação de uma turnê. As duas formas são válidas, já trabalhamos das duas maneiras. O que a banda precisa pensar na hora de lançar o disco é: 'você quer focar no show, ou você quer focar no álbum?' Em *Live Kreation*, nós decidimos focar no álbum.

Sim, e isso faz toda a diferença.

Mille: Sim, com certeza! Veja, o que faz de um ao vivo um ótimo álbum é a atmosfera alcançada, pois ele não preci-

sa ser perfeito. Na verdade, penso que a perfeição é algo que atrapalha um disco ao vivo, pois é como se tirasse parte da atmosfera típica da apresentação. Se você colocar *London Apocalypticon* para tocar e prestar muita atenção nas músicas, perceberá que existem vários erros registrados. Às vezes, é algum barulho estranho que foi gravado, outras horas alguém na banda está tocando mais rápido do que deveria (risos)... São erros que acontecem e que não importam, pois a atmosfera é perfeita, ela representa exatamente o que é um show do Kreator. Neste novo pacote, temos três shows diferentes, e eles são muito diferentes entre si exatamente por conta da atmosfera única de cada show. Neste novo pacote, focamos no show, diferentemente do que fizemos em *Live Kreation*.

Além da diferença essencial entre cada álbum ao vivo que uma banda lança, vem o fato de encapsular um momento diferente da carreira.

Mille: Sim, exatamente, e não podemos esquecer que também existe esse fator. Muitas pessoas questionam uma banda que lança vários discos ao vivo, por conta do repertório parecido e tudo mais. Mas, o fato é que aquelas músicas se transformam ao longo do tempo e vão ganhando novas dinâmicas a cada noite. E isso, se observado com atenção, é fantástico. Veja o nosso último álbum de estúdio, *Gods of Violence*. Ele é o nosso álbum mais recente, e mesmo as músicas dele aparecem transformadas nesse novo ao vivo. Isso é algo que também me inspira e apaixona.

Considerando tudo o que falamos, *London Apocalypticon* era algo que você planejava desde o início do ciclo desta turnê?

Mille: Não, foi uma ideia que foi se apresentando conforme a turnê ia se desenvolvendo. Foi uma turnê imensa, pois foram mais de 150 shows e, em boa parte deles, contamos com uma produção imensa, diferente de tudo o que já tivemos antes. Nós queríamos registrar isso, queríamos que isso ficasse marcado para sempre. Para nós era algo do tipo 'uma vez na vida'. Não se perde uma chance assim.

Sim, até porque não foram todos os fãs que puderam ver um show completo do Kreator, com toda a produção de palco.

Mille: Sim, você está certo. Alguns não viram porque simplesmente não conseguiram estar em um dos nossos shows, outros porque a logística simplesmente não permitia que tivéssemos todo o nosso equipamento disponível.

Jürgen "Ventor" Reil

Isso é uma coisa triste das viagens longas, como os shows no Brasil, na América Latina, por exemplo. É quase impossível viabilizar um show tão grande, pois as despesas seriam imensas, o show se tornaria caro demais, e isso seria repassado ao público. No fim, menos pessoas que realmente amam o Kreator poderiam nos ver, exatamente pelo preço dos ingressos. Então, quando optamos por fazer um show com uma produção menor, é uma atitude de respeito aos nossos fãs, e não o contrário. Fazemos isso para que o maior número possível de pessoas possa nos ver. E, com o novo vídeo, esperamos que todos possam ter a experiência do show completo. Esperamos que os fãs aí do Brasil possam ter uma boa ideia de como é o nosso show completo na Europa. Enquanto isso, podem ter certeza que estamos trabalhando para levar a nossa produção completa até vocês. Ainda não foi possível, mas o mundo está mudando, e não cansaremos de buscar opções, não até podermos realizar os sonhos de muitos de vocês.

> "Penso que a perfeição é algo que atrapalha um disco ao vivo, pois é como se tirasse parte da atmosfera típica da apresentação."
> Mille Petrozza

É ótimo saber disso. Quanto à escolha do show principal, Londres foi a primeira?

Mille: Sim, Londres foi escolha nossa. E escolhemos tocar em Londres por um motivo bem específico: nós desejávamos muito gravar um show no Roundhouse. Você sabe, é uma casa lendária. The Doors tocou ali, o Muse gravou lá, um monte das minhas bandas favoritas já tinha gravado lá...

Das minhas também, Motörhead, Opeth...

Mille: Exato, é um local histórico, respira música, e também é um lugar com uma acústica única. Para o Kreator, esse foi um momento histórico. Nós temos uma enorme legião de fãs na Grã-Bretanha, e essa é também uma forma de agradecer por toda dedicação deles. Nós não pudemos fazer o nosso 'Live At Hammersmith', mas temos agora um 'Live At Roundhouse', quem diria? Então, Londres foi uma escolha consciente nossa. Já os outros shows eu diria que foram felizes coincidências, especialmente o no 'Masters Of Metal' (festival na República Tcheca), que já seria gravado de qualquer jeito. Acabou que foi um show incrível, tivemos uma performance muito boa e os fãs estavam alucinados... Não poderia ser melhor. Bem, e o outro foi no Chile, que foi uma oportunidade que nos foi oferecida e era boa demais para recusar. A história é simples, nós temos um amigo no Chile, um diretor chamado Carlos Toro V. (N.R: que já trabalhou com Helloween, Therion e muitos outros), e ele se ofereceu para gravar o nosso show no Chile.

E como o Chile é sempre incrível para shows de metal...

Mille: Como recusar? (risos). E foi realmente uma ótima experiência, algo que nos deixou muito satisfeitos, ele realmente tem um toque único, e que adicionou demais ao produto final. Então, temos duas circunstâncias aleatórias muito felizes, e o show escolhido por

nós, em Londres, que foi o ápice e o final daquela intensa turnê. De forma geral, eu não poderia estar mais satisfeito.

No fim, este também é o último registro com o baixista Christian Giessler. Na época, você já sabia que ele deixaria a banda?

Mille: Não, nós não fazíamos ideia, mas numa banda as coisas são assim e as coisas acontecem no meio do caminho. Assim, você precisa se adaptar rapidamente e seguir o caminho.

E como estão as coisas com Frédéric Leclercq (ex-Dragonforce)?

Mille: Tudo está indo muito bem, ele é um baixista muito competente, uma pessoa fácil de lidar e que tem uma energia muito boa. Ele, na verdade, é um amigo meu há muitos anos e, então, é ótimo tê-lo na banda. Na verdade, muito em breve as pessoas deverão ter uma amostra do trabalho dele conosco, já que devemos ter um novo single lançado em breve (N.R: a entrevista aconteceu antes do lançamento da música *666 – World Divided*).

Sami Yli-Sirniö

Bom, com o seu thrash metal, o Kreator é considerado como um dos grandes influenciadores do black e do death metal. Como foi fazer essa turnê ao lado de Bloodbath e Dimmu Borgir, duas bandas que declaram o Kreator como uma das suas principais influências?

Mille: Foi uma turnê incrível, e o clima entre as bandas era ótimo, justamente porque havia esse respeito mútuo entre nós todos. Eles são fãs do Kreator, e nós somos fãs deles, assim como do Hatebreed, que também participou da turnê em certas datas. Era um pacote ótimo de bandas e acredito que os fãs tiveram uma ótima experiência. Espero poder repetir algo assim no futuro, pois foi incrível.

Como falamos, os primeiros álbuns do Kreator ajudaram na criação do som típico do metal extremo, e o álbum *Endless Pain* (1985) está completando 35 anos em 2020. Como era a vida de vocês na época desse primeiro disco?

Mille: Nós ainda éramos apenas um bando de garotos naquela época. Quer dizer, nós tínhamos uns 16 anos de idade e sequer estávamos pensando em algo enquanto compúnhamos as nossas primeiras músicas e ensaiávamos para shows imaginários (risos). É engraçado pensar nisso, pois quando *Endless Pain* saiu, nós já tínhamos a banda por algum tempo, mas, mesmo assim, não sentíamos como se fosse algo real. Nós estávamos apenas aproveitando o momento. Por exemplo, gravar o *Endless Pain*... Aquilo não estava planejado! Nós não tínhamos nenhum plano de carreira, em nenhum momento achamos que estávamos indo para o estúdio gravar o álbum de estreia do Kreator. Eu jamais acreditaria que, 35 anos depois, eu estaria conversando com alguém sobre a minha carreira e ainda estaria fazendo isso. É uma sensação absurda pensar que tanto tempo passou e que as pessoas ainda são felizes por nos ouvirem tocar.

No início vocês estavam com a Noise Records, que lançou os primeiros registros do Kreator. Como funcionou o contrato com eles?

Mille: Basicamente, eles nos arrastaram até o estúdio (risos). Veja, naquela época nós não estávamos preparados para gravar um disco. Tudo que tínhamos eram quatro músicas e, então, de repente surgiu esse contrato e a oportunidade de gravar o primeiro álbum. Quer dizer, nós achávamos que estávamos gravando uma demo e, de repente, era um álbum completo, foi uma loucura aquelas semanas. Mas, com isso, *Endless Pain* acabou sendo um álbum incrivelmente espontâneo. Tudo nele é verdadeiro e cru, nada foi remodelado e amenizado. Ele é uma força bruta e uma peça única na nossa carreira. Muito disso se deve justamente à época, ao fato de só termos quatro músicas e precisarmos compor todo o resto do disco em um mês.

Realmente, a espontaneidade acabou vindo da pressa...

Mille: Sim, mas eram tempos diferentes, era nosso primeiro álbum, nós estávamos tipo 'yeah, vamos detonar essa porra toda' (muitos risos).

No fim, o álbum se tornou um clássico e um dos marcos iniciais do metal extremo.

Mille: Sim, e isso é o que me dá mais orgulho, pensar que temos uma parte importante no desenvolvimento da música que mais amamos. Tenho um orgulho imenso quando bandas de death e black metal falam sobre os nossos discos como influência, pois eu admiro demais essas pessoas e essas bandas. Na verdade, acho que se eu soubesse a influência que esse álbum teria, talvez tivesse levado as coisas mais a sério na época (muitos risos).

Frédéric Leclercq

Eternal Idols

Por Antonio Carlos Monteiro

"Eu nunca vou usar essas roupas de lycra. Eu sou um cantor que vai lá e dá o recado. Tenho muito orgulho do que eu fiz. E além de tudo eu ficaria ridículo numa roupa daquelas...", disse Eddie Money ao jornal The Repository em 2014. E fazia sentido. Antes de tudo, ele era considerado um operário do rock.

Nascido Edward Joseph Mahoney e filho de um policial e de uma dona de casa, o novaiorquino Eddie começou a cantar nas ruas aos 11 anos de idade. Na adolescência, passou por várias bandas, tendo sempre como objetivo de se dar bem com as garotas.

Aos 18 anos, considerou a possibilidade de seguir a carreira de seu pai, seu avô e seu irmão: alistou-se na academia de polícia. Só que ao mesmo tempo cantava no grupo Grapes of Wrath. Os caras da banda ficaram loucos quando souberam que ele estava se preparando para ser policial e o expulsaram: não queriam um tira com eles. "Era uma época em que a polícia e os adolescentes viviam em guerra", entendeu ele.

Só que na academia as coisas também não andavam muito bem: implicaram com o cabelo comprido, ele se recusou a cortar e foi mandado embora – despertando a ira de seu pai, que arrancou todos os pôsteres de Jimi Hendrix de seu quarto.

Aí foi quando ele resolveu apostar de verdade na carreira musical: mudou-se para a Califórnia, passou a ter aulas de canto e mudou o nome para Eddie Money – uma autoironia com o fato de estar sempre duro.

Passou a se tornar figura carimbada nos bares de São Francisco e sua sorte começou a mudar quando o empresário Bill Graham assistiu a um show seu, ficou bem impressionado e começou a trabalhar com ele. Conseguiu um contrato com a Columbia Records e, em 1977, saiu seu primeiro disco, *Eddie Money*. Com um repertório bem direto e tendo a voz rouca de Eddie com destaque, o álbum acabou se tornando um sucesso, sendo certificado Disco de Platina Duplo.

EDDIE MONEY

✳ 21/03/1949 † 13/09/2019

A partir daí, a carreira entrou em ascendente: nos anos seguintes gravou mais três discos, *Life for the Taking* (1978), *Playing for Keeps* (1980) e *No Control* (1982), além de emplacar alguns hits na MTV. Ao mesmo tempo, começou a pegar pesado nas drogas (sempre elas...) e em 1980 quase morreu: "Depois de um show, enchi a cara de vodca", contou em entrevista em 2009. "Na sequência, tomei um barbitúrico por engano e quando percebi estava usando cocaína." Entrou em coma e quase morreu.

Não se emendou. Em 1983, cada vez mais envolvido com as drogas, lançou *Where's the Party?* (1983), que obteve o pior resultado de vendas de sua carreira até então.

A volta por cima aconteceu em 1986 com o platinado *Can't Hold Back*, que chegou ao 4º posto da Billboard. A faixa *Take Me Hold Tonight* fez com que fosse indicado ao Grammy de Melhor Performance Vocal Masculina em 1987.

Na sequência, lançou *Nothing to Lose* (1988), *Right Here* (1991) e *Love and Money* (1995) antes de começar a se envolver com TV. Participou de episódios de "The Drew Carey Show" (1999) e de "King of Queens" (2002).

Ready Eddie (1999) e *Wanna Go Back* (2007) foram os álbuns seguintes, mas sem a repercussão dos trabalhos anteriores. Mesmo assim, sua carreira contabiliza mais de 28 milhões de álbuns vendidos.

Em 2001, entrou pra valer num programa de reabilitação e dois anos depois foi considerado limpo.

"Two Tickets to Paradise" foi o nome do musical que contou a história de sua vida e foi apresentado em Long Island.

Eddie foi o narrador do espetáculo. Na época, falou ao jornal The New York Times: "Eddie Money é só um personagem que entra em cena durante uma hora e meia quando estou no palco. No resto do tempo, eu sou simplesmente Edward Mahoney."

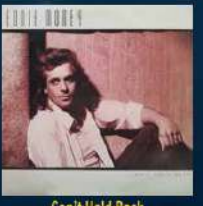
Em 2018, a emissora AXS TV lançou o reality show "Real Money", mostrando o cotidiano de Eddie e sua família. Em agosto do ano seguinte, foi diagnosticado com câncer de esôfago em estágio avançado – Eddie foi fumante durante anos. O episódio em que ele é comunicado da existência da doença foi ao ar dia 12 de setembro, um dia antes de sua morte.

Nos três dias seguintes, a faixa *Take Me Home Tonight* teve nada menos que 3,1 milhões de audições via streaming. Outras músicas suas tiveram um acréscimo de audições de cerca de 1.000% em relação aos dias anteriores à sua morte.

Eddie Money (1977)

Life for the Taking (1978)

No Control (1982)



Can't Hold Back (1986)

Nothing to Lose (1988)

DIES IRAE

Heavy Metal Records

BANGIN' AT THE LOCKDOWN

VOCÊ NÃO VAI QUERER SAIR DA QUARENTENA
COM OS NOVOS LANÇAMENTOS DA DIES IRAE!!!!

Após 10 anos o silêncio está quebrado, o TAURUS volta mais pesado e sombrio do que nunca!

Primeiro CD ao vivo da banda, gravado no Metal Feria Fest em Asunción/PY!

Nascido em BH na mesma época em que Mutilator, Sarcófago, o S.V. finalmente chega ao primeiro álbum. Você já sabe como é o som!

Uma das primeiras e mais talentosas bandas do Nordeste com material inédito da década de 80. Speed metal estilo Judas Priest, Taurus e Agent steel!

PROCURE NAS MELHORES LOJAS OU DIRETAMENTE NAS REDES DA DIES IRAE:
WWW.DIESIRAE.COM.BR OU FACEBOOK.COM/DIESIRAERECORDS
NÃO ESQUEÇA DE PEDIR NOSSO CATALOGO!

CLASSICREW

#CLÁSSICOS #PÉROLAS #ATEMPORAIS

1990 KING DIAMOND
The Eye

Em 1990, o vocalista Kim Bendix Petersen já tinha um nome extremamente consolidado no panteão dos gigantes da música pesada. Claro que boa parte dessa proeminência vinha do Mercyful Fate, uma banda única em seu tempo e que poucos até hoje conseguiram emular. Porém, o Mercyful Fate se separou pela primeira vez em 1985, e Kim decidiu seguir adiante com uma nova banda, que carregaria o nome da persona que o dinamarquês sempre encarnou nos palcos: King Diamond.

Musicalmente, não havia um abismo de diferenças entre as duas bandas, tanto que dois velhos parceiros acompanharam King no início da jornada, o guitarrista Michael Denner e o saudoso baixista Timi Hansen. Mas o fato é que, em 1990, o cenário era completamente diferente. Ao lado do vocalista estavam os guitarristas Andy LaRocque e Pete Blakk, o baixista Hal Patino e o baterista Snowy Shaw, um time que atuava junto pela primeira vez. Além disso, musicalmente o desafio era maior, já que o mundo iria começar a viver a era de ouro do grunge, um desafio real para bandas focadas em uma performance teatral e com sólidas raízes no metal clássico, como sempre foi o caso do King Diamond.

O fato é que o time estreante não estava disposto a sentir os ventos de seu tempo. Em seu quinto álbum completo de estúdio, a aposta de King e de seus parceiros era apresentar algo que soasse fiel aos velhos moldes, com elementos que remetessem às velhas influências do vocalista e, ao mesmo tempo, revivia momentos gloriosos do passado com o Mercyful Fate. Ou seja, ele precisava unir a sonoridade melódica e clássica de nomes como Deep Purple e Uriah Heep com o metal firme e intenso do Mercyful Fate. Para alcançar os objetivos, a banda criou seu álbum mais tecnicamente desafiador até então. *The Eye* é repleto de mudanças abruptas de tempo, melodias intrincadas, vocais inspirados (ora melódicos, ora viscerais, e em certos momentos realmente assustadores) e um ótimo enredo. Este é baseado no período mais sombrio da Santa Inquisição na França, uma época em que vaidades e anseios pessoais mancharam de sangue os valores religiosos que a medida supostamente apregoava.

Na parte musical, você perceberá que King deu um novo apelo para os teclados, tornou-os mais prevalentes, especialmente o Hammond, que dá o apelo sombrio e melódico que marca *Behind These Walls*, por exemplo. Por outro lado, músicas como *Into The Convent*, *Eye Of The Witch* e a ótima *Father Picard* (talvez a melhor performance da banda nas guitarras em

Mesclando História e Horror, King Diamond inaugurou uma nova etapa da sua jornada musical com *The Eye*

todos os tempos) trazem um apelo mais direto, orientado às guitarras. Já a performance absurda de Snowy Shaw até hoje gera discussões acaloradas entre os fãs, já que muitos não conseguem conceber a ideia de que uma pessoa realmente possa tocar com tanta intensidade linhas tão variadas em uma mesma música, algo que mais do que tudo atesta a qualidade do material.

E, claro, você também vai gostar de ouvir *1642 Imprisonment*, a música mais Mercyful Fate que a banda King Diamond já fez. Falando sobre o apelo técnico das músicas, King foi enfático, dizendo que nada daquilo foi intencional, apenas resultado do trabalho daquele grupo de pessoas. Ele também diz que "precisa ser um músico para perceber todas aquelas mudanças de tempo e compreender aquela complexidade, um ouvinte sem noções de música não perceberá, pois tudo soa muito natural dentro das músicas". E ele está realmente certo, já que não existe sequer um único elemento exagerado aqui, e tudo soa totalmente integrado e no lugar certo.

Ademais, resta render mais uma vez glórias ao talento do mestre em contar histórias. Mesclar fatos reais da sangrenta Inquisição francesa com o mítico colar que carrega o nome do disco foi uma cartada de mestre. Você sente na pele o clima de vaidades exacerbadas, traições, conspirações, misticismo e terror que norteou os pobres habitantes do convento de Louviers, enquanto o mentalmente instável e adoecido padre Mathurin Picard transforma a vida da freira Madeleine Bavent em um verdadeiro inferno na terra.

Valtemir Amler

1970 GEORGE HARRISON
All Things Must Pass

Pouca gente lembra, mas George Harrison já tinha lançado dois discos solo antes do fim dos Beatles: *Wonderwall Music* (1968), trilha sonora para o filme "Wonderwall" e que fundia música indiana e oriental, e o instrumental *Electronic Sound* (1969). E quando sua principal banda acabou, deixou um Harrison ressentido pelo fato de seu material quase sempre ser deixado de lado em benefício das composições de Lennon e McCartney. Assim, *All Things Must Pass* saiu como um LP triplo, com 23 músicas e mais de uma hora e meia de duração – ou seja, tinha muito a dizer.

Ele não renegou seu passado ao fazer o novo disco. Chamou para ajudá-lo na produção Phil Spector, que trabalhou com o Fab Four em seu último disco, *Let it Be* (1970), gravou (entre outros estúdios) no lendário Abbey Road e contou a participação de Ringo Starr e de músicos que chegaram a gravar com os Beatles, como seu velho chapa Eric Clapton e o tecladista Billy Preston. A lista de convidados, no entanto, vai mais longe e inclui Peter Frampton, Alan White (futuro batera do Yes) e Dave Mason (Traffic).

Uma curiosidade envolvendo o álbum é que o terceiro LP, com cinco músicas, recebeu um título próprio, "Apple Jam", e traz Harrison fazendo exatamente o que o nome diz: jams. "Essas músicas não faziam parte do disco, mas eu também não queria jogá-las fora. Então, dei um título à parte para elas serem uma espécie de bônus", explicou. Dessas faixas participa gente como Ginger Baker, Clapton, Bobby Keys (saxofonista que acompanhou os Stones por décadas), o baixista Klaus Voorman e vários outros.

All Things Must Pass foi, disparado, o disco de maior sucesso na carreira de Harrison: atingiu o topo de todas as principais paradas de sucesso e foi certificado

Assim que os Beatles acabaram, Harrison lançou seu melhor disco

nada menos que Disco de Platina sêxtuplo. Também emplacou vários hits, como *What Is Life*, *Isn't it a Pity* e o maior deles, *My Sweet Lord*. E essa última acabou ocasionando a maior dor de cabeça da carreira de George: em 1971, foi acusado de ter plagiado a música *He's so Fine*, de Ronnie Mack. O caso se arrastou por inacreditáveis 27 anos e George acabou sendo condenado a pagar uma belíssima indenização. Ao menos, em sua sentença o juiz deixou claro que se tratava de algo "inconsciente" e não "deliberado". O que faz todo sentido. Um sujeito que escreveu *Something* e *Here Comes the Sun* jamais ia precisar plagiar alguém.

Antonio Carlos Monteiro

2000 DIO
Magica

Depois de dar adeus ao Black Sabbath pela segunda vez, Ronnie James Dio embarcou no mesmo barco sonoro de *Dehumanizer* (1992) para lançar os dois trabalhos seguintes da banda Dio, *Strange Highways* (1993) e *Angry Machines* (1996). O peso acentuado destes dois discos, no entanto, foi amenizado no seguinte, *Magica*, que manteve uma tendência por canções mais arrastadas e voltou os olhos para o passado, mesmo que ainda timidamente. E esse resgate foi completado com retornos de antigos membros: o guitarrista Craig Goldy, que havia gravado *Dream Evil* (1987) e virou o braço-direito do vocalista na composição; o baterista Simon Wright, que participou de *Lock Up the Wolves* (1990) e já havia substituído Vinny Appice no fim da turnê de *Angry Machines*; e do saudoso baixista Jimmy Bain, integrante da formação original.

Magica, a subestimada obra conceitual de Ronnie James Dio

A novidade mesmo é que o oitavo disco de estúdio do Dio foi o primeiro (e único) trabalho da carreira do vocalista. "O processo aconteceu tão rápido que achei muito fácil gravar um álbum conceitual, muito mais do que eu imaginava. Desenvolvemos ótimas ideias juntos, principalmente em temas épicos. *Magica* era algo que eu realmente queria e precisava fazer e foi bem recebido em muitos lugares. Foi um desafio que vencemos", contou o vocalista à ROADIE CREW, à época do lançamento. A sinopse? Um mundo underground, chamado Blessing, é invadido por forças do mal que transformam as pessoas em energia ruim. Cabe a Eriel e Challis, aprendizes de herói, derrotar o vilão, Shadowcast, usando um feitiço do sagrado livro de Magica. "*Lord of the Last Day* é a base completa da história, sob o ponto de vista do personagem do mal", disse Dio sobre Shadowcast, retratado na capa.

Ao lado de *Fever Dreams*, *Feed My Head*, *Eriel* e *As Long as it's Not About Love*, *Lord of the Last Day* é uma das grandes canções de um álbum que ainda merece uma audição mais atenta. E um trabalho que deveria ter sido o início de uma trilogia. "A história pode seguir por vários caminhos e é um espelho de onde estamos vivendo, porque existem sempre forças do mal. E o mal nunca morre. É uma maneira de colocar o mal de lado para sobreviver", explicou Dio, que nos deixou em 16 de maio de 2010. "Magica II" seria o ponto de vista do herói, Eriel, e "Magica III", de Challis, filho de Eriel que tinha 17 anos e depois se tornaria sacerdote supremo. Uma amostra da sequência é *Electra*, single lançado antes da morte do maior vocalista de heavy metal de todos os tempos.

Daniel Dutra

ANVIL HEAVY METAL LEGÍTIMO

Steve "Lips" Kudlow fala da temática por trás do novo álbum e de como a banda voltou a ser o seu sonho e o seu trabalho

Por Daniel Dutra

Um cenário que se mostrava improvável nos anos 2000, mas que mudou a ponto de o Anvil estar lançado seu quinto álbum de inéditas no espaço de uma década. Um a cada dois anos, média até mesmo incomum no atual cenário da indústria musical, mas resultado direto da repercussão que teve o documentário *Anvil! The Story of Anvil* (2008). E a persistência de Steve "Lips" Kudlow (vocal e guitarra) e Robb Reiner (bateria) – desde 2014 acompanhados pelo baixista Chris Robertson – ganhou mais um capítulo com *Legal at Last*, o 18º trabalho de estúdio da banda canadense. Para falar de tudo isso e mais um pouco, incluindo sua abordagem sobre a legalização da maconha que dá o conceito do disco, Lips bateu um honesto papo com a ROADIE CREW.

Vamos começar pela capa de *Legal at Last*, que é bem-humorada, mas talvez algumas pessoas não a achem engraçada...

Steve "Lips" Kudlow: (rindo) A ideia surgiu imediatamente depois de termos definido o título do álbum, então também é completamente relacionada com a legalização da maconha no Canadá. Enquanto na capa há um anjo fumando diretamente de um bongo, na contracapa há um diabo fazendo a mesma coisa, então o que estamos tentando dizer é: para o melhor ou para o pior, a legalização da maconha é uma realidade e está diretamente ligada a questões ambientais. Ela é uma droga considerada ilegal não porque é ruim para você, mas porque é um problema para a economia. De várias maneiras, a maconha pode ser usada para fazer combustível diesel, o que seria um problema para as companhias de petróleo; também é utilizável para preparar material que atrapalharia a indústria de algodão; e sua celulose serve de matéria-prima para confecção de papel, e isso é uma enorme ameaça para as madeireiras. Há um sem-número de benefícios para a economia mundial, mas esta é regulada por quem deseja que a maconha continue ilegal.

Curiosamente, são discussões mais profundas, porque ainda não saímos do primeiro passo, que é o uso medicinal, ainda muito questionado por quem é contra a legalização.

Lips: Exatamente, e o uso medici-

nal deveria levar as pessoas à razão. Os recursos da maconha estão em todo o ecossistema, mas você não pode encontrá-los nos alimentos, na água, no ar ou na terra, porque é uma química natural, e como os recursos naturais estão se esgotando completamente, as portas ficam abertas para o câncer, por exemplo. É por isso que o canabidiol (N.R.: substância psicoativa extraída da folha de Cannabis sativa) está sendo usado para combater o câncer, porque é um medicamento natural que deveria estar presente em nosso ecossistema. Existem milhares de razões para justificar por que a maconha deveria ser legalizada em todo o mundo, e são todos os benefícios que ela pode trazer. Claro que isso não significa que o usuário fará o que bem entender, e regular é função do governo, porque quem não consegue viver sem usar drogas precisa procurar alguém e pedir ajuda. As pessoas fumam cigarros e se tornam viciadas, bebem cerveja e se tornam alcoólatras, mas só se questiona por que as pessoas usam heroína ou cocaína. Todas elas têm algum tipo de problema, então precisam de ajuda. Não importa se a droga é legal ou não, porque isso não vai fazer com que alguém pare de usar. É completamente estúpida a premissa de tornar uma droga ilegal para impedir que as pessoas a usem.

Você tocou em um ponto importante com essa premissa, porque a legalização da maconha, que é a droga ilícita mais consumida no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), seria um duro golpe no tráfico.

Lips: Honestamente, eu acredito que não haveria mais cartéis. Se a maconha é legal, então obviamente não vale mais a pena traficá-la, afinal, não há mais dinheiro oriundo dela. Isso não acaba com o problema das pessoas que são viciadas, que recorreram às drogas em um momento de dificuldade. Então, em vez de gastar tanto dinheiro no combate e na repressão ao tráfico, essa grana poderia ser investida no tratamento dessas pessoas. Faz muito mais sentido o estado investir na ajuda a quem precisa, em qualquer país, mesmo aqueles com baixos índices de usuários de drogas. Eu não sei como vamos mudar o mundo, mas podemos fazer um pouco de cada vez. Formando cidadãos, por exemplo, porque temos de tentar. Talvez a legalização da maconha ajude, mas neste momento cabe às sociedades em todo mundo fazer mudanças rumo a um caminho positivo. Vamos manter a esperança de que elas façam isso, porque há sempre esperança.

Bom, o álbum começa abordando o assunto, e *Nabbed in Nebraska* conta uma história verídica que ainda virou um videoclipe divertido...

Lips: Isso mesmo. Nós havíamos feito um show em Washington, no estado do Colorado, onde a maconha é completamente legal. De lá, nós pegamos a estrada para o estado de Nebraska, onde o uso não é uma infração penal, mas a posse é ilegal e punível com uma multa. Eles mantiveram a lei assim para prender as pessoas quando elas cruzam a divisa, porque é uma maneira de arrecadar algum dinheiro. Não sabíamos disso, então fomos parados pela polícia quando entramos no território de Nebraska, mas ficou tudo bem. O que tínhamos foi confiscado, pagamos a multa, seguimos viagem e transformamos uma lição de vida numa música e vídeo (risos).

LEGAL AT LAST
AFM/Valhall - Nac.

Duas das músicas de *Legal at Last* me chamaram atenção por algo que sempre esteve presente no som do Anvil: influências. Em *I'm Alive*, o riff principal lembra o de *Cat Scratch Fever*, do Ted Nugent.

Lips: Sim, e é definitivamente uma influência. Não é exatamente o mesmo riff, mas vem do mesmo mundo, e essa é a ideia! Eu gostaria que Uncle Ted escutasse *I'm Alive* e fosse realmente influenciado por ele, assim poderia lançar material verdadeiramente Ted Nugent, não essas merdas que ele vem fazendo nos últimos anos (gargalhadas). Ele me influenciou, agora estou tentando influenciá-lo (risos).

E a faixa-título é mais uma daquelas canções do Anvil que deixariam Lemmy orgulhoso...

Lips: Interessante, porque há elementos de punk rock nela, então acredito que seja isso que o fez ter essa impressão. Claro, o Motörhead é uma influência, e ela pode ser sentida ainda mais em *No Time*. Eu sempre compus de uma maneira bem próxima da do Motörhead, e foi por isso que Lemmy me convidou para entrar na banda em 1983. Ele achava que havia uma similaridade no que eu fazia e no que ele estava fazendo, porque nossas influências eram muito parecidas. Quer dizer, não que eu escutasse as mesmas bandas que Lemmy escutava, mas é o que o resultado era bem parecido. Nós crescemos ouvindo o mesmo tipo de som, na verdade, então fomos influenciados por ele, e as duas bandas começaram quase juntas (N.R.: o Motörhead em 1975, e o Anvil em 1978).

E 1983 foi o ano de lançamento do *Forged in Fire*, sendo que o Anvil já vinha do *Metal on Metal* (1982), então acredito que você não tenha se arrependido de recusar o convite, certo?

Lips: Não, realmente, e também não foi como se eu não tivesse escolha, então poderia me arrepender mais tarde. Mas sabe do que eu realmente me arrependo? De nunca ter composto e gravado uma ou duas músicas com o Lemmy, porque éramos muito amigos e mesmo assim nunca trabalhamos juntos. Seria uma colaboração muito legal e interessante, então lamento que nunca tenhamos encontrado o tempo e o lugar certo para isso. Mas a vida é assim mesmo. Se não rolou, então é porque não deveria ter acontecido. O que fica é que Lemmy foi um amigo para toda a vida, e sinto muita falta dele.

Já que falamos de história, lembro-me de você dizer recentemente que estamos vivendo a última era de grandes bandas. Isso é algo que tenho debatido muito, porque muito em breve não teremos mais nomes como AC/DC, Kiss, Metallica e Iron Maiden...

Lips: Não mesmo! E a razão é porque não há mais gravadoras, não há mais negócio algum acontecendo no mundo dos negócios da música, então é isso. Acabou. Não é por falta de talento ou de fãs, é porque o sistema ideal foi embora. Os serviços de streaming não pagam bem... Melhor, o valor que eles pagam é ridículo! Então, como você vai financiar turnês sem dinheiro? Somente com apoio financeiro pessoal? Não há mais como as bandas receberem dinheiro suficiente que as ajudem a se tornar grandes, porque custa muito caro investir em publicidade e turnês de divulgação. Se não há infraestrutura, você não consegue

fazer as coisas acontecerem, e com as pessoas ouvindo música por streaming em vez de comprar os CDs, aí é que sobra virtualmente nada para as bandas. Hoje, o artista vive de vender camisas, fazer shows e realizar 'Meet & Greet' em cada apresentação. Essas são as fontes de renda, porque não se ganha mais dinheiro compondo músicas e lançando discos, então dependemos dos fãs irem aos shows, comprarem merchandising e pagarem para passar um tempo conosco. Não existe mais dinheiro oriundo da execução de músicas nas rádios, por exemplo, porque as rádios comuns perderam espaço para as digitais. Fazer música hoje em dia é apenas o ponto de partida para as bandas encontrarem outros jeitos de continuar e suprir suas necessidades, então essas são as razões por que não teremos grandes nomes como antigamente. É impossível acontecer sem uma estrutura financeira, e isso não significa mesmo que não existam ótimas bandas novas, porque elas estão por aí. Há possibilidades muito boas de viver disso, mas nenhuma capaz de formar um gigante.

E mesmo sendo de uma geração que pegou toda essa estrutura financeira, o Anvil passou por momentos difíceis. *Anvil! The Story of Anvil* recolocou a banda nas manchetes, então imagino o que poderia ter acontecido de lá para cá não fosse o documentário...

Lips: Cara, o filme mudou tudo! Ele deixou a banda novamente visível para o mundo, e o melhor foi que isso aconteceu quando a infraestrutura da indústria musical já tinha acabado. Não havia nenhum grande contrato com gravadoras para o Anvil, então era preciso fazer novos acordos e trabalhar com os parâmetros de uma nova realidade. Nós tivemos sorte nesse negócio, mas no sentido de que hoje só é possível ser bem-sucedido com um pouco de sorte. Isso significa fechar com as pessoas certas no momento certo, e o documentário foi a nossa sorte. Desde então, de alguma maneira temos sido capazes de continuar nesse negócio, lançando discos e saindo em turnê com frequência e de maneira séria. Já são 13 anos desde a última vez que precisei trabalhar como entregador ou ter um emprego regular, porque hoje vivo de música 24 horas por dia. E é mais do que ser o meu ganha-pão, porque estou vivendo o meu sonho, então tudo terminou bem. E é aí que *Anvil! The Story of Anvil* se encaixa, porque se ele tivesse sido um fracasso quando foi lançado, então o Anvil seria uma banda de merda. Sejamos sinceros: ninguém vai muito longe se o trabalho que faz é um lixo, mas se o trabalho for de qualidade, um que valha a pena e tenha longevidade, então as pessoas vão continuar interessadas. Isso faz o trabalho ser relevante, e foi o que aconteceu com o Anvil. Conseguimos seguir em frente, e é por isso que tenho vivido só de música desde o lançamento do filme. E não é somente porque ele foi bem recebido, mas porque a banda é boa. Somos criativos e ainda estamos compondo boas músicas. Esse é o ponto principal.

> "Somos criativos e ainda estamos compondo boas músicas. Esse é o ponto principal."
> Steve "Lips" Kudlow

Foto: Divulgação

Chris Robertson, Steve "Lips" Kudlow e Robb Reiner: (re)legalizados com *Anvil! The Story of Anvil*

ROADIEMETAL

WEB RÁDIO • SITE • ASSESSORIA

Atualmente um dos maiores veículos de divulgação especializada em música pesada. A Roadie Metal atua em vários campos, sendo o primeiro programa de rádio via streaming pelo Facebook e YouTube no Brasil. Atuamos também como assessoria de imprensa de várias bandas brasileiras e recentemente a empresa se transformou em um selo digital com distribuição mundial de artistas do nosso cast em todas as plataformas de Streaming do mundo.

Attonica – Thrash Metal – São José dos Campos/SP

Uma das mais importantes bandas de Thrash Metal brasileiro, o Attonica lançou em 2018, o excelente álbum The Trick. Atualmente a banda está trabalhando em novas composições e pretende para 2021, um novo disco de estúdio. Confira toda a discografia da banda nas plataformas digitais.

Atual Formação:
André Rod – Vocal/Baixo
Marcelo Souza – Guitarra
Argos Dantas – Bateria

Sum Incorporated – Heavy Metal – Monte Alto/SP

Em 2020 a banda composta por jovens músicos brasileiros, encantou em seu vo-ápiah, Vontas Mudar, te nome será para assumir também os vocais da banda. Ao lado dos músicos Raphael Alonso (Baixo) e Gabriel Alonso (Guitarra), a banda Liberty recentemente o single Until My Dead para audição completa em plataformas digitais e em um clipe oficial no YouTube.

Formação:
Theodoro Nuttall – Vocal/bateria
Gabriel Alonso – guitarra
Raphael Alonso – baixo

Arken – Heavy Metal – São Paulo

Após um longo período de composição, o Arken apresentou oficialmente o primeiro single de seu novo disco de estúdio. Ainda mais velos e técnicos, a nova música Hope, é uma excelente maneira de apresentar ao público o que está por vir. Acesse e confira em todas as plataformas digitais!

Formação:
Rafa Pereira – Guitarra
Arthur Lopes – Baixo
Fabio Lima – Vocal
Renato Pessoni – Guitarra
Reinaldo Bello – Bateria

CoDeFe – Crossover/Hardcore – Brasília/MG

O novo disco de estúdio deste grande nome gênero, terá sendo produzido e gravado pelo músico Mano Jocker (Ligação Cadeado). O álbum que está sendo preparado terá o nome de Revolta e tem previsão de ser lançado no segundo semestre de 2020.
Confira as músicas lançadas pela banda no YouTube e nas plataformas digitais.

CoDeFe
Leo Araújo – Vocal;
Zé Benes – Guitarra;
Stan Demetrio – Baixo;
Thales Matheus – Bateria

A Drink To Death – Death Metal – Brasília

Essa é uma das mais gratas revelações do metal extremo da cidade de Brasília. Trabalhando em single, a banda, A Drink To Death, já disponibiliza algumas músicas para ouvirmos de graça nas plataformas digitais. Com letras fortes e cantadas em Português, esta banda trabalha duro para apresentar um dos melhores discos de 2020.

A Drink To Death:
Filipe Vasconcelos – Vocal
Enio Lucas – Guitarra
Jeff Lee – Guitarra
Guilherme Narcos – Baixo
Agapito – Bateria

Seventh Sign From Heavy – Heavy Metal – Piracicaba/SP

Acaba de ser lançado em formato físico e digital, o segundo registro de estúdio da Seventh Sign From Heaven. A banda buscou em Thiago Rinaldi, o nome certo para comandar a produção deste disco, que é simplesmente uma obra-prima do Heavy Metal brasileiro. Vá atrás e confira:

Seventh Sign From Heaven é:
Mark Nelso: Vocal/Guitarra
Emanuel Lima: Guitarra
Filim Nascimento: Bateria
Zinha Soares: Baixo

Angelique – Symphonic Doom Metal – Rio De Janeiro

Um todo são seis integrantes, sendo três vocalistas de mulheres, a banda não se preocupa em seguir uma métrica única, pelo contrário, sua obra é diversificada e a cada single lançado, a perspectiva absurda pelo sólvimé é totalmente diferente. A Angelique este em fase final de produção de seu primeiro disco e vários singles podem ser conferidos em todas as plataformas digitais.

Angelique:
Camila Oliveira – Vocal
Lincoln Lopes – Vocal
Beltane Tristesse – Vocal
Jonathan Dresher – Guitarra
Bruno da Silva – Baixo
John Vasques – Teclado/Piano
Guilherme Ramos – Bateria

Monday Riders – Hard Rock – Goiânia/Go

Sabe aquele som contagiante e que te pega logo nos primeiros arranjos? Pois bem, isto e exatamente o que acontece com quem conferir o recém lançado disco, Fire Blood and Gasoline, que além de versão física, se encontra disponível em todas as plataformas digitais. Essa é uma das melhores bandas do Centro-Oeste brasileiro, não deixe de conferir.

Monday Riders é formado por:
Jairo Resemods – vocal
Marco de Sensi – guitarra
Wagner Felix – baixo
Paulo Menezes – bateria

Arkan Fen – Symphonic Metal – Brasil/Austrália/México

Este é um projeto que envolve músicos do Brasil, Austrália e México.
De forma sublime, sua sensibilidade é única e cativante. Até o momento dois EPs foram lançados nas plataformas digitais, sendo que o terceiro capítulo desse conteúdo conceitual, está muito próximo de ser lançado.

Arkan Fen:
Ellie Kamphuis – Vocals
Eric Rhurdenek – Guitars
Ioara Ravelo – Drums & Keyboards

Magnética – Rock and Roll – Belo Horizonte/MG

Após o lançamento do disco, Homo sapiens brasileiros (2019) e do EP, Frankenstein (2019), a banda Magnética está finalizando a produção de mais um álbum de estúdio que será lançado ainda em 2020. Todo o clipe do grupo pode ser conferido nas plataformas digitais.

Formação:
Rafael Muiza – Vocal/Guitarra
Murilo Milelin – Baixo
Roberto Carminatti – Bateria

Confira nossas condições e traga sua banda para a assessoria que mais cresce no país.

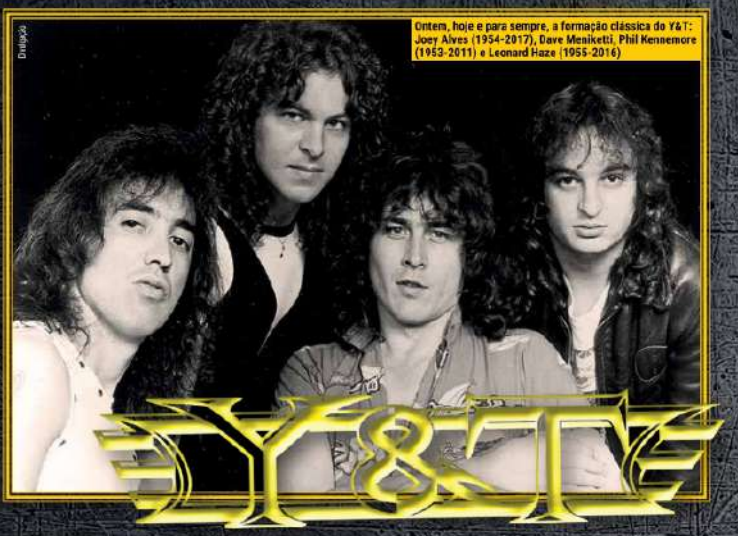
gleison@roadie-metal.com
@roadie_metal
facebook.com/RoadieMetal
facebook.com/roadiemetalassessoria

Site oficial
WWW.ROADIE-METAL.COM
Assessoria
WWW.ROADIE-METAL.COM/PRESS
YouTube /roadiemetal

COLLECTION

Por Marcelo Vieira

Lars Ulrich, baterista do Metallica, afirmou no documentário *Anvil!: The Story of Anvil* (2009) que decidiu se tornar músico após assistir a um show do Yesterday and Today, futuro Y&T, numa boate de Los Angeles. Apesar de o nome ter saído de um disco obscuro e hoje em dia valiosíssimo dos Beatles, Dave Meniketti (vocal e guitarra), Phil Kennemore (baixo), Joey Alves (guitarra) e Leonard Haze (bateria) não tinham o 'fab four' entre as suas principais influências, preferindo a alta octanagem de grupos como Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath, ou seja, um rock mais pesado e que servisse de vitrine para seu líder exibir-se tanto na voz, privilegiadíssima, quanto nas seis cordas, como se a Les Paul, que se tornou a sua marca registrada ao longo dos anos, fosse uma extensão natural de seu corpo. O sucesso – moderado, reconheçamos – só veio em meados da década de 80, mas houve ocasiões, ainda nos anos 70, como quando o Van Halen foi a sua banda de abertura, que já indicavam um futuro, no mínimo, promissor. Prestes a completar 46 anos de carreira, tendo doze álbuns de estúdio, cinco ao vivo e muitas coletâneas na bagagem, o Y&T segue em atividade, sob o comando de Meniketti, o único vivo da formação original.



Ontem, hoje e para sempre, a formação clássica do Y&T: Joey Alves (1954-2017), Dave Meniketti, Phil Kennemore (1953-2011) e Leonard Haze (1955-2016)

IMPERDÍVEIS

EARTHSHAKER (1981)

"Quando ouvi *(You Gotta) Fight for Your Right (To Party!)* pela primeira vez, pensei que era *Hungry for Rock* no rádio. Onde está meu cheque. Beastie Boys?!", questionou o saudoso Phil Kennemore no encarte da reedição de 2009 de *Earthshaker* – e as duas se parecem mesmo! Após dois bons, mas modestos, discos em 1976 e 1978, o Yesterday & Today tornou-se Y&T – a inspiração veio dos pedidos de bis nos shows: "Y&T! Y&T! Y&T!" "O próprio público ocasionou aquela mudança ao nos chamar de Y&T. A A&M Records gostou e nos propôs um ótimo contrato. A partir dali, as coisas andaram para nós", declarou Meniketti à ROADIE CREW. Lançado em 1981, *Earthshaker* foi o primeiro fruto desse contrato, apresentando um som que guardava mais semelhanças com aquele da NWOBHM do que com o rock mais radiofônico que iniciava sua dominação do mainstream americano. Com a ajuda dos produtores Bob Shulman e David Sieff, e, amparado pela força de *Hurricane*, *Rescue Me* e a longínqua *I Believe in You* – que inclui candidato ao melhor solo de guitarra já registrado por Meniketti –, o Y&T pôde se estabelecer entre os competidores de ponta além do perímetro de Los Angeles. Nada comparado ao que o Van Halen vinha experimentando, mas qualquer notoriedade já era alguma coisa. Assim, o status de cult, que ostenta quase quatro décadas mais tarde, só reforça a importância de *Earthshaker*.

BLACK TIGER (1982)

Inspirado no sucesso que Jimi Hendrix teve ao mudar-se para o Reino Unido e ciente de que o boca a boca havia feito um bom trabalho de divulgação, a banda da baía de São Francisco realocou sua base de operações para a Inglaterra. O intuito era gravar com o renomado produtor Max Norman (Ozzy Osbourne). Complementando e, em muitos aspectos, eclipsando *Earthshaker*, *Black Tiger* viu o Y&T sair em busca de novas possibilidades melódicas sem, no entanto, comprometer seu estilo, ainda notavelmente influenciado pelo som da NWOBHM. Apresentando boa variedade de ritmos e climas, dos rocks mais pesados às baladas mais suaves, o repertório inclui clássicos que compõem a maior fatia do repertório dos shows até hoje: *Hell or High Water*, com seu refrão 'chamada-e-resposta' na escola do AC/DC; a 'bluesera' *Barroom Boogie*, que traz Meniketti incorporando um híbrido de Sammy Hagar e David Lee Roth, numa interpretação ora cantada ora falada; e, é claro, as apaixonantes e apaixonadas *Winds of Change* e *Forever*, dobradinha fundamental ao cânone de baladas (ou quase baladas) do Y&T. E o que falar de *Don't Wanna Lose*? Nunca se saberá o porquê de esta não ter se tornado um grande sucesso nos EUA... Um bônus relevante: *Black Tiger* também introduziu o famoso logotipo metalizado, ainda usado pela banda. Trata-se de um dos discos definitivos do Y&T!

EXCELENTES

MEAN STREAK (1983)

Terceiro volume da "santíssima trindade" na discografia do Y&T, *Mean Streak* manteve a conexão britânica iniciada em *Black Tiger*, embora a banda tenha optado pelo saudoso produtor inglês Chris Tsangarides, conhecido pelo trabalho com Thin Lizzy, Judas Priest, Gary Moore e outros. O álbum, de certa forma, continua de onde parou o seu antecessor, mas as semelhanças são tamanhas que a impressão geral é de "já ouvi isso antes, só que melhor". *Lonely Side of Town* e *Sentimental Fool* têm aquele tempero pop radiofônico de *Don't Wanna Lose*. Já *Down and Dirty* recicla o "chamada-e-resposta" inspirado em AC/DC de *Hell or High Water*, enquanto *Midnight in Tokyo*, cuja letra narra a primeira turnê no Japão, herda de *Forever* parte da estrutura – repare na semelhança dos refrãos. A cota de inspiração "blueseira" é preenchida por *Take You to the Limit*, enquanto *Breaking Away* e *Hang 'Em High* são 100% NWOBHM. Por último, mas não menos importante, temos a faixa-título, promovida que veio acompanhada por um clipe na programação da MTV e responsável por "apresentar" o Y&T ao mercado americano. E ao brasileiro, se considerarmos sua inclusão na coletânea *Heavy Rock* (1984).

IN ROCK WE TRUST (1984)

Ainda longe de alcançar a popularidade que acreditava merecer e vendas que fizessem valer o investimento da A&M, o Y&T e sua gravadora tiveram de apelar. A primeira medida tomada foi a convocação do produtor Tom Allom, grande responsável por "americanizar" o som do Judas Priest e torná-lo um produto comercialmente viável nos EUA. Além disso, pela primeira vez a banda contou com o auxílio de compositores de fora: Jeff Paris e Bennie La Barge. Deu certo! Comercial até dizer chega, *In Rock We Trust* foi o álbum mais bem-sucedido do Y&T até então, chegando a uma impressionante 46ª posição nas paradas americanas, impulsionado, mormente, pelo single *Don't Stop Runnin'* – um prenúncio da abordagem "pop metal" que permearia os dois lançamentos seguintes – e pela inclusão de *She's a Liar* numa campanha publicitária do refrigerante Dr. Pepper. Esse estilo mais vendedor faz-se ouvido também em *I'll Keep on Believin' (Do You Know)*, *Lipstick and Leather* – também presente no LP *Stars* (1986) do projeto Hear 'n Aid, capitaneado por Ronnie James Dio – e na baladaça *This Time*, escrita por um recém-casado Dave para sua esposa Jill, com quem vive até hoje.

TEN (1990)

"Os sonhos não duram para sempre", diz a letra de *Hard Times*, uma das últimas músicas compostas para *Ten*, na qual o Y&T meio que anuncia a sua separação. O sentimento geral de que o fim estava próximo – reforçado com Stef Burns (guitarra) assumindo o lugar de Joey Alves durante as gravações e Steve Smith (bateria, Journey, Vital Information) tocando como músico contratado em nove das doze faixas – se manifesta através de uma proposta na qual peso e densidão tomam-se a ordem do dia. Era como se a banda, ciente de que já não tinha mais nada a perder, desse uma banana para o que esperava a sua gravadora. Tudo bem que muitas músicas do repertório extrapolam os cinco minutos de duração. Além disso, solos como os de *City* e *She's Gone* prolongam-se sob o risco de desaguarem em lugar nenhum, mas a magia acontece para valer na veloz *Goin' Off the Deep End* e no hit derradeiro *Don't Be Afraid of the Dark*. Aos que curtem rocks mais simples e diretos, a dobradinha *Lucy* e *Girl* serve bem, e nunca antes de *Surrender* houve indício mais claro de uma possível carreira solo de Dave Meniketti – materializada cito anos mais tarde com o excelente *On the Blue Side*.

BONS

CONTAGIOUS (1987)

Em 1986, o Y&T demitiu o baterista Leonard Haze, contratou Jimmy DeGrasso (Mama's Boys, Suicidal Tendencies, Alice Cooper, Megadeth, Ratt e outros) e trocou a A&M pela Geffen. Em sua estreia pela nova gravadora, a banda deu continuidade à tentativa, iniciada dois anos antes com *Down for the Count*, de adequar-se (ou ser adequada) ao padrão estabelecido pela cena de Los Angeles. Sim, foi através da adoção de um estilo apinhado de clichês chupados de grupos oriundos da Sunset Strip – um exemplo é a letra de *L.A. Rocks*. A diferença é que em *Contagious* a força do repertório não é subtraída por más escolhas na produção, pois o produtor Kevin Beamish acertou a mão. O input externo fica restrito ao âmbito das composições, coescritas por diversos colaboradores, como Al Pitrelli (Megadeth, Savatage) e Bruno Ravel (Danger Danger) em *Temptation*, e Taylor Rhodes muito antes da multiplatina de *Cryin'* (Aerosmith) em *Bodily Harm*, *Eyes of a Stranger* e na faixa-título. Também, pela primeira vez, o Y&T incluiu uma instrumental no repertório: o lamento à la Gary Moore de *I'll Cry for You*.

MUSICALLY INCORRECT (1995)

Se a pergunta fosse como soaria o Y&T sem nenhuma influência externa – seja de gravadora, produtor ou expectativa de sucesso comercial –, a resposta seria *Musically Incorrect*. Entenda: em 1997, o recém-reformado grupo – leia-se Meniketti, Kennemore, DeGrasso e Burns – não estava competindo com nada nem ninguém. Então, pela primeira vez em toda a sua carreira, pôde produzir um álbum por conta própria, com o copo de uísque na mão e tocando o que quer que desse na telha. Em sua essência, *Musically Incorrect* é um autoindulgente disco de blues rock com uma ou outra guitarra mais funkeada e outra mais hard rock. A única constante são os vocais, sempre excelentes e, aqui, pela primeira vez, despidos de qualquer pasteurização. Além da regravação de *I'm Lost*, presente em *Struck Down* (1978), as boas *Cold Day in Hell*, *Quicksand* e *No Regrets* soam como tentativas de retomar a exuberância da juventude e a sensação de liberdade e descoberta dos tempos de Yesterday & Today. Porém, o destaque vai para *21st Century*, que se saí muito bem como a *Black Tiger* da década de 90.

CUIDADO

DOWN FOR THE COUNT (1985)

Uma longa lista de tecladistas convidados, incluindo Claude Schnell (Dio), não é suficiente para salvar o quinto e último álbum do Y&T pela A&M de ser o mais fraco de sua discografia. A começar pela capa, que abre mão do logotipo clássico numa representação tosca do título – entendeu o "Count" agora? –, *Down for the Count* busca tão desesperadamente assegurar ao grupo um lugar no Olimpo das chamadas "hair bands" que acaba soando forçado, artificial e exagerado de maneira quase caricata – vide o visual adotado nas fotos promocionais da época. Primeiro produzido pelo canadense Kevin Beamish, o disco tem como principal mérito ter dado ao Y&T seu maior hit nos EUA: *Summertime Girls*. O sucesso foi tão grande que há quem os classifique como "one-hit wonder". Porém, faixas como *Face Like an Angel* e *Hands of Time* revelam que, sob as muitas camadas dessa equivocada superprodução, repousava ainda o bom gosto flagrante dos trabalhos anteriores. Ah, ainda consta o cover de *Your Mama Don't Dance*, que também foi revisitada, quatro anos depois, pelo Poison.

OUTROS: Completam a discografia de estúdio os dois primeiros álbuns, *Yesterday & Today* (1976) e *Struck Down* (1978), lançados antes da mudança de nome para Y&T. Apesar de soarem levemente datados, trazem momentos curiosos, como Leonard Haze nos vocais em *Alcohol* e Cherie Currie (The Runaways) fazendo backing vocals em *Tried to Show You*. Seguindo adiante, temos *Endangered Species* (1997) e *Facemelter* (2009). Vale ainda destacar os cinco ao vivo: *Open Fire* (1985), *Yesterday & Today: Live* (1991), *Live on the Friday Rock Show* (1998), *One Hot Night* (2007) e *Live at the Mystic* (2012); os dois volumes do apanhado de demos e sobras *Unearthed* (2003 e 2004) e o EP *Acoustic Classix Vol. 1* (2018), que, pelo que o título indica, terá continuação. Confira, também, o segundo solo de Dave Meniketti, *Meniketti* (2002), seguido por seu único ao vivo, *Live in Japan!* (2003).

HIDDEN TRACKS

MOLESTED

ORIGEM:
Noruega

ÉPOCA:
Anos 90

ESTILO:
Death Metal

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Øystein Garnes Brun (vocal e guitarra), Trond Turnes (guitarra), Kenneth Lian (baixo) e Erlend Erichsen (bateria)

DISCOGRAFIA:
Blod-Draum (1995) e Stormvold (1997)

Por Valtemir Amler

Bergen, a segunda maior cidade da Noruega, sempre foi um centro cultural importante dentro da Escandinávia. Até por conta de seu gigantesco papel histórico, a cidade, marcada como o lar do imponente Grieg Hall, da tradicionalíssima Orquestra Filarmônica de Bergen (fundada em 1765), ocupou papel central no desenvolvimento do país. Além disso, é o local do nascimento de dois dos mais importantes compositores de todos os tempos, Ole Bull e Edvard Grieg. Porém, no final da década de 1980 e início de 1990, a cidade era marcada basicamente por três tipos diferentes de fãs de música: aqueles que não davam a mínima para o rock, os que trajavam camisetas do Nirvana e do Soundgarden, além dos que veneravam os caminhos abjetos do death metal e do grindcore.

Øystein Garnes Brun (vocal e guitarra), Trond Turnes (guitarra), Kenneth Lian (baixo) e Erlend Erichsen (bateria), claro, se encaixavam na última categoria. "Eu não diria exatamente que éramos 'mente-fechada', se é que você me entende", explicou Øystein Brun (atual Borknagar) para este repórter em entrevista recente. "Mas nós realmente éramos muito jovens, e acho que isso diz tudo. Naquela época, olhávamos para o mundo de uma maneira muito diferente. Melodias não eram algo que realmente interessavam. Estruturas musicais complexas? Qual é?! Para nós isso era besteira, o que queríamos era soar o mais apocalíptico e exagerado possível", ele complementa, aos risos.

Guiando-se por esse contexto, o quarteto começou a ensaiar sempre que possível. O repertório, um misto daquilo que se ouvia em antigos lançamentos de bandas como Napalm Death, Repulsion, Carcass e Terrorizer, começava a tomar formas cada vez melhor definidas, e não demorou até começarem a transparecer as referências musicais de Morbid Angel, Sarcófago e dos progenitores do death metal sueco. Assim, com a demo *Stalk The Dead* (1992), gravada e mixada no lendário estúdio Grieghallen, eles inseriram o seu nome na então instável cena death metal da Noruega, que vinha perdendo vários de seus líderes para as fileiras do black metal.

"Claro que nós víamos esse movimento acontecendo, especialmente sendo de Bergen", contou Øystein. "Quer dizer, nós vimos quando o Amputaded e o Old Funeral se desfizeram e nasceu o Immortal, o mesmo com o Burzum. O Darkthrone tinha mudado, o Thou Shalt Suffer estava de lado enquanto o Emperor nascia... Tudo estava mudando, mas nós não prestávamos atenção, estávamos ocupados demais fazendo as nossas coisas", acrescentou.

Sem alterações na formação, a banda sempre contou com Kenneth Lian, Øystein Garnes Brun, Trond Turnes e Erlend Erichsen

Em 1993, saiu mais uma demo, *Unborn Woods In Doom*, desta vez mais longa e bem trabalhada, com quase vinte minutos de música. Embora a recepção tenha sido morna em tempos do auge do black metal, serviu para mostrar que a banda estava pronta para dar o próximo passo. E foi assim que eles migraram para o estúdio Electro Lyd, onde gravaram seu primeiro e único álbum completo, *Blod-Draum*, ao lado do produtor Cato Langnes (Thy Grief, Ancient, Aeternus).

No álbum, o Molested mantinha aquele death metal sujo e calcado no grind que caracterizava seus primeiros dias. Embora não tenha decolado na época, acabou se tornando uma espécie de 'clássico cult' nos nossos dias, algo que Øystein reconhece. "Por um lado é engraçado perceber quantas pessoas amam esse disco hoje em dia, é uma coisa bem diferente do que houve na época, mas entendo o que eles amam nesse álbum. Tem muita verdade, tem muita paixão ali. Afinal, a banda era sobre isso, paixão pela música extrema."

Øystein também salienta que uma recepção mais calorosa dificilmente mudaria os caminhos. "Os tempos estavam mudando. Nós estávamos partindo para outras coisas. Eu tinha o Borknagar, que é a minha banda e minha maior paixão. Erlend, tempos depois seguiria para o Gorgoroth. As coisas estavam mudando depressa."

Mesmo com o EP *Stormvold*, o Molested acabou encerrando atividades em 1997. Øystein não espera um retorno. "Não acho que vá acontecer. Pessoalmente, não é algo que me empolga. Criamos algo único e é assim que quero que continue."

Blod-Draum (1995)

Stormvold (1997)

O NOVO ROCK DE LOS ANGELES É BRASILEIRO
RED DEVIL VORTEX
OUÇA O NOVO SINGLE
READY
TAMBÉM DISPONÍVEL
SOMETHING HAS TO DIE - EP
WWW.REDDEVILVORTEX.COM
YouTube
Spotify
iTunes
Google Play

RELEASES

Tia Towles

NIGHTWISH

HUMAN. :II: NATURE.
DYNAMO REC - NAC.

9,5

Houve aqueles decepcionados com *Endless Forms Most Beautiful* (2015), a estreia em estúdio de Floor Jansen ao lado de Tuomas Holopainen (teclados), Emppu Vuorinen (guitarra), Marco Hietala (baixo e vocal), Troy Donockley (gaita irlandesa, flauta e vocal) e Kai Hahto (bateria). Então, *Human. :II: Nature.* talvez reabra o sorriso em seus rostos, afinal, a pompa continua presente, mas literalmente partida em dois discos, numa coincidência que ajudou a estética da obra. Com 82 minutos de duração – e um CD comporta 80 minutos de música –, o nono trabalho de inéditas da banda finlandesa foi separado: o lado humano, formado por nove faixas com vocais, está no primeiro álbum; e o da natureza, composta por uma peça instrumental dividida em oito atos, ficou no segundo.

E dá para apostar que tudo que aqueles fãs esperavam está nos 51 minutos que versam sobre humanos contando histórias sobre humanidade, natureza humana, outros humanos, o poder da imaginação humana, a empatia humana, o homem versus a tecnologia... Tudo isso num Nightwish mais direto, digamos assim, ao se reinventar separando a objetividade da grandiosidade. Claro, a riqueza de detalhes não ficou apenas para o segundo CD, e a faixa de abertura, *Music*, mostra isso com uma introdução cinematográfica, um quê de Marillion na melodia vocal inicial e um refrão bonito e grudento. O velho Nightwish aparece bem em *Noise* e *Pan*, com corais e o instrumental pesado e sinfônico convivendo em perfeita harmonia. Quer mais raiz? *Shoemaker* traz Floor cantando como soprano num soberbo desfecho orquestrado.

A canção, aliás, é um grande exemplo de como as melodiais vocais são absolutamente fantásticas, assim como a performance e interpretação da vocalista. Isso realça até canções mais palatáveis como *How's the Heart?*, o momento mais proeminente dos toques celtas de Donockley, que brilha mesmo ao assumir o microfone na belíssima *Harvest*. A intimista *Procession* é um contraponto a *Tribal* e seus elementos percussivos, um refrão espetacular e os vocais dobrados de Floor e Hietala. O baixista, diga-se, é voz principal da épica *Endlessness*, fusão ideal entre o sinfônico com o progressivo que é a "carta de amor do Nightwish ao Planeta Terra".

Depois do passeio pelo lado humano, a suíte *All the Works of Nature Which Adorn the World* transforma *Humaa. :II: Nature.* num escapismo de 31 minutos na natureza, com um trabalho de rara beleza que perde qualquer resquício de megalomania nas narrativas da atriz inglesa Geraldine James – de "Millennium: Os Homens Que Não Amavam as Mulheres" (2012) e da série "Anne with an E" (2017-2019), entre outros – para obras que abrem e fecham a peça. O trecho de "A Peregrinação de Childe Harold", publicado entre 1812 e 1818 pelo poeta britânico Lord Byron (1788-1824), dá o tom em *Vista* ("Amo não menos o homem, porém mais a natureza"); e parte do pensamento do brilhante cientista Carl Sagan (1934-1996) em "Pálido ponto azul: Uma Visão do Futuro da Humanidade no Espaço" (1994) aparece em *Ad Astra*, trazendo um pouco de sabedoria a um mundo que tenta resistir à ignorância.

Daniel Dutra

EXHUMED

TERROR
RELAPSE - IMP.

9,0

A mente doentia do vocalista e guitarrista Matt Harvey nunca tira férias. E, se o Gruesome não apareceu com um novo álbum em 2019, era mais do que óbvio que isso significava um novo do Exhumed. O que não esperávamos, talvez, era ver um Exhumed tão 'raiz' em *Terror*. Talvez até por ter encontrado sua expressão death metal perfeita no Gruesome, o fato é que Harvey trouxe mais uma vez o grupo para o velho grindcore sangrento, gosmento e feioso que o caracterizou e tornou álbuns malditos, como *Gore Metal* (1998) e *Slaughtercult* (2000), em clássicos absolutos da podreira. Você perceberá isso em *Ravenous Cadavers*, *Ripping Death*, *Clawing* e *Shattered Sanity* (todas com menos de dois minutos). Claro que a 'homenagem' ao velho Napalm Death está presente – ouça todos os seis segundos de *Utter Mutilation of Your Corpse*. Minha favorita, porém, é *Slaughter Maniac*, que tem aquela pegada típica e única do grind. Pois é, os fãs pediram e eles estão de volta ao mundo de tripas e sangue.

Valtemir Amler

VIKRAM

BEHIND THE MASK I
SHINIGAMI - NAC.

9,0

Começo pela conclusão (!): *Behind the Mask I* (2019) é um baita disco de metal nacional, altamente indicado a fãs de Myrath, Symphony X e Dream Theater (no mínimo). Sete anos após sua fundação, o grupo mostrou excelência em combinar harmonias vindas de culturas como a persa, a árabe e a egípcia com um prog metal cheio de possibilidades. O resultado é uma antologia musical de 14 capítulos – a primeira parte de uma trilogia sobre a vida do personagem Nathaniel Frost e sua jornada de autoconhecimento. Se Guilherme de Siervi esbanja todos os dotes como vocalista/narrador da história, coube a Tiago Della Vega (congratulado certa vez com o título de guitarrista mais rápido do mundo pelo Guinness Book), G. Morazza (baixo), Tiago Zurino (teclado) e Marcus Dotta (bateria) a criação de uma vasta e instigante trilha sonora. Interessante notar o casamento das músicas com a temática e as letras em todo o álbum, da introdução *Toar* até o encerramento com a faixa-título. Aguardamos o restante dessa saga.

Thiago Prata

HAREM SCAREM

CHANGE THE WORLD
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Quarto álbum de estúdio desde o retorno às atividades em 2013, *Change the World* traz o Harem Scarem com os pés ainda mais fincados no melodic rock/AOR. E o que isso significa? Quem responde é o guitarrista Pete Lesperance: "Acho que finalmente encontramos o nosso passo... Espero que sim, depois de 30 anos de banda. Apenas tentamos nos manter felizes musicalmente, mas entregamos algo que sentimos que os fãs vão gostar". Dito e feito, porque Lesperance, que também gravou o baixo (Mike Vassos será o responsável pelas quatro cordas na turnê), e o vocalista Harry Hess, seu parceiro no crime, cometeram um baita disco do estilo – Creighton Doane foi o baterista em estúdio, enquanto Darren Smith (o vocalista do Red Dragon Cartel de Jake E. Lee) contribuiu com backing vocals e será o dono das baquetas na estrada. *Change the World* é tão legal que nem duas power ballads, *Mother of Invention* e *No Me Without You*, quebram o ritmo. Elas fazem é bonito ao lado das ótimas *Aftershock*, *Searching for Meaning*, *In the Unknown*, *Swallowed by the Machine* e da faixa-título, num CD acima da média do início ao fim.

Daniel Dutra

BODY COUNT

CARNIVORE
HELLION - NAC.

8,0

Mantendo a recente tradição de sempre vir com um cover, o vocalista Ice-T desta vez apresenta sua versão para *Ace of Spades* (Motörhead). Além disso, novamente trouxe convidados de peso para participar de um disco do Body Count, no caso, o sétimo da carreira. Jamey Jasta (Hatebreed), que já tinha participado de *Manslaughter* (2014) ataca em *Another Level*, que traz elementos de Slayer – você lembra que *Bloodlust* (2017) trouxe o 'medley' de *Raining In Blood* e *Postmortem*, né? Já a furiosa *Point the Finger* conta com Riley Gale (Power Trip), enquanto *When I'm Gone* traz Amy Lee (Evanescence) – Ice-T a introduz explicando que, durante a criação do álbum, recebeu a notícia de que o rapper Nipsey Hussle tinha sido assassinado em Los Angeles e isso o inspirou a compor. O repertório também traz uma nova versão para o hit *Colors*, da trilha do filme homônimo de 1988 – a versão de luxo vem com o demo da releitura de *6 in tha Morning*, de seu álbum de rap *Rhyme Pays* (1987). Destaques ainda para a ótima *Thee Critical Breakdown*, *Bum-Rush* e a rápida *The Hate Is Real*, outra com um quê de Slayer, embalada por bons riffs de Ernie C e Juan of the Dead. Se curte crossover, thrash, hardcore e rap, não perca!

Ricardo Batalha

GOTTHARD

#13
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

7,5

Abrir seu décimo terceiro álbum de estúdio, propriamente intitulado *#13*, com uma faixa chamada *Bad News* vem bem de encontro ao que vemos a todo instante no noticiário. Em contrapartida, a música, felizmente, é marcante. Não só essa, pois Nic Maeder (vocal), Leo Leoni e Freddy Scherer (guitarras), Marc Lynn (baixo) e o baterista convidado, Alex Motta (Coreleoni), apresentam aquele hard rock característico dos suíços. No ano em que se completará uma década sem Steve Lee, Nic Maeder conseguiu encaixar boas linhas vocais e mandar um timbre de voz que lembra o antigo vocalista, falecido em outubro de 2010. O repertório vem com boa dinâmica, trazendo as agitadas *Every Time I Die* e *Better Than Love*, passando pelas mais cadenciadas e pulsantes, como *Missteria* e *10.000 Faces*, e até um cover para *SOS*, hit do ABBA – por sinal, uma das composições mais 'coverizadas' dos suecos. Outras que merecem destaque são *Save the Date*, *Rescue Me* e *Man on a Mission*, esta última mais "melancólica", muito bem construída e com um quê de Bon Jovi. Obviamente os suíços não deixaram de lado as suas tradicionais baladas, mas não em exagero como fizeram em *Silver* (2017). Pode ir sem medo.

Ricardo Batalha

MAGNUM

THE SERPENT RINGS
SPV/SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

8,0

Já é quase meio século de história (com uma interrupção de seis anos no final da década de 90) e mais de vinte discos de estúdio lançados. Ou seja, uma banda com uma carreira mais do que consolidada como o Magnum raramente vai lhe surpreender em um novo lançamento. É o caso deste *The Serpent Rings*, que vai exatamente na mesma linha que consagrou o grupo que desde 1972 é comandado pelo vocalista Bob Catley e pelo guitarrista Tony Clarkin. Os temas grandiosos, com muito teclado e vocais melódicos, dão a tônica do disco, que, como sempre, se mostra repleto de melodias bem trampadas e arranjos cheios de classe. Até certa falta de pegada que muitos reclamam na banda parece ter sido (ao menos em parte) resolvida neste disco. Temas como *Not Forgiven* e seu riff minimalista mas muito eficiente, a faixa-título de refrão grudento e *Crimson on the White Sand*, baladona que fecha o disco, são aquelas que mais chamam a atenção – o que não quer dizer que o álbum se resuma a elas. Uma curiosidade: o novo baixista do Magnum e que estreia neste disco é Dennis Ward (Khymera, ex-Pink Cream 69), também produtor que trabalhou com o Angra no início dos anos 2000.

Antonio Carlos Monteiro

MYRATH

LIVE IN CARTHAGE
EARMUSIC/SHINIGAMI/
SOUND CITY - NAC.

8,5

O ano de 2019 foi excelente para a banda de metal da Tunísia, Myrath, pioneira em sua região. Zaher Zorgati (vocal), Malek Ben Arbia (guitarra), Anis Jouini (baixo), Morgan Berthet (bateria) e Elyes Bouchoucha (teclado e backing vocals) impressionaram o público com uma performance que se destaca pela qualidade dos músicos e, claro, de suas composições. Esta foi a turnê em suporte ao mais recente álbum de estúdio, *Shehili*, lançado no Brasil. Aquele som agradável, que mistura poderosos refrãos com melodias do Oriente Médio. O primeiro ao vivo, *Live In Carthage*, dá uma geral na carreira e conta com músicas de todas as fases, inclusive as mais conhecidas pelos fãs, como *Believer*, *Dance*, *Get Your Freedom Back* e *Endure The Silence*. Junto com o CD vem o DVD, que transporta o espectador para um cenário mágico, com um palco muito bem elaborado e a performance de uma impressionante dançarina do ventre incorporada nos poderosos sons produzidos pelo grupo. Para completar, o CD inclui uma gravação em estúdio muito especial para *Believer*, que conta com a presença que ninguém menos que Don Airey, do Deep Purple.

Claudio Vicentin

JOE SATRIANI

SHAPESHIFTING
SONY MUSIC - NAC.

8,5

Joe Satriani, o músico que criou pela primeira vez uma guitarra inteligente e terrivelmente habilidosa, tocando divertidamente nos seus primeiros trabalhos – *Not of This Earth* (1986) e *Surfing With The Alien* (1987) –, sobrevive ao tempo e não cansa de lançar álbuns que demonstram toda a sua habilidade e sensibilidade. Na verdade, Satriani se tornou um guitarrista melhor e mais talentoso desde os seus dias de luta para tornar sua música conhecida mundialmente. Inclusive, ele traz novos ritmos para sua música, como na faixa *Ali Farka, Dick Dale, An Alien And Me*, com batidas de inspiração africana que se misturam a sons espaciais. Particularmente, gosto de suas composições mais cadenciadas, como em *All For Love*, que vem com uma melodia matadora. Já em *Spirits Ghosts And Outlaws*, ele soa sombriamente eletrizante e mordaz. *Failing Stars*, por sua vez, traz o jazz contemporâneo de forma espetacular. Algumas faixas podem exigir várias audições para que percebamos cada arranjo, cada detalhe oculto, mas em *Nineteen Eighty*, desde os primeiros acordes, sentimos aquela energia despontar – estilo sua clássica *War*, de 1992. São mais de 30 anos de carreira, mas Satriani continua a se transformar constantemente e mantém os padrões incrivelmente altos.

Claudio Vicentin

METAL CHURCH

FROM THE VAULT
RAT PAK - IMP.

8,5

Desde o retorno de Mike Howe, o Metal Church resolveu manter os fãs abastecidos entre um novo álbum e outro. Agora é a vez de *From the Vault*, que foge do esquema catadão ao presentear a congregação com material que realmente vale a pena. Apenas *Please Don't Judas Me*, original do Nazareth, já era de conhecimento público, e a banda – Kurdt Vanderhoof e Rick Van Zandt (guitarras), Steve Unger (baixo) e Stet Howland (bateria) – ainda mandou ver em mais dois covers nada convencionais: *Green Eyed Lady*, do Sugarloaf, e a sensacional *Black Betty*, do Ram Jam: a primeira destacando Unger, e a segunda, Howe e Howland. Depois de regravar *Badlands* e *Fake Healer*, a nova visita ao passado foi com *Conductor [redux]*, só para lembrar como o subestimado *Hanging in the Balance* (1993) é um discaço. Há três novas músicas, as ótimas *Dead on the Vine*, *For No Reason* e *Above the Madness*, com refrãos e riffs que mostram a maestria de Vanderhoof; cinco sobras de *Damned If You Do* – confira *Mind Flag* e *Tell Lie Vision*; e versões ao vivo de *Anthem to the Estranged* e *Agent Green*, fugindo da obviedade dos clássicos. Pode pagar o dízimo.

Daniel Dutra

VULCANO

EYE OF HELL
MIGHTY MUSIC/HELLION - NAC.

9,0

Se no hard rock, solos e refrãos são a marca registrada do estilo, na música extrema os riffs separam bandas espetaculares das comuns. Felizmente, esse ingrediente conta, em abundância, no novo trabalho do veteranissimo quinteto santista Vulcano. E que riffs, meu amigo! Vivendo um grande momento na carreira, com turnês e lançamentos no exterior, Luiz Carlos Louzada (vocal), Zhema Rodero e Gerson Fajardo (guitarras), Carlos Diaz (baixo) e Bruno Conrado (bateria) fizeram um álbum para os fãs de death, black e thrash metal! *Eye of Hell* se mostra repleto de energia e músicas definitivas no estilo, com um excelente trabalho de guitarras e vocais com um que de Motörhead/Slayer. É, tudo isso faz com que seja o disco perfeito para bater cabeça. *Bride of Satan*, faixa de abertura, já pode ser considerado um dos novos clássicos do grupo, pois a sensação de agitar é instantânea, assim como ocorre com *Evil Empire* e *Devil's Bloody Banquet*, essa última dona de um pique thrash sensacional. Só que ainda tem aqueles momentos de surpreender, como o show de guitarras de *Mysteries of the Black Book*, cujas partes cadenciadas deixarão o ouvinte boquiaberto tamanha segurança e coesão, isso até descambar em momentos pra lá de brutais. A tétrica *Cybernetic Beast*, com um jeitão Bay Area, coroa esse grande trabalho, que vem embalado de uma ótima produção, feita por Ivan Pellicciotti, e uma capa de encher os olhos e que ficou a cargo de Roberto Toderico (Sodom, Pestilence). Com certeza, além de encher os brasileiros de orgulho, será presença certa nos melhores de 2020!

João Messias Jr.

JUSTABELI

INTENSE HEAVY CLASH
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Com quase duas décadas de existência, o Justabeli chega ao seu terceiro full-length exibindo um alto nível de evolução. A começar pela ótima produção, feita pela própria banda do ABC paulista. E isso se torna fundamental para quem aprecia o som do trio formado pelo vocalista e baixista War Pherys, o baterista Morbus Deimos e o guitarrista Blasphemer. As nove faixas de *Intense Heavy Clash* emanam uma combinação de agressividade, técnica e melodias, com destaque para a já clássica *Satanic War Black Metal* e a complexa *Prepare for the Aftermath* – mas o disco todo é excelente. É aquele tipico caso de separar o artista da pessoa – já que sou totalmente contra a muitas opiniões de Pherys, em entrevista concedida ao canal Heavy Metal On Line, no YouTube (assista e tire suas próprias conclusões). A nota aqui é a do crítico musical.

Thiago Prata

KHYMERA

MASTER OF ILLUSIONS
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

A princípio um projeto do italiano Daniele Liverani ao lado vocalista do Kansas, Steve Walsh, a Khymera teve, em 2005, dois anos após sua fundação, uma virada de chavinha quando o baixista, vocalista e produtor Dennis Ward (Pink Cream 69, Magnum, Place Vendome, entre outros) se uniu ao time. Uma prova desse sucesso é o lançamento de *Master of Illusions*, quinto da carreira e uma literal aula de hard rock/AOR executada sem muitos esforços pela banda. E essa "ausência de esforço", no caso, é positivo, pois tudo é muito natural e agradável. *Walk Away* abre o álbum com ótimos vocais de Ward, enquanto a faixa-título vem com um tempero de Def Leppard. As cativantes e sinceras *Paradise* e *The Rhythm of My Life* também precisam ser lembradas. Como fã de baladas, não posso deixar de mencionar *Father to Son*, novamente, com performance memorável de Ward no vocal. Se não é um dos melhores do ano nesta linha musical, já postula entre os possíveis candidatos.

Matheus Vieira

VISION DIVINE

WHEN ALL THE HEROES ARE DEAD
SCARLET - IMP.

7,5

Conhecido no Brasil por ter sido uma das inúmeras bandas das quais o excepcional vocalista Fabio Lione fez parte, o Vision Divine chega ao seu oitavo trabalho praticando aquilo que sempre foi o norte de sua carreira: um metal melódico

bastante característico, com vocais lá no alto, melodias bem compostas e qualidade técnica dos músicos envolvidos. Agora, Olaf Thörsen, o guitarrista e fundador, conta com as baquetas de Mike Terrana (ex-Rage, Axel Rudi Pell, Masterplan, Hardline, entre outros), o que é uma garantia extra de técnica e bom gosto. Sem mudar nada daquilo que sempre fez, o grupo criou boas composições, mas que não "pegam" como em seus primeiros trabalhos. Mesmo assim, faixas como *3 Man Walk on the Moon* ganham destaque, uma vez que o trabalho de Terrana faz valer a audição, assim como os solos de guitarra, melódicos e bem executados. *Fall From Grace* também é um dos bons momentos, visto que aquele andamento mais cadenciado mostra a versatilidade dos músicos. O vocalista Ivan Giannini se mostra adequado, sem exageros, honrando o posto que já pertenceu ao mestre Lione. Destaques ainda para *Now That All The Heroes Are Dead*; balada *While The Sun is Turning Black*, na qual Thörsen manda um solo inspirado; e *The King of the Sky*, um metal melódico daqueles que lembram nomes como Angra, Helloween e Stratovarius. Um bom álbum de uma banda que, apesar dos percalços, segue fazendo sua música com qualidade.

Sergiomar Menezes

WILD HUNT

AWAKENING OF THE WILD SPIRITS

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Das cinzas da banda Akallabêth nasceu em 2008 o Wild Hunt, "one man band" de Aracaju (SE), fruto da mente do vocalista e multi-instrumentista Fábio Laporte. Cerca de uma década depois, eis que surge seu primeiro EP, o conceitual *Awakening of the Wild Spirits*, esteticamente inspirado, sobretudo, nas histórias do personagem Sláine, sob o traço do artista e quadrinista Simon Bisley. A história aqui presente tem como premissa problemas que ocorrem em uma vila e as ações de um herói. Mas, na verdade, os temas vão muito além disso, incrementados por referências celtas e filosofias de vida e morte (somente ao ouvir o disco e prestar atenção nas letras é que tudo fica mais claro e amplo). Contando com participações, como as de Giovani Seria (baixo) e Kayo John (bateria), Laporte exibe um vigoroso e pesado folk metal, com riffs ásperos e melodias muito bem encaixadas. As seis músicas têm qualidade, mas *Glade Gathering*, quarta faixa, é um ótimo exemplo de toda a gama de elementos do Wild Hunt.

Thiago Prata

VICTOR SMOLSKI'S ALMANAC

RUSH OF DEATH

NUCLEAR BLAST - IMP.

8,5

Almanac, atual banda do ex-guitarrista do Rage, Victor Smolski, chega ao seu terceiro disco, *Rush of Death*, com canções bacanas e recheadas de virtuose. Ouvimos aqui um power metal cru e extremamente técnico. Em meio a essas novas faixas, existem registros ao vivo que contam com a participação da Orquestra Filarmônica de Minsk, a mesma do disco *Speak of the Devil* (2006), do Rage. Dentro dessa parceria, destaques para *Soiled Existence* e *Satisfied*. Outras bem interessantes são *Blink of An Eye* e *Like a Machine*. Fora o já esperado ótimo trabalho de guitarras de Smolski, é importante pontuar a potência vocal de Patrick Sühl. Também vale citar o "peculiar" conceito lírico do disco: um diálogo abstrato com histórias protagonizadas por pilotos de corrida como gladiadores modernos. "Como viciado em adrenalina, descobri que o tema gladiadores se encaixava muito bem nas músicas, mas desta vez transferimos a questão para o presente", revelou o guitarrista. Agora, com o disco lançado, a ordem para a Almanac é cair na estrada. Para tal, uma turnê ao lado do Lordi está marcada por toda Europa.

Matheus Vieira

FRONT COVER

Por Marcelo Vasco*

VADER

SOLITUDE IN MADNESS

Nesta edição abordarei sobre a capa do novo álbum dos veteranos do death metal polonês, o Vader. *Solitude In Madness* que foi lançado em maio, através da gigante alemã Nuclear Blast. A criação da arte é assinada pelo mestre Wes Benscoter, artista americano, da Pensilvânia, do qual eu sou muitíssimo fã e que é dono de um traço muito peculiar e de um portfólio invejável.

Benscoter é responsável por excelentes trabalhos no mundo do metal, entre eles o meu preferido, a ilustração de capa do disco *Divine Intervention*, lançado em 1994 pela minha banda do coração: Slayer. Mas esse foi apenas um dos seus grandes feitos, já que ele trabalhou ainda para bandas que dispensam apresentações, como Black Sabbath, Kreator, Hypocrisy, Sinister, Mortician, Bloodbath, Autopsy entre centenas de outras – em geral, bandas de death metal.

A ilustração de *Solitude in Madness* retrata o título com perfeição, trazendo, como plano principal, uma espécie de ritual de invocação e adoração de uma entidade demoníaca insana sendo materializada, se erguendo através de um caldeirão sangrento e cercada pelos seus supostos súditos. A escolha da paleta de cores é incrível, misturando tons de verde, amarelo e vermelho, com um ótimo equilíbrio, sempre de muito bom gosto, como é de costume nas artes de Benscoter.

São nítidas as características e personalidade do traço dele na arte. Benscoter é um artista muito autêntico e é fácil reconhecer seu trabalho de longe. Quando bati o olho nessa capa foi amor a primeira vista. Assim, logo pensei que ela seria a próxima a ser citada aqui na coluna – vale lembrar que foi Benscoter quem assinou a capa do clássico *De Profundis* (1995) e do EP *Thy Messenger* (2019), ambos também do Vader.

Benscoter tem seu trabalho quase que majoritariamente criado através da técnica de airbrush e, além de capas de discos, também criou muitas capas para DVD/Blu-ray, livros e revistas, sempre com essa abordagem mais mórbida e obscura. Sem dúvida, ele já tem seu nome consolidado como um dos maiores capistas do metal.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

RELEASES

IVANHOE

BLOOD AND GOLD

MASSACRE - IMP.

4,0

Nos anos 1990, o grupo alemão Ivanhoe lançou álbuns que se tornaram influentes no prog metal, como *Symbols of Time* (1995) e *Polarized* (1997), ambos com a presença do vocalista Andy B. Franck (Brainstorm, Symphorce). Porém, o mesmo não pode ser dito de alguns trabalhos de sua segunda fase. Após o retorno, com o bom *Walk in Mindfields* (2005), contanto com Mischa Mang (vocal), as coisas começaram a decair e as mudanças de formação se tornaram constantes. Contando agora somente com Giovanni Soulas (baixo) como remanescente, *Blood and Gold* não impacta em nada. Mais que isso, é comum, não tem ousadia e os vocais de Alexander Koch ficam muito abaixo do trabalho de seus antecessores na banda. Não curti nenhuma faixa em especial, mas a primeira, *Midnight Bite*, é a melhor do repertório. Ainda assim, o resultado é bem abaixo do esperado.

Ricardo Batalha

FIREWIND

FIREWIND

AFM/VALHALL - NAC.

9,0

"Com Herbie, sinto que estamos fazendo um relançamento da formação original do Firewind, porque seu estilo de cantar se assemelha ao de Stephen Fredrick, nosso primeiro vocalista." É desta forma que o brilhante guitarrista grego Gus G. (ex-Ozzy Osbourne) apresenta Herbie Langhans (Radiant, Avantasia) como novo cantor de sua banda e conecta o nono álbum do Firewind aos primórdios do grupo – não à toa o trabalho é autointitulado, como se desse a ideia de ser o "primeiro". Bem, há realmente similaridades entre Langhans e Fredrick, mas o atual vocalista – sucessor de Henning Basse – conseguiu colocar sua marca em *Firewind*, que mescla power metal e hard rock. E é claro que as 11 faixas do play exibem toda a técnica de Gus G.: chega a ser monstruoso o que esse cara faz em canções como *Welcome to the Empire*, *Rising Fire* (primeiro single) e *Overdrive* (com flertes no Sabbath das fases Dio e Tony Martin). Novamente acompanhado pelo baixista Petros Christodoulidis e o baterista Johan Nunez, Gus G. revisitou o passado do Firewind sem esquecer de olhar para frente. Ah, e a capa é de autoria do brasileiro Gustavo Sazes (Arch Enemy, Krisiun).

Thiago Prata

IHSAHN

TELEMARK

CANDLELIGHT - IMP.

9,0

Desafiado por sua esposa a fazer um trabalho com raízes mais cruas do estilo que o lançou na música, o norueguês Ihsahn lança o EP *Telemark* e, para alegria dos fãs de sua carreira solo, falha brutalmente na missão. O que acontece é que o músico não é mais capaz de voltar à crueza do black metal, mas teve bela inspiração para as três músicas inéditas aqui presentes, sendo elas brutais, mas também bastante ricas em arranjos de seu lado progressivo. *Strigid* abre com certa agressividade, lembrando algo da fase *Prometheus* (Emperor), incluindo velocidade, mas também uma passagem lenta de belo solo de guitarra e metais. *Nord* já traz uma influência mais tradicional de black metal mais cadenciado, mas é muita rica nos arranjos de teclados/metais e, mais uma vez, com um solo de pura melodia. Se a coisa que pega no EP são os sons "em sopro" dos metais simulados pelo músico, a faixa-título tem isso como sua riqueza maior, somando aí uma influência oriental nas guitarras. Talvez, o que há de mais black metal em todo o EP sejam os vocais desesperados da voz rasgada de Ihsahn, com as três músicas em norueguês para deixar tudo mais agressivo. Mas não acabou aí, a ousadia mor inclui dois covers: *Wrathchild*, do Iron Maiden, banda inspiração de 8 entre 10 músicos de metal e a inusitada *Rock and Roll is Dead*, do americano Lenny Kravitz. Na duas, a coisa é abrilhantada pelo peso, pela inserção do arranjos de metais e a voz ríspida de Ihsahn, mas, claro, o cover de Lenny Kravitz surpreende muito mais e ficou excelente! E o músico promete mais um EP para esse ano, explorando seu lado mais prog. Mais um belo trabalho do senhor Vegard Sverre Tveitan. Ousado!

Heverton Souza

7 PELES

O PRIMEIRO EVANGELHO DO 7 PELES

MUTILATION - NAC.

9,5

Primeiro álbum completo de estúdio dos cariocas (o que justifica o título álbum), este CD já chama atenção pelo luxuoso acabamento da embalagem, um digipack de excelente qualidade, e com detalhes em dourado que realmente chamam a atenção. Mas a embalagem não foi o único item que recebeu atenção extra, e logo ao colocar o disco para rodar, você já se surpreende com o clima soturno e macabro de *Heyiel*, uma missa negra que qualquer fã de black metal deveria frequentar! O melhor de tudo é que o clima não muda nas demais composições e a banda se mantém firme na sua proposta, trazendo a frieza típica do black noventista para o centro dos holofotes, como sempre deveria de ser. Assim, sem grandes experimentalismos, mas com ótimas ideias e arranjos simples e competentes, o 7 Peles estreia com um disco extremamente eficaz, que deverá estar na sua coleção. Ouça a variedade vocal em *Yehudhah Ish Qeryoth* e se surpreenda com a evolução rítmica em *Har Meggido*. Um dos melhores do gênero em muito tempo.

Valtemir Amler

CODE ORANGE

UNDERNEATH

ROADRUNNER - IMP.

7,0

Intensificando ainda mais o seu hardcore/crossover e metalcore com os elementos apresentados em *Forever* (2017), como samplers e efeitos eletrônicos herdados do metal industrial, além de diversas concepções próximas do nu metal, o grupo americano Code Orange se mostra ainda mais "doentio" em *Underneath*. Pense em uma mescla de Hatebreed, Madball e Biohazard com Korn, Slipknot, Foes, Nine Inch Nails e Pitchshifter. Em tese, seria fantástico. Porém, os americanos pesaram demais a mão nesta "nova" fórmula, como se vê em *Back Inside the Glass*, por exemplo. No entanto, a faixa-título, antecipada em janeiro com um clipe, é uma das mais "leves", mas também vem repleta de efeitos. Só que, neste caso, as que mais funcionam são *The Easy Way* e *Autumn and Carbine*. Muitos estão considerando como uma grande evolução, mas o fato é que o exagero faz o repertório se tornar até cansativo em uma audição completa. Portanto, aprecie com calma.

Ricardo Batalha

DEAD OR A LIE

MONSTER

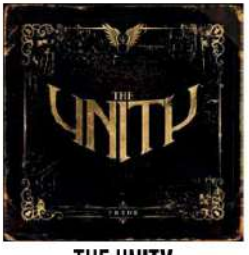
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Confesso que enchi o saco dos músicos para que alterassem o nome da banda, que antes atendia por Dead or Alive – é, aquela mesmo do saudoso Pete Burns. Felizmente, me ouviram e agora apresentam o primeiro trabalho

como Dead or a Lie. O melhor de tudo é que o disco, conceitual sobre a história da luta do ser humano contra ele mesmo, supera todas as expectativas. Dez anos após a estreia, com *On The Road With The Young Guns*, o trio de Araraquara (SP), composto por Billy The Willie (vocal e bateria), Matthew Daniels (guitarra e baixo) e Charlie Nelson (guitarra solo e baixo), mostra que soube lapidar bem as composições, focadas no doom, stoner e sludge. A introdução cria um clima perfeito para a densa e marcante *Never Look Away*, com boa variação de vocais e muito peso. *Bad Dreams... No Crimes* vem, ainda, com toques de Alice in Chains e de southern rock, mas com guitarras na escola Tony Iommi, que se seguem em *Leave no Trace*. A faixa-título, com seu começo "pra baixo" e melancólico, traz sentimentos do gothic anos 80 e depois o peso entra em cena – destaques para os efeitos e os vocais de apoio. Por sinal, os vocais mais agressivos de *Life Itself* mostram bem a versatilidade de Billy The Willie. Pena que são somente seis faixas (incuindo a 'intro'), mas *Monster* é um trabalho primoroso que vai agradar fãs dos estilos mencionados.

Ricardo Batalha



THE UNITY

PRIDE

SPV/STEAMHAMMER - IMP.

8,0

Dois anos após *Rise*, o The Unity volta à carga com *Pride*, um trabalho consistente e que mantém o power metal melódico do projeto de Michael Ehré e Henjo Richter (baterista e guitarrista do Gamma Ray, respectivamente) intacto. Mas o grupo tem muito a oferecer. Guardando uma pequena similaridade com a banda principal dos dois membros citados, *Hands of Time* é uma faixa que caracteriza bem o trabalho do The Unity. O vocalista Gianbattista Manenti possui um timbre condizente com a proposta, principalmente nas passagens mais hard/heavy, como fica comprovado em *Guess How I Hate This*, uma das melhores do álbum e que remete ao que Helloween e Gamma Ray fizeram em momentos mais descontraídos. Ainda merecem destaques as faixas *Line and Sinker*, com um excelente trabalho de Ehré; *We Don't Need Them Here*, um power metal típico e empolgante; a mais pesada *Angel of Dawn*; *Scenery of Hate*, com riffs bem tradicionais; e a alegre *Rusty Cadillac*, na qual se percebe que o senso de humor dos alemães está em dia. Mais um bom trabalho dentro do estilo e que garante seus momentos de diversão.

Sergiomar Menezes

EDU MEGALE

SCREAMS OF INSANITY

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Marcado pelo trabalho de guitarras desempenhado no D.A.M, banda mineira de death melódico liderada pelo tecladista e vocalista Guilherme de Alvarenga, Edu Megale se notabiliza pela técnica apurada e o senso melódico com os quais conduz seu instrumento, fatores que o levaram a dividir o palco com ícones como Edu Ardanuy e Steve Vai. Agora, este mineiro de Belo Horizonte dá seu primeiro passo solo com o EP *Screams of Insanity*, em que o heavy metal e o hard rock funcionam como pano de fundo em suas quatro músicas. As ótimas *Choices* e a faixa *Scream of Insanity* são recheadas de slides, melodias e pegada 'shred'. Em seguida, uma bonita homenagem a um de seus ídolos, Jason Becker em *For Jason*. Já *Chariots of the Gods* é a mais 'D.A.M' do álbum, mas tem explicação: trata-se de uma música composta em parceria com Guilherme, num instrumental baseado na obra "Eram os Deuses Astronautas?", do escritor suíço Erich von Däniken, que diz que antigas civilizações foram influenciadas por extraterrestres. Bem, quando você for conferir este álbum vai pensar que Megale pode ter vindo de outro planeta.

Thiago Prata

CAPTAIN BLACK BEARD

SONIC FORCES

AOR HEAVEN - IMP.

8,0

O grupo que homenageia o pirata inglês Barba Negra está de volta com seu quinto trabalho de estúdio, *Sonic Forces*. Nele, o estreante Martin Holsner (vocal, substituto de Sakaria Bjorklund) e seus companheiros Christian Ek (guitarra), Robert Majd (baixo) e Vinnie Stromberg (bateria) se mostram ainda mais focados no melodic rock. O lado mais "leve" e "acessível" está evidente em quase todo o repertório, como em *Gotham City*, *Headlights, Lights and Shadows*, *Young Hearts* e a longa e melódica *Emptiness*, tão 80's que tem até solo de saxofone. Felizmente, os suecos não deixaram de lado o hard rock, como apresentam na pegajosa *Time To Deliver* e na empolgante *Midnight Cruiser*. O material foi produzido pelo guitarrista do H.E.A.T, Dave Dalone, e tudo está bem encaixado. Confira!

Ricardo Batalha

SILVER MAMMOTH

WESTERN MIRROR

OEBUICAOTA - NAC.

8,0

Com os dois pés firmes no classic e heavy rock, o Silver Mammoth começou a despontar como um dos grandes nomes do estilo no país há algum tempo. Em sua nova empreitada, Marcelo Izzo (vocal), Marcelo Izzo Jr. Renato Haboryn (guitarras), Chakal (baixo) além de bateristas convidados, apresentam um disco mais pesado e muito bem produzido, que tem tudo para cair no gosto dos fãs de música pesada. Tudo é muito bem executado, timbrado e, o mais importante, feito com carinho, como uma demonstração de gratidão a todos os jovens e tios que veneram esse tal de rock'n'roll. Um exemplo fica por conta da irresistível *Rise Up*, primeiro single e clipe, que une peso, groove e um tempero moderno. Passada a ótima primeira impressão, temos outros momentos de destaque, como a arrastada *Like a Blind Man*, *Beethoven's Darkside*, cujo foco é o peso puro, além de um final de arrepiar. Outras também merecem atenção, como a power ballad *Free Soul*, boas versões de *Jailbreak* (AC/DC) e *Symptom of the Universe* (Black Sabbath), além da bela faixa-título, que une ótimos momentos de introspecção e peso. Se for a sua praia, corra atrás desse lançamento!

João Messias Jr.

TAURUS

V

DIES IRAE - NAC.

8,5

Com a maior parte de seu line-up clássico – os irmãos Cláudio (guitarra) e Sérgio Bezz (bateria) e o vocalista Otávio Augusto – e a estreia do baixista Felipe Melo em um álbum de estúdio do Taurus, a banda do Rio de Janeiro celebra 35 anos e apresenta seu quinto – e mais inusitado – rebento. Não espere apenas o thrash tradicional da década de 80, sobretudo o do debut *Signo de Touro* (1986), ou o som revitalizado de *Fissura* (2010). Em *V*, o grupo rompe suas próprias fronteiras, se alternando entre momentos rápidos e cadenciados (*Nove Vidas* e *O Pior Pesadelo*), com contornos 'modernos' do metal da década de 90 e parte dos anos 2000 (*Gap*) e um lado mais obscuro (*Dark Phoenix*, que traz Luiz Carlos Louzada, vocalista do Vulcano). O destaque maior está no final, com os dois lados de uma mesma moeda: a porrada *Existe um Lugar* (participação de Alex Camargo, do Krisiun, cantando em português) e a 'alternativa' e excelente *Mutation*, com a presença do ex-integrante Beto de Gásperis. Mais que um disco do Taurus, *V*, com uma belíssima capa assinada por Alcides Burn, é um álbum muito bom de metal brasileiro.

Thiago Prata

LAMB OF GOD

LAMB OF GOD

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

A saída de um membro-chave sempre deixa um ponto de interrogação, mas a vida continua. E foi o que Randy Blythe (vocal), Mark Morton e Willie Adler (guitarras) e John Campbell (baixo) fizeram: seguiram em frente depois da confirmação de que Chris Adler estava mesmo fora do Lamb of God. E os dois primeiros singles mostraram que pouca coisa mudou num dos pilares da New Wave of American Heavy Metal. A ótima *Checkmate*, com um Blythe arrasador, foi a primeira prova de que estava tudo bem no mundo do groove metal, e a ainda melhor *Memento Mori* serviu para dirimir as dúvidas restantes. Inclusive mostrando que o novo dono das baquetas, Art Cruz (Winds of Plague), não se furta de emular um dos melhores bateristas do planeta. Apesar de não ser tão criativo e detalhista como Chris, ele também injeta personalidade no trabalho, como seus blast beats na maravilhosa *On the Hook*. No fim das contas, o décimo e autointitulado álbum do Lamb of God é um trabalho matador como se espera do quinteto, principalmente desde *Sacrament* (2006). Tanto que as participações de Jamey Jasta (Hatebreed) e Chuck Billy (Testament) em *Poison Dream* e *Routes*, respectivamente, empalidecem perto do que o grupo faz por conta própria em canções sensacionais como *Gears*, *New Colossal Hate*, *Resurrection Man* e *Bloodshot Eyes*. Refrãos, riffs, levadas empolgantes, vocais insanos... Tudo isso continua aqui.

Daniel Dutra

SEMBLANT

OBSCURA

FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Desde 2006 lutando pelo seu espaço, o Semblant tem tudo para alcançar o objetivo a partir de *Obscura*, terceiro álbum do grupo de Curitiba (PR). Ainda mais com o suporte da Frontiers Music, um dos selos gringos com grande tradição na Europa. Musicalmente não há o que se preocupar, pois Juliano Ribeiro (guitarra), Johann Piper (baixo), Thor Sikora (bateria) e J. Augusto (teclado) garantem tudo o que os fãs de gothic metal esperam. Peso e melodia envoltos em arranjos de qualidade na linha de Within Temptation e Nightwish. Na linha de frente, Mizuho Lin continua impecável, mas com claros sinais de ainda mais crescimento em interpretações que a aproximam definitivamente de Sharon Del Adel, Floor Jansen e Aneeke Van Giersbergen. Sergio Mazul entrega os vocais guturais de praxe, mas as poucas vezes que usa a voz limpa, como em *Barely Breathing*, se sai muito bem. Talvez fosse interessante experimentar um pouco nesse direcionamento, que ele, inclusive, usava nas bandas que tocou no começo de carreira, como o Maelström. Dá orgulho ver um mais um grupo brasileiro com alto nível se consolidando lá fora – confira *Murder of Crows*, faixa de abertura, que saiu em videoclipe. Falta, como sempre, ter mais reconhecimento do público nacional.

Alessandro Bonassoli

BLENDED BREW

SHOVE IT DOWN

MIGHTY MUSIC - IMP.

9,0

Os dinamarqueses do Blended Brew não gostam de meias palavras. Pra eles, o que a banda faz é "rock com R maiúsculo". Pode parecer meio arrogante, é verdade, mas não dá pra discordar. Com um som movido a guitarra e muito órgão Hammond, Jimmy Månsson (vocal, guitarra e baixo), Lord Sebastian Groset (teclado) e Christoffer Beck (bateria) (o baixista Lasse H. Mortensen se juntou à banda após as gravações) deixam bem evidente sua opção pelo rock dos anos 70 ao longo das dez faixas deste seu segundo disco, e o fazem com uma categoria de dar gosto. Muito disso se explica pela opção da banda de gravar ao vivo no estúdio e de forma analógica – dá muito mais trabalho, mas o resultado compensa, como se percebe aqui. Só que nada disso daria certo se a banda não soubesse o que está fazendo. Acontece que eles sabem. A guitarra surge sempre correta, a cozinha pulsa do jeito certo, Jimmy canta com garra, lançando mão de um drive bem encaixado e de uma interpretação bem bluesy (às vezes lembra Chris Robinson, do Black Crowes), enquanto Lord Sebastian dá um show no Hammond, chegando a dividir solos com a guitarra – ouça *Woman I Need You* e confira tudo que acabei de dizer. Mais um forte candidato à lista de melhores do ano.

Antonio Carlos Monteiro

BRIZIO

BRIZIO

VOICE MUSIC - NAC.

8,0

Fabrizio Micheloni, também conhecido como Brizio, é um velho conhecido da cena rock/metal nacional, principalmente por ter sido parte fundamental no Carro Bomba. Após deixar o grupo, o músico reaparece com seu primeiro trabalho solo. O mais legal de ouvir *Brizio* é que o disco não possui amarras e nem limites criativos. Aqui, Brizio cantou, tocou baixo, guitarra, violão e compôs/arranjou todo o material, contando com a participação do seu ex-companheiro de Bomba Fernando Minchillo (bateria) e do guitarrista Demian Tiquez (Symbols, Ceremonya) em alguns solos e na produção. Como não existe um direcionamento específico, o que manda aqui é a criatividade. Temos momentos pesados, como *Deixa Rolar a Canção* e *Café o Amor, Porra*, essa com uma pegada Slayer. *Vá Se Rebelar* chama a atenção pelos riffs bem construídos. Apesar de o músico manjar de "fazer peso", os momentos de introspecção são os grandes destaques: *O Homem Azul* e *Recomeçar*, ambas com seus oito minutos de duração, são viagens imperdíveis que passeiam pelo peso psicodelia e folk, assim como *Meus Dias de Infância*, que gruda de imediato. A gravação também merece ser evidenciada, pois, embora apresente nitidez em todos os detalhes, não soa plástica e "bonitinha" como algumas produções atuais. Exceto pelo trabalho gráfico, trata-se de uma estreia mais do que aprovada, além de ser um álbum recomendado para aquela roda com os amigos, com cerveja e (claro!) música alta.

João Messias Jr.

AL DI MEOLA

ACROSS THE UNIVERSE

EARMUSIC/SHINIGAMI/

SOUND CITY - NAC.

8,5

A premissa é mais do que interessante, desde que você tenha a mente suficientemente aberta: um guitarrista/violonista consagrado, virtuoso e adepto do fusion e da world music fazendo releituras instrumentais de clássicos dos Beatles. Pra quem por acaso não sabe, Di Meola é um artista renomado e que já soltou quase quarenta discos solo. Ou seja, bagagem e talento não faltam para se lançar nessa empreitada, que, na verdade, não é inédita para ele, uma vez em que em 2013 gravou *All Your Life: A Tribute to the Beatles*, com outros temas do Fab Four gravadas no icônico estúdio Abbey Road. Di Meola diz que este novo tributo é também uma homenagem a John Lennon, que morreu há quarenta anos e faria 80 em outubro próximo – não por acaso, a capa de *Across the Universe* remete à de *Rock'n'Roll*, que John lançou em 1975. O maior mérito deste lançamento é o fato de respeitar as estruturas das músicas originais, mas sem deixar de colocar seu talento e sua criatividade a serviço delas, que receberam execução soberba e arranjos sofisticados e agradáveis. Assim, seu virtuosismo se funde à perfeição com as melodias maravilhosas dos Beatles, com destaque para *Here Comes the Sun*, *Yesterday* e principalmente *Strawberry Fields Forever*, que recebeu uma versão inspiradíssima. Em resumo, é um trabalho refinado e altamente recomendável.

Antonio Carlos Monteiro

CONTRA BANDO

ILEGAL

INDEPENDENTE - NAC.

7,5

É muito bom ver o vocalista Lone (ex-Angel e Yankee) de volta ao front, ainda mais acompanhado por figuras como Gerson Fajardo (guitarra, Vulcano e KillMister), Oliver Kivitz (baixo, ex-Aliados) e Bira Aguiar (bateria), todos ilustres do rock santista que se juntaram no Contra Bando. Em *Ilegal*, que traz um instrumental encorpado e uma boa produção, o que se ouve é um hard rock mesclado ao puro rock'n'roll, tendo algumas faixas com toques de AC/DC (ouça o primeiro single, *As Bundas do Brasil*, além de *Coragem* e *Bar Rock Star*) e outras com pegada próxima do Golpe de Estado. As letras falam do cotidiano e da vida noturna, mas também de problemas e de acontecimentos atuais da sociedade e da política. Destaques ainda para a pesada *Ratoman*, que vem na linha do Carro Bomba; *Solte o Cão* e *Somos Quem Podemos Ser*. Além da diversão garantida, preste atenção em algumas letras, pois elas trazem verdades nem sempre ditas. Vale ressaltar que o álbum foi dedicado à memória dos saudosos Tarso Wierdak (Carnal Desire), Johnny Hansen (Harry) e Olímpio Montanagna (ex-Angel).

Ricardo Batalha

FACING FEAR

ANA JANSEN

CLASSIC METAL - NAC.

7,5

Fosse jogador de futebol, o Facing Fear seria o zagueiro-zagueiro de Vanderlei Luxemburgo, afinal, *Ana Jansen* escancara o que o EP *Lutamos Pelo Metal* (2017) deixou claro: o quarteto carioca – formado pelo tresloucado Terry Painkiller (vocal), Raphael Dantas (guitarra), Nathalia Souza (baixo) e Vall Maranhão (bateria) – faz um heavy metal-heavy metal sem firulas, bem calcado na sonoridade dos anos 80. Tem Helloween de *Walls of Jericho* em *Tragedy (The Lonely Soldier)* e Judas Priest em *We Are Facing Fear*, mas é o Iron Maiden dos primeiros anos que salta aos ouvidos em *Hell's Killer*, *Until the End*, *Run for My Life*, *War of Lies* e *Calling Me*. Muito disso vem de Dantas, principal compositor e dono de uma mão direita de respeito. Seus riffs são o destaque ao lado de Painkiller, de quem não se pode ficar indiferente. Confira sua interpretação à la King Diamond em *Snow Witch (Yuki-onne)* - a semelhança da capa com a de *Abigail* não parece ser mera coincidência - ou a vontade com que canta *I Wanna Play the Sound*, regravação do EP com alguns acréscimos que a tornaram ainda melhor.

Daniel Dutra

DISTIMIA FELT

NATUREZA HUMANA

INDEPENDENTE - NAC.

6,5

Formado em Suzano (SP), o Distimia Felt lança seu primeiro trabalho, o EP *Natureza Humana*, em que Rael Dainez (vocal), Flávio Souza (guitarra e vocais), Thiago Simões (guitarra), Edimar Félix (baixo) e Lício Souza (bateria) mostram um som totalmente diferente de suas origens, pois iniciou a carreira tocando covers de grunge. As costumeiras mudanças de formação, sina de 99% daqueles que querem fazer da música a sua forma de expressão, conduziram para uma nova identidade musical. E, a partir de 2005, o direcionamento foi voltado para um trabalho autoral. Tanto tempo de lapidação e dedicação resultam em cinco faixas onde o som do quinteto é constituído por influências de hardcore, thrash e metalcore. As letras em português demonstram o interesse em facilitar o contato com o público nacional, enquanto musicalmente a agressividade vem em doses consideráveis de peso. *Sem Nome*, *Síntese* (na qual não se pode deixar de lembrar de Ratos de Porão) e *No Limite* são os destaques. É só o primeiro passo em uma estrada totalmente aberta que tem muitos percalços, mas o Distimia Felt começou bem.

Alessandro Bonassoli

CANNABIS CORPSE

NUG SO VILE

SEASON OF MIST - IMP.

8,5

Ativo desde 2006, e chegando agora ao seu sexto álbum completo de estúdio, o Cannabis Corpse se mantém fiel a velha fórmula death metal de seus antigos ídolos. Se a preocupação em manter a sonoridade fiel aos velhos moldes se revela no timbre da guitarra de Adam Guilliams (que estreia justamente neste álbum), também é notável no groove maníaco de *Conquerors of Chronogeddon*, que traz elementos da velha sonoridade de bandas como Dying Fetus e Misery Index, que mesclam death e grind como poucos. *Blunt Force Domain* também destaca ótimas linhas de guitarra, com melodias realmente cativantes conectadas a brutalidade inegável do som. Você também vai gostar de ouvir *Cheebo Jigsore Quandary* e *The Cone is Red (Long Live The Cone)*, ambas com ótimo instrumental e linhas vocais adequadas. Pelos títulos das músicas você percebeu que eles continuam brincando com os velhos clássicos. Porém, se não fosse o talento para segurar as pontas musicalmente, a piada já teria perdido a graça há muito tempo.

Valtemir Amler

VOCIFER

BOIUNA

INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Há muita coisa a se destacar nesta estreia da banda tocantinense Vocifer. A começar pelo conceito do álbum girar em torno de lendas do folclore da região amazônica, como o mito da Boiuna, uma cobra gigante que devorava pescadores e mudava o curso das águas – lenda esta que batiza o disco. Quanto ao som, a banda honra o legado construído por Angra e Shaman, como se ouve em *Lady Moon*, *Up on the Hills* e *Hummingbird*. E a ligação com ícones do metal nacional vai muito além das influências. *Boiuna* ganhou a produção de Thiago Bianchi (Noturnall), no Estúdio Fusão, e a participação do tecladista Fábio Laguna (Hangar, ex-Angra) em duas das dez faixas do trabalho: a balada *The Curse of River's Lord pt. 2* e a energética *Primal Clash*. O line-up do álbum conta com João Noleto (vocal), Lucas Lago (baixo) e Pedro Scheid (guitarra), além da contribuição do baterista Alex Cristopher – juntaram-se depois para shows de lançamento o guitarrista Gustavo Oliveira e o batera Raphael Carvalho. Um grupo novo – fundado em 2014 – e que, pelo resultado de seu debut, dá pinta de que vai evoluir rapidamente.

Thiago Prata

SHAKRA

MAD WORLD

AFM/VALHALL - NAC.

8,0

Vinte e cinco anos! Nem parece que faz tanto tempo assim que o Shakra surgiu como mais um dos grandes representantes da música pesada na Suíça. *Mad World*, seu novo trabalho, é o resultado de quem carrega nas costas a experiência de 12 álbuns de estúdio e dois registros ao vivo, além de turnês ao lado de Iron Maiden, Uriah Heep e Great White, entre outros gigantes, e a superação de mudanças na formação. Do início ao fim, Mark Fox (vocal), Thom Blunier e Thomas Muster (guitarras), Dominik Pfister (baixo) e Roger Tanne (bateria) entregam hard rock de alta competência e sem firulas. Os fundamentos do estilo vindos da década de 1980 estão em todas as 12 faixas, mas sempre soando atuais, afinal não estamos falando de um grupo tributo. O resultado final é reflexo direto do fator experiência que comentei. *Fireline*, *Too Much is Not Enough* (a do clipe!), *Fake News*, *A Roll of the Dice*, *I Still Rock* e *When It All Falls Down* são algumas provas de que podemos esperar por mais 25 anos de ótima música, onde peso e melodia convivem harmoniosamente e com requintes de muito bom gosto.

Alessandro Bonassoli

RELEASES

DARKER LIFE

IF YOU ONLY KNEW

MASSACRE - IMP.

7,0

Nunca julgue um livro pela capa. Se você levar a sério tal premissa, abandonará, de cara, *If You Only Knew*, da australiana Darker Half. Que arte sem graça. Bem, deixa quieto. Vamos ao som: power metal simples, direto, sem muitas invenções, distante até da maneira que e o vocalista e guitarrista Vo Simpson define o material no Facebook da banda: "Este nosso quarto álbum é mais pesado, mais rápido, mais lento, mais acessível, mais metal, menos metal, mais cativante e mais progressivo em comparação aos lançamentos anteriores". Gravado no próprio estúdio da banda, *If You Only Knew* traz uma produção de bom nível e cumpre o protocolo com músicas como *Failing* e *The Bittersweet Caress*, esta com destaque para o belo solo de guitarra de Marcos Rodriguez (Rage). Porém, o repertório tem seu melhor momento na diferente *Poseidon*, com ótimo trabalho do vocalista Simpson. Burocrático, mas bem executado. Se você é "da área", procure *If You Only Knew*.

Matheus Vieira

VAZIO

ETERNO AEON OBSCURO

INDEPENDENTE - NAC.

9,5

A banda é nova, nasceu em 2015, mas você já viu a resenha do EP autointitulado, de 2017, aqui mesmo na ROADIE CREW. Atração frequente nos palcos, a banda também conta com um ótimo split ao vivo ao lado do Velho (*Live Black Magic Fest*, de 2018), e *Eterno Aeon Obscuro* é o primeiro completo. Aliás, um belíssimo álbum completo! Partindo da premissa original, de criar um trabalho "dedicado aos grandes mortos", Renato Gimenez (vocal, guitarras e efeitos), Eric Nefus (guitarras e teclados), Nilson Slaughter (baixo e samples) e Daniel Vecchi (bateria) se saíram muito bem na busca de uma sonoridade mórbida e extremamente crua e que, em muitos momentos, fará lembrar aquilo que o norueguês Mayhem fez em seu álbum de estreia. Isto ocorre especialmente nos arranjos vocais, pois a semelhança chega a ser assustadora – confira a ótima *O Chamado dos Mortos*. Como você sabe que estas referências são apenas para explicar e nunca para, de fato, comparar ou limitar, vale lembrar a aura negra e depressiva de um Nargaroth, que dá as caras em *Condenados Ao Esquecimento* e *Sangue Invertido no Coração Negro Despedaçado*, duas pedradas extremamente violentas e viciantes! Black metal 'old school', com talento e devoção real.

Valtemir Amler

NAGLFAR

CERECLOTH

CENTURY MEDIA - IMP.

9,5

Oito anos depois de lançar *Téras*, finalmente os suecos do Naglfar apresentam seu novo registro de estúdio. Se você é fã de longa data, gostará de saber que o horizonte musical de Kristoffer W. Olivius (vocal), Andreas Nilsson e Marcus Norman (guitarras) ainda é o mesmo, ou seja: black metal rápido e agressivo, mas com acentuadas incursões melódicas. Da parte mais brutal e rápida, você se surpreenderá com a faixa-título e *The Dagger In Creation*. Mas é no brilhantismo do trabalho das duas guitarras, em faixas como *Vortex of Negativity*, *Cry of the Seraphim* e *Last Breath of Yggdrasil*, que os velhos fãs encontrarão o seu lar, já que acentuam bem a mistura entre o velho Naglfar, de *Vittra* (1995), e o moderno, de *Téras* (2012). A capa bem desenhada, a temática voltada para a morte, a sonoridade brutal envolta em melodia, tudo está aqui novamente. Bem-vindo de volta, Naglfar!

Valtemir Amler

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

QUEENSRŸCHE

EMPIRE

Empire foi ápice comercial do Queensrÿche e sua formação original – Geoff Tate (vocal), Chris DeGarmo e Michael Wilton (guitarras), Eddie Jackson (baixo) e Scott Rockenfield (bateria) –, confirmando o quinteto de Seattle como "thinking man's band" para um público mainstream, uma audiência muito maior do que aquela que já conhecia os conceitos sociais e políticos abordados no conceitual *Operation: Mindcrime* (1988). Previsivelmente imprevisível, como DeGarmo uma vez definiu o som da banda, o Queensrÿche refinou ainda mais o próprio trabalho em seu quarto álbum, lançado em 20 de agosto de 1990 para estourar definitivamente em 14 de fevereiro do ano seguinte, quando *Silent Lucidity* se tornou o segundo dos seis singles (em 11 faixas) do disco – *Empire*, *Best I Can*, *Jet City Woman*, *Another Rainy Night (Without You)* e *Anybody Listening?* foram as outras canções de trabalho e, também, videoclipes. A balada chegou até mesmo ao topo do Top 20 da MTV Brasil – mas depois da apresentação no segundo "Rock in Rio", em janeiro de 1991 – e fez o grupo concorrer a um Grammy e faturar o MTV Viewer's Choice Award nos Estados Unidos. E *Empire*, que vendeu mais de três milhões de cópias somente nos EUA, ainda rendeu um MTV Unplugged ao Queensrÿche.

Airton Diniz (editor): **8,0**
Alessandro Bonassoli (colaborador): **10**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **7,5**
Claudio Vicentin (editor): **7,5**
Daniel Dutra (colaborador): **10**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **9,0**
Heverton Souza (colaborador): **10**
Ivanei Salgado (colaborador): **7,0**
João Messias Jr. (colaborador): **10**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **9,5**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **10**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **8,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **8,0**
Maicon Leite (colaborador): **8,0**
Matheus Vieira (colaborador): **8,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **10**
Sergiomar Menezes (colaborador): **8,5**
Thiago Prata (colaborador): **9,5**
Valtemir Amler (colaborador): **9,0**

MÉDIA FINAL:

8,77

INSTITUTION

RUPTURA DO VISÍVEL
HEARTS BLEED BLUE - NAC.

8,5

Atitude hardcore. Poesia punk. Musicalidade crossover. Tais características continuam sendo o alicerce dos paulistanos do Institution, mas há diferenças entre o debut, *Desolation Times* (2015), e o segundo e mais recente álbum, *Ruptura do Visível*. E pode ter certeza que as mudanças foram para melhor. Com uma nova formação, um capricho maior nas composições e nos arranjos e um discurso sociopolítico afiado em português – e não mais em inglês –, a banda soa ainda mais dinâmica e plural. Explico: canções como *Vertical*, *Frêmito* e *Vidas Plásticas* chamam atenção pelas mudanças de andamento e por tonalidades mais 'experimentais'. Já *A Queda* e *Efetividade Árida* tendem para o lado mais agressivo do hardcore/metal. Um trabalho de alto nível (com nove faixas e pouco mais de 20 minutos de duração) produzido por Muriel Curi e o baixista da banda, Rodolfo Duarte – o grupo é completado por Hélio Siqueira (vocal), Lucas Melo (bateria) e os guitarristas Fábio Pereira e Fernando de Moraes, sendo que este último chegou após as gravações.

Thiago Prata

BASSTARDOS

NÓS SOMOS O BANDO
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Uma mistura entre o hard rock, o southern metal e uma pequena, mas suficiente, dose de heavy metal. Assim podemos definir a sonoridade do Basstardos, grupo carioca que chega ao seu terceiro trabalho. *Nós Somos o Bando* mantém uma conexão não apenas com *O Último Expresso* (2015), mas também com o debut, *Dois contra o Mundo* (2010). Tendo sido gravado praticamente em sua totalidade por Álex Campos, o CD traz músicas intensas e cheias de sentimento como *Livrai-nos do Mal*, que flerta descaradamente com o heavy metal. Pesada, a faixa traz uma atmosfera 'western', como o conceito do trabalho se explica. Por outro lado, *O Coveiro* é densa, quase obscura, pois tem um clima sombrio, enquanto a guitarra se encarrega de fazer seu papel, despejando o peso necessário. *Já Ela é Junkie* é um rock cheio de malícia, com uma pegada setentista e um refrão de fácil assimilação, enquanto *Fuck Off* é uma pedrada na orelha, quase um punk/HC. *Silencia Após a Morte* é uma quase balada, que guarda semelhança, em sua estrutura, com a ótima *Despertar do Porto*, presente no EP anterior. O álbum se encerra com *Homem do Campo*, uma música "caipira", bem nos moldes do que o próprio grupo tenta passar em seu conceito. Confira!

Sergiomar Menezes

WEAPON UK

GHOSTS OF WAR
PURE STEEL - IMP.

7,0

O Weapon UK costuma se sair bem quando caminha para os lados do hard rock, mesclando com o rock'n'roll e o metal. Quando força a mão no metal tradicional, obviamente a base de seu trabalho, iniciado durante o boom da NWOBHM, não sai tanto do comum. Basta ouvir, e comparar, *Ghosts of War* e *Queen of the Rideos*, as duas primeiras faixas do repertório do sucessor de *Rising from the Ashes* (2014), que saiu no segundo semestre do ano passado. Não que Danny Hynes (vocal) e Jeff Summers (guitarra), agora acompanhados por uma nova sessão rítmica, com Tony Forsythe (baixo) e Darren Lee (bateria), tenham ideias fracas para o metal. Pelo contrário, em alguns casos a simplicidade conta a favor, como é o caso da pesada e cadenciada *Sea oh Hope* e de *Emerold God*. Ouça ainda a ótima *Hell on Earth*, *Tourniquet* e *All I Need*. Para os saudosistas, consta a autobiográfica *'79 Revisited* e até a releitura de *Set The Stage Alight*, aquela que Lars Ulrich (Metallica) tanto curte.

Ricardo Batalha

BRAVE

THE ORACLE
ANTI POSERS - NAC.

8,0

Oito faixas (incluindo uma breve introdução), pouco mais de meia hora e uma verdadeira aula de power metal. Ou melhor, 'brutal power metal', rótulo que o Brave carrega com orgulho e que volta à tona em seu terceiro álbum, *The Oracle*, gravado e mixado por Marcio Teochi no Teochi Studio, em Itu (SP), e masterizado no Absolute Master em Capivari. E faz todo o sentido, pois é notório que o som praticado por Sidney Milano (vocal), Carlos Bertolazi (guitarra), Ricardo Carbonero (baixo) e Carlos Alexgrave (bateria) rompe as fronteiras do estilo, por vezes migrando para os campos do thrash, do heavy e do folk. Quatro anos depois de *Kill The Bastard* (2016), o grupo paulista esbanja um vasto cardápio musical, que vai dos riffs gordos da faixa-título (com vocais que remetem aos primeiros discos do Artillery) e *Fall to the Empire* até o lado mais calmo da bela *We Burn the Heart*. Mas é em *Valhalla* que você vai encontrar todos os ingredientes da receita pagã da banda: o começo lento e acústico precede uma junção agressivo-melódica, que vai agradar em cheio aos fãs de Judas Priest e Mercyful Fate. Aproveite, pois é a especialidade da casa. E trate de repetir.

Thiago Prata

DISTORT

NEW TERROR AGAINST GREED
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Olha aí o Distort de volta à ativa. O grupo paulistano de thrash metal, capitaneado pelo ex-guitarrista do Torture Squad, Cristiano Fusco, debutou em 2008 com *Terror Against Greed* e agora dá sobrevida ao seu álbum de estreia. Reformulado, o grupo está relançando o material, agora sugestivamente intitulado *New Terror Against Greed*, dando à ele uma sonoridade ainda mais brutal. Muito disso é fruto tanto dos riffs de Fusco, que estão mais corrosivos e do estilo vocal do experiente e estreante Heverton Souza (Eternal Malediction, Imperium Infernale e Zombeers), que soa mais carrancudo e 'sangue nos olhos' do que o frontman anterior, Marcelo Dirceu. Exceto pela captação original da bateria, todo o resto foi regravado. A capa, obviamente, também foi revitalizada com uma nova arte. Sinta a fúria do renovado Distort nas ardidas *Mad As A Hatter*, *Hidden Thoughts*, em que Heverton mostra versatilidade na voz. Além destas, escute *Blowing Up*, *Shotgun*, com seu riff inicial à la Sacred Reich fase *Heal* (1996), *Modern Slave* e *Covering a Face* (que solo!). Que venha agora o sucessor, que já está sendo preparado.

Leandro Nogueira Coppi

JESSE DAMON

DAMON'S RAGE
AOR HEAVEN - IMP.

7,5

O ex-vocalista do Silent Rage, Jesse Damon, que estreou em carreira solo em 2002 com *The Hand That Rocks*, apresenta agora o seu sexto disco, *Damon's Rage*. Calma, o 'rage' fica só no título mesmo, porque o som criado por Damon, que gravou as guitarras e os vocais, e Paul Sabu (baixo, teclado, backing vocals e bateria programada) é focado no melodic e hard rock. Faixas como a ótima *Love Gone Wild*, além de *Damon's Rage*, *Adrenaline* e *Here Comes Trouble*, por terem um caráter mais "pra cima", são alguns dos destaques. Ainda assim, confira a pegada AOR 80's de *Electric Magic* e *Wildest Dreams*. Se você ouvir de forma despretensiosa vai curtir ainda mais, porque, embora bem feito e agradável, algumas faixas não impactam de imediato. Porém, estamos falando de grandes nomes do estilo e eles não iriam decepcionar.

Ricardo Batalha

RELEASES

DINNAMARQUE

ONE SPIRIT OF A THOUSAND FACES
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Chega a ser um crime saber que uma banda lançou seu debut aos dezoito anos de existência, pois tudo o que ouvimos em *One Spirit of a Thousand Faces* fica entre o ótimo e o espetacular. Mesclando thrash metal e prog, Rafael Dinnamarque (vocal e baixo), Ronan Oliveira e Léo Lanny (guitarras) e Riccardo Linassi (bateria) fazem um disco variado, pesado e gostoso de ouvir. Prova disso é *Fight*, faixa de abertura que contagia logo de cara com seus teclados épicos, riffs à la Megadeth e refrão marcante, assim como *The Death Dresses White*. Já *Evil Celebrities* possui climas bem Evergrey, enquanto *Changes* é aquela que chama para agitar e fazer os chifrinhos com gosto. Porém, o melhor está no final, graças à balada *Reason*, que une, com maestria, hard rock com a beleza do progressivo, fazendo com que seja a melhor do repertório desse álbum, que merece ser ouvido por completo. Sem contar a capa, que daria uma bela camiseta. Altamente recomendado aos ditos headbangers que dizem que a cena não possui mais bandas interessantes.

João Messias Jr.

LUCIFER

LUCIFER III
HELLION - NAC.

9,0

Banda que evoluiu a olhos vistos mas que ainda não conseguiu o devido reconhecimento, o Lucifer mostra que merece muito mais do que conquistou até agora. Liderado pela excelente vocalista Johanna Sadonis, o quinteto chega ao terceiro disco ainda com os pés fincados no rock setentista, exalando influências de Sabbath, Purple e até Heart, mas mostrando um amadurecimento que certamente o credencia a voos muito mais altos. Se o disco anterior (*Lucifer II*, de 2018) já mostrava essa evolução, muito graças à entrada na bateria e principalmente na co-autoria das composições do talentosíssimo Nicke Andersson (Entombed, Hellacopters), agora parece que essa parceria não apenas se consolidou como gerou um repertório ainda mais consistente. Só que, mesmo com as guitarras comandando as ações em várias faixas, como *Lucifer*, é Johanna o centro das atenções – sua interpretação na trampada *Leather Demon*, na grudenta *Ghosts* e na pesada *Coffin Fever* deixa isso bem claro. Candidato fortíssimo à lista de dez melhores discos de 2020, que *Lucifer III* traga à banda o reconhecimento que merece.

Antonio Carlos Monteiro

ESKRÖTA

CENAS BRUTAIS
MARQUEE - NAC.

9,5

Se fosse definir com uma palavra o que a Eskröta criou em seu debut de menos de meia hora, distribuído em 11 atos, esta seria uma alusão ao próprio título do álbum: Brutal! *Cenas Brutais* é um contra-ataque feroz à tanta brutalidade que permeia a sociedade. Bote a cabeça para bangear, mas também para refletir ao som de *Grita* (com letra que fala do sofrimento provocado pela mutilação genital feminina), *Tribunal Popular* (maravilhosa, versátil e com ótimos riffs), *Vai Se Arrepender* (com a presença de Mayara Puertas, do Torture Squad), *Cárcere* (sobre mulheres presidiárias), *Não Vale Nada* (que alude à tragédia ambiental/humana de Brumadinho), *Massacre* (a respeito de genocídio dos povos indígenas), *Refugees* (sobre refugiados e que conta com Fernanda Lira, da Nervosa), *Filha do Satanás* (homenagem ao filme "Carrie, A Estranha" e que conta com Hugo Golon, do Cemitério)... Bem, faz mais sentido deixar que o manifesto sonoro de Ya Amaral (voz e guitarra), Tamy Leopoldo (baixo e vocais) e Jhon França (bateria) fale por si só.

Thiago Prata

ME CHAMA DE ZÉ

ME CHAMA DE ZÉ
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

Tá certo que o nome não ajuda, mas aí entra aquela velha história: não dá pra comprar alguma coisa olhando apenas a embalagem. Este quarteto formado em São Paulo tem suas raízes claramente fincadas naquele rock mais simples, chegando até perto do punk quando resolve botar um pouco de peso no instrumental. O EP de estreia, que leva o nome da banda, acaba sendo um pouco irregular, já que alguns problemas poderiam ter sido sanados sem grande dificuldade. Na verdade, é um problema só, mas muito sério: algumas escorregadas do vocalista e também guitarrista Rafael "Cebola" Siqueira, que em pelo menos duas músicas dá umas semitonadas difíceis de engolir. Chega a ser curioso isso, já que a produção é de bom nível e cabe justamente ao produtor detectar e corrigir isso. No mais, Cebola, Rodrigo Ferreira (guitarra), Ronaldo Augusto (baixo) e Denis Almeida (bateria) entregam um trabalho simples, mas bastante eficiente. O rock'n'roll bem sacado *Máquina Quente*, a meteórica e nervosa *Meu Nome É Zé* e a mais melódica *Só Penso em Você* mostram que estamos diante de um grupo com potencial. É só ajustar os detalhes.

Antonio Carlos Monteiro

MOFO

SICK AND INSANE
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Muitas bandas levaram o nome de Brasília (DF) além de suas fronteiras no metal brasileiro. Dark Avenger, Volkana, P.U.S., Valhalla, Flammea, Nauseous Surgery, Mork, Dynahead, Restless, Violator e Arandu Arakuaa são algumas delas, mas se hoje temos uma formação que tem tudo para trilhar nessa vibe é a galera do MOFO, que já havia conquistado uma boa reputação com o EP *Empire of Self Regard*. Porém, Emiliano Gomes (vocal), Arthur Colona e Rodrigo Shakal (guitarras), Pedro Dinis (baixo) e João Paulo "Mancha" (bateria) estão mais afiados e irados no seu thrash metal. Com musicalidade inspirada em nomes como D.R.I., Nuclear Assault, Sodom e Kreator, *Sick and Insane* se mostra um disco explosivo, que tem tudo para ser lembrado como um clássico do estilo. Ouça a sugestiva *Adrenaline*, que é um convite ao mosh e contém backing vocals à la Testament. Se sobreviver a ela, com certeza a faixa-título lhe "destruirá", tamanha fúria emanada pelo quinteto. Já *Frank* se destaca pelo sincronismo das guitarras, enquanto *Hate and Digrace* fecha o repertório em alta. Outros detalhes que separam essa obra dos discos comuns ficam para a qualidade de gravação, que ficou perfeita para a proposta da banda, além da capa de autoria de Ricardo Bancalero (Venomous), que mostra ser um dos mais criativos do país. Headbanger, quando lhe perguntarem o que temos de bom em Brasília, a resposta é mais do que óbvia: MOFO!

João Messias Jr.

ASSASSIN

BESTIA IMMUNDIS
MASSACRE - IMP.

8,0

Embora a essência thrash metal permaneça intacta, o Assassin não gosta de ficar se repetindo. Se em *Breaking the Silence* (2011), último full-length com o vocalista Robert Gonnella, o grupo resgata grande parte da aura oitentista, *Combat Cathedral* (2016) não apenas significa a estreia de Ingo Bajonczak no papel de frontman como também evidencia músicas mais pesadas e com um teor um pouco mais 'moderno'. Quatro anos depois, os alemães voltam a se reinventar. Neste primeiro álbum completo com a lenda Frank 'Blackfire' Gosdzik (Sodom, ex-Kreator), a banda evidenciou mais as doses de punk e hardcore ao seu thrash/speed. Isso não fica tão claro na violenta abertura com *The Swamp Thing*, mas a segunda faixa, *How Much Can I Take?* é o primeiro exemplo real desse mix criado por Ingo, Blackfire (guitarra),

Jürgen "Scholli" Scholz (guitarra), Joachim Kremer (baixo) e Björn "Bum" Sondermann (bateria). As demais nove faixas se alternam entre o "thrash-raiz", o speed, o groove e o punk/hardcore, com muitos resultados positivos. Apesar de eu preferir seu antecessor, *Bestia Immundis* também tem muito a dizer.

Thiago Prata

BONFIRE

FISTFUL OF FIRE
AFM/VALHALL - NAC.

7,5

O Bonfire tem 34 anos de carreira, isso sem contar os 14 anos iniciais, quando ainda se chamava Cacumen. São várias mudanças de formação, muitos acertos e alguns equívocos. Sucesso em vários continentes. Não tanto no Brasil infelizmente, já que menos de 10% de sua vasta discografia foi lançada por aqui. A certeza que se tem ao ouvir um novo trabalho de um grupo com a experiência desse digno representante alemão do hard rock é que a possibilidade de arrependimento é muito baixa. E *Fistful of Fire* confirma isso. Afinal, os guitarristas Hans Ziller (único da formação original) e Frank Pané (Dark Blue Inc., Sainted Sinners) e o baixista Ronnie Parkes estão juntos desde *Glorious* (2015). Experiência é o que também não falta para André Hilgers, que uniu-se a eles em 2019, trazendo a bagagem de quem já foi baterista do Rage, Axxis, The Sygnet e Silent Force, entre outros. Alex Stahl cumpre bem o papel de vocalista como indicam as rápidas e pesadas *Rock And Roll Survivors* e *Fire And Ice*. *Warrior* e *Gloryland* são outros destaques, mas se ligue que esse é daqueles álbuns que vale a pena fazer muitas audições completas.

Alessandro Bonassoli

OZ

FORCED COMMANDMENTS
MASSACRE - IMP.

6,0

E lá se foram dois anos e meio desde *Transition State*, o último lançamento dos finlandeses do OZ. Vince (vocal), Juzzy e Johnny (guitarras), Peppi (baixo) e Mark Ruffneck (bateria) ressurgem com *Forced Commandments*. Quem os acompanha pode ter a certeza de que o quinteto mantém o metal tradicional que caracteriza sua discografia como uma meta a ser alcançada. No entanto, a qualidade do oitavo trabalho de estúdio sofreu uma redução em relação ao registro anterior. Em todas as músicas estão bons solos, como em *Switchblade Alley*; Vince não compromete, mesmo com as limitações de sua voz (ouça *Long And Lonely Road*); o grupo tem um entrosamento nítido e há potencial, como em *Liar* e *Prison of Time*. Mas o tempo vai passando, uma música sucede a outra e a empolgação não acontece. Riffs burocráticos e arranjos de pouca inspiração conduzem para aquela incômoda sensação de "mais do mesmo". Este foi o sentimento constante que tive durante cinco audições consecutivas. Até a simplória arte da capa compromete o resultado final. Já foi melhor. Pode voltar a encantar.

Alessandro Bonassoli

HORROR CHAMBER

THOUGHTS: THE SLOW DECAY
HAARP MUSIC - NAC.

8,5

Se no debut *Eternal Torment* (2016), os gaúchos da Horror Chamber mostravam que não eram apenas mais uma banda no cenário do death nacional, *Thoughts: The Slow Decay* veio para comprovar que eles sabem bem onde querem chegar. Praticando uma música brutal e agressiva, Guilherme Lannig (vocal e baixo), Felipe Pujol e Paulo Hendler (guitarras) e Rafael Kniest (bateria) adentram o mundo dos pensamentos que nos rodeiam, de forma que as crenças sociais distorcidas criam transtornos mentais pelos quais muitos são acometidos. Soa complexo? Em um primeiro momento pode parecer, mas, ao ouvir a música que acompanha esse conceito, percebe-se que a banda atingiu seu objetivo. *Prodome* mostra que a capacidade criativa do grupo não se resume aos limites do death metal, já que o thrash surge inserido em alguns riffs. Outros excelentes momentos são *Full-Body Failure*, um death metal com passagens bem variadas; a brutalidade de *A Line Between Will and Demise*; além do single *Living in Disease*, de *The Edge of Existence* e a complexa, variada e agressiva faixa-título. Uma junção perfeita entre letra/música num terreno rude como o do death metal não é pra qualquer grupo, mas a Horror Chamber conseguiu com sucesso!

Sergiomar Menezes

GOATEN

THE FOLLOWING
CIANETO DISCOS - NAC.

8,0

O grupo gaúcho Goaten estreia com o EP *The Following*, mostrando um repertório influenciado pelo metal tradicional e o hard rock. Francis (vocal e baixo), Daniel (guitarra) e Rafael (bateria) apresentam cinco faixas, sendo uma delas uma pequena "intro", seguida por *Mistress of Illusion*, que escancara a veia Judas Priest e Saxon do grupo. Influências mais "recentes", como Ghost e Lucifer, também se fazem presentes, criando uma forte personalidade na sonoridade do trio. O lado mais hard/heavy aparece em *Hunting the Damned*, que traz um refrão com backing vocals bem encaixados, lembrando os áureos tempos do estilo nos anos 80. *Soul Decay* é mais voltada ao hard rock, mas traz uma boa dose de peso, além de um belo trabalho de guitarra de Daniel, que capricha num solo melódico na medida certa. A produção de Sebastian Carsin (um dos mais concorridos produtores do RS) soube valorizar a identidade do grupo, como fica comprovado em *Nature of the Century*, rápida, com guitarras bem timbradas e totalmente voltada aos melhores momentos do hard/heavy 80's. Trata-se de uma estreia que aponta para um futuro promissor, pois o EP deixa no ouvinte aquela sensação de que falta alguma coisa... Mais faixas!

Sergiomar Menezes

THE METAL CLUB

Avalie músicas e receba recomendações personalizadas. Registre-se grátis.

www.themetalclub.com

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
TESTAMENT	**SEPULTURA**	**NIGHTWISH**	**H.E.A.T**	**DEMONS AND WIZARDS**
TITANS OF CREATION	BENEATH THE REMAINS (EXPANDED EDITION)	HUMAN II NATURE (DUPLO)	II	III (DIGIPAK)

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

A VERDADE MANIFESTA...

Maik Weichert apresenta o nono e mais ambicioso projeto de um dos maiores nomes do metal alemão na atualidade

Por Valtemir Amler

Ruptura. Esta talvez seja a palavra chave para entender a obra concebida pelos alemães do Heaven Shall Burn em seu novo álbum, *Of Truth & Sacrifice*. Se um rompimento musical não foi a opção – a sonoridade ainda é a tradicional da banda, acrescida de elementos pontuais –, a ruptura se fez manifesta no método de trabalho, no rompimento abrupto do eterno ciclo das bandas em atividade: composição, estúdio, turnê... Repita o ciclo. A fórmula usual de trabalho de tantas bandas precisou ser colocada por terra para que o Heaven Shall Burn conseguisse atingir o nível de concentração necessário para a concepção de seu nono disco de estúdio, o mais completo, selvagem e complexo até hoje. Contando com o trabalho do compositor Sven Helbig (Rammstein, Pet Shop Boys) e uma seção de cordas conduzida pelo maestro Wilhem Keitel, *Of Truth & Sacrifice* se destaca na discografia dos alemães e reafirma os seus velhos valores, ao mesmo tempo em que parece indicar um novo caminho. Além de uma bela capa (mais uma obra de Eliran Kantor), o material ainda tem mais um chamariz irresistível no seu ótimo conceito lírico. Sobre cada um destes pontos, a ROADIE CREW conversou com o guitarrista Maik Weichert.

Como foram os últimos quatro anos para o Heaven Shall Burn?

Maik Wiechert: Bem, em 2016 nós lançamos *Wanderer*, no qual tentamos elevar, de forma natural, o nível que havíamos alcançado com o nosso álbum anterior (*VETO*, 2013). Com ele, fizemos o usual, as turnês, inclusive passando pelo Brasil (N.R: A banda foi uma das atrações internacionais do Liberation Festival de 2017, ao lado de Carcass, Lamb Of God e King Diamond), e, então, resolvemos mudar a forma como as coisas acontecem no universo da música.

Em que sentido?

Maik: Eu sinto que às vezes o mundo da música funciona como uma corrida de cães, sabe? O eterno ciclo de lançar um álbum, sair em turnê, voltar a compor, gravar, sair em turnê... O ciclo padrão, sem tempo para respirar, sem tempo para pensar e conceber ideias realmente novas. Nós nunca fomos realmente parte desse esquema, mas, ainda assim, meio que tivemos que seguir o fluxo e fazer as coisas de acordo com o esquema. Desta vez, decidimos que era o momento de alterar esse padrão, pois queríamos trabalhar no álbum sem a pressão de um ciclo de turnês e festivais programados logo em seguida. Não queríamos entrar no processo já com uma data de lançamento em vista. Eu entendo a necessidade disso, mas a verdade é que, para a criatividade do artista, isso acaba sendo extremamente limitador, pois você acaba, de certa forma, desviando um pouco o foco daquilo que realmente interessa. Esse mecanismo acaba matando parte da verdade, da criatividade e da emoção real de um álbum. Desta vez, não aceitamos um prazo e isso nos deu uma incrível sensação de liberdade.

OF TRUTH AND SACRIFICE
Century Media - Imp.

Mas foi desta sensação de liberdade que nasceu a vontade de lançar um álbum duplo?

Maik: Sim e não, veja: a primeira coisa é que quisemos fazer *Of Truth & Sacrifice* como um disco duplo, como uma espécie de declaração e compromisso. Em uma época em que grande parte das bandas está lançando EPs e singles, onde elas só estão preocupadas em abastecer o YouTube com vídeos e se manter em destaque nas plataformas de 'streaming', nós quisemos dizer 'foda-se tudo isso, nós vamos realmente apresentar o máximo de música possível para os fãs que esperaram'. Até certo ponto é uma crítica direta ao estado das coisas na indústria musical, mas quero que entendam que, na verdade, é mais que isso. É também uma forma de valorizar aquelas pessoas que ainda estão dispostas a pagar pela música que ouvem, que ainda entendem que a música vale o investimento. Queríamos que essas pessoas realmente tivessem um grande e verdadeiro álbum nas mãos, e não uma colcha de retalhos, uma coleção de singles criados às pressas.

Essa foi uma resposta muito melhor do que eu esperava! Como conseguiram equilibrar essa liberdade com o trabalho em estúdio?

Maik: Entendo onde quer chegar. Assumir a criação de um álbum sem uma data limite é uma coisa, mas, geralmente, os estúdios são agendados por certo período de tempo, e, sim, isso quebraria todo o nosso esquema e nosso sonho de liberdade (risos). Para que isso não acontecesse, optamos por fazer todo o trabalho de gravação no Chemical Burn, do nosso guitarrista Alexander Dietz. Tivemos dois anos completos para trabalhar nas nossas músicas quando quiséssemos, sem precisar olhar para o relógio. Produção, engenharia, gravação... Mantivemos o máximo possível nas nossas mãos para ter controle total sobre o processo, para não precisar comprometer a fórmula que tínhamos estipulado para o álbum. Com tudo gravado, levamos ao Antfarm Studio, na Dinamarca, onde Tue Madsen fez a mixagem. E aí, você sabe, ele tem um talento absurdo e tem muito para acrescentar no projeto.

Ele tem um toque único, reconhecível. Tinhamos total confiança que estávamos com o melhor álbum possível em mãos.

Realmente, tenho que reconhecer que vocês pensaram em tudo (risos). Porém, o que mais me chamou atenção, em um primeiro momento, foi o conceito do álbum. O próprio título, *Of Truth & Sacrifice*, já traz muitas ideias à tona...

Maik: Sim, e sendo bem sincero com você, acho que o título foi a primeira coisa que pensamos para o álbum. Quisemos colocar a ideia de 'verdade' junto da ideia de 'sacrifício', tanto como um complemento como quanto um contraste. Queremos que o ouvinte pare para tentar interpretar o que este título realmente evoca. Será que a verdade só se alcança através de um sacrifício? Eu vejo alguma verdade nisso. Será que para conquistar algo é preciso sacrificar a verdade? Bem, olhe ao seu redor. Não é isso que os políticos fazem todos os dias? Eles não sacrificam a verdade todos os dias em nome de seus ideais? Esse é o jogo deles, então, isso também faria muito sentido.

Pensando nisso, como podemos pensar na verdade no atual mundo das 'fake news'?

Maik: Bom, esse é um compromisso que precisamos assumir. Veja, existe muita hipocrisia sendo vendida como 'verdade', há muita gente mal intencionada guiando os caminhos do pensamento. Isso me enoja! É terrível que hoje em dia as pessoas discutam 'versões alternativas da história' e 'revisionismo de fatos', onde a verdade é clara e manifesta. Eu não nego e jamais negarei que cada pessoa tem o direito de ter uma opinião e de seguir uma linha de pensamento, desde que ela não fira conceitos claros de moral e onde os direitos irrevogáveis da humanidade não sejam ameaçados. Você não pode manipular os fatos para eliminar os seus inimigos. Você não pode usar a sua opinião para cercear o direito de outro ser humano. Veja, não estamos falando sobre conceitos de verdade flutuantes – se essa caneta é azul ou verde –, estamos falando sobre verdades absolutas. Sobre aquelas verdades que, se esquecidas ou subvertidas, retirarão do homem a sua liberdade, o seu direito à vida e à sua dignidade. Isso realmente me preocupa no mundo de hoje. Nós temos pessoas que negam o holocausto, outras que arriscam disseminar doenças pelo mundo por temerem a verdade da ciência, temos presidentes que tomaram o poder em uma nação através da disseminação de 'fake news'... O mundo nunca foi tão aberto e tão adepto da mentira. Você sacrifica a verdade quando nega os fatos! Sacrifica a verdade quando escolhe viver em ignorância para não alterar seu modo de vida. E o que mais dói é ver que muitos sequer escolheram o caminho da ignorância, eles foram criados para agir assim.

Sem dúvida, é um conceito muito forte. Como Eliran Kantor trabalhou para transmitir essa ideia na arte da capa?

Maik: A primeira coisa foi decidirmos que a arte da capa precisava estar conectada ao conceito do álbum, para formar esse pacote completo que queríamos oferecer aos fãs. Definido isso, conversamos com ele, e acho que foi o processo mais extenuante que ele já participou. No fim, ele chegou com essa pintura incrível, na imagem da mulher guerreira que protege uma criança nua com seu escudo e seu próprio corpo, enquanto uma lança atravessa suas costas. Está quase implícito que a criança representa a verdade, enquanto a guerreira representa o sacrifício. Eu jamais poderia imaginar uma imagem mais forte para esse álbum e espero que ele esteja tão orgulhoso do que fez quanto nós estamos pelo que ele alcançou.

Só faltou falarmos sobre o aspecto musical. Da minha parte, a grande diferença que senti foi no aspecto emocional, já que esse álbum é mais emotivo.

Maik: Sim, não mudamos grande coisa no nosso som, é apenas uma continuidade do que fizemos em *VETO* e *Wanderer*. Claro que o trabalho com o maestro Keitel, e a orquestra de cordas, trouxe uma grande dramaticidade, que é o aspecto que você salientou. Para mim, esse é nosso álbum mais completo, emotivo, balanceado e mais bem concebido. Espero que todos possam ter bons momentos ouvindo-o.

Alexander Dietz, Maik Weichert, Marcus Bischoff, Eric Bischoff e Christian Bass reinventam sua própria fórmula em seu novo álbum duplo

Divulgação

DE FÃS PARA OS...

...FÃS

Erik Grönwall explica os caminhos que levaram o H.E.A.T de volta ao hard rock melódico dos primeiros anos, explicitado no nome do novo álbum

Por Daniel Dutra

Fã do H.E.A.T, fique tranquilo. Se você não curtiu o caminho bem mais moderno trilhado em *Into the Great Unknown* (2017), pode mergulhar sem medo no novo álbum da banda sueca. Imagine isso: Dave Dalone (guitarra), Jona Tee (teclados), Jimmy Jay (baixo) e Don Crash (bateria) anunciam a entrada do vocalista Erik Grönwall no lugar de Kenny Leckremo, e a nova formação lança *H.E.A.T II* como sucessor de *Freedom Rock* (2010). Sim, porque o sexto disco do quinteto poderia muito bem ser o aclamado *Address the Nation* de oito anos atrás. Até por isso, já saiu no pelotão de frente dos trabalhos com grandes chances de figurar entre os melhores de 2020. Quer saber mais? Com a palavra, Grönwall.

Com *Into the Great Unknown* (2017), o H.E.A.T deu um passo ainda mais firme rumo a uma sonoridade moderna, mas *H.E.A.T II* é uma volta às raízes. Foi uma transição consciente?

Erik Grönwall: Sim, foi completamente consciente. Acredito que estávamos experimentando demais com diferentes gêneros no rock dentro do som característico da banda, mas fazia sentido experimentar para depois voltar ao estilo original. O que fizemos em *Into the Great Unknown* ajudou, porque retomamos nosso som fazendo um disco mais pesado, e isso tem a ver também com a produção. Dave e Jona trabalham juntos desde a adolescência, inclusive na composição das músicas, e formam um grande time. Então, quando começamos a produzir nós mesmos o *H.E.A.T II*, pudemos assumir o controle de todos os aspectos e

fazer isso de maneira criativa. Tudo isso resultou num disco que é mesmo a cara do H.E.A.T, só que com mais peso.

Foi mesmo um processo diferente, porque desta vez vocês não precisaram viajar para a Tailândia para gravar com o produtor Tobias Lindell...

Erik: Exatamente, e voltamos a usar nosso próprio estúdio. Como moramos bem próximo do local, podíamos ir todos juntos ao estúdio sempre que queríamos gravar alguma coisa. Além disso, quando gravamos na Tailândia, tivemos de quatro a cinco semanas para acertar tudo, então agora foi outro tipo de pressão em relação a tempo, outro tipo de prazo. Houve muito mais tempo para refletir e discutir ideias diferentes, e isso obviamente nos deu liberdade no cronograma. Por exemplo, eu pude gravar uma música num dia e depois esperar dois dias para gravar novamente, o que me ajudou a manter minha voz em forma e permitiu com que eu tivesse total controle durante o processo. Foram detalhes que nos ajudaram muito, mas preciso dizer que Tobias foi a razão de termos produzido nós mesmos o álbum, porque foi ele quem nos disse para fazê-lo. E uma das razões de *H.E.A.T II* soar tão bem é que Tobias mixou o trabalho, o que foi outra sugestão dele. Dave e Jona têm produzido várias outras bandas, mas no H.E.A.T havia muita coisa para se responsabilizarem sozinhos, sendo que eles adquiriram mais conhecimento durante o processo. Tudo fez sentido.

Então, creio que vocês não experimentaram nada incomum, como ter o engenheiro de som quase morto na mão de uma prostituta, certo?

Erik: (rindo muito) Cara, eu nem lembrava mais dessa história! Foi tudo mais tranquilo desta vez, então não há nada interessante para contar. Na verdade, foi tudo muito chato (risos), mas pelo menos o resultado final do álbum foi melhor.

Voltando à música, eu realmente gostei de *Into the Great Unknown* e pude falar isso na entrevista que fizemos em 2017, mas sei que alguns fãs não gostaram tanto. Você teve esse sentimento durante a turnê?

Erik: Particularmente, tenho uma relação muito maior com o tipo de som que voltamos a fazer. Eu não tinha muita certeza quanto ao material anterior, não conseguia sentir todas as músicas, então superei aquele álbum. Agora, sei exatamente como vou apresentar as novas canções ao vivo, como vou entregá-las, o que não estava acontecendo, uma vez que experimentamos demais no *Into the Great Unknown*. Está muito melhor para mim agora, mas em relação à reação dos fãs... Bom, eu realmente não percebi nada diferente quando tocamos ao vivo.

Em relação a esse seu sentimento, é interessante que o novo álbum se chame *H.E.A.T II*, porque é como se ele fosse o sucessor direto de *Freedom Rock* (2010), uma vez que você entrou em seguida no lugar de Kenny Leckremo, e o disco tem algo do *Address the Nation* (2012).

Erik: Isso com certeza faz todo sentido! Quer dizer, eu sei que talvez não faça para algumas pessoas, já que é o nosso sexto disco (risos), mas o que você disse é exatamente o que queríamos passar com *H.E.A.T II*, porque é como se fosse o H.E.A.T 2.0. Musicalmente, voltamos a ser o que éramos no início.

Vamos falar rapidamente de algumas músicas, porque eu falaria de todas elas se houvesse tempo (risos). Começo com *Adrenaline*, porque ela lembra Bon Jovi dos bons e velhos tempos, ou pelo menos é que a banda deveria estar fazendo agora...

II
earMusic/Shinigami/Sound City - Nac.

Erik: (rindo) E isso seria realmente legal (risos). Agora que você falou, ela tem mesmo algo de Bon Jovi, mas acrescento que lembra bastante Journey. Ou seja, somos todos inspirados pelo rock'n'roll 'old school'.

E estamos falando de anos 80, basicamente, e a inspiração vinda daquela década aparece logo em *Rock Your Body*.

Erik: E foi uma das últimas músicas que fizemos para o disco. Jona estava trabalhando no estúdio e queria algo à la Def Leppard, então decidiu compor algo na veia da banda. Em uma hora ele estava com *Rock Your Body* pronta, e achei genial quando ouvi! Você pode dizer que é uma música sexy, e acredito que realmente é (risos).

Ou seja, passa aquele sentimento de que seria um enorme sucesso se estivéssemos nos anos 80. O disco como um todo, aliás.

Erik: Possivelmente, mas a competição naquela época era duríssima. Não seria tão fácil conseguirmos ser notados ou fazer com que as pessoas ouvissem a nossa música. Curiosamente, com todas as ferramentas digitais disponíveis, é mais fácil isso acontecer atualmente. As plataformas de streaming deixam tudo ao alcance de muito mais gente, por exemplo, então até acredito que não teríamos a exposição que temos hoje em dia. No nosso caso, é impossível pensar no passado, então temos de trabalhar com o futuro.

Sim, o H.E.A.T é uma banda da nova geração do hard rock europeu, e isso fica muito claro em *Dangerous Ground*, que ao mesmo tempo tem um toque old school. No caso, umas harmonias de guitarra bem Thin Lizzy.

Erik: E eu amo *Dangerous Ground*! É uma das melhores músicas que já lançamos, e tem esse toque porque foi o Dave quem a compôs. Lembro-me bem quando ele a mandou para mim e o Jona, porque não conseguíamos parar de escutá-la. O riff da música é um que o Dave já havia criado há algum tempo, e sempre quisemos fazer algo com ele, então fiquei realmente feliz com o resultado final. E é uma canção pesada.

E como eu sei que você gosta de som mais pesado (risos), vou puxar *We Are Gods*, porque é meio que um heavy blues...

Erik: E também é uma das minhas favoritas! É divertido demais cantá-la, porque há uma força vocal que tenho de colocar para fora tanto quando preciso controlá-lo de alguma maneira. Eu adoro cantar *We Are Gods*, então mal vejo a hora de a tocarmos ao vivo. Ela é poderosa, e sei exatamente como apresentá-la para trazer o público para o nosso lado. Já visualizo isso na minha cabeça.

E por falar em enlouquecer o público, *Come Clean* e *Victory* são aquele hard rock feito sob medida para arenas...

Erik: Concordo totalmente com você, e *Victory* é a que mais gosto, porque a letra tem um significado mais profundo. É como se fosse a nova geração dizendo aos mais velhos o que é preciso fazer para salvar o planeta, porque não dá para continuar do jeito que está. A mensagem é bem clara.

E o refrão mostra a parte mais pesada do álbum. Parece até feito por uma banda de power metal, não de hard rock melódico.

Erik: (rindo) É verdade, e dá para

Foto: Divulgação

Jimmy Jay, Dave Dalone, Don Crash, Erik Grönwall e Jona Tee: o H.E.A.T do início dos anos 2010 em 2020

imaginar um show de pirotecnia no palco, com chamas, explosões e tudo mais (risos).

E vocês já discutiram que músicas tocarão ao vivo?

Erik: Ainda não, mas já deveríamos ter feito isso... Bom, apresentamos algumas músicas novas em dois shows que fizemos na Suécia, em fevereiro, e também no 'Monsters of Rock Cruise' (N.R.: *Come Clean*, *Dangerous Ground*, *One By One*, *Rise* e *Rock Your Body*), mas não era o setlist definitivo. O problema é que o momento não é para sair em turnê, por isso as datas no Reino Unido e em toda a Europa foram adiadas para outubro, e nós deveríamos ter viajado para o Japão faz uma semana, mas os shows foram cancelados (N.R.: a entrevista aconteceu no dia 27 de março). A verdade é que não sabemos o que mais pode acontecer daqui para frente, então não há outra alternativa a não ser esperar mais um tempo para retomar os ensaios e, aí sim, escolher o novo repertório. Vamos nos reunir para decidir assim que tivermos sinal verde, quando soubermos quando as turnês vão acontecer.

E antes que eu fale de todo disco, vamos para a última música (risos), que é *Rise*, que tem ponte e refrão brilhantes.

Erik: Muito obrigado! *Rise* é uma que continuaremos tocando ao vivo, com certeza, porque a reação a ela foi ótima. Mesmo sem conhecê-la, as pessoas cantavam junto o refrão com os punhos na hora do "rise!", num momento incrível.

E como foi a experiência no "Monsters of Rock Cruise"?

Erik: Incrível! Nunca vi nada parecido com aquilo! Foi insano, e o conceito do cruzeiro é ótimo. Adoro a ideia de colocar vários 'rockers', fãs e músicos, num navio enorme e partir para o Caribe (risos). Foi realmente uma experiência muito legal, e preciso dizer que os promotores que cuidaram de nós foram ótimos, fora o fato de que foi nossa primeira vez nos Estados Unidos e tocando para um público grande.

> "(...) tenho uma relação muito maior com o tipo de som que voltamos a fazer."
>
> Erik Grönwall

Bom, o redator-chefe da ROADIE CREW, Ricardo Batalha, estava no navio, então conversamos sobre o cruzeiro. Segundo ele, o H.E.A.T não apenas causou ótima impressão em todos, como também foi o show favorito dos brasileiros.

Erik: Sério? Uau, isso é ótimo! Muito obrigado! Fico realmente feliz de ouvir isso, além de me corrigir: ainda não tocamos nos Estados Unidos, porque fomos para o Caribe. Mas era um público formado, em sua maioria, por americanos, mas com pessoas de vários outros países. No fim, isso torna tudo ainda melhor, porque são pessoas saindo de outros lugares do mundo para confraternizar num navio, ouvir muito rock'n'roll e ver um monte de bandas bem legais. Não tem como não gostar disso.

E é interessante também por causa do público americano, porque o sentimento dele é de total nostalgia. Eu fui ao cruzeiro em 2016, e um americano ficou surpreso quando disse a ele que a música que o Winger estava tocando, *Rat Race*, era recente, porque ele não sabia que a banda ainda estava lançando discos.

Erik: (rindo) Isso diz tudo. É mesmo um evento com uma dose de nostalgia, porque há muitos 'rockers' da velha guarda, mas o mais legal é que eles estavam lá porque gostam desse tipo de música, independentemente de apenas querer reviver os anos 80 ou por ainda acompanhar a cena. Como somos influenciados pela música daquela década, acredito que houve uma sinergia entre o passado desses fãs e o som que fazemos. Isso também fez com que a nossa experiência tenha sido ótima, realmente, e percebemos que o feedback foi positivo. Nós saímos de lá muito felizes.

Obrigado pelo papo, e o espaço final é todo seu.

Erik: Nós temos que tocar no Brasil! Isso está na nossa lista de desejos, então vamos esperar a poeira baixar depois de toda essa situação com o coronavírus. Espero que possamos ir ao seu país o mais breve possível, e obrigado a você pelo apoio e por mais uma entrevista.

ROCK STORY BRASIL

SHOWS INÉDITOS DE GRANDES BANDAS EM VINIL DE 140 GRAMAS

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA DO SELO ALEMÃO
SAMPLE RECORDS

EDIÇÃO LIMITADA
300 CÓPIAS
DE CADA DISCO

ÁUDIO GRAVADO
DIRETO DA
MESA DE SOM
(SOUNDBOARD)

ROCK STORY BRASIL HÁ 35 ANOS VENDENDO E LANÇANDO ARTE.
COM MUITO ORGULHO, UMA DAS LOJAS FUNDADORAS DA GALERIA DO ROCK EM SÃO PAULO.
DE 1985 A 2000 COM VÁRIAS LOJAS E DESDE 2001 COMO SELO INDEPENDENTE E DISTRIBUIDORA DE LICENCIAMENTOS INTERNACIONAIS.

CATÁLOGO DE DVD'S

SOLICITE CATÁLOGO POR WHATTSAPP COM MAIS DE 300 TÍTULOS

DVD PALACE

VENDAS NO ATACADO E VAREJO PARA TODO O BRASIL
ROCKSP@TERRA.COM.BR (11) 947151656 /DVDPALACE
ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO E TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

VOICE MUSIC

Archon Angel

ASAS PARA VOAR

Zak Stevens dá o recado para os fãs: o Archon Angel é uma banda de verdade, não somente um projeto que não sai estúdio para os palcos

Por Daniel Dutra

A história reserva um lugar especial àqueles que substituíram um vocalista icônico e, ainda assim, se transformaram na voz da banda. Zak Stevens teve a difícil missão de ocupar o posto de Jon Oliva no Savatage, mas tirou de letra e virou referência. Agora com o Archon Angel – ao lado de Aldo Lonobile (guitarra), Yves Campion (baixo), Marco Lazzarini (bateria) e Alessandro Del Vecchio (teclados, gravados em estúdio por Antonio Agate), além de um segundo guitarrista ao vivo, Federico Maraucci –, Stevens lança um novo trabalho, o ótimo *Fallen*. Em um longo papo, o sempre simpático vocalista falou da banda, do status do Circle II Circle e do Machines of Grace e, claro, dos reais planos para o Savatage.

Archon Angel é o resultado do desejo que você e Aldo tinham de trabalhar juntos, depois de ambos participarem do Timo Tolkki's Avalon. Então, como foi sair da teoria para a prática?

Zak Stevens: O processo foi bem similar ao que fizemos nos álbuns do Avalon (N.R.: *Angels of the Apocalypse*, de 2014, e *Return to Eden*, de 2019), uma vez que o Aldo foi coautor daquelas músicas. Ele mandava algumas ideias, umas quatro ou cinco canções, para eu escolher as melhores, ou seja, as que eu gostasse mais e quisesse colocar melodias vocais. Tudo funcionou muito bem, mas o mais importante é que trabalhamos de uma maneira que o material fosse desenvolvido para ser tocado ao vivo. Essa foi a diferença. Fizemos um álbum pensando no que precisaríamos para as músicas soarem bem nos shows, e foi fácil porque o processo foi suave, uma extensão do que fizemos no projeto do Timo. Com o Archon Angel, criamos uma atmosfera bem relaxante e descobrimos que trabalhamos bem juntos, por isso o resultado final foi tão bom.

Antes de eu entrar num ponto importante que você mencionou, é interessante que o Archon Angel não tenha nada a ver com o carro-chefe da Frontiers Records, que é o melodic hard rock...

Zak: Sim, isso é mesmo interessante! Eu conheço o trabalho da Frontiers há muitos anos exatamente por causa do gênero, mas também porque a gravadora lança artistas clássicos, como Joe Lynn Turner, e o Jeff Plate já trabalhou com ela (N.R.: o baterista do Savatage e do Trans-Siberian Orchestra gravou *Long Time... No Sing*, de John West, em 2006). Porém, na maioria das vezes, o que rola são discos solo que se tornam apenas projetos, ou seja, nunca

há shows ou turnês. Não vejo problema nisso, mas quando eles disseram que eu e Aldo formávamos uma boa dupla e perguntaram se queríamos trabalhar num álbum completo, pensamos que a ideia da Frontiers seria mesmo somente um daqueles projetos colaborativos. E foi o próprio Aldo que demonstrou interesse em fazer do Archon Angel um grupo de verdade, para fazer shows e ser tratada como uma banda que vai ter continuidade. Isso também é diferente para o selo, mas também é a direção que queremos: ser uma banda de verdade, não apenas um projeto que lança discos e não faz shows.

Eu iria perguntar exatamente isso, se o Archon Angel iria parar em *Fallen*. Mas vou usar o exemplo que tenho aqui, que é Sweet Oblivion, cuja ideia era trazer o velho Queensrÿche de volta à carreira do Geoff Tate. A intenção da Frontiers era fazer um revival do Savatage com você?

Zak: Ótima pergunta, porque nós já sabíamos que o que queríamos fazer no disco acabaria nos levando de alguma maneira à era do Savatage. É normal que soe daquele jeito quando eu canto, então decidimos não perder muito tempo pensando nisso, porque é algo automático. Na verdade, tentamos não soar como Savatage ao optar por outra direção musical, afinal, seria ridículo se tentássemos somente revisitar aquele período. Não seria nada divertido. Naturalmente haveria alguns elementos, por causa da minha voz, mas procuramos incluir algo de todas as bandas que nos influenciaram porque crescemos ouvindo suas músicas, e o mais interessante é que minha geração é mais velha que a do Aldo. Ele é 12 anos mais novo do que eu (N.R.: Stevens tem 54 anos, e Lonobile, 42), então é interessante que o Archon Angel tenha influência das bandas favoritas de duas gerações diferentes. E eu disse a ele: 'Você é o compositor, então crie as músicas com as suas melhores costelas que vai dar tudo certo' (risos), e Aldo deu o seu melhor. *Fallen* é a combinação de influências do passado com alguns novos riffs e novas ideias dele, além da ajuda de outros compositores.

Eu iria falar sobre isso, até porque o seu papel no processo de criação também foi bem singular.

Zak: Exatamente. Alessandro e Federico tiveram algumas ideias bem legais, assim como compositores fora da banda (N.R.: Giulio Capone, baterista do Moonlight Haze; Simone Mularoni, guitarrista do DGM; e Antonio Agate, que gravou teclados e piano no álbum). E minha esposa, Katherine, foi responsável pelo conceito e pelas letras. Foi realmente um trabalho de equipe, e eu pude fazer exatamente o que queria, me concentrar na minha voz e nas melodias vocais. É como se o meu papel no Archon Angel fosse o mesmo que tive no Savatage, ou seja, sou responsável pelos detalhes e consultor quanto a produção, mixagem, músicas e arranjos, dando o toque final. Não sou nem mesmo o letrista principal, embora tenha escrito a letra de apenas uma música e ajudado em outra (N.R.: *Brought to the Edge* e *Return of the Storm*, respectivamente). Era exatamente o que eu queria, porque é o que faço melhor. Fico feliz por ter tido a chance de me concentrar apenas nisso.

> (...) pude fazer exatamente o que queria, me concentrar na minha voz e nas melodias vocais
> Zak Stevens

FALLEN
Frontiers - Imp.

E como o Archon Angel é a sua nova empreitada, qual o status do Circle II Circle?

Zak: Bom, eu não posso dizer que a banda não existe mais. Uma coisa que aprendi no mundo dos negócios na música é que você diz que algo acabou definitivamente, mas aí acontece algo que mostra que não é bem assim (risos). Nunca diga nunca, por isso não apaguei o Circle II Circle da existência, até porque foram 13 anos e sete discos, e fizemos trabalhos muito bons. Alguns melhores do que outros, o que é normal, mas o ciclo de fazer um álbum depois do outro durante aquele período nos levou a um ponto onde não havia mais inspiração. E é preciso inspiração para seguir em frente. O problema com o Circle II Circle é que eu não sei o que fazer com ele neste momento, porque não tinha mais certeza da direção que estávamos tomando. Como todos os integrantes estão fazendo outras coisas atualmente, é impossível retomar a banda agora. É possível apenas se as oportunidades certas surgirem, porque sei que temos condições de fazer mais música boa. De qualquer maneira, tenho o Archon Angel com um longo caminho pela frente e também faço parte do Trans-Siberian Orchestra, e sabe-se lá o que pode acontecer com o Savatage.

OK, chegamos a uma das minhas perguntas (risos), porque os fãs do Savatage ficaram esperançosos depois do show no "Wacken", em 2015, mas nada aconteceu. Nem mesmo o lançamento de um DVD daquela apresentação especial. O que realmente está segurando a volta da banda?

Zak: Honestamente, posso dizer que o único e principal motivo que segurou o retorno do Savatage foi a morte inesperada do Paul O'Neill, em 2016. Ele tinha todas as ideias e já havia vislumbrado qual seria o próximo capítulo do Savatage depois daquela reunião, então as portas estavam abertas para mais shows depois do 'Wacken'. Mas ainda acredito que há uma chance de a banda voltar, e todos os rapazes vão responder isso se você perguntar a eles. Eu conversei recentemente com o Jon (Oliva), e o papo foi bem positivo a respeito de Savatage. Se eu disser a você que está tudo acabado, e por isso não responder mais a perguntas sobre esse assunto, amanhã a banda estará num estúdio para começar a ensaiar (risos). Atualmente, o Trans-Siberian Orchestra tem tocado três músicas do Savatage nos shows (N.R.: *Christmas Eve (Sarajevo 12/24)*, *Handful of Rain* e *Believe*), e isso tem feito a banda ficar mais popular. Agrada aos velhos fãs e forma novos, porque o Trans-Siberian Orchestra tem uma audiência com muitos jovens que não conheceriam o Savatage não fossem as turnês do TSO.

Essa é outra perspectiva, porque Jon Oliva falou algumas vezes que os fãs têm o Trans-Siberian Orchestra, então o Savatage não é necessário. As duas bandas não são exatamente a mesma coisa, no entanto.

Zak: Sim, e essa renovação do público nos dá um pouco de esperança, então

acredito que a chance aumenta enquanto todos nós nos mantivermos em atividade. Eu estou com o Archon Angel e continuo no Trans-Siberian Orchestra, e os outros integrantes do Savatage também costumam fazer coisas fora do TSO (N.R.: os guitarristas Chris Caffery e Al Pitrelli, o baixista Johnny Lee Middleton e o baterista Jeff Plate, todos também membros do Trans-Siberian Orchestra). E lembrem-se: não somos ex-integrantes, porque ninguém nunca disse que o grupo acabou. A empresa que detém os direitos do Savatage é o TSO, então o Savatage é uma pequena companhia dentro de uma gigantesca chamada Trans-Siberian Orchestra. Como se fosse uma subsidiária, uma posição ímpar que nos dá motivos para dizer que qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento. Atualmente, apenas eu e Chris estamos fazendo algo fora do TSO (N.R.: Plate estava no Metal Church até 2017), mas de alguma forma todos estão envolvidos com música, então isso nos aproxima de uma volta, não necessariamente de uma reunião. Isso já aconteceu no 'Wacken', em 2015, então não precisamos tentar novamente. Temos apenas de fazer o possível para estarmos prontos quando o Savatage retomar as atividades.

> É como se o meu papel no Archon Angel fosse o mesmo que tive no Savatage
> Zak Stevens

Há uma perspectiva interessante, a de que a banda mataria a saudade dos antigos e fãs a curiosidade dos novos. E falando assim, dá mesmo para acreditar que isso vai eventualmente acontecer.

Zak: Sim, e eu realmente acredito, até porque não podemos esperar para sempre, afinal, tudo tem um prazo de validade. Uma coisa é certa: ninguém pode sair falando que não é mais possível ver o Savatage ao vivo, e vou lhe contar uma coisa: Jon nos deu o sinal verde para voltarmos a tocar, mesmo que ele não possa mais viajar para alguns lugares por questões pessoais. No entanto, ele se juntaria a nós numa turnê pelos Estados Unidos. Ou seja, tem tudo para funcionar.

Para terminar, há planos para o Machines of Grace ou Wicked Witch? Depois do lançamento de *Wicked Witch of Boston* em 2018, confesso que esperava novo material...

Zak: Ah, 2020 começou com um ano triste para o Machines of Grace ou para Wicked Witch, que originou o Machines of Grace... Nosso guitarrista, Matt Leff, faleceu recentemente, em janeiro, e isso nos deixou devastados (N.R.: Jeff Plate e o baixista Mark Stewart completavam a formação). Foi algo que tentamos manter o mais privado possível, e foi quando voltei para casa ao fim da turnê do TSO, em dezembro passado, que soube que ele realmente não estava bem. Matt vinha lutando contra um câncer no cérebro e nos pulmões havia dez anos, e houve um ponto em que a situação ficou tão ruim que ele começou a usar drogas experimentais, ou seja, medicação que ainda não estava aprovada pelo Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos. A verdade é que ele foi muito corajoso ao dizer que não tinha mais nada a perder, então poderia servir de cobaia num tratamento contra o câncer que, se aprovado, pode ajudar muitas pessoas ao redor do mundo. Mas o tratamento não foi suficiente para salvá-lo, infelizmente. Ainda assim, ele conseguiu gravar todas as guitarras de *Wicked Witch of Boston*.

Sinto muito, Zak, e obrigado por esta nova entrevista. O espaço final é todo seu.

Zak: Ah, gostaria de agradecer a todos no Brasil por todo apoio que tenho recebido durante esse tempo. Já são mais de 20 anos desde a primeira vez que estive aí (N.R.: com o Savatage, em 1998), e o carinho de vocês é inestimável. Espero poder vê-los muito em breve com o Archon Angel, e obrigado a você, Daniel, por mais uma conversa bem legal. Esse feedback e a oportunidade de mostrar meu novo trabalho para os fãs brasileiros são muito importantes para mim.

Yves Campion, Aldo Losebile e Marco Lazzarini: o alicerce instrumental para a voz de Zak Stevens

desire
PRELUDE TO SINGULARITY
music
YouTube

DROWNED
TODA A DISCOGRAFIA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS, CONFIRA!
BONEGRINDER
DROWNED 7TH
Spotify
DEEZER
MUSIC
Google Play Music
YouTube
FACEBOOK: drownedmetal | INSTAGRAM: drowned_band
COGUMELO RECORDS
www.cogumelo.com

KOBRA AND THE LOTUS

REDEFININDO O SENTIDO DA EVOLUÇÃO

Em seu sexto álbum, grupo canadense mantém a vocação para o metal moderno e repleto de referências melódicas

Por Valtemir Amler

O Canadá sempre contribuiu para o desenvolvimento da cena rock e heavy metal, já que suas bandas sempre trouxeram um sabor único ao estilo. Foi assim com os clássicos do Triumph e do Rush, depois com o hard'n'heavy vicioso de Helix e Anvil, e, entre dezenas de outras, não poderia ser diferente com os 'riffs' geniais de Jeff Waters e seu Annihilator. E é mais ou menos isso que a vocalista Kobra Paige e seus companheiros vêm fazendo nesta última década. Mantendo firme a tradição do metal canadense, o Kobra and the Lotus surgiu em 2009 em Calgary e, no mesmo ano, começou a chamar atenção no underground com seu primeiro registro, *Out of the Pit*. Recebidos inicialmente com uma mistura de empolgação e desinteresse, o grupo rapidamente conquistou o seu lugar ao sol com o segundo álbum, autointitulado, de 2012. De lá até hoje, outros quatro álbuns foram lançados, sendo o mais recente *Evolution*, do ano passado. Nele, Kobra e sua banda mantêm intacta a fórmula típica de sua música, uma mistura consciente da sonoridade do metal clássico com o som moderno e repleto de 'groove' de bandas como Evanescence e Disturbed. Se isso serve como uma pista para os novos ouvintes, jamais servirá como um limite para Kobra Paige, que falou sobre o novo trabalho e de como a banda pretende se manter em constante evolução pelos próximos anos.

EVOLUTION
Napalm - Imp.

O sexto álbum do Kobra and the Lotus chega com um título muito interessante. 'Evolução' parece ser o nome do jogo para vocês, ao mesmo tempo em que é uma palavra que causa calafrios em certas alas dos fãs de heavy metal.

Kobra Paige: Entendo perfeitamente o que quer dizer, pois essa é uma daquelas palavras que são tipicamente subjetivas e você pode encontrar um monte de significados diferentes para ela. Concordo que para nós a evolução é o nome do jogo e, de certa maneira, entendo também a razão que faz essa palavra ser uma espécie de 'palavrão' dentro da comunidade metal. Evolução pode ser uma palavra 'feia' e 'suja' e ser usada para encobrir um monte de erros, mas a verdade é que vivemos em um mundo que cada vez mais precisa evoluir e encontrar novas saídas para novos e velhos problemas. Evoluir é não aceitar estar preso ao momento e às características típicas do momento. É aceitar o real que tocamos, mas compreender que o irreal e o sonho de hoje poderá vir a ser concreto no dia de amanhã. A evolução pode ser uma necessidade concreta em alguns casos, pode ser uma saída em outros... Sei que também pode ser entendida como uma palavra suja e, em certo contexto, quase como uma ameaça, mas sou do time que acredita que essa palavra simboliza essencialmente coisas boas, para o indivíduo e também para a sociedade.

E para a música?

Kobra: Bem, acho que a evolução também pode ser incrível para a música, desde que as pessoas se deixem tocar por ela. Ouço música pesada há muitos anos, e vi muitos álbuns duramente criticados por serem inovadores demais chegarem hoje ao status de clássicos. Então, depende tanto de quem está ouvindo quanto de quem está tocando a música. A evolução não se faz só de um lado, ela tem que ressonar em alguém. Não existe evolução se ninguém estiver observando a transformação.

É verdade. E não podemos esquecer que o próprio heavy metal é uma evolução dos velhos moldes do hard rock, que foi a evolução do rock'n'roll, e assim por diante...

Kobra: É verdade. Muito antes de existirem essas pessoas que querem patentear o rock e se tornarem seus procuradores em nome do 'rock verdadeiro', o gênero era praticamente aberto a todo e qualquer tipo de experiência. E foi daí que tantos subgêneros e coisas legais surgiram. Penso que sem evolução o rock já teria morrido há muito tempo. É engraçado isso, pois já se passaram décadas desde que começaram a falar que o rock morreu, e ele ainda está aí. Na verdade, o rock não enfrentou nenhuma ameaça real que viesse de fora do rock. Quem quase matou o rock foram esses grupos que querem ditar o que pode e não pode ser feito no gênero. Influências diferentes em eras diferentes nunca foi um risco. O verdadeiro risco é o elitismo que, às vezes, toma conta de algumas pessoas.

Concordo. Isso é algo que às vezes lhe preocupa?

Kobra: Sim, no sentido que não sabemos como serão as coisas no dia de amanhã, mas não é como se eu realmente fosse mudar a forma como faço as coisas por conta disso. Sabe, tento me agarrar em exemplos de bandas clássicas que passaram por esse tipo de situação. Eu olho para bandas como o Metallica e o Def Leppard, por exemplo. As duas passaram por transformações gigantescas, foram duramente criticadas, e sinto que ambas passaram por isso de maneira diferente. O Def Leppard sufocou durante muitos anos, chegou um ponto que acho que

ninguém acreditou que eles seguiriam adiante, mas foram os seus incríveis shows que seguraram as pontas e hoje sinto que deram a volta por cima. Já o Metallica, mesmo em seus piores momentos, no auge das críticas, apenas se agigantou e se tornou uma fera ainda maior. Será que eles realmente seriam a banda que são sem o *Load*? Eu duvido muito, embora muitas pessoas achem que esse álbum não devesse existir.

Essa compreensão é algo que você aplica no dia a dia do Kobra and the Lotus?

Kobra: Com certeza. Sabe, evolução tem uma dimensão diferente para cada pessoa, e isso dita como ela perseguirá aquilo que é novo. Para mim, a evolução é vital, e para essa banda é como se fosse o único caminho que conhecemos. Simplesmente não conseguimos sentar e pensar que tudo o que poderia ser feito nós já fizemos, que não existe mais para onde ir ou o que alcançar. Eu simplesmente me recuso a acreditar nisso e, se fosse para acreditar, encerraria a banda amanhã. Tudo isso só faz sentido se você puder imaginar algo novo, pois dessa imaginação virá uma necessidade diferente. Por isso muda-se o instrumental, você aprende uma nova técnica, compra um novo equipamento, um pedal, um amplificador... Você quer tentar coisas novas, e isso é evoluir!

Essa postura demanda um bocado de horas em estúdio, certo?

Kobra: Ah meu Deus, você nem pode imaginar (risos). Este álbum foi completamente composto em estúdio. Quer dizer, existem alguns elementos que já havíamos pensado, pequenos trechos e partes que se acumularam ao longo dos dias, mas foi em estúdio que tudo se uniu e se transformou, de fato, em um álbum. Para alcançar esse resultado, basicamente o que precisamos foi sair de casa todos os dias, nos encontrarmos no estúdio e tocarmos juntos até não aguentarmos mais, até que não houvesse mais forças físicas ou mentais para seguir adiante (risos).

Como se vocês estivessem fazendo um teste de tensão?

Kobra: Sim, é isso, exatamente! Veja, nestes últimos três anos, nós lançamos um disco por ano. E isso sem interromper a nossa agenda de turnês. Não tiramos um ano de folga dos palcos para compor, nós fizemos as coisas em paralelo, trabalhando no limite. Claro que sabemos que isso vai gerar uma certa tensão, mas o fato é que eu entendo que a tensão não precisa necessariamente ser usada em um contexto negativo. Trabalhando com música pesada, podemos usar essa tensão no processo criativo, incorporar as emoções mais genuínas na música, tendo o cuidado de transformar uma emoção bruta em algo mais artístico. Esse é um ambiente que funcionou muito bem para nós, conseguimos ótimos resultados, mas é claro que não pretendo trabalhar assim para sempre. Ninguém aguentaria.

Claro. E isso se torna algo interessante, pois cada pessoa reage a uma situação de maneira diferente, o que acaba trazendo novos elementos emocionais e musicais.

Kobra: Sim e, no fim das contas, a música precisa disso para não soar sempre igual. Mas, veja, é uma coisa que vem muito de cada um. Alguns gostam de compor na estrada, durante a turnê. Eu, pessoalmente, não faço isso. Não gosto de demandar meses exclusivamente para escrever e compor, mas uso os momentos em que estou em casa para isso. Não acho relaxante escrever na estrada, não acho que encontraria a minha melhor performance na composição e nem que estaria concentrada para os shows se misturasse as coisas. Então, existe uma tensão, mas também existe a liberdade para cada um fazer do seu jeito. O que tentamos é não ficar muito tempo longe do estúdio.

Sim, é perceptível essa postura em faixas como *Thundersmith*, por exemplo. Ela é tão variada e louca que é difícil classificar (risos).

Kobra: Que bom que diz isso, pois acho que ela é a principal mostra de como funciona esse processo. Ela tem uma levada pop na bateria, 'groove' intenso nas guitarras e a voz lembra algo de hard rock, enquanto a letra fala de emancipar-se e empoderar-se. É um exemplo típico da nossa tensão criativa e também da liberdade que todos temos para criar. É isso.

Divulgação

Ronny Gutierrez, Brad Kennedy, Kobra Paige, Marcus Lee e Jasio Kulakowski seguem firme no caminho da evolução sonora no seu sexto álbum completo

PLAYLIST

Por Leandro Nogueira Coppi • Foto: Pri Secco

► **Andralls on Fire:** "Essa música foi a quarta escrita para o primeiro álbum. Denis veio com ela praticamente pronta e só mudamos alguns riffs de lugares e, então, ela ficou do jeito. Quando foi finalizada percebemos a força que ela tinha e falamos que seria a música de trabalho desse CD. A letra é do Denis Di Lallo e foi inspirada no nome da banda e no incêndio do Edifício Andraus, que acabou acontecendo em 1972. Acho que essa é a única que foi tocada em todos os shows do Andralls até hoje. Mesmo tocando milhares de vezes, ainda é uma música que nos divertimos muito tocando ao vivo."
Álbum: Massacre, Corruption, Destruction... (2000)

► **The Future of Life:** "Esse som foi o penúltimo que fizemos para o primeiro disco. Estávamos procurando algo diferente, já que o repertório é bem rápido e, assim, julgamos que estava faltando algo mais 'levado'. Então, um dia o Denis trouxe-a também pronta e colocamos alguns detalhes, como o dueto de guitarras que tem no começo e as cavalgadas no final. Ela sempre foi uma música muito forte ao vivo e até hoje tem fãs antigos que pedem para que ela volte ao setlist. Quem sabe um dia a gente volte a tocá-la!"
Álbum: Massacre, Corruption, Destruction... (2000)

► **Beyond the Chaos:** "É a primeira de *Force Against Mind*, mas foi a segunda que fizemos para esse disco. Logo que criamos, decidimos que seria a música de abertura. Ela tem riffs do Alex Coelho e do Denis Di Lallo e a letra, se eu não me engano, foi feita por mim e pelo Denis. Ela é inspirada na *DNR*, do Testament, e caiu como uma luva para a abertura do disco. Tocamos essa música ao vivo até hoje. Ela não pode faltar nos shows de jeito nenhum e sempre antes de fecharmos o set algum fã grita o nome dela (risos)."
Álbum: Force Against Mind (2003)

► **Cocaine:** "Essa é uma das inúmeras músicas que o Alex Coelho já trazia pronta para o ensaio e a gente só colocava alguns detalhes e, então, eu encaixava a bateria e já era. A letra dela foi feita pelo Alex também que, na época, estava escrevendo várias coisas sobre problemas do ser humano com relação a drogas, álcool, etc. Esse é outro som que sempre o mantivemos no set, pois a galera fica insana quando tocamos ao vivo. Eu, particularmente, adoro tocar esse som ao vivo, pois tem uma levada mais cadenciada no meio e é a hora que dá para eu dar uma respirada."
Álbum: Force Against Mind (2003)

ALEXANDRE "XANDÃO" BRITO
ANDRALLS

► **NOME COMPLETO:**
Alexandre Costa de Moura Brito
► **NASCIMENTO:**
05 de novembro de 1977, em Manaus/AM
► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Furia, Ravenland, Andralls e Nuclear Warfare (ALE)

► **The Age of Rage:** "Essa música é uma daquelas músicas que fizemos numa pauleira só. Alex e Denis chegaram com alguns riffs e vimos que dava para encaixá-los e, então, já saímos tocando logo de primeira. Eu coloquei a bateria e ela ficou pronta no mesmo dia. Era uma época que ensaiávamos todos os dias e as ideias brotavam muito rápido e fácil. Essa letra é minha. Eu já tinha ela guardada e estava esperando algum som bem brutal para encaixá-la e terminou caindo perfeitamente. Tocamos poucas vezes ao vivo, mas acho que é mais uma música de disco mesmo, pois, apesar de ser bem rápida e brutal, nunca funcionou muito bem ao vivo."
Álbum: Inner Trauma (2005)

► **Non-Shooting War:** "Uma daquelas cadenciados e um pouco mais trabalhadas que a gente sempre coloca em nossos discos. Não me lembro muito bem do processo de composição, mas tem cara de ser riffs do Denis Di Lallo. Na época estava rolando aquele lance da doença bacteriana rara do antraz. Eu e o Di Lallo fizemos a letra baseada nos envios de cartas a políticos, que estavam acontecendo e, por isso, ela se chama *Non-Shooting-War*. Aquele foi tipo uma guerra que aconteceu, sem nenhum tiro dado – bem, olhe o que estamos passando agora no combate ao coronavírus... Seja como for, essa é uma daquelas que nunca tocamos ao vivo."
Álbum: Inner Trauma (2005)

Two Sides: "Paulada na orelha sem dó nem piedade (risos). Ela é uma música bem típica do Andralls: rápida, ríspida e com o refrão marcante e mais cadenciado. Como na maioria das músicas mais fortes da banda, essa também é inteira do Alex. Na época que compusemos esse disco, Denis tinha um estúdio e estávamos ensaiando todos os dias. Estávamos bem focados nas composições, com todo mundo opinando bastante nas músicas. Considero esse disco é um dos mais fodas da banda. Para mim, esse som é, sem dúvida, um dos que nos representa perfeitamente. Para tocar ao vivo é meio 'embaçado', mas sempre quando dá a gente leva nos shows."
Álbum: Andralls (2009)

In the Eyes of the Killer: "Para mim, trata-se de uma das melhores músicas da banda! O riff do começo é matador e depois da parada entra uma desgraceira linda (risos). Se não estiver enganado, essa composição é toda do Alex. A gente gostava de tocar essa música nos shows e a resposta da galera era brutal, mas é um som para ser tocado com duas guitarras. Como estamos tocando como um trio já há muito tempo a tiramos do set list. Às vezes, em alguns ensaios, eu e o Alex brincamos tocando essa música."
Álbum: Andralls (2009)

Enemy Within: "Esse riff do começo é meu. Fiz primeiro a levada de batera e depois fiz as guitas e lembro que na época que estávamos compondo esse disco o Eddie estava bem 'cri-cri' com as composições. Assim, ficamos trabalhando nesse som durante um bom tempo. Depois de pronto, percebemos que era bem a nossa cara e, inclusive, tocamos até hoje nos shows. A 'intro' dela é bem marcante e a galera pira já logo de cara. Acho que é um dos destaques de *Breakneck*."
Álbum: Breakneck (2012)

Under the Insanity: "Essa é inteira de Eddie C. e logo que a fizemos percebemos que seria o single do disco. Ela tem uma pegada animal, um baita refrão e tinha que ser o som de abertura de *Breakneck*. Lembro que nessa época nós ensaiamos todos os dias sem trégua antes da gravação do disco. Então, quando fomos gravar no estúdio do Denis Di Lallo, o saudoso Fabiano Penna, que era o produtor, até brincou: 'Quero ver vocês gravarem tudo em 'one take', hein?'. Terminei gravando umas cinco músicas tudo em um take e essa foi uma delas. Ótimas lembranças, pois foi uma época que tocamos muito, viajamos muito pelo mundão afora e começávamos os shows justamente com a *Under the Insanity*."
Álbum: Breakneck (2012)

Bleeding for Thrash: "*Bleeding for Thrash* foi composto inteiramente por mim e pelo Alex aqui no meu quarto, que foi onde começamos a tocar juntos por volta de 1993/94. Alex trouxe essa música praticamente pronta e eu só encaixei as linhas de batera. Então, quando fomos gravá-la, o Felipe Freitas colocou uma linha de baixo muito foda e deu todo esse peso no som. Depois que estava composta, criei a letra exatamente já pensando em colocá-la como título do álbum. Com toda a certeza, é uma das músicas mais fortes do disco e estamos tocando-a ao vivo em praticamente todos os shows."
Álbum: Bleeding for Thrash (2019)

27.02.18: "Essa tem um significado muito forte para nós. Quando Alex me mostrou-a pela primeira vez eu fiquei até meio mal, pois é um dedilhado bem denso e pesado. Ela é uma música que tinha a cara do Fabiano Penna, pois tem uma levada meio western e tal. Alex até pensou em mostrar para ele, mas não sei por que não mostrou. Depois do falecimento do Penna, não pensamos duas vezes e decidimos fazer uma homenagem para ele. Por isso, o título dela é *27.02.18*, que é a data de falecimento dele. É a última faixa de *Bleeding for Thrash* e carrega todo esse peso que tivemos em perder um irmão da forma que perdemos. Viva o Penna."
Álbum: Bleeding for Thrash (2019)

Ghul, Hellhammer, Attila Csihar, Teloch e Necrobutcher guiam o Mayhem por uma viagem quase temática em *Daemon*

Sobre Vermes e Ruínas

A tradição e a eterna reinvenção sonora dos pioneiros noruegueses do black metal

Por Valtemir Amler

Quando o guitarrista Euronymous deu os primeiros passos com o Mayhem já existia alguma movimentação no cenário norueguês, mas nada que rivalizasse com o seu novo grupo. E, olhando a partir deste contexto, o Mayhem representou o início de um novo capítulo para o metal, seja em seu país ou ao redor do mundo. A proclamada 'segunda onda do black metal' não poderia ter pais mais icônicos. A mistura sem precedentes à altura de pioneirismo musical, escândalos e crimes levou a banda a ser considerada a 'mais maldita do mundo'. Convivendo com a fama e a infâmia, já são mais de três décadas de black metal, celebradas com glória e fúria em seu novo álbum, *Daemon*. Para os fãs de longa data, o novo registro não poderia ter chegado em um momento mais oportuno. Enquanto o filme "Mayhem - Senhores do Caos" (*Lords of Chaos*, 2019) tentava reduzir o legado do Mayhem e do black metal norueguês aos escândalos e aos crimes, *Daemon* mostra uma banda afiada, renovada e inspirada. Mais que isso, uma formação ainda relevante pela música que cria, a despeito de seu passado infame. Se você achou "Senhores do Caos" um filme que não é de todo mal, saiba que *Daemon* é um álbum de todo ótimo. Se considerou o filme terrível, é a hora certa de tirar aquele gosto sujo da sua boca. Os verdadeiros senhores do caos, a besta norueguesa está de volta, e o guitarrista Mortem Bergeton Iversen (Teloch) nos conta os pormenores dessa eterna busca pelo demônio.

Antes de abordarmos o novo álbum de estúdio, gostaria de falar um pouco sobre *De Mysteriis Dom Sathanas Alive* (2016), que celebra o clássico álbum de estreia do Mayhem. Vocês tocaram boa parte dessas músicas ao vivo por décadas, mas houve uma sensação diferente quando decidiram por uma turnê e um disco ao vivo?

Teloch: Existe a parte que é sempre igual, mas também há a parte que é especial e única dessa turnê e do disco ao vivo. A parte que não muda é que sempre é especial tocar essas músicas, pois elas têm uma vibração única e uma conexão muito forte com os fãs. Então, a vibração é sempre única quando tocamos. Além disso, sim, é verdade que tocamos boa parte desse material ao longo dos anos, mas o fato é que nunca antes tínhamos tocado *De Mysteriis Dom Sathanas* do início ao fim. E, acredite, essa dinâmica faz toda a diferença, pois exige todo um novo compromisso e integração da banda. Posso dizer que foi uma experiência ótima, já que a turnê durou por cerca de dois anos e foi realmente intensa!

Posso imaginar. Quando falamos desse primeiro álbum do Mayhem, estamos falando de território sagrado para os fãs de black metal em geral. Então, qual é a sua abordagem da música quando está no palco?

Teloch: Eu acho que, em primeiro lugar, nós precisamos tocar com o respeito que essas músicas merecem para honrar todo o

legado que elas representam. Acredito que precisamos tocar tão próximo do original quanto for possível, e isso envolve algo como mudar, transformar um pouco a nossa vibração no palco para algo mais próximo ao que era naquela época, no início da década de 1990. A atmosfera é um elemento muito importante naquelas músicas e, por isso, precisamos garantir que a alcancemos para poder transmitir aos fãs. Não somos uma banda fazendo um cover sem emoção ou envolvimento pessoal, nós somos o Mayhem e, então, as pessoas precisam sentir que estão em um show do Mayhem, ouvindo os clássicos da banda. A ira, o ódio puro, a atmosfera fria e depressiva, tudo tem que estar lá como no original, isso é algo de que não abrimos mão. A inovação é para as músicas novas, os clássicos merecem ser tratados como clássicos.

Concordo, pois sou um tanto chato com isso. Adoro ouvir as pequenas nuances das músicas originais e quando ouço um álbum ao vivo onde elas simplesmente desaparecem, costumo detestar com todas as minhas forças (risos).

Teloch: Também sou assim (risos). Realmente, é muito chato pegar um disco ao vivo de uma banda que você ama, e vê-la tocando seus maiores hinos de uma maneira totalmente insossa e pouco inspirada. É, você toca isso toda noite, mas o Dio conseguia fazer *Rainbow In The Dark* soar especial todas as noites, e isso é um belo exemplo do que você deve fazer. Respeite o seu legado e os seus fãs, porque a pior coisa é quebrar a magia de uma música que alguém ama. Isso é absolutamente estúpido (risos).

Você diria que esse envolvimento com a turnê *De Mysteriis Dom Sathanas* influenciou o processo de composição de *Daemon*?

Teloch: Bem, esse não foi o plano, mas acho que acabou acontecendo. Toda aquela concentração, a vibração que buscávamos todas as noites e até a própria dinâmica do show... O fato de estar tocando aquelas músicas sempre é algo que deixa resquícios na sua mente e você acaba meio que caminhando naquela direção. Porém, não foi como se tivéssemos sentado e decidido compor um álbum que soasse como *De Mysteriis*. Na verdade, eu não acho que ele soe como *De Mysteriis* e, então, a influência foi bastante comedida.

Sonoramente não é similar, mas eu diria que a estrutura musical mais simples e direta é uma semelhança com o debut, não?

Teloch: Ah sim, isso eu tenho que concordar. Realmente, nos últimos álbuns nós alcançamos uma composição mais complexa, mas *Daemon* tem essa coisa de ser mais simples, menos técnico e mais direto do que seus antecessores. Esse é um bom ponto, que não tinha pensado antes. Agora que falamos sobre isso, acho que eu diria que *Daemon* também é mais atmosférico do que *Esoteric Warfare* (2014) ou *Ordo Ad Chao* (2007), por exemplo, e isso também o aproxima do debut.

Vocês começaram a trabalhar em *Daemon* em agosto de 2018 e, considerando todo o processo para chegar ao novo álbum em 2019, trabalharam com uma agenda muito apertada, não? Esta também seria uma das razões para um álbum mais simples e direto?

Teloch: A questão é que antes de começarmos a trabalhar no novo álbum, nós já tínhamos agendado uma turnê europeia, então isso acabou meio que limitando o nosso tempo, como você pensou. Acho que nunca o Mayhem trabalhou tão rápido em um disco. Novamente você tocou em um bom ponto (risos). Na verdade, acho que a maior parte do tempo nós usamos no processo de seleção das ideias, aquela etapa da tentativa e erro, você sabe. Quando começamos a compor um álbum, tanto esse novo quanto os outros, sempre temos um tempo destinado a encontrar a direção musical que queremos nele. Existem muitas possibilidades, mas você precisa identificar a mais correta para aquele momento. E isso demanda tempo. Decidido isso, tínhamos ainda menos tempo para finalizar o trabalho (risos). De todo esse processo, acho que fiquei com uns dezenove minutos de material extra sobrando. Então, sim, esse é um álbum simples e direto, que foi composto muito rapidamente, mas, mesmo assim, existiu muita discussão. E nem de longe usamos todas as nossas ideias, porque ainda sobrou muita coisa. Acredito que todo o processo foi muito inspirador e isso ajudou muito na hora de jogar ideias na mesa.

DAEMON
Century Media - Imp.

Sim, e percebemos isso ao longo do álbum, pois existe um misto muito grande de ideias. *Daemon* é fiel às raízes do Mayhem, mas nessa simplicidade existe toda uma gama de novos elementos.

Teloch: Sim, obrigado por perceber isso. Na verdade, isso é um algo que passa batido pela maioria das pessoas. Muita gente ouve um álbum simples e pensa que tudo ali é reciclado, tudo é reaproveitado ou copiado, mas a verdade é que está longe de ser assim. Nós realmente tivemos a intenção de um álbum mais simples, mas ele ainda precisava ser interessante aos nossos ouvidos, ainda tinha que ser cativante, pois vamos tocar essas músicas por vários anos nos palcos. Para criar esse álbum simples, precisamos passar por um processo de composição e arranjo extremamente complexo. Precisamos pegar ideias complexas e reformulá-las em algo muito mais simples, mas sem comprometer a dinâmica que as músicas originalmente continham. Não foi fácil, mas estou muito satisfeito com o resultado de todo esse nosso compromisso.

Penso que uma música perfeita para o ouvinte perceber isso é *Agenda Ignis*, que traz bateria de jazz em uma música black metal.

Teloch: Sim, essa música tem essa 'vibe', obrigado pelo comentário. Eu diria para os seus leitores ficarem atentos a isso. Você sabe, todos na banda temos diferentes influências, e o Hellhammer (bateria) realmente tem essa pegada de jazz, que é algo que ele ama. No final, não tínhamos como refinar aquela batida, então o deixamos enlouquecer na bateria enquanto tentávamos simplificar o resto da música. Foi um desafio que adoramos aceitar (risos).

Liricamente, este também é um álbum que vai direto ao ponto. Aliás, numa das primeiras declarações sobre *Daemon*, vocês chegaram a dizer que esse era um álbum 'não intencionalmente temático'. O que quiseram dizer com isso?

Teloch: Ah, foi um acidente (risos). A verdade é que não pensamos em álbum conceitual, pois essa não era nossa vontade. Mas quando começamos a juntar as letras – já que todos escrevemos algumas –, começamos a perceber que todo mundo escreveu sobre demônios, como se estivesse combinado (risos). Eu pensei 'que porra, isso é um disco conceitual então?' (risos). Por isso ele se chama *Daemon*, e não é conceitual. Mas que parece ser, isso parece (risos).

Creedence Clearwater Revisited
O canto do cisne

Com uma turnê especial, Stu Cook e seus parceiros anunciam o adeus da banda aos palcos

Por Valtemir Amler

Não importa o quão imersivo é o seu contato com o rock, nem tampouco qual o seu gênero musical favorito. É absolutamente impossível que nunca tenha ouvido uma música do Creedence Clearwater Revival. Afinal, o quarteto formado por John Fogerty (vocal e guitarra), Tom Fogerty (guitarra), Doug Clifford (bateria) e Stu Cook (baixo) já atuava (sob nomes diversos) desde 1959, iniciando uma trajetória meteórica em 1967. Em cerca de cinco anos, lançaram sete álbuns completos de estúdio e emplacaram sucessos gigantescos, como *Have You Ever Seen The Rain*, *Proud Mary*, *Bad Moon Rising*, *Fortunate Son* e *Who'll Stop The Rain*. Então, em 1972, veio o anúncio do fim da banda após o lançamento de *Mardi Gras*, um álbum que já apresentava a proeminência das composições de Cook e Clifford, e que revelava o distanciamento dos outros integrantes. Se as tentativas de reunião nunca se mostraram efetivas, coube ao baixista e ao baterista a missão de reviver as glórias da antiga banda nos palcos. E foi assim que nasceu o Creedence Clearwater Revisited, em 1995. Sem visar os estúdios de gravação, e mirando seus esforços apenas nos palcos, a banda reconquistou os velhos fãs, agregou milhares de novos apreciadores, percorreu o mundo em várias turnês, e recentemente anunciou sua despedida dos palcos em uma turnê especial, que inclusive passou pelo Brasil no ano passado. Para relembrar os grandes momentos de toda a sua longa trajetória, conversamos com Stu Cook.

Acredito que essa é a pergunta que todos os fãs fariam para começar a entrevista: Por que agora? Por que deixar os palcos neste momento?

Stu Cook: Bem, eu poderia listar várias razões aqui e pode acreditar quando digo que a maior parte delas seria verdadeira. O fato é que é difícil manter uma banda funcionando, pois são muitas coisas envolvidas no processo diário de uma banda em turnê. E, se levarmos em consideração apenas os anos em atividade como Creedence Clearwater Revisited, ainda assim serão vinte e cinco anos de atividade. Isso é muita coisa, acredite. São mais de duas décadas de longas turnês, mais de duas décadas de muitos shows... Por favor, não me entenda errado, é claro que eu amei cada momento, mas chega uma hora em que é preciso descansar. Hoje estamos na casa dos 75 anos de idade, temos famílias maiores do que antes, temos netos, e temos tantos outros projetos além da música que queremos realizar antes de partir. Não quero soar melancólico, mas precisamos ser realistas quanto a isso. Nós não estamos ficando mais novos. Chega um momento que você precisa olhar no espelho e escolher o que vai fazer em seguida. É aquela situação em que você precisa dizer: 'Certo, eu já tenho o suficiente disso'. É como aproveitar uma ótima refeição. Você senta à mesa com satisfação, mas tem que saber a hora de parar. Você entra para esse mundo, vive o seu sonho, e é difícil saber a hora de parar. E eu confesso que isso, às vezes, tira o meu sono. De vez em quando me questiono se essa é mesmo a hora certa. Será que não estamos tomando essa decisão prematuramente? Pode ser, mas a verdade é que prefiro assim a esperar até ser tarde demais.

> VOCÊ NÃO TEM NOÇÃO DE QUANTOS MÚSICOS DE HEAVY METAL EU JÁ ENCONTREI NAS NOSSAS VIAGENS E QUE ME DISSERAM QUE O CREEDENCE FOI A SUA MOTIVAÇÃO INICIAL PARA PEGAR UM INSTRUMENTO.
> STU COOK

Certamente todos nós ouvimos isso com tristeza, mas também sentimos orgulho por tudo o que vocês fizeram.

Stu: Muito obrigado, é muito bom saber disso. E é por isso que tomamos essa decisão e temos essa turnê de despedida. Já que decidimos parar, queremos ver todos vocês mais uma vez, pois desejamos viver esses momentos incríveis mais uma vez, pois foram vocês que fizeram essa jornada ser algo tão especial e agradável. Só nesta banda foram duas décadas e meia, e mal saberia dizer o quanto sou feliz com isso.

Imagino que chega a ser curioso pensar que, no início, você e Doug nem pensavam em tocar para grandes plateias.

Stu: É mesmo! No início, nós pensávamos apenas em tocar em pequenos eventos, você sabe, aqueles fechados ao público, como pequenas reuniões e coisas assim. E vou lhe dizer: quando essa banda se transformou daquela nossa ideia inicial nesse mostro gigantesco que gira o mundo, ninguém ficou mais surpreso do que eu e Doug. Nós sabíamos que as pessoas gostavam dessas músicas, o que não sabíamos é se eles iriam querer nos ver tocando-as. Não tínhamos como imaginar se teríamos algum futuro com isso. E, veja só, se passaram 25 anos até resolvermos dar um basta nisso (risos).

E apenas porque assim desejam, pois cada vez parece ter mais pessoas interessadas na música de vocês.

Stu: É verdade! É engraçado olhar de cima do palco e ver tantas caras diferentes na plateia. Nós temos quatro, talvez cinco gerações diferentes de fãs, isso é algo que sempre me impressiona. Essas músicas realmente têm algo especial, que se conecta com tantas pessoas diferentes e de épocas diferentes. O que fazemos no palco é tentar honrar esse legado. Tentamos fazer com que cada show seja especial e que valha a pena para aqueles que estão diante de nós.

Essas músicas realmente têm algo especial. Se colocarmos em perspectiva o ano de 1968, quando o Creedence lançou seu primeiro álbum, autointitulado, estavam nascendo bandas com o som muito pesado, como Led Zeppelin e Black Sabbath, ao passo que outras muito técnicas surgiam, como o Yes e o King Crimson. O Creedence fazia música simples e melódica, e isso fez a diferença.

Stu: Eu concordo. Penso que o nosso principal ponto de apoio naqueles primeiros anos é que talvez tivéssemos um 'background' musical diferente de todas essas bandas. As que nós ouvíamos, ou melhor, as músicas, já que naquela época o foco era mais nela do que na

banda, eram essencialmente simples e curtas; canções de dois ou três minutos de duração. Eram simples, curtas e muito bonitas, bem harmoniosas. Foi basicamente com essas canções que aprendemos a tocar nossos instrumentos. Então, esse foi o nosso foco desde o primeiro momento: criar canções bonitas e fáceis de lembrar, músicas que você poderia pegar um violão velho e tocar junto aos seus amigos enquanto se divertia, em vez de morrer tentando aprender a tocar como uma máquina sem amor.

Você sentia uma diferença real entre as bandas britânicas e norte-americanas naquela época?

Stu: No começo eu sentia sim, e bastante. É engraçado, pois você mencionou as bandas de rock progressivo e heavy metal, mas eu sinto que as britânicas tinham uma proposta um pouco mais próxima da nossa naquela época. Por conta disso que mencionei antes, nós éramos meio que uma banda única na década de 1960, principalmente considerando o contexto musical dos EUA. Aqui as bandas eram muito motivadas e influenciadas pelo contexto musical e artístico da época, toda a questão da contracultura e coisas do tipo. Tinhamos toda a coisa da psicodelia em escala maior, as bandas que faziam 'jams' imensas em nome de uma sonoridade livre de amarras e tudo o mais, enquanto na Inglaterra você tinha um pouco mais de estética, de músicas que evocavam a beleza em vez da loucura. Claro que depois tudo se misturou e mundo todo passou pela era psicodélica da música, mas aí já é outro momento (risos). Da nossa parte, nós mantivemos a nossa fórmula e seguimos adiante, e isso sempre nos manteve como uma banda diferente, o que também ajudou na forma como as pessoas se conectavam conosco.

Vocês já tinham noção disso, nos anos 60?

Stu: Sim, nós pensávamos isso na época, e anos, décadas depois tivemos a confirmação. No fim das contas, as pessoas recordam das canções, e não das jams (muitos risos).

Faz sentido (risos).

Stu: Sim, basta você perceber: alguém recorda o meio de uma jam de cinquenta minutos do Grateful Dead? Não, mas todos lembram de *Have You Ever Seen The Rain* (risos).

Mais que isso, muitas bandas começaram tocando covers dessa música.

Stu: Nossa, tem razão. Você não tem noção de quantos músicos de heavy metal eu já encontrei nas nossas viagens e que me disseram que o Creedence foi a sua motivação inicial para pegar um instrumento. Isso é incrível, e isso é algo que sempre direi sobre John Fogerty: ele realmente sabia como escrever uma canção incrível, ele sabia tocar o coração e se conectar com as pessoas.

De fato, e em vários sentidos, o Creedence foi a primeira banda a receber o status de 'american rock', certo?

Stu: Sim, originalmente fomos nós. Acho que isso era pelo fato de que quase tudo que existia de bom no mundo da música vinha da Grã-Bretanha (risos). Beatles, Rolling Stones, depois o progressivo, o heavy metal, tudo vinha de lá por muito tempo. Nós éramos meio que a única banda norte-americana que tinha um som realmente único, que era facilmente reconhecível como uma banda dos Estados Unidos, pois existia muito da música tipicamente americana nos nossos discos. Coisas de country, música rock, poesia do campo, essas coisas. Sim, eu ainda lembro quando explicavam o nosso som como 'american rock'.

Você ainda sente a música do Creedence como 'american rock'?

Stu: Não, eu sinto que a coisa é mundial. A partir do momento que a nossa música tocou tantos corações ao redor do mundo, ela se tornou uma coisa de todos. E é por isso que queremos tanto tocá-las para vocês uma última vez.

Dan McCuinness, Doug Clifford, Stu Cook, Kurt Griffey e Steve Gunner encerraram a jornada em homenagem ao Creedence após a atual turnê mundial

Divulgação

Agentes do Terror Báltico

Inferno, Nergal e Orion prometem um novo álbum de estúdio do Behemoth já para o ano que vem

Grzegorz Golebiewski

Com uma nova versão de seu álbum mais ambicioso e um novo EP, lenda polonesa reafirma seu domínio na cena extrema

Por Valtemir Amler

Em outubro de 2018, o Behemoth redefiniu sua fórmula musical com o ambicioso e profundamente artístico *I Loved You At Your Darkest*. No álbum, uma jornada profunda e profana do líder Nergal em busca das raízes mais obscuras e ambíguas da arte sacra e da história da fé cristã, o grupo polonês acabou encontrando a sua expressão musical máxima. Da intempestividade extrema ao sacro-profano, da explosão do black metal ao culto ritualístico, o mais recente 'full-length' dos poloneses também encanta por outros atributos, como o incrível trabalho artístico da 'embalagem' do disco. Nela, a banda reinterpreta cenas clássicas da arte sacra com tanto cuidado e bom gosto que poderá enganar os não iniciados. Como se o seu manancial artístico não reconhecesse limites, Nergal ainda preparou uma nova versão do álbum, com nova arte e conteúdo inédito (lançada em janeiro deste ano), e um novo EP, *O Pentagram Ignis*, lançado no ano passado e vendido exclusivamente durante a turnê. Dono de verdades cáusticas, pensamento rápido e resoluto, e de uma inteligência extremamente aguçada, Nergal é um entrevistado gentil e extremamente educado, que nunca deixa de responder as perguntas de forma completa e sempre toma o cuidado de retomar ideias que possa julgar incompreendidas. E foi com essa atenção que ele nos apresentou um resumo das atividades mais recentes do Behemoth, uma banda que nunca deixa de evoluir.

Conhecendo você, imagino que seja um erro pensar que está sentado confortavelmente no sofá de sua casa, certo?

Adam 'Nergal' Darski: Sim, sabe como é, não consigo expressar muito das minhas ideias sentando no sofá. Então, pode apostar nisso (risos). Eu preciso de atividade e nós temos nos mantido em atividade criativa constante, coisa que acho muito importante. Na verdade, é o ideal. Assim você mantém a sua criatividade sempre fluindo, pois ela tem para onde ir. Então, neste exato momento, eu estou no estúdio, sentado em uma cadeira e com uma guitarra no colo. Só parei de tocar para atender o celular, e estou muito feliz em falar novamente com vocês.

Bem, eu gostaria de recapitular os acontecimentos mais recentes da jornada do Behemoth. Vamos começar falando sobre *Messe Noire*, álbum ao vivo que lançaram em abril de 2018.

Nergal: A ideia toda nasceu conforme o ciclo de *The Satanist* (2014) ia se desenvolvendo. Aquele álbum veio depois de uma espera de cinco anos e muitos eventos que precisamos superar de todas as ordens, como processos judiciais, questões de saúde, tudo aquilo... E o álbum conquistou um apoio enorme dos fãs! Desde que aquela turnê começou, parecia que nunca iria acabar, pois cada vez se estendia mais e rumava para outros territórios. No fim, já havia se passado muito tempo do álbum, e os fãs ansiavam por novo material. Eu acho que foi importante lançar esse álbum, e não apenas por então fazer quatro anos do nosso último disco. Afinal, já tínhamos *I Loved You At Your Darkest* quase pronto para sair da gaveta. O fato é que existiam muitas pessoas se perguntando como seria um show do Behemoth hoje, e acho que *Messe Noire* foi a melhor forma de apresentar o show de *The Satanist* para as pessoas. Certamente foi um grande passo na direção do que viria em seguida, e a forma perfeita para encerrar aquele ciclo.

Hoje, depois de mais de um ano e meio do lançamento de *I Loved You At Your Darkest*, como você se sente em relação a ele?

Nergal: É incrível, pois me sinto muito bem. Faz um bom tempo que foi lançado, já fizemos muitos shows tocando essas músicas, e ele ainda soa como um álbum muito recente. Sinto que ainda estamos no começo do ciclo e que ainda virá muito pela frente. Além disso, estou extremamente satisfeito com a recepção que este álbum teve, e com a maneira como os fãs entenderam a nossa proposta. Nem sempre é possível inovar e ser compreendido, mas sinto que estamos sendo bem sucedidos nessa missão, ao menos entre os nossos fãs.

Artisticamente, você também se sente assim?

Nergal: Sim, com certeza. Artisticamente falando, o que mais me agrada é que conseguimos fazer um álbum que é muito diferente de *The Satanist*. Não quero que me entendam errado. *The Satanist* é um dos nossos melhores registros, e é por isso que fiquei extremamente feliz quando senti que conseguimos nos desprender daquela fórmula e seguir adiante com algo novo. Quando você encontra uma fórmula em que é bom, às vezes é muito difícil se desafiar para seguir outro rumo, e tivemos essa coragem. *The Satanist* e *I Loved You At Your Darkest* são duas feras completamente diferentes, mas, se você prestar atenção, perceberá que foram trabalhados com o mesmo zelo e atenção.

Concordo e penso que é isso também que os assemelha, já que esse zelo e impulso inovador é algo que esperamos do Behemoth.

Nergal: Ah, entendo. Claro, é impossível dizer que me dediquei mais para este do que para aquele álbum, pois cada álbum é o meu universo no momento em que estou o criando. E também tem aquele fato de que sempre existirão alguns elementos que vão remeter para os nossos primeiros dias. O Behemoth tem raízes muito profundas na música extrema, e sempre estaremos atados a elas, gostem ou não. Quer dizer, não importa com que subgênero nós estejamos flertando... Veja, somos uma banda extrema, mas sempre estamos abertos a outras referências musicais. Mas, qualquer que seja o elemento musical que incorporemos ao nosso som, vamos incorporar no contexto da música extrema. Vamos fazer com que soe como Behemoth.

Interessante você dizer isso, pois senti certa influência de Discharge em *Wolves of Siberia*, e algo de Dead Can Dance e Clan Of Xymox em *Bartzabel*.

Nergal: Sim, e eu não poderia discor-

> **"Todo o dinheiro que ganhar com essa banda será investido nela – esse tem sido o meu ideal desde o primeiro dia!"**
>
> **Adam "Nergal" Darski**

dar de você, não em sã consciência (risos). Tanto em *Wolves of Siberia* quanto em *God=Dog* eu procurei essa referência crua do antigo punk e, naturalmente, o Discharge foi uma referência, pois, durante algum tempo, foi a banda mais extrema que existiu. E *Bartzabel* realmente tem essa aura muito gótica, essa coisa meio de catedral gótica, e principalmente o Dead Can Dance é ótimo em trazer essa aura. Então, trazemos esses elementos para o nosso som, adicionamos a nossa marca e ganhamos muito em dinâmica musical, sem nos distanciar demais do nosso próprio universo.

Exato. E é isso que sentimos no novo álbum, que facilmente pode ser percebido como o mais variado da carreira do Behemoth.

Nergal: Sim, concordo com você. Existem muitas diferentes nuances neste novo álbum, muitos elementos que vêm de gêneros musicais diferentes, e que garantem experiências musicais diferentes ao ouvinte. Eu senti que precisava ser assim quando estava compondo, quando as ideias começaram a surgir na minha cabeça como uma enxurrada, tudo de uma vez só. O conceito das letras, as artes, a poesia negra que tudo evocava, eu precisava de um instrumental que transmitisse todas essas nuances, que fizesse o ouvinte sentir na carne essas alterações. É como em uma missa, ora os fiéis estão compenetrados e enternecidos com o sacrifício, ora estão cantando quase em êxtase, para logo em seguida entrarem em profunda meditação com uma oração... Eu queria essa dinâmica, mas subvertida na minha arte, de forma profana e oposta àquilo que costuma representar. Claro que poderia dizer que tudo aconteceu de forma natural e, de certa maneira, foi mesmo. Porém, eu procurei por esses elementos e por esse resultado.

Você nunca teve problemas por compreender a música assim?

Nergal: Sempre tive problemas por isso (risos). É verdade, as pessoas se incomodam, certos fãs de música extrema não compreendem, pessoas de fora do metal detestam, políticos e religiosos julgam e condenam... Esse é o preço do que faço e pago tudo com um sorriso no rosto, pois acredito piamente em tudo o que faço. Com o Behemoth, não existe uma fórmula exata para um álbum. Tudo o que existe é uma folha em branco no início do processo e, então, uma espécie de caos mental que me levará a desenvolver cada aspecto da imagem que desejo pintar em cada disco. A partir do momento em que tenho uma ideia, eu começo a me mover. É uma força que me impulsiona, que me guia. Desde que exista uma fagulha de criatividade, eu acendo a chama e carrego a tocha até o ponto final, sem concessões. Não poderia ser diferente. Se você é o primeiro a desistir de suas ideias, como pode esperar que alguém as leve a sério? Dificuldades nunca irão me parar, muito pelo contrário.

I LOVED YOUT AT YOUR DARKEST
Metal Blade - Imp.

É ótimo saber disso, que você mantém essa postura desafiadora que tem desaparecido no metal atual.

Nergal: Sim, e isso frequentemente isso nos leva por caminhos diferentes, que não havíamos trilhado antes, musicalmente e liricamente. Mas essa é a essência e a razão de fazer um novo disco. Você não quer somente se repetir e seguir com o fluxo e com o que já deu certo, como falamos sobre *The Satanist*. Tentar e inovar é o sentido de se manter compondo novas músicas, e hoje eu lhe digo: se um dia o Behemoth parar, não será porque estamos velhos demais e muito cansados. Se um dia pararmos, não será uma aposentadoria. Vamos parar quando não soubermos mais como seguir adiante criativamente, e será só nessa condição.

Pelo volume de novo material, esse momento demorará a chegar, certo?

Nergal: Espero que sim, garanto para você. Temos esse novo EP que foi vendido exclusivamente na nossa turnê (*O Pentagram Ignis*), e entendemos que seria legal também disponibilizar algo único e novo para os fãs que não puderam nos ver em turnê. Por isso, a nova versão de *I Loved You At Your Darkest*, com material extra. Além de um documentário, o fã terá quatro versões ao vivo de nossas músicas mais novas, algo que achei bem interessante disponibilizar. E ainda quero dar outras novidades para os seus leitores. Durante a maior parte de 2020 e, provavelmente, metade de 2021, estaremos completamente envolvidos em um novo ciclo criativo, que resultará em um novo álbum completo. Já estou tendo ideias, por isso estou aqui com a minha guitarra (risos). Esperem por um novo álbum do Behemoth por volta da metade de 2021.

É uma ótima notícia! Mas imagino que você não vai querer aprofundar nesse assunto ainda...

Nergal: Depois conversamos sobre isso (muitos risos).

Então vamos voltar ao álbum mais recente, já que eu gostaria que falasse sobre toda a arte visual que ele envolve. Foi um projeto bastante dispendioso, suponho.

Nergal: Demais, você nem poderia imaginar. Tudo que envolve a parte visual de *I Loved You At Your Darkest* é gigante! Então, acabou que esse foi um projeto gigantesco, uma pesquisa muito profunda, um trabalho muito extenuante e que nos custou muito, mas muito dinheiro mesmo. Mas, para mim, o dinheiro que disponho é como que uma porta para fazer aquilo que outras bandas não podem e gostariam de fazer. Todo o dinheiro que ganhar com essa banda será investido nela – esse tem sido o meu ideal desde o primeiro dia! Olhar para o disco e ver o que conquistamos, musical e visualmente, é um dos meus maiores orgulhos.

Para finalizar, gostaria de uma definição: quem é Nergal para a religião cristã?

Nergal: Um inimigo. Naturalmente, eu sou um inimigo. E posso dizer que não fui eu quem escolheu essa definição. Não sou eu quem mente e encobre mentiras por séculos, não sou eu quem processa quem duvida dos seus dogmas, quem quer impor idelas pela força da espada. Eu sempre estive disposto a discutir ideias, conversar. Eles não, eles só entendem a língua da força bruta.

Murder Rape

A OBSCURA E INTOLERANTE BANDA DE BLACK METAL, MURDER RAPE, NOS BRINDA COM SEU NOVO ÁLBUM!

"Malum Absolutum"

DISPONÍVEL EM CD E DIGI CD

UMA DAS MAIORES PRODUÇÕES DO ESTILO JÁ FEITOS NO BRASIL, MIXADO E MASTERIZADO NUM DOS MELHORES ESTÚDIOS DO GÊNERO, O CONCEITUADO NECROMORBUS, CONHECIDO POR TRABALHAR E PRODUZIR BANDAS COMO WATAIN, ARMAGEDDA, FUNERAL MIST, MAYHEM ENTRE OUTRAS, UMA PRODUÇÃO DIGNA DAS MAIORES REFERÊNCIAS DO GÊNERO.

MAIS UMA VEZ, O MAL É GLORIFICADO EM SUA MAGNÍFICA E PRIMITIVA ESSÊNCIA... É ISSO QUE ESTE ÁLBUM TEM A LHE OFERECER!

Veritas odium partit!!!

Distribuído nos EUA por GREYHAZE RECORDS
GREYHAZE RECORDS
www.greyhazerecords.com

MUTILATION PRODUCTIONS
mutilationrec.loja2.com.br

COGUMELO RECORDS
www.cogumelo.com

VENDAS:
cogumelorecords.loja2.com.br
facebook.com/cogumelorecoficial

Mike LePond, Marc Lopes, Steve Bolognese e Ross The Boss atingem o seu ápice com *Born Of Fire*

Divulgação

ROSS THE BOSS

QUANDO O CHEFE FALA...

O quarto (e melhor) álbum solo do guitarrista que mudou a história do metal com o Manowar

Por Valtemir Amler

A trajetória musical do guitarrista nova-iorquino Ross Friedman é uma daquelas que se envolvem e entrelaçam com o próprio desenvolvimento da música pesada. No início de sua jornada, ele ajudou a redefinir a fórmula do punk rock com a banda The Dictators. Então, com o fim prematuro em fins da década de 1970, partiu com tudo para o heavy metal, sendo peça fundamental na concepção dos seis primeiros álbuns do Manowar, hoje clássicos absolutos do estilo. Desde 1989, a carreira do guitarrista envolveu muitos projetos, entre eles uma passagem célebre pelo Brain Surgeons, um álbum muito interessante com o Manitoba's Wild Kingdom e o ótimo Death Dealer, que já conta com dois trabalhos lançados. Porém, foi em seu projeto solo que reencontrou a sua melhor música. Com quatro álbuns na praça, a banda Ross The Boss é uma realidade incontestável e o novo álbum, *Born of Fire*, pode ser considerado, sem medo de exageros, como o melhor que Friedman produziu desde sua saída do Manowar. Na entrevista a seguir, 'O Chefe' fala sobre *Born of Fire* e aproveita para elucidar a parte inicial de sua jornada, os anos punk do The Dictators e uma notícia que deixará os velhos fãs atentos.

***Born of Fire* já é o quarto álbum que lança sob o nome Ross The Boss. É uma sensação diferente daquela que você sente nas outras bandas?**

Ross The Boss: Isso depende muito do ponto de vista que estivermos adotando no momento. Por exemplo, apesar de carregar o meu nome, eu não encaro o Ross The Boss como a minha banda solo, não hoje e nem nunca, pois para mim nunca foi assim. Eu não sou o tipo de músico que assume o centro do palco sob as luzes da ribalta enquanto o resto da banda está no breu, fazendo a sua parte e carregando a apresentação nas costas, como alguém que nós conhecemos. Então, trabalhar com essa banda é um processo diferente porque conta com pessoas diferentes, mas não é diferente na maneira como eu a encaro. É uma banda de verdade! *Born of Fire* é o projeto de um grupo que já está junto há dois anos, em turnê constante, dividindo decepções e glórias, e, principalmente, compondo junto. Ross The Boss é o meu nome, mas *Born of Fire* é verdadeiramente o disco de uma banda!

Isso fica bastante claro quando botamos o disco para rodar, já que ele é guiado pelas composições e não apenas pelo som da guitarra.

Ross: Sim, muito obrigado. Sabe, esse nunca foi o meu jeito de fazer as coisas. Isso não é uma coisa que combina com o meu estilo de viver, com as coisas em que acredito de verdade. Eu jamais conseguiria fazer uma banda ou um disco apenas para dizer que eu sou o máximo, para aparecer mais do que os outros. Se você me elogia, eu fico extremamente feliz e grato, mas nada do que crio é para ser bajulado. Como disse, estamos juntos na estrada há dois anos, como eu poderia chegar com esses caras no estúdio e pedir para eles se apagarem completamente? Não, de jeito nenhum, isso é um disco de heavy metal! As guitarras brilham no metal, mas nunca sozinhas e é por isso que tenho uma banda tão competente ao meu lado! Já convivi com estrelas demais no meu passado e sei como é desgastante lidar com isso. Nunca mais aceitarei trabalhar com pessoas que se acham os reis do mundo. Sem ego, sem

superestrelas, sem astros do rock, nós compomos a melhor música possível juntos, e é por isso que você teve essa sensação.

Todos estiveram envolvidos na composição então?

Ross: Sim, todos nós temos parte nessas canções.

Isso é um pouco diferente do Manowar, certo? Pelo que me lembro, lá eram você e Joey (DeMaio, baixo) que trabalhavam na maior parte das composições, certo?

Ross: Isso mesmo. Naquela época, tocávamos qualquer coisa juntos, tínhamos um bocado de ideias e registrávamos numa fita cassete para depois trabalhar em estúdio. Ah, os velhos tempos (risos). Nós pegávamos aquelas ideias, ensaiávamos todos juntos no estúdio e, então, elas tomavam a forma final, que vocês conhecem hoje.

Certo, o ponto que quero chegar é, nesta nova banda, quem é o seu parceiro principal na hora de compor, quem divide esse papel de 'mentor' com você?

Ross: Bom, aqui as coisas são um pouco diferentes, pois eu sinto que tenho mais parceiros aqui do que tinha no Manowar, se é que você me entende. Todos somos parceiros na hora de compor. Claro, se levarmos em consideração que Marc (Lopes, vocal) escreveu todas as letras, poderíamos dizer que ele é meu principal parceiro por conta do volume de trabalho, mas não sei se isso seria correto ou justo.

Esse método de trabalho foi algo que você buscou?

Ross: Sendo completamente honesto, não. A verdade é que aconteceu assim. Eu não tinha músicas para um álbum completo desta vez e não sabia como as coisas poderiam acontecer. Eu estava ficando realmente preocupado com isso, mas então a banda veio para me ajudar. Eles não só me ajudaram a compor as músicas, pois tem faixas que são deles – Mike (LePond, baixo) tem suas músicas, Marc também... Não foi algo planejado, mas acredito que se fosse não teria funcionado tão bem (risos).

Aliás, você comentou o talento dessa banda, e chega a ser redundante falar sobre o trabalho de Mike LePond.

Ross: Ah, ele é um baixista fenomenal! Acho que não existe uma alma no metal que não tenha se rendido para ele, especialmente por conta de tudo que ele já demonstrou no Symphony X. Claro que tem outros mil projetos (risos), mas sinto que ele é único e especial em cada um deles. Além de ótimo baixista, é um cara divertido, simples, com ótimas ideias de composição e arranjos. É uma honra trabalhar com ele.

O mesmo com seu velho parceiro de Death Dealer, Steve Bolognese, certo?

Ross: Sem dúvida, pois ninguém toca bateria como ele e eu, nem por um segundo, poderia pensar em outro baterista. Ele tem essa coisa de jazz e fusion, todo o talento e técnica que é necessário para tocar esses estilos, mas ele traz isso para o heavy metal básico e bruto do Ross The Boss. Diga-me, quantos bateristas você conhece que são capazes de fazer isso? Uns quatro ou cinco? Pois é, isso é um talento raro e, se posso contar com ele, vou deixar o ambiente livre para que ele mostre tudo que é capaz.

Agora, falemos um pouco sobre Marc Lopes. Aliás, um dos primeiros elogios que vi na internet para esse novo disco, dizia respeito aos vocais dele. Um fã comentou que era ótimo ouvir a sua guitarra com um vocalista que não tentava imitar o 'Cookie Monster' (N.R: No Brasil, *Come-Come*, personagem da Vila Sésamo que tem uma voz extremamente forçada e característica no original).

Ross: Acho que nós dois sabemos com quem estavam comparando, certo?

Com certeza.

Ross: Pois é (rindo muito). E só posso concordar, pois você precisa ter talento, voz e coragem para cantar heavy metal sem querer soar como um guerreiro medieval com as bolas apertadas por um alicate de pressão (muitos risos). Realmente, eu amo os vocais nesse álbum, acho que estão entre as melhores performances com que já contei. O diferencial é que Marc só faz o que a música pede, ele nunca exagera. Ele não quer ser o vocalista mais abissalmente colossal que Odin colocou no mundo (risos), só quer fazer o certo e o justo para a música. E, se não foi perfeito, foi muito próximo disso nesse álbum.

BORN OF FIRE
AFM/Valhall Music - Nac.

Gostaria de falar um pouco sobre sua antiga banda, The Dictators. Como foi o seu caminho até começá-la?

Ross: Bem, na época da escola eu tinha uma banda no Bronx chamada Total Crud. Nós fazíamos alguns shows, e um dia tocamos numa festa em outro colégio, onde estudava o Andy Shernoff. A minha vida é cheia desses encontros bizarros e meio proféticos (risos). Ele simplesmente chegou em mim e disse 'Quer saber de uma coisa? Você estava ótimo, mas essa banda é uma bosta. Você deveria montar outra banda'. Na hora, olhei para ele e disse: 'Certo, então vamos montar uma banda nova, eu e você'. E foi assim que nasceu o Dictators (risos).

E como chegaram ao debut, *Go Girl Crazy!*?

Ross: Nós ensaiávamos sempre numa casa isolada, para ninguém nos ouvir tocar, pois éramos um lixo (risos). Mas Andy tinha um amigo chamado Richard Meltzer, que escrevia letras para o Blue Öyster Cult. Richard falou sobre nós com o 'manager' do BÖC, Sandy Pearlman, que veio nos ver tocar e imediatamente assinou conosco. Então, nós éramos horríveis, fazíamos uma música que ninguém entendia, mas tínhamos um contrato com a CBS (risos).

***Go Girl Crazy!* foi sua primeira vez em um estúdio?**

Ross: Sim, a primeira vez em estúdio! E, vou lhe contar uma coisa. A música que abre o disco, *The Next Big Thing*, eu gravei em uma única tomada! Isso meio que mostrou para todos o quanto a energia bruta de uma primeira tomada poderia soar bem na música punk, e acabou sendo a minha marca registrada por toda a carreira.

Incrível. Mas, infelizmente a banda acabou após três álbuns.

Ross: Sim, muitas coisas começaram a mudar, contratos e tudo mais. No fim, a banda acabou e eu fui trabalhar com a banda Shakin' Street. Nós éramos a banda de abertura do Black Sabbath em 1980, e foi num show que Ronnie James Dio me apresentou um sujeito chamado Joey DeMaio. Outro encontro profético (risos). Mas, desta história todos conhecem os detalhes; então, deixe-me terminar com uma ótima notícia. Eu, Andy Shernoff e Scott Kempner estamos de volta com a banda, e o Dictators já está pronto para começar a gravar novamente! Esperem mais novidades muito em breve.

Fernando Piu, Guilherme Boschi, Flavio Ferb, Lucio Del Cielo e Renato RT: valeu a pena esperar pelo primeiro disco

Virus

COMO SE O TEMPO NÃO TIVESSE PASSADO

Após mais de duas décadas parado, o Virus volta à ativa e lança o tão esperado álbum de estreia

Por Antonio Carlos Monteiro

Quem viveu os anos 80 viu: quem não estava por aí naquela época também conhece. Nos primórdios do heavy metal nacional, o Virus era uma das bandas que mais se destacava, graças aos shows elaborados e à participação na coletânea *SP Metal* (1984). Porém, quis o destino que o esperado disco de estreia não saísse naquela época e a banda acabou ficando décadas no estaleiro, até voltar em 2015 para um show em comemoração aos trinta anos da coletânea da Baratos Afins. E o que seria uma simples celebração acabou virando um retorno que culminou no tão aguardado primeiro disco, *Contágio* (2019). O repertório, escrito lá nos anos 80, mostra que o quinteto não perdeu a mão, e os fundadores Flavio Ferb (vocal), Fernando Piu (guitarra) e Renato RT (guitarra), agora acompanhados pela cozinha formada por Guilherme Boschi (baixo) e Lucio Del Ciello (bateria), logo se lançaram aos shows. Num dos mais recentes, realizado no SESC Belenzinho, em São Paulo, em março de 2020, mostraram uma versão matadora da música *Angel Witch*, da banda homônima, e que logo vai virar single. Neste papo, Flavio relembra um pouco da história da banda e fala sobre o que vem por aí.

Falando um pouco do passado... A banda começou no início dos anos 80 e logo se destacou, tanto pelas músicas como pelos shows repletos de efeitos visuais. Como se fazia naquela época para criar tudo aquilo que vocês levavam para os palcos?

Flavio Ferb: Bom, acho que o ponto essencial é que éramos movidos pela vontade ser uma banda igual às que cultuávamos. Queríamos criar músicas poderosas e pesadas como aquelas que eles criavam e queríamos fazer shows impactantes como as bandas gringas faziam. Como se sabe, não existia nada pronto para comprar em termos de produção, de roupas, palco etc. – a única saída era fazer em casa: cortar, pintar, pregar, tomar choque, se queimar e fazer na unha mesmo! (risos)

A banda acabou sendo convidada para participar da primeira edição da coletânea *SP Metal*, produzida pela Baratos Afins. Só que naqueles tempos o metal ainda engatinhava no Brasil. Como foi a gravação em si, já que era algo completamente novo para todos os envolvidos?

Flavio: Exatamente! Ninguém tinha experiência em gravação de estúdio, talvez nunca visto um estúdio por dentro. Quando vimos que realmente ia rolar a gravação do *SP Metal* tudo pareceu meio um sonho... Era muito fantástico!

O lançamento da coletânea acabou sendo um divisor de águas na carreira do Virus, que passou a ser considerado um dos melhores grupos de heavy metal do país. Por que não gravaram um disco completo naquela época, como tantas outras bandas fizeram?

Flavio: Sim, com o lançamento do *SP Metal* nossa música foi mais longe, muito mais pessoas conheceram e, com o surgimento de várias bandas de heavy metal, a cena se agitou e os convites foram se multiplicando. Na época, a revista Metal fez uma enquete e recebemos esse 'título' por votação dos leitores... Foi sensacional! Sobre a gravação, naquele tempo era realmente difícil, principalmente pelos altíssimos custos envolvidos. Então, as

oportunidades eram raras. Iniciamos as gravações com a Lunário Perpétuo. Fizemos as guias e começamos a gravar as bases, mas uma crise econômica quebrou os sócios do selo, então precisamos parar.

No final dos anos 80, o Virus encerrou atividades. Por que isso aconteceu?

Flavio: Que eu me lembre, paramos oficialmente entre 1989 e 1990. Foram vários motivos, entre eles a dificuldade de gravar o álbum de forma bacana como queríamos, já que não havia apoio financeiro, somado à desmotivação de tocar, pois era extremamente raro receber algum pagamento pelos shows, e gastávamos dinheiro sem ter! Aí começamos a nos envolver com outras atividades e a coisa foi esfriando.

Muitos anos depois, vocês voltaram à ativa. Quando isso se deu e o que motivou vocês a retomarem o Virus?

Flavio: Voltamos à ativa em 2015, novamente por causa do Luiz Calanca (da Baratos Afins), que nos chamou para uma reunião para tocar no show de aniversário de trinta anos do lançamento do *SP Metal*, no SESC Belenzinho. Rolou tão bem que decidimos continuar!

Da formação original, estão você e os guitarristas Fernando Piu e Renato RT. Por que Cássio (baixo) e Caio (bateria) não participaram desse retorno?

Flavio: Foram motivos e momentos de vida que os impediram. O Cássio estava com algumas questões pessoais para administrar e morando fora de Sampa e o Caio com alguns grandes projetos educacionais que demandavam bastante dedicação e foco, lá em Santa Catarina, onde ele mora atualmente.

Finalmente, mais de trinta anos depois do surgimento da banda, saiu o primeiro disco. O que motivou vocês a lançarem *Contágio*?

Flavio: Na verdade, era como um filho de uma gestação de trinta anos! (risos) Se não nascesse agora, correríamos o risco de perder de vez o avião da história. Eram todas as nossas composições de uma década de muita criação e trabalho que não estavam registradas em nenhum lugar, só nas nossas memórias.

Por que optaram por lançá-lo de forma independente?

Flavio: Foram feitas algumas ofertas para lançamento, mas parece que a coisa toda direcionou naturalmente para uma produção independente. O Lucio tem muitos amigos que trabalham em estúdio, grandes profissionais da área, e isso foi um caminho importante para a decisão da produção independente.

Todo o repertório do disco é dos anos 80 ou há material que foi escrito agora?

Flavio: Sim, todas as músicas do álbum são as que compusemos e tocávamos nos shows nos anos 80.

Vocês gravaram no Orra Meu!, do Marcello Schevano. Como foi trabalhar com ele?

Flavio: O Orra Meu! é um estúdio fora de série, tem uma infraestrutura de extrema qualidade e a galera que trabalha nos projetos é muito profissional e dedicada. Na verdade, o Schevano não fez a produção. Ele deu muitas orientações, mas quem pegou pra fazer foram o Fernando Piu e o Lucio. Mas o Marcello foi o cara que deu várias diretrizes e tê-lo como parceiro em nosso álbum foi muito gratificante.

Dá para fazer algum tipo de comparação entre as gravações de *SP Metal* e *Contágio*?

CONTÁGIO
Idependente - Nac.

Flavio: São dois universos totalmente diferentes, com um abismo tecnológico entre eles. O *SP Metal* foi gravado em oito canais, com as guitarras ligadas direto na mesa. Pedais de distorção eram objetos estranhos... (risos)

Vocês conseguiram manter a mesma vibe dos anos 80, mas com uma sonoridade mais moderna. Era essa a intenção da banda?

Flavio: Não era bem a intenção, foi um lance natural, principalmente com o Piu, que mesmo nos anos 80 já tinha que domar a criatividade. Hoje, então, colocar alguns toques novos e ideias novas no que já existia foi inevitável. E todos curtiram muito essa sonoridade.

Uma música que chama a atenção é a instrumental *Ignis*, que começa com um violão e depois vira um tema pesado movido a guitarra, com Fernando Piu no comando. Se ele já era um fenômeno nos anos 80, como devemos defini-lo agora?

Flavio: Até eu que estou acostumado com ele tocando fiquei impressionado com a introdução, um tema acústico com tanto virtuosismo e beleza erudita! Não por ele ser do Virus, mas é com certeza um dos maiores guitarristas do Brasil... Um talento fora da curva.

Interessante o fato de vocês terem regravado *Matthew Hopkins* e *Batalha no Setor Antares*, as duas músicas que fizeram parte da coletânea. Por que decidiram regravar esses temas? Vocês fizeram alguma mudança nelas em termos de letra, arranjo ou estrutura?

Flavio: São duas das músicas de que mais gostamos e deviamos a elas uma gravação melhor, condizente com o tamanho que elas conquistaram depois de terem saído no *SP Metal*. Foi um senso comum regravá-las. Aproveitamos para dar alguns toques que melhoraram a dinâmica e deram mais 'punch', mas tudo sem perder a identidade original.

A exemplo dos primórdios, vocês continuam compondo em português. Escrever letras em inglês nunca foi uma opção para vocês?

Flavio: Isso mesmo. Nunca quisemos fazer letras em inglês, mas é uma questão de gosto mesmo e a fluência das letras em nosso idioma pra nós sempre soou bem legal. Mesmo as composições em que estamos trabalhando no momento são em português.

A capa é criação sua. Qual o significado dela?

Flavio: Desde os anos 80 temos o Fago, um vírus metálico de seis pernas com a cápsula cravejada de espetos. Atualmente esse 'hexagrama', que também usamos em nossas artes, é uma estilização do Fago. A capa, em chamas, representa um vírus disseminando-se pela corrente sanguínea. É o momento do contágio.

Imagino que agora a ideia seja ir pra estrada. Quais os planos nesse sentido? Quem viveu os anos 80 tem as melhores lembranças dos shows do Virus. Se na época já era algo que impressionava, o que dá pra esperar de vocês agora?

Flavio: Sim, agora temos que disseminar o álbum *Contágio*, fazer shows para divulgação desse trabalho. A agenda está aberta nesse sentido. Sobre as apresentações, temos alguns novos efeitos de palco que vão manter nosso DNA de um show de visual impactante e que agora, com o álbum nas mãos ou em streaming, faça os bangers conhecerem melhor todo esse trabalho.

Ozzy em 1986

OZZY OSBOURNE

PARTE 5

DISCOS, TURNÊS, EXCESSOS E CADEIA

Com uma carreira solo consolidada e lançando discos de sucesso, Ozzy chegou a limite da loucura no final dos anos 80

Por Antonio Carlos Monteiro

O fato de estar esperando seu primeiro filho com Ozzy, fez Sharon tomar algumas medidas radicais: garantiu que chamaria a polícia caso encontrasse qualquer tipo de droga em casa (e pode apostar que ela faria isso) e fez o esposo se livrar da coleção de armas. Ozzy topou mas, por outro lado, foi cada vez mais fundo na bebida. "Eu simplesmente não conseguia parar", resumiu ele, e mais alguns episódios constrangedores acabaram acontecendo por conta disso.

Enquanto a gravidez de Sharon avançava, a carreira de Ozzy ia a todo vapor. Durante a tour de *Speak of the Devil*, que mostrava ao mundo o novo guitarrista da banda, Jake E. Lee, Don Costa acabou sendo substituído por Bob Daisley – apesar dos problemas do passado, tanto Ozzy como Sharon queriam o baixista de volta para a gravação do próximo disco. Tiveram que fazer uma boa oferta financeira para que ele topasse.

Assim, com Lee, Daisley, Don Airey (teclado) e Tommy Aldridge (bateria), a banda entrou em estúdio para registrar o que viria a ser *Bark at the Moon*. Novamente no Ridge Farm Studios e novamente com Max Norman na produção (assinada também por Ozzy e Bob Daisley), o disco foi gravado ao longo de 1983 e saiu em 9 de dezembro do mesmo ano, mas não sem criar polêmica: apesar de todas as músicas estarem creditadas a Ozzy, Jake garante que ele e Daisley têm parte na composição, mas não foram citados no encarte por artimanha de Sharon. Tempos depois, o cantor admitiria que ambos "tinham participado do processo".

O disco teve resultado parecido com o anterior, *Diary of a Madman* (1981): Disco de Platina no Canadá, triplo Disco de Platina nos EUA e boas colocações nas paradas britânica (24º posto) e americana (19º).

Ozzy e Jake E. Lee

Logo após o lançamento, vem o primeiro problema: no dia 31 de dezembro de 1983, um canadense maluco chamado James Jollimore matou a facadas uma mulher e seus dois filhos depois de ouvir a música *Bark at the Moon*. Para piorar o negócio, um amigo do sujeito declarou que "Jimmy sempre dizia que se sentia estranho quando ouvia essa música." Naturalmente, fanáticos religiosos começaram a acusar a música de Ozzy de "satanista" e que ela teria influenciado o doido. Obviamente não deu em nada, mas foi um escândalo bastante pesado a se somar aos episódios protagonizados por Ozzy Osbourne.

Com *Bark at the Moon* nas lojas, a banda saiu novamente em turnê mundial, que começou em novembro de 1983 e foi até julho de 1984. Como Aldridge tinha pedido as contas logo após a gravação do disco, Carmine Appice foi chamado a substituí-lo, mas em março de 84 Carmine foi mandado embora e Aldridge voltou para cumprir o restante das datas. Perguntado sobre o motivo da demissão, Ozzy disse que foi por "questões de saúde." E explicou: "Appice estava me deixando doente..."

Bebê a bordo

A tour teve um integrante extra: no dia 2 de setembro de 1983, nasceu Aimee, primeira filha de Ozzy e Sharon. A mãe não quis ficar em casa enquanto o pai caía na estrada, então a solução foi adaptar um berço ao tour bus e levar o bebê junto: "Em menos de um ano, Aimee conheceu mais o mundo do que muita gente conhece na vida inteira." Porém, como continuava bebendo compul-

sivamente, Ozzy mal pôde curtir a filha: "Eu estava lá fisicamente, mas não mentalmente", confessou ele em sua autobiografia. "Quando penso nisso fico muito triste."

Essa turnê, por sinal, teve o Mötley Crüe como banda de abertura e são dela as passagens retratadas no filme biográfico da banda americana "The Dirt". "Eles eram animais que se vestiam como garotas", define Ozzy. Durante toda a tour, após o show, todos completavam a trilogia com muito sexo e drogas. O famoso episódio em que Ozzy teria cheirado uma carreira de formigas, urinado no

Na fase The Ultimate Sin

chão e lambido sua obra é narrado como verdade absoluta pelos caras do Mötley. Ozzy jura que não se lembra de nada. Mas esse foi apenas um dos episódios em que se envolveu. Outro, bem mais perigoso, aconteceu quando ele acordou de um porre no canteiro central de uma rodovia movimentada – naturalmente, sem ter a menor ideia de como foi parar lá.

Por outro lado, Jake E. Lee vivia uma situação muito particular durante a turnê. Acontece que Randy Rhoads tinha conquistado uma legião de fãs com seu talento incontestável, o que fez com que seu substituto fosse rejeitado por eles. "Eram muitos xingamentos", contou o guitarrista ao Ultimate Classic Guitar em 2013. "Eu ouvia direto: 'Você é um mala, Randy é foda!' Só que ele não estava mais entre nós, então o que esses caras queriam? Que Ozzy se aposentasse?" Ele lembrou de um episódio que um cara descobriu o quarto em que ele estava no hotel, ligou pra lá, xingou um pouco e começou a tocar guitarra!

Acabada a turnê, Sharon, a essa altura grávida de Kelly, chamou Ozzy para uma conversa, disse que ele precisava descansar um pouco e que tinha conseguido o lugar ideal para isso. Ozzy ficou animado até descobrir que o "hotel" que a esposa tinha reservado era o Centro de Reabilitação Betty Ford. Obviamente não adiantou nada. Ozzy ficou seis semanas internado, foi resgatado por Sharon, viu Kelly nascer em 28 de outubro de 1984 e embarcou para o Brasil para se apresentar no "Rock in Rio", em janeiro de 1985. Segundo ele, estava alto quando subiu no avião e desmaiado quando pousou no Rio de Janeiro.

Primeira vez no Brasil

Ozzy detestou o Rio de Janeiro. Em sua biografia, ele disse que chegou aqui esperando ver "uma Garota de Ipanema em cada esquina", mas viu "crianças pobres correndo por lá como ratos." E completou: "As pessoas eram absurdamente ricas ou viviam nas ruas." Em conversa com o jornalista Mick Wall, ele foi mais longe: "O lugar é um maldito banheiro, não é? Comida horrível, você não pode beber a água e eu não posso sair do hotel porque eu vou ser assediado. Vou ficar feliz quando for embora." Ozzy ainda se encontrou com Ronald Biggs, assaltante inglês que havia se refugiado no Brasil para não ir preso. "Sinto muito por Ronnie Biggs. Eu sei que as pessoas dizem que ele fez coisas ruins pelas quais nunca foi punido, mas, porra, ter que passar o resto da vida neste lugar deve ser fodidamente pior!", disparou.

Em cima do palco, ele não decepcionou. Foram dois shows, nos dias 16 e 19 de janeiro, com set lists idênticos e destaque para os solos de Jake E. Lee e, principalmente, de Tommy Aldridge, que inovou ao dispensar as baqueta e fazer parte do solo com as mãos – o brasileiro nunca tinha visto isso...

Ozzy voltou à cena apenas em julho, mas para um evento marcante: a primeira reunião em sete anos da formação original do Black Sabbath para participar do concerto beneficente "Live Aid", o que acabou se mostrando uma fonte de insatisfações para todos os envolvidos. De cara, Ozzy e Sharon, que estava mais uma vez grávida, resolveram não ir de avião da Inglaterra para os EUA, onde a banda se apresentaria. Assim, pegaram um navio para Nova York e de lá foram de carro até a Filadélfia. Pés-

Black Sabbath no Live Aid (1985)

sima ideia: "Que diabos há pra fazer num barco a não ser enjoar e vomitar?", perguntou-se Ozzy. Segundo ele, foram "cinco dias que pareceram bilhões de anos."

Lá chegando, o ambiente começou a azedar logo de cara. Antes de tudo, havia a rixa entre Don Arden e sua filha Sharon. Os dois haviam rompido no início dos anos 80 por uma série de motivos, que incluíam desde o fato de Sharon estar empresariando Ozzy enquanto seu pai continuava cuidando dos negócios do Black Sabbath (e, mesmo velada, a rixa entre ambos era forte) até uma das muitas traições de Don à mãe de Sharon, que acabou com um embate entre ela e a amante do momento. Considerando que nunca foi uma boa ter nenhum desses dois como inimigo (Don era conhecido como "Al Capone do pop" pelos seus métodos pouco ortodoxos de lidar com problemas...),

Ozzy ao vivo em 1986

dá pra ter uma ideia do que foi essa briga. Para se ter uma ideia, após a saída de Ian Gillan do Black Sabbath, em março de 1984, a banda chegou a conversar com Ozzy sobre um possível retorno. "Se dependesse de nós teria acontecido, mas Don não queria saber de Sharon e Sharon não queria saber de Don", disse Tony Iommi em sua biografia "Iron Man – Minha Jornada com o Black Sabbath".

Mal Ozzy botou os pés no hotel onde ficaria, foi abordado por um fã. Deu atenção ao sujeito e recebeu uma notificação – era um oficial de justiça disfarçado. Don Arden tinha conseguido uma medida judicial proibindo Ozzy de se apresentar com o Black Sabbath. A coisa não se sustentou, é claro, mas a intenção era irritar – e Don conseguiu.

Ozzy também tinha críticas em relação ao evento em si, que tinha como objetivo levantar fundos para combater a fome na Etiópia. Falando a Mick Wall no livro "Black Sabbath – A Biografia", Mr. Madman não economizou nas letras. "A questão é: eles conseguem o dinheiro, a comida será levada, eles vão alimentá-los e eles ainda vão ficar famintos! Porque a comida, não importa quanto seja arrecadado hoje, não vai durar para sempre." Segundo ele, as grandes corporações e, principalmente, os governos deveriam se unir à causa e gerar recursos para ajudar os povos necessitados. "Eles gastam centenas de milhões em defesa nuclear, mas eles alguma vez falaram: 'Certo, vamos usar uns cem milhões pra alimentar esses fodidos?' Isso não é nada para o governo, é uma mijada no oceano!", resumiu.

O show em si não foi nada memorável: apenas três músicas (*Children of the Grave*, *Iron Man* e *Paranoid*) numa apresenta-

The Ultimate Ozzy (VHS)

ção que começou pouco antes das 10h da manhã e durou menos de vinte minutos. A banda mostrou muito pouca empolgação e Ozzy estava gordo e sem fôlego – tempos depois disse que "parecia Mama Cass (N.R.: Cass Elliot, cantora do The Mamas and the Papas) numa festa gay."

Mais problemas

No dia 8 de novembro de 1985, nasceu Jack, terceiro filho em três anos de Ozzy e Sharon – "a gente estava sempre juntos...", justificou ele a intensa produção. Mas ele continuava um pai irresponsável, que pouco se lembra da infância dos filhos por conta dos excessos.

E como desgraça pouca é bobagem, no final de 85 os pais de um sujeito chamado John McCollum resolveram processar Ozzy e a gravadora CBS. Segundo eles, o filho, de 19 anos, pegou a arma do pai e cometeu suicídio após ouvir *Suicide Solution*. De acordo com eles, Ozzy devia ser condenado por "indução ao suicídio", apesar de a letra da música não ter nada a ver com isso – na verdade, ela era praticamente autobiográfica, falando dos problemas do alcoolismo. Don Arden, sabe-se lá se tentando ajudar ou atrapalhar, declarou na época: "Sendo totalmente honesto, duvido que ele sequer saiba o que aquela letra diz, se é que ela tem um conteúdo. Seu domínio da língua inglesa é mínimo."

Mesmo assim, foi o que bastou para Ozzy virar inimigo público número um. Passou a receber ameaças de morte e teve que andar com seguranças em período integral. Fanáticos religiosos também passaram a persegui-lo, acusando-o de satanismo, e estava pronto o inferno na vida de Ozzy. A pendenga se arrastou até o ano seguinte, quando o juiz encarregado de julgá-la definiu Ozzy como "totalmente questionável e repulsivo", mas considerou que "o lixo também é protegido pela Primeira Emenda", lembrando o item da constituição americana que garante a liberdade de expressão.

Em meio a tudo isso, Ozzy ia trabalhando em seu novo disco. Enquanto estava ocupado em reabilitação, reunião com o Sabbath, tornando-se pai e brigando na Justiça, Jake E. Lee ia trabalhando com afinco em várias composições. Só que resolveu não mostrar nenhuma ao patrão enquanto não tivesse um contrato em que ficassem bem claros os créditos e o pagamento de direitos autorais. Naturalmente, o documento foi produzido e Jake assina como coautor oito das nove faixas do disco; a única em que não foi creditado é *Shot in the Dark*. Os créditos foram para Ozzy e ao baixista Phil Soussan, saído do Wildlife, que chegou a gravá-la, em 1983, para um programa de rádio de Tommy Vance, na

BBC. Soussan acabou processando Ozzy reclamando o pagamento de direitos autorais. Apesar de na época não fazer mais parte da banda, Bob Daisley assinou boa parte das letras. Já para a bateria foi chamado o saudoso Randy Castillo, que havia tocado com Lita Ford.

As gravações aconteceram nos estúdios Townhouse e AIR, ambos em Londres, e Davout, em Paris. A produção ficou a cargo de Ron Nevison, que desagradou Ozzy profundamente. Além de ter dito que é seu disco solo de que menos gosta, ele critica duramente a produção: "Todas as músicas soam igual, não há um pingo de criatividade ali", disparou ele. E completou: "Se tem um disco que eu gostaria de remixar é *The Ultimate Sin*." Porém, o público não viu assim. Lançado em 22 fevereiro de 86, o álbum foi certificado Disco de Platina em menos de três meses, no dia 14 de maio. Em 26 de outubro de 1994 alcançou a certificação de duplo Disco de Platina. Nas paradas, chegou ao 6º lugar nos EUA e 8º na Grã-Bretanha.

A saída de Jake

Isso acabou sendo ótimo para Ozzy e Sharon na guerra contra o Black Sabbath (que na época se resumia a Tony Iommi) e Don Arden. Ozzy tinha virado uma estrela nos EUA (até tinha recebido tratamento diferenciado nos bastidores do "Live Aid") e *The Ultimate Sin* vendeu mais nos Estados Unidos do que qualquer disco do Black Sabbath.

Mais uma vez, ao lançamento seguiu-se uma longa turnê, que começou em fevereiro e foi até outubro de 1986. O show de 1º de abril, realizado no Kansas, foi filmado para o lançamento do vídeo *The Ultimate Ozzy*, que saiu em agosto 86.

Em 23 de fevereiro de 1987, a banda fez um show beneficente em favor dos moradores de rua de Los Angeles no Hollywood Palladium, que acabou sendo a despedida de Jake E. Lee da banda de Ozzy. Não houve maiores explicações sobre o motivo da demissão, mas, em 2010, em entrevista ao site britânico Eonmusic, o guitarrista contou como a coisa aconteceu. Segundo

The Ultimate Sin (1986)

Tribute (1987)

No Rest for the Wicked (1988)

ele, já havia no ar algumas pistas de que ele seria mandado embora, mas ninguém dizia nada diretamente. Até que Sharon o convidou para jantar. Eles conversaram, ela deu várias indiretas a respeito, mas não disse claramente que ele estava fora. Só que na época a banda estava em tour e o companheiro de quarto de Jake era seu roadie. Um dia, esse roadie trombou com Phil Soussan e Randy Castillo num bar e os dois estavam especulando quem seria o substituto de Jake. O cara foi imediatamente contar pra ele, que catou o telefone na hora e ligou para Sharon. Ele foi direto: "Perguntei para ela se eu estava fora e ela disse que sim, que era pra dizer isso que tinha me chamado pra jantar." Ele jura que não guarda ressentimentos, mas não nega que na hora ficou surpreso e furioso – afinal, o ambiente na banda era dos melhores e não entendeu o motivo da dispensa.

Além disso, 1987 também marcou o quinto ano desde a morte de Randy Rhoads e, então, foi lançado *Tribute* para marcar a data. É um disco duplo ao vivo gravado em 1981, durante a tour de *Blizzard of Ozz*, e que traz um "outtake" de *Dee*, a música que Randy fez para sua mãe Delores e que fez parte do álbum *Blizzard of Ozz* (1980).

Ozzy ainda precisava encontrar o substituto de Jake E. Lee e quem esperava um medalhão das seis cordas tomou um susto: o escolhido foi um desconhecido de 20 anos chamado Zakk Wylde, que quando começou a aprender guitarra chegava a estudar doze horas (!) por dia e que nunca escondeu

Zakk Wylde e Ozzy

ser fã de Elton John e Neil Young – além de Black Sabbath e Led Zeppelin, naturalmente. Como guitarrista, sempre citou Randy Rhoads como sua principal influência. Em entrevista ao site Songfacts em 2014, ele conta que certa vez um garoto "de uns 12 ou 13 anos" o abordou e disse: "Você é o guitarrista do Ozzy de que eu mais gosto!", ao que Zakk respondeu: "Não! Tem que ser Randy Rhoads!" E aí ele descobriu que o garoto não sabia quem era Randy Rhoads...

Zakk ficou sabendo que Ozzy procurava um novo guitarrista, mandou uma fita, foi chamado para um teste e aí começou uma produtiva parceria que duraria anos. E um de seus primeiros shows na banda foi no mínimo insólito: uma apresentação para os internos da Wormwood Scrubs, cadeia localizada em Londres, no dia 28 de julho de 1987.

Perdendo a cabeça

No ano seguinte, antes de trabalhar em seu novo álbum, Ozzy apareceu no documentário "The Decline of Western Civilization Part II: The Metal Years", da cineasta Penelope Spheeris, e participou da faixa *Close My Eyes Forever*, de Lita Ford,

Ozzy e Zakk Wylde

como vocalista e coautor. A música saiu no terceiro disco solo da guitarrista/vocalista, *Lita*, e chegou ao 8º posto da parada de singles Billboard Hot 100.

Uma vez concentrado em seu novo álbum, Ozzy fez as habituais mudanças na formação do grupo: manteve Randy Castillo, chamou o tecladista John Sinclair e dispensou Phil Soussan. E adivinha quem ele chamou para substituí-lo? Sim, Bob Daisley. Com produção de Roy Thomas Baker e o saudoso Keith Olsen (falecido no último dia 9 de março), o quinteto se dividiu entre o Enterprise Studios e o Goodnight L.A. Studios, ambos em Los Angeles, para registrar *No Rest for the Wicked*. Apesar da pouca experiência, Zakk Wylde assina todas as faixas, sempre em conjunto com Ozzy e outros membros da banda. O álbum, lançado no dia 22 de outubro de 1988, teve resultado semelhante aos anteriores: Disco de Platina duplo nos Estados Unidos, Disco de Platina no Canadá, 13º lugar na parada americana e 23º na britânica.

Antes de cair na estrada, mais uma mudança na formação: novamente, Bob Daisley acabou caindo fora, sendo substituído por ninguém menos que Geezer Butler, o antigo parceiro de Ozzy no Black Sabbath.

A turnê, como sempre, foi grandiosa: começou em novembro de 1988 e se estendeu até agosto do ano seguinte. O último show foi no "Moscow Music Peace Festival", evento realizado na capital da Rússia nos dias 12 e 13 de agosto e que contou com nomes como Cinderella, Scorpions, Bon Jovi, Skid Row e Mötley Crüe.

Porém, mesmo repleto de trabalho e lançando discos bem sucedidos, Ozzy Osbourne continuava atormentado pelo vício em álcool e drogas. E logo depois que voltou de Moscou, a coisa chegou no ápice: tentou matar Sharon. Ele conta em sua biografia não se lembrar de nada. Ozzy diz que acordou "deitado num chão de concreto uma sala quadrada. Havia grades na janela, um balde num canto e merda na parede." Segundo a ocorrência registrada na polícia, a família havia saído para jantar para comemorar os 6 anos de Aimee. Ozzy tomou toda a vodca que conseguiu aguentar e, na volta para casa, começou a acusar Sharon de fazê-lo trabalhar demais. E deu o veredito: "Você tem que morrer." Dito isto, tentou estrangulá-la e só não conseguiu porque outras pessoas que estavam na casa conseguiram detê-lo.

Ficou um dia e meio naquela cela até ser levado diante do juiz – já sofrendo os efeitos da crise de abstinência. Mais uma vez, a sorte estava do seu lado: o juiz concedeu-lhe liberdade mediante fiança desde que ele cumprisse três condições: entrasse imediatamente num programa de reabilitação, não mantivesse qualquer contato com Sharon e não voltasse para a casa onde morava com ela.

Ozzy topou, naturalmente – afinal, era uma pena muito menor do que a que poderia ter pegado. E seu assistente, Tony Dennis, já tinha reservado um lugar para ele numa clínica chamada Huntercombe Manor. Claro, ele detestou o lugar ("naquela época, a reabilitação não era algo tão avançado na Inglaterra como é hoje", disse), mas não tinha alternativa, então portou-se da melhor forma que podia, atendendo às determinações dos médicos e participando das atividades.

Depois de uns dois meses por lá, num

No Rest for the Wicked

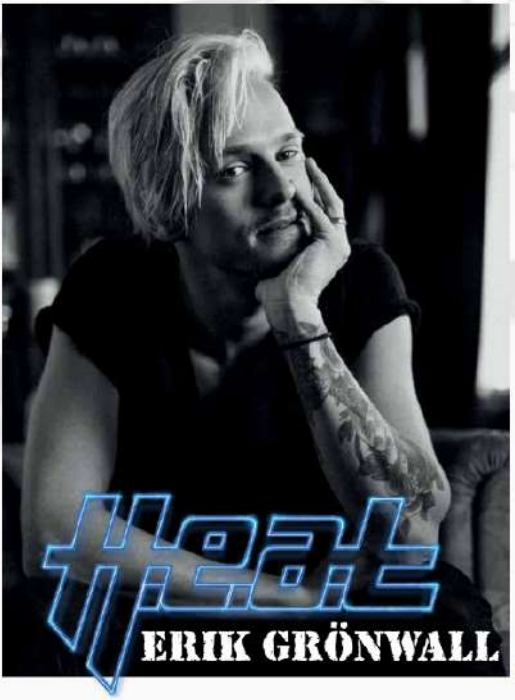
belo dia Sharon aparece para visitá-lo. Ozzy garante que imaginou que ela tinha ido dispensá-lo de vez. Mas ela conseguiu ser surpreendente: "Tenho uma coisa importante para dizer e acho que você vai querer ouvir. Vou retirar a queixa contra você." Enquanto Ozzy buscava o queixo no chão, ela completou: "Não acredito que você seja capaz de matar alguém. Não é algo que está em você. Você é um homem doce e gentil, mas quando está bêbado Ozzy Osbourne desaparece e uma outra pessoa aparece. E eu quero que essa outra pessoa suma. Não quero vê-la nunca mais."

Continua...

HEADPHONES IN FURY

POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br

Por Daniel Dutra • Foto: Divulgação



RAMMSTEIN

ÁLBUM: REISE, REISE (2004)
MÚSICA: MEIN TIEL

"É difícil escolher apenas uma música de uma banda. O Rammstein tem grandes canções, e *Mein Tiel* é uma delas. Nunca os vi ao vivo, então espero conseguir neste verão, mas isso se o coronavírus não continuar estragando tudo. O que é mais legal é que eles cantam em alemão, língua natal deles, e ainda assim conseguiram projeção mundial. Se tocarem no Brasil, por exemplo, os fãs vão cantar suas músicas, o que é incrível. (R.C.: Eles estiveram aqui pela primeira vez em 1999, abrindo para o Kiss, mas creio que, na época, não agradaram tanto ao público). Sério? E olha que eles já tinham um sucesso como *Du Hast* (N.R.: do álbum *Sehnsucht*, de 1997) naquela época, mas Kiss e Rammstein formam uma combinação estranha (risos)."

PANTERA

ÁLBUM: COWBOYS FROM HELL (1990)
MÚSICA: TODAS

"Já que você falou que pode ser um disco inteiro (risos)... *Cowboys from Hell* teve um enorme impacto em mim. Lembro-me de comprar os 'home videos' do Pantera, que estava à frente do seu tempo. Eles já faziam todos aqueles lances tipo 'Jackass' e lançavam em VHS (risos). Eu me divertia assistindo àquelas cenas em casa, e o show que a banda fez em Moscou em 1991, quando ainda não era tão conhecida, é maravilhoso. A versão de *Domination* é insana de tão pesada, e naquela época Phil Anselmo já era um grande frontman. Aliás, ele também é um ótimo vocalista. Quando gravou com o Pantera na fase glam metal, já alcançava umas notas bem altas."

METALLICA

ÁLBUM: MASTER OF PUPPETS (1986)
MÚSICA: TODAS

"O Metallica tem tanta música boa que também é difícil escolher apenas uma, principalmente no *Master of Puppets* e no '*Black Album*', mas vou ficar com *Master of Puppets*. (R.C.: a música ou o disco?). Posso escolher o álbum em vez de apenas uma música? (risos) (R.C.: Claro!). Ótimo! (risos) Cara, eu amo esse disco, especialmente por causa do Cliff Burton. À época já era possível ouvir sua contribuição ao som do Metallica, como as ideias de composições eruditas que ele misturou ao som da banda. *Master of Puppets* é o álbum perfeito do heavy metal."

BOB SEGER

ÁLBUM: STRANGER IN TOWN (1978)
MÚSICA: OLD TIME ROCK AND ROLL

"Para mim, uma das melhores canções de rock de todos os tempos. Está no meu top 10, sem dúvida alguma. Na verdade, *Old Time Rock and Roll* é uma das músicas que eu e Dave (Dalone, guitarrista do H.E.A.T) temos escutado bastante ultimamente, mas confesso que a descobri já meio tarde. Não conheço muito coisa a respeito de Bob Seger... Quer dizer, honestamente, não conheço basicamente nada (risos). Nunca ouvi nenhuma outra música dele, mas aqui ele acertou em cheio. Adoro cantá-la, e a tocamos antes dos shows, como aquecimento."

LITTLE RICHARD

ÁLBUM: LIFETIME FRIEND (1986)
MÚSICA: GREAT GOSH A'MIGHTY

"É a minha primeira escolha porque é muito rock'n'roll old school, e eu adoro o rock dos anos 50 e 60. Além disso, sinto-me bem sempre que escuto *Great Gosh A'Mighty*. Little Richard foi um dos primeiros artistas que conheci, quando tinha 10 ou 12 anos. Meu pai curtia muito esse tipo de som, então eu também comecei a ouvir e, consequentemente, a gostar de rock. Como frontman e performer, Richard é definitivamente um dos melhores, e sua música esbanja rock'n'roll."

AC/DC

ÁLBUM: LET THERE BE ROCK (1977)
MÚSICA: GO DOWN

"Sou muito fã de AC/DC, e *Go Down* é uma das minhas músicas favoritas em todos os tempos. Basicamente, é uma melhores canções 'shuffle' que você pode encontrar, porque é perfeita e tão groovy que você sabe que pode cantar até o instrumental (N.R.: Grönwall solfeja as melodias da música). Também não me canso de ouvir o *Let There Be Rock*, e amo Bon Scott. Ele é uma das minhas grandes inspirações."

APOIO
ROADIE CREW
rua
HEADBANGER HEAVIEST HEAVY METAL STORE CD'S - DVD'S - ACESSÓRIOS HEADBANGER
HEADBANGER DA DEPRESSÃO
ASE
METAL MALUCO
REALIZAÇÃO
ZONE 21

Por Thiago Prata

Falar do pioneirismo no metal nacional seria um bom ponto de partida na hora de produzir um compêndio da história do Taurus, embora esse também seja um clichê utilizado à exaustão. Opto então por ressaltar algo que o quarteto do Rio de Janeiro ratificou e reiterou em seu quinto e mais novo álbum, *V*: a banda é uma espécie de imã na cena. Nos anos 80, o grupo atraía a atenção de famintos fãs de thrash e tinha em seu circuito de shows os punks do Cólera e do Ratos de Porão. Com o passar dos anos, exerceu novamente seu magnetismo, influenciando novas gerações, com Violator e Cemitério como alguns de seus admiradores. E para este novo disco, trouxe para perto amigos como Alex Camargo (Krisiun) e Luiz Carlos Louzada (Vulcano), ao mesmo tempo em que permanece ligado a personagens que fazem parte de sua trajetória, como o 'quinto integrante' Beto de Gásperis. Em seu álbum mais versátil, os irmãos Cláudio (guitarra) e Sérgio Bezz (bateria), o vocalista Otávio Augusto e o baixista Felipe Melo prometem atrair ainda mais headbangers.

Em 2010, o Taurus lançou *Fissura*, que deu fim a um hiato de 21 anos sem um disco de estúdio. O que foi determinante para que um novo álbum, no caso *V*, fosse lançado dez anos depois de *Fissura*?

Cláudio Bezz: A gente nunca para de compor. Sempre foi assim. Me lembro que depois do *Pornography* (N.R.: terceiro álbum, de 1989), fizemos shows e continuamos a compor. Queríamos lançar um álbum logo em seguida, por uma major, que seria a Polygram. Compusemos um disco inteiro, que está guardado, algo inédito, muito mais emocional do que voltado para a parte prática. Mas não conseguimos fechar um contrato. Aí, em 2006 e 2007, voltamos a tocar, relançamos em CD nossos três primeiros LPs, e, em 2010, lançamos o *Fissura*. Não tínhamos a necessidade de lançar um disco atrás do outro. Prezamos pela qualidade de discos e shows.

E nesse ínterim, o grupo colocou na praça um DVD, *Ao Vivo 30 Anos* (2016), que serviu como celebração das três décadas da banda, completadas em 2015.

Sérgio Bezz: Sim, durante este período entre o *Fissura* e o *V*, fizemos o DVD e participamos de alguns tributos ao Stress, ao Black Sabbath e ao Kiss.

Cláudio: Teve também o *Super Peso Brasil* (N.R.: Ao vivo lançado em 2014 e que conta com Taurus, Salário Mínimo, Stress, Centúrias e Metalmorphose). E conseguimos lançar o *Fissura* na Europa e no México, com faixa bônus; isso tudo faz parte do trabalho. Era para o novo disco ter saído em setembro de 2019, mas algumas coisas atrasaram um pouco.

Bem, e *V* não apenas é o quinto álbum de estúdio do Taurus, como também é o primeiro desta formação, já que o Felipe entrou após as gravações do *Fissura*.

Sérgio: O Felipe tem origem de guitarrista, aliás, é um exímio guitarrista. E com o baixo, trouxe uma musicalidade muito ampla. Sobre interação, o Felipe se tornou um irmão. Temos uma ligação muito de confiança, que nos sustenta, musicalmente e em termos de convivência.

Cláudio: Essa tônica sempre esteve presente na banda, com o Jeziel (de Oliveira, ex-guitarrista, baixista e vocalista), o Beto (de Gásperis, ex-baixista)... Nós os temos como irmãos também. O Beto, inclusive, saiu da banda e hoje mora na Califórnia, mas assina a maior parte das letras do novo álbum.

V
Dies Irae - Nac.

Felipe, e como é tocar no Taurus?

Felipe Melo: Enorme gratidão por ter ganhado esses três irmãos de vida, que vão muito além da música. E por tocar um som que não era minha praia naquele momento, com um instrumento que não era meu principal naquele momento. Foi tudo sendo desenvolvido com naturalidade.

Sobre o disco, ele não soa como os quatro anteriores, sendo mais versátil, a meu ver, indo do thrash oitentista até coisas mais atuais, migrando para outros subgêneros. Vocês concordam com isso? É o disco mais diversificado do Taurus?

Cláudio: Isso sempre foi uma característica nossa. Em 1986, não era comum o uso de violões, mas utilizei um violão de aço na introdução da *Massacre*, do disco *Signo de Taurus* (1986). No *Trapped in Lies* (1988), temos violão de nylon e sintetizadores. O *Pornography* é o mais radical, com pitadas de punk. No novo, acho que permanecemos com essa mesma sensação de amplitude, mas num nível mais potencializado.

Percebe-se também todo um cuidado nos arranjos, na sessão rítmica, nos solos, na produção... A que se deve isso? O que foi crucial, além, é claro, do entrosamento de décadas.

Cláudio: A produção toda deste disco foi minha. No *Fissura* eu produzi, mas no *V* eu fui responsável por produção, edição e mixagem. Achei que estava pronto para isso. É cansativo, porque se faz tudo sozinho, mas também é prazeroso. Toda ferramenta que se utiliza é vazia. O que faz ela funcionar é quem a manipula, e eu sabia tudo que queria. Há um equilíbrio dos instrumentos. O próximo disco vai ser ainda melhor nesse aspecto.

Já que citaram o Beto de Gásperis, além de ser o criador de várias letras, ele participa de duas músicas de *V*: *Mãos de Ferro* e *Mutation*. Seria errado dizer que ele é uma espécie de quinto integrante do Taurus?

Sérgio: Com certeza ele é (risos). É uma pena que mora nos EUA, senão faria parte da banda.

Cláudio: Teríamos dois baixistas então (risos).

Sérgio: Sim, ou dois guitarristas (mais risos).

Cláudio: Ele escreveu letras em inglês, e depois adaptamos para o português a maior parte delas (N.R.: *Mutation* é a única das oito faixas do álbum com letra totalmente em inglês). Tudo que gravamos, mandávamos para ele ouvir e dar opinião.

Outras participações são do Alex Camargo, do Krisiun, em *Existe um Lugar?* e do Luiz Carlos Louzada, do Vulcano, em *Dark Phoenix*. Como foi para vocês essa mistura de gerações e estilos diferentes?

Cláudio: O Alex tem uma relação sensacional com a gente, era fã desde o *Signo de Taurus*. Quando fizemos a *Existe um Lugar?*, achamos que ela era a cara do Alex. Ele estava meio atolado com gravações, mas quando achou um espacinho gravou as partes dele.

Sérgio: Louzada trabalhou com a gente no 'Super Peso Brasil', com uma participação monstruosa (N.R.: na música *Mundo em Alerta*). Ficamos comprometidos desde então de fazer alguma coisa juntos, e agora aconteceu.

Otávio, e como foram esses duetos para você?

Otávio Augusto: Alex e Louzada são dois profissionais excelentes. Espero que possamos tê-los em eventos ao vivo e outros trabalhos. O metal não tem distinção. O thrash, o death, o heavy, tudo se une, se interage. A participação deles só engrandece nosso trabalho e o ciclo do metal. É muito importante a participação de músicos nos trabalhos de outros músicos e essa interação das bandas. Só fortalece o meio.

Lá se vão 35 anos desde o surgimento do Taurus. Quais as grandes vitórias e os maiores obstáculos superados em sua história?

Sérgio: As vitórias e os obstáculos superados se confundem. Esse disco novo, para a gente, representa tudo o que vivemos. É uma vitória, com todo nosso esforço, após tanta dificuldade, com a qualidade que sempre pretendemos. O *V* é de vitória também, nunca tinha pensado nisso até agora (risos).

O Taurus contribui em um tributo ao Black Sabbath só com bandas brasileiras, chamado *Sabbath Brazil Sabbath*. De quem foi a escolha de *Cornucopia* e o que acharam do resultado final? Ainda sobre o Sabbath, que há cinco décadas lançou seu autointitulado debut, qual a importância do grupo para a música do Taurus?

Sérgio: Nunca me esqueço de quando nos reuníamos, em 1983, 1984, para escutar todos os discos do Sabbath na ordem.

Cláudio: Sim, do primeirão ao *Live Evil* (1982).

Sérgio: O melhor show da minha vida foi do Sabbath com Dio, Iommi, Geezer e Vinny Appice.

Cláudio: Quanto a *Cornucopia*, quando você faz uma versão de uma banda, tem-se toda liberdade do mundo. Claro, sem deixar de ser Black Sabbath, mas com uma cara nossa. Ali foi o pontapé inicial para eu começar a produzir neste meu modus operandi. A sonoridade do disco novo começou com aquela gravação.

Falando em cover, como é o outro lado da moeda? Qual o sentimento de ouvir a música de vocês coverizada por outras bandas, como o Violator que fez uma versão para *Massacre*, e o Cemitério, que revisitou *Damien*?

Sérgio: É uma honra para a gente. É muito legal ter o reconhecimento de bandas como Violator e Cemitério. E existem bandas que não têm tanta projeção como eles que também fizeram versões muito legais. Aliás, há um projeto de bandas da América do Sul, que a (gravadora) Dies Irae está programando, fazendo um tributo ao Taurus. São várias bandas do Paraguai, do Chile, da Argentina... Vai acontecer em breve.

Agora teremos que esperar pelo retorno dos shows, por conta do coronavírus. Como vem sendo esse período para vocês? E quais os planos da banda após as coisas se normalizarem?

Cláudio: O que temos que fazer é ter pensamento positivo, conviver com um novo mundo, com um novo olhar, cada um tentando entender seu papel nesse mundo maluco. Daqui a pouco as coisas começam a rodar de novo. Minha expectativa para shows é para o fim deste ano ou início do próximo. O meio artístico vai sofrer bastante neste ano, como já vinha sofrendo. Mas é pensar positivo, todo mundo trabalhando em suas casas. A cabeça não para. Já temos projeto para um próximo álbum.

Otávio Augusto, Felipe Melo, Sérgio Bezz e Cláudio Bezz rompem novas fronteiras com o disco *V*

O MAGNETISMO DO FURIOSO TOURO DO THRASH NACIONAL

Veteranos da cena brasileira soltam quinto álbum, que transcende os limites do estilo

OS CAMINHOS DO
THRASH METAL
EM 1990
METALLICA
SLAYER
HOLY MOSES
SADUS
KREATOR
DESTRUCTION
SACRED REICH
SODOM
EXHORDER
ANTHRAX
FLOTSAM AND JETSAM
MEGADETH
SLAYER
MASTER
PANTERA
COWBOYS FROM HELL
ACID REIGN
VIO-LENCE
CHAKAL
EXODUS
OVERKILL

Por Valtemir Amler

Os anos 1980 foram importantíssimos para o heavy metal. Você sabe, muitas coisas importantes aconteceram ao longo da década: da consolidação do estilo como um gênero de abrangência mundial ao nascimento de muitos dos seus subgêneros, passando pelo surgimento de algumas das grandes lendas ao sucesso nas rádios e na televisão. Para muitos parecia quase impossível o que se via naqueles tempos. E, dentre os protagonistas daquele cenário de transição e desenvolvimento, estava o thrash metal.

Porém, muito do que havia sido estabelecido precisaria ser reafirmado, para a sorte de alguns e o desespero de outros. Os ventos que soprariam nos anos 90 já davam as caras um bom tempo antes, pois o cenário do rock alternativo vinha ganhando força. Assim, muitos dos gigantes do thrash metal encaravam as mudanças.

Ainda nos anos 80, muitas bandas começaram a investir em uma abordagem cada vez mais técnica e progressiva, casos de Voivod, Mekong Delta, Coroner e Realm, ao passo que outras, como Cryptic Slaughter e Prong, viam na atitude do punk uma forma justa e viável para 'livrar' o thrash do virtuosismo que abominavam. Outros, por sua vez, simplesmente encaravam a mudança como algo natural e necessário, como fizeram Kreator e Death Angel, enquanto nomes como Sadus e Demolition Hammer sequer se deram conta de que havia uma mudança ocorrendo.

No entanto, o fato é que 1990 foi um ano daqueles para quem é fã de thrash metal. Para o bem e para o mal. Alguns reverenciaram o espírito aventureiro que alguns dos grandes ídolos usaram para empreender ousadas mudanças de rota em suas carreiras, enquanto outros simplesmente abominaram cada segundo dessas mudanças. A verdade é que a estagnação não era uma opção. O mundo havia se transformado e o thrash metal também precisava se reciclar.

O AUGE ANTES DO COMA

Depois de cinco anos de crescimento contínuo, o **Kreator** era "forçado" a uma grande mudança em 1990. Desde a gravação do clássico debut, *Endless Pain*, em 1985, os alemães vinham trabalhando constantemente com o mesmo trio em estúdio – Mille Petrozza (vocal e guitarra), Jurgen 'Ventor' Reil (bateria e vocal) e Roberto Fioretti (baixo). Apenas um novo integrante tinha sido acrescentado ao plantel, com a entrada do guitarrista Jörg 'Tritze' Trzebiatowski para *Terrible Certainty* (1987).

Neste sentido, as coisas começaram a se transformar em 1989, quando Tritze abandonou o barco. Depois de dois álbuns como quarteto, contando com o apoio de duas guitarras para a elaboração de um som mais rígido e encorpado, Mille não estava disposto a dar um passo atrás e levar um trio para o estúdio em 1990. Então, o Kreator precisava de um novo guitarrista e tinha que ser alguém já pronto e experimentado, pois as gravações do novo álbum não tardariam a começar.

A resposta encontrada foi tão 'caseira' quanto surpreendente. Depois de três anos e da gravação dos clássicos *Persecution Mania* (1987), *Mortal Way of Live* (ao vivo, 1988) e *Agent Orange* (1989), o guitarrista Frank 'Blackfire' Gosdzik trocava o posto no Sodom para ocupar a vaga recém-aberta no Kreator. "Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade", dirão os fãs mais afoitos. Sob muitos aspectos, Blackfire era a peça que faltava para transformar o Kreator em uma máquina quase imparável de thrash metal. Técnico, preciso e com ótima noção de melodia, o novo guitarrista ajudaria Mille a forjar o som virtuoso e melódico que hoje louvamos como a marca do Kreator na cena. E tudo isso começou em 1990, com o clássico *Coma of Souls*.

Do outro lado do Atlântico, outra banda encontrava o seu auge criativo. Depois de sua primeira turnê mundial, em que tocou ao lado de gigantes como Motörhead, Overkill e Testament, o **Death Angel** conseguira um chamativo contrato com a major Geffen. Assim, seu terceiro álbum viria sob olhares tão especulativos quanto curiosos. Toda essa atenção não vinha por poucos motivos, já que uma das primeiras notícias sobre o terceiro registro de estúdio dos californianos seria produzido por Max Norman, produtor de renome e com trabalhos ao lado de Ozzy Osbourne, Fates Warning e Savatage. Ou seja, um profissional experiente, mas ainda não exatamente vinculado ao thrash metal.

O trabalho em estúdio foi finalizado entre os meses de setembro e novembro de 1989 e, em abril de 1990, o mundo conhecia *Act III*. Trata-se não só do trabalho definitivo do Death Angel, como se coloca entre os favoritos dos fãs até os dias de hoje. Com passagens melódicas muito bem encaixadas às partes mais rápidas e viscerais, o álbum destacava também uma banda que começava a lançar fortes olhares para outros gêneros musicais, e não são poucas as inserções de elementos alheios ao metal. Porém, sempre com um resultado soberbo, o que lhe valeu o status de clássico.

Para os fãs de Kreator e Death Angel, o restante da década de 90 teria, porém, um gosto amargo, com os alemães partindo para o experimentalismo, e os californianos encerrando atividades. Mas isso é outra história.

SADUS SWALLOWED IN BLACK

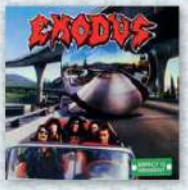
Dois anos haviam se passado desde que Darren Travis (vocal, guitarra), Rob Moore (guitarra), Steve DiGiorgio (baixo) e Jon Allen (bateria) tinham lançado o disco de estreia, *Illusions*, de forma independente. O misto de susto e admiração que veio a seguir garantiu que o Sadus encontrasse a sua nova casa na então emergente Roadrunner Records. Alocados, os californianos partiram para o Fantasy Studios, em maio de 1990, ao lado do produtor Michael Rosen (Testament, Death Angel), para registrar *Swallowed In Black*.

O impacto é fulminante já nos primeiros segundos. A introdução soturna em *Black* apenas evidencia ainda mais a violência absurda da faixa de abertura, que conta com uma performance vocal exemplar de Travis, uma espécie de meio termo entre o death e o black metal, mas chafurdado em uma aura musical thrash. Steve DiGiorgio é, naturalmente, um destaque à parte. O que ele faz em canções como *The Wake*, *Oracle of Obmission* e *Arise* simplesmente coloca o Sadus em uma posição de destaque diante de todas as demais bandas no cenário, o que justifica ser considerado um dos baixistas mais técnicos e criativos do mundo.

Mas, se thrash metal é sobre riffs, Travis e Moore têm algumas ótimas pedidas neste álbum. Ouça *In Your Face* (também com ótimos vocais), *Last Abide*, *Powers of Hate*, *False Incarnation* e a incrível *Man Infestation* sem reservas. Não apenas um dos registros mais extremos, mas também um dos melhores registros da história do thrash metal.

COM UM PÉ EM CADA MUNDO

Enquanto isso, outras bandas não estavam nem um pouco preocupadas em abrandar o seu som. Muito pelo contrário, tudo o que queriam era chafurdar o mundo no caos e trabalhar em uma fórmula musical cada vez mais suja e desesperada, que desafiava os rótulos e indicava um caminho (felizmente) sem volta para a música pesada. Um exemplo disso era o **Sadus**, grupo californiano que sempre foi considerado pesado e extremo demais para figurar entre os grandes nomes do seu Estado natal. Sorte deles, pois sem atenção demasiada da indústria fonográfica, ficaram livres para trabalhar em seu segundo álbum, *Swallowed In Black*, um dos registros mais malditos e extremos já lançados. Este rapidamente foi 'batizado' com o rótulo death/thrash, o que colocava a banda com um pé em cada mundo, exatamente como ela queria.



Todavia, é claro que eles não estavam sozinhos nessa jornada. Um dos nomes mais importantes e influentes do death/thrash, **Sepultura**, alcançava um status antes inimaginável com *Beneath The Remains*, de 1989. O sucesso era tão grande e as turnês se tornavam tão mais abrangentes, que, em 1990, os brasileiros se mudaram para os EUA, onde começariam a forjar outro clássico, *Arise*, lançado no ano seguinte.

Quem também voltava para o estúdio era o **Devastation**, que usou o ano de 1990 para escrever e gravar aquele que é o seu último álbum de estúdio. Lançado oficialmente em 1991, *Idolatry* foi gravado entre agosto e setembro de 1990, no tradicional Morrisound Studio, de Tampa/Flórida.

Observando todo esse movimento com olhos atentos, os nova-iorquinos do **Demolition Hammer** decidiram que era hora de adicionar o seu nome ao jogo. Ativos desde 1986, eles já tinham um nome bastante forte na cena local e, com os ventos da mudança que aproximaram o thrash e o death metal, começavam a despontar como um dos potenciais sucessos para os anos seguintes. Foi assim que eles conseguiram um auspicioso contrato com a Century Media, que garantiu o lançamento do debut, *Tortured Existence*, em 1990. Surfando nessa onda, uma enxurrada de bandas aproveitou o momento: **Cancer** (*To The Glory End*), **Protector** (*Leviathan's Desire*, EP), **Master** (*Master*), **Vulcano** (*Ratrace*) e muitas outras mostraram que o thrash ganhava nova vida quando misturado aos lados mais extremos do metal.

TRADIÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO

Seguindo na esteira dos acontecimentos, alguns dos gigantes também começavam a se encantar com as novas possibilidades. Com seu flerte no início da carreira com o black metal (época em que os integrantes usavam, inclusive, uma espécie primitiva de 'corpse-paint' durante as apresentações ao vivo), o **Slayer** tinha se mostrado como uma banda disposta a respirar novos ares. E, de antemão, sabemos as proporções que isso tomaria na década de 90. Porém, em 1990, eles ainda tinham um último clássico para acrescentar à pilha: o incrível *Seasons in the Abyss*.

Embora ainda contasse com a sua formação clássica, o Slayer não vivia uma era interna de encanto. O baterista Dave Lombardo tinha até comunicado sua

saída, mas, com muita insistência do amigo e produtor Rick Rubin, voltou atrás e gravou o álbum. Porém, 'corpo mole' não é uma expressão cabida ao Slayer. Assim, o grupo apresentou alguns de seus maiores clássicos antes de realmente deixar seu baterista partir e cair de vez em uma jornada de transformações musicais. Por fim, a qualidade musical e o intenso apoio da MTV ajudaram a emplacar o disco na posição 19 na Alemanha e na 18ª no Reino Unido, uma ótima pedida para um trabalho tão pesado.

Se o assunto é transformação, o **Anthrax** tinha levado o tema a outro nível nos anos anteriores. De um pré-thrash e o metal influenciado pela NWOBHM de *Fistful of Metal* (1984) até as melodias intrincadas de *Spreading The Disease* (1985), passando pelo brilhantismo de *Among The Living* (1987), a banda nova-iorquina tinha deixado 'thrashers' de cabelos brancos com a sua aproximação do universo hip-hop. Porém, com *Persistence of Time*, davam um grande passo em outra direção, ora caminhando lado a lado com o progressivo, ora flertando com a música pop. Como a mistura é muito bem dosada e inspirada, *Persistence of Time* ganhou seu lugar entre os favoritos dos fãs, um feito justo para o último álbum com os vocais de Joey Belladonna, até seu retorno triunfante para *Worship Music* (2011).

O tradicionalíssimo **Sodom** era basicamente forçado a mudar, pelo motivo citado no início desta matéria. Com a estreia do guitarrista Michael Hoffmann (Assassin), a banda de Gelsenkirchen ganhava mais vigor e crueza, e *Better Off Dead* mostrou uma banda ainda mais próxima do punk clássico, característica que seria mantida pelos anos 90. Por outro lado, os vizinhos do **Destruction** mudaram a formação em *Cracked Brain* com a saída de Schmier e a entrada de Andre Grieder (Poltergeist), que se uniu a Mike Sifringer, Harry Wilkens e Oliver Kaiser (bateria). Único trabalho com esta formação (o vocalista e baixista Schmier só retornaria em 1999), o álbum registra alguns dos melhores riffs da carreira dos alemães.

Com dois álbuns lançados, e vindo do clássico *No Place For Disgrace* (1988), o vocalista Eric Andrew Knutson deu sequência aos trabalhos do **Flotsam And Jetsam** com *When The Storm Comes Down*. Mas a verdade é que o álbum nunca emplacou, culpa daqueles que nunca compreenderam o tom mais moderno nos riffs de Edward Carlsson e Michael Gilbert. Mesmo assim, a banda conseguiu um bom plano de turnês, com boa parte dos shows ao lado de duas bandas que veremos na sequência.

A RELAÇÃO TIRO X CULATRA

Na esteira das transformações, é importante perceber que nem todas as mudanças devem ser colocadas na conta das abruptas trocas de músicos, desconfiança com o cenário musical ou a pura e genuína vontade de seguir adiante por um novo caminho. Às vezes, uma oportunidade boa se apresenta e você acaba sendo levado pela correnteza, sem perceber muito bem as curvas que o rio terá mais adiante.

Nesse sentido, duas bandas clássicas da tradicional cena da Bay Area começaram a ter problemas em 1990 e, pasmem, com álbuns que são, no mínimo, muito bons.

O **Exodus** vinha de uma segunda metade da década de 80 perfeita: álbuns clássicos, turnês incríveis e uma popularidade crescente, o que atraía os olhares dos tubarões da indústria fonográfica. Assim, veio o impulso para a poderosa Capitol Records assistir a banda em turnê com Anthrax e Helloween, na 'Headbangers Ball Tour', durante o ano de 1989. Em um piscar de olhos, os thrashers pulavam de um bom, mas modesto, contrato com a Music For Nations para uma nova parceria que prometia muitos frutos.

Sem Tom Hunting, que saíra por 'motivos pessoais', e com John Tempesta nas baquetas, o grupo foi para o estúdio contando com sua dupla de guitarristas, Rick Hunolt e Gary Holt, na produção. O resultado, é claro, é um álbum de guitarras pesadas, intensas, vibrantes e que destacava faixas poderosas, como *Changing of the Guard* e *Objection Overruled*, que ganhou até um bom videoclipe. Porém, a parceria com uma gravadora major e o show de lançamento ao lado do Red Hot Chili Peppers bastaram para colocar uma pulga atrás da orelha dos velhos fãs, que, então, analisaram *Impact Is Imminent* sob uma nova ótica. De repente, uma das lendas da Bay Area estava no banco dos réus. De lá, tentaram escapar dois anos depois com o polêmico *Force of Habit*. Ou seja, se declararam "culpados".

Na mesma esteira de sucesso, o **Testament** vinha se tornando um nome cada vez mais relevante no cenário. A venda de 450 mil cópias de *Practice What You Preach* foi o que bastou para colocá-lo entre uma das possíveis atrações da turnê 'Clash Of The Titans', que também trazia Megadeth, Slayer e Suicidal Tendencies. Era uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada, mas a gravadora Atlantic tinha uma exigência: o Testament só faria parte do pacote se tivesse um álbum novo nas mãos.

Como esperado, a banda mais do que depressa rumou para o estúdio, e o resultado foi *Souls of Black*. Um álbum muito bom, uma continuação direta de seu antecessor, mas que quase põe tudo a perder com uma produção pobre e ineficiente, obviamente prejudicada pela pressa. Ainda assim, o Testament cumpriu sua turnê lendária, viajou o mundo com o Judas Priest em sua turnê para *Painkiller*, e emplacou a posição 73 na Billboard. Nada mal.

Foto: Divulgação

SEMPRE EM FRENTE

Naturalmente predispostos a mudança, os músicos do prog/thrash tiveram um 1990 típico, pois transformação era tudo o que eles queriam. Enquanto o maior nome deste cenário, o **Voivod**, ainda colhia os frutos de *Nothingface* (1989), outros nomes chegavam forte, como o alemão **Mekong Delta**, que lançava o seu quarto álbum completo, o desafiador *Dances of Death (And Other Walking Shadows)*. Ainda na Alemanha, o **Sieges Even** chegava ao seu segundo registro, *Steps*, e, provando que o tempo estava bom para todos os dispostos a arriscar, os suecos do **Hexenhaus** lançavam *The Edge of Eternity*.

Porém, se vamos abordar música progressiva, técnica e altamente inovadora, é obrigação mencionar o genial **Anacrusis**. Criado em 1986 no Missouri (EUA) e já com *Suffering Hour* lançado em 1988, o quarteto chegava em 1990 com um clássico absoluto, *Reason*. Mais do que a complexidade rítmica e a incrível quantidade de ideias concatenadas, o que o transforma em algo superior ao seu tempo é a emoção que a banda transmite em seus versos. Ela tira o caráter robótico, às vezes tão típico da música técnica, e guia o ouvinte para uma jornada espiritual intensa, na qual o homem é o foco de sua própria existência.

Quem também caminhava nessa direção era o **Realm**, que lançava *Suiciety* no mesmo ano. Profundamente marcado por andamentos complexos, musicalidade agressiva e vocais indo do melódico ao ríspido (cortesia de Mark Antoni), o grupo dava um passo adiante em seu segundo álbum. E é fácil perceber o quanto esse disco foi influente para o saudoso Chuck Schuldiner e seu Control Denied, especialmente naquilo que se refere aos vocais de Tim Aymar.

NOLA

New Orleans, Louisiana, um dos territórios mais importantes para a música, com um cenário tão rico quanto vasto, começava, justamente em 1990, a se tornar uma referência para o thrash metal. Isto se deve, principalmente, a duas bandas muito similares em sua música, mas com diferentes trajetórias.

De um lado, o **Exhorder**, uma antiga promessa da cena local. Liderado pelo vocalista Kyle Thomas e o guitarrista Vinnie LaBella, atravessou a década de 80 tocando nos clubes locais, lançando demos e transmitindo adiante a sua sonoridade única, que mesclava o peso intenso do thrash típico da Bay Area com doses nada homeopáticas de 'groove', uma mistura que tinha a cara dos anos 90. Então, nada melhor do que entrar em 1990 chutando o lustre. E foi assim que eles

conceberam seu debut, o clássico cult *Slaughter in the Vatican*.

Infelizmente para eles, os olhos estavam voltados em outra direção: para os conterrâneos do **Pantera**. Depois de caminhar pelas avenidas do hard rock e de tentar uma guinada pouco convincente para o power metal, a banda dos irmãos Darrell vinha com uma música repleta de thrash e groove, algo, curiosamente, semelhante ao que o Exhorder fazia desde meados dos anos 80. O fato é que *Cowboys From Hell* era realmente um disco sem concorrentes à altura, um típico furacão, que forçava o thrash metal por um novo caminho.

Comparações começaram a ser feitas e o Exhorder, como aconteceria também com uma das melhores bandas hard rock do cenário, o Winger, seria eternamente prejudicado por uma piada. Quem nunca ouviu aquela frase que diz "o Exhorder é igual o Pantera, tirando as músicas boas". Pois é, naquela época se dava bola para muita bobagem.

BASTARDIA BRITÂNICA

Criadores do metal com o Black Sabbath, influenciadores diretos do thrash metal com a NWOBHM, os britânicos demoraram para sentir o sabor do thrash. A Inglaterra nunca se tornou uma referência para o estilo, mas quem disse que ingleses não faziam boa música? Vista o seu fraque, ajeite o monóculo e sirva um bom chá, pois existem algumas boas razões para se olhar para o thrash britânico com outros olhos.

Primeiro, não se deixe enganar pela capa bizarra (imagem na página 95) e extremamente feia de *Obnoxious*, do **Acid Reign**. O que nossos amigos ingleses queriam com essa capa era justamente soar obnóxio, ou seja, sem valor, desprezível. Pouca gente entendeu a piada na época – sabemos como as coisas costumavam seguir nesses casos. No entanto, se você der uma chance, se surpreenderá com o poder de fogo de faixas como *Creative Restraint*, *Codes of Conformity* e *Thoughtful Sleep*.

Se o **Slammer** vinha apenas com um EP em 1990 (*Insanity Addicts*), o **Xentrix** fazia bonito com seu segundo álbum, *For Whose Advantage?*, mais uma aposta da Roadrunner. Ou seja, o ano ia muito bem para os ingleses, exceto talvez para o maior deles, o **Onslaught**. Depois de ceder para os anseios da gravadora em busca de um som mais "comercial" e de lançar *In Search of Sanity* com os vocais do ótimo Steve Grimmett (Grim Reaper) no ano anterior, a banda definhou durante 1990 e sucumbiu de vez no ano seguinte. Mas, não se deixe abalar, pois, com novos álbuns de Xentrix e Acid Reign no ano passado, e com um novo registro do Onslaught previsto para 2020, este talvez seja o momento ideal para a sua visita ao thrash inglês.

ENFIM, OS DEUSES NO OLIMPO

O mainstream é para poucos quando se trata de heavy metal e, embora muitos arranhassem a superfície com unhas longas e afiadas, os lugares eram ainda mais limitados em 1990. Tratando-se de thrash metal, algumas bandas estavam num patamar de popularidade único, enquanto outras viviam uma longa relação de amor e ódio. Claro, de um lado estava o **Metallica**.

Depois de colocar o mundo de joelhos

diante de sua música, eles tinham visto a tragédia muito de perto e foram profundamente afetados pela morte de seu baixista, Cliff Burton. O resultado, você já sabe, um ótimo *...And Justice For All* foi lançado em 1988, mas doía ver o novo baixista, Jason Newsted (ex-Flotsam and Jetsam), ser tão boicotado durante todo o processo. Ao trazer o renomado produtor canadense Bob Rock (Mötley Crüe, The Cult, Kingdom Come) em outubro de 1990, o Metallica não sabia, mas estava garantindo que a brincadeira sem graça jamais seria repetida novamente. Em 1990, Bob Rock colocou novo rumo e foco na cabeça do trio Kirk Hammett, Lars Ulrich e James Hetfield, garantindo que o instrumento de Newsted fosse uma das atrações da história que o Metallica escreveria no ano seguinte. Mas, em 1990, eram as discussões internas, as brigas com o produtor e as gravações que ocupavam o universo do Metallica.

Já Dave Mustaine tinha algo especial para os fãs do **Megadeth** em 1990. Às vezes compreendido como uma mistura de gênio e ditador, o vocalista e guitarrista do Megadeth é um líder forte e consciente, sempre disposto a colocar a música em primeiro lugar. Portanto, sem surpresas quanto ao som do baixo de David Ellefson, outra das grandes atrações no poderoso e clássico *Rust in Peace*.

Considerado por muitos como o melhor álbum de toda a carreira do Megadeth (a quantidade soberba de clássicos aqui corrobora essa visão), *Rust in Peace* é mais que isso, podendo ser considerado o registro definitivo daquilo que seria o thrash metal nos anos seguintes. Atração principal da 'Clash Of The Titans Tour', o Megadeth, que efetivamente era um dos principais nomes do cenário metal, se tornava de vez uma referência obrigatória para qualquer fã de rock, independentemente do subgênero favorito. Aliás, mantém-se neste posto, apesar de algumas derrapadas pelo caminho.

Obviamente a história jamais seria completa sem dar o devido crédito aos guerreiros do underground. E não são poucos... **Chakal** (*The Man Is His Own Jackal*), **Vio-Lence** (*Oppressing The Masses*), **Atrophy** (*Violent By Nature*), **Tankard** (*The Meaning Of Life*), **Sacred Reich** (*The American Way*), **Overdose** (*Addicted To Reality*), **Holy Moses** (*World Chaos*), **Annihilator** (*Never, Neverland*), **Forbidden** (*Twisted Into Form*), **Artillery** (*By Inheritance*) e muitos outros ajudaram a fazer essa história. Todas estas tornaram 1990 um ano importante para os caminhos que o thrash metal precisaria seguir dali em diante. O que, efetivamente, importa é que essa história ainda está se desenrolando, com novos capítulos sendo escritos todos os dias. Se a música não pode parar, o thrash metal nunca parou no tempo.

REALM
SUICIETY

Muita coisa pode dar errado quando se tenta mesclar duas coisas tão supostamente opostas como thrash metal e rock progressivo. Porém, várias bandas vinham mostrando o caminho das pedras durante a década de 80. O Voivod praticamente pavimentou o caminho nesse sentido, deixando ótimas pistas de como se deveria fazer para seguir adiante. O Realm, um dos que teve coragem o suficiente para carregar a tocha adiante, pagou, de certa forma, um preço alto por sua ousadia.

Claro se formos analisar musicalmente, eles deveriam ter chegado muito mais longe. *Suiciety* é um dos álbuns mais estranhos e complexos da história do thrash metal. Sua concepção veio quase que naturalmente 'na cola' do bom resultado do anterior, o clássico cult *Endless War*, de 1988.

A banda não tinha passado por mudanças e o time continuava firme em torno de Mark Antoni (vocal), Mike Olson (bateria), Steve Post (baixo) e os guitarristas Takis Kinis e Paul Laganowski. Além disso, a parceria com a Roadrunner continuava firme. A vontade de experimentar também era a mesma e as surpreendentes linhas vocais de Antoni eram ainda um dos chamarizes. Assim, é difícil imaginar como essa banda não decolou.

Independentemente disso, vale ouvir os riffs complexos de músicas como *Gateway, Energetic Discontent, La Flamme's Theory* e *Cain Rose Up (Scream Bloody Murder)*, que abre o disco. Só é uma pena a banda ter colapsado logo após o lançamento de *Suiciety*.

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é jornalista, musico, mantem o site tonymonteiroorock.blogspot.com.br e é redator da Roadie Crew

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

HELP!: O COMEÇO DE TUDO COM A MÚSICA DOS BEATLES

Já contei aqui vários episódios de minha trajetória com a música e que não são poucos – afinal, lá se vai mais de meio século apaixonado por esse negócio chamado rock! E uma das mais interessantes é aquela de como descobri esse estilo de música.

Normalmente, um garoto é apresentado ao rock por um irmão mais velho, por um primo, até mesmo pelos pais. Mas nos anos 60 não era bem assim, já que pouca gente sabia o que era aquilo.

Sempre houve muita música na minha casa quando era criança. Minha mãe gostava de música brasileira, principalmente Roberto Carlos (que naqueles tempos era o principal nome da Jovem Guarda), enquanto meu pai era aficionado por musica erudita, especialmente ópera – mas não tinha nada contra o rock e me lembro bem de como ele ficou bem impressionado quando apresentei Queen a ele. Nenhum dos dois era músico, mas minha mãe arriscou uns acordes ao violão na juventude. O instrumento ficou parado e tempos depois, quando comecei a me interessar pelo assunto, ela passou-o para mim. Era um instrumento antigo e clássico, só que fiz toda sorte de barbaridade com ele – coloquei captador, pus cordas de aço, um horror! Tempos depois descobri a asneira que tinha feito e mais recentemente coloquei aquele violão na mão de um luthier que me devolveu como ele saiu da fábrica, quarenta anos atrás.

Voltemos a 1965. Os Beatles estavam no auge e lançaram o filme "Help!", que foi exibido inclusive no Brasil. Minha mãe queria muito assistir, eu era uma criança de 7 anos que ela não tinha com quem deixar, então não teve dúvida: me levou junto pro cinema. Eu não entendi absolutamente nada do filme, mas a música me deixou fascinado! Não sosseguei enquanto não ganhei o single (que a gente chamava de "compacto") com a faixa-título. Melhor dos mundos, no lado B tinha *I'm Down*, rockão com Paul McCartney aos berros dizendo como ele se sentia pra baixo por ter tomado um pé na bunda de uma mulher.

Aquele disquinho tocou até quase furar. Está comigo até hoje e faz parte de uma coleção que hoje conta com algumas centenas de itens dos Beatles. E se alguém aí achou uma loucura uma mãe levar um garoto de 7 anos ao cinema para ver um filme de rock, minha filha foi ao primeiro show, levada por mim e por minha mulher, aos 5... Qualquer dia conto essa maluquice aqui.

Essa coluna (e essa história) foi escrita em homenagem a minha querida mãe, Candida Monteiro, que, após uma linda e longa existência, se foi aos 95 anos no final de fevereiro último.

O BOM CARMA

Em inglês há uma definição boa para a consequência na arte da pandemia: "disaster waiting to happen". Algo como "catástrofe anunciada". Um filme de que já sabemos o final, e este não é feliz. Meio que um transatlântico em direção a um iceberg sem tempo de desviar a rota. Certo? Acredito que sim. Diria que 97% do meu racional aposta nisso, sendo os 3% restantes gêmeos do meu idealismo mais cego que minhoca.

O mundo artístico se dividirá em antes e depois da pandemia. Será uma terra arrasada. Que sacodirá tanto artistas quanto público.

Só que façamos um exercício otimista e busquemos o lado positivo da situação. 1. Realmente acredito que de tudo pode-se extrair algo positivo. 2. É tamanha desgraça que se sentarmos e aceitarmos passivamente, nunca nos recuperaremos.

Enfim, se você concorda comigo em algum ponto, sigamos com o raciocínio. Um dos efeitos imediatos da pandemia foi ter desnudado a todos. Artistas, músicos, empresários e empresas. Vimos empresários asquerosos, que chamam os próprios negócios de "economia brasileira", conclamando o povo a se arriscar e voltar ao trabalho, já que "por causa de algumas milhares de mortes" o "Brasil não pode parar". Um que lucrou ano passado um bilhão de reais, ameaçou demissão de 22 mil pessoas caso o próprio negócio (a tal "economia brasileira") não voltasse a funcionar. Mas estou desviando por um caminho socialista este texto. Retornemos.

Os artistas e músicos também ficaram nus. E de uma hora para outra tiveram que se virar tão somente com o próprio talento e criatividade. Isso equacionou a conta, o que é muito bom para o rock e metal, principalmente. Sabe por quê? Pois são gêneros que não se valem do culto à imagem e às celebridades sem história e bagagem, como outros gêneros. Aí você vê quem tem café no bule de verdade.

Bob Dylan lançou música nova. Neil Young começou a fazer apresentações direto da lareira de casa. Artistas montaram shows de seus estúdios caseiros. E aqueles que dominam há anos as paradas de streaming, downloads e que injetam a própria imagem aspiracional sexy (nem sempre) em stories do Instagram como gasolina para que essa máquina siga operando? Cri... cri...cri...(Se não entendeu, são os sons de grilos que dominam situação de silêncio.) Pois é.

Anitta começou a transmitir aulas de francês. Alguns megamilionários do pop gravaram em coletivo *Imagine*, de John Lennon, para mostrar sensibilidade à situação. "Imagine no possessions"? Jura? I wonder if you can, de verdade.

Quando sairmos dessa, será um novo mundo, obviamente. Para as artes também. Serão separados os homens dos meninos. E a colheita virá.

A LOOK AT METAL

Por Claudio Vicentin

Claudio Vicentin é editor da Roadie Crew

VIVA OS BARES E OS EVENTOS DE HEAVY METAL!

Na tradição histórica, depois de um período de confinamento e muitas mortes, há uma grande explosão de vida. Veja que após a Peste Negra da Europa medieval tivemos o Renascimento, movimento cultural, econômico e político que surgiu na Itália do século XIV e, então, a vida medieval foi embora para dar lugar a Idade Moderna.

Muitos dizem que essa tendência a uma explosão de sociabilidade em um primeiro momento pós-pandemia poderá acontecer de novo – realmente, acredito nisso. Até porque eu, e acredito que milhares de outras pessoas por esse nosso planeta, não queiram viver em um mundo sem bar e sem festivais de rock/heavy metal. No primeiro caso, não sou alcoólatra, não se trata disso e nem de tomar porres, mas de socializar, beber uma cerveja, comer um petisco e ouvir uma boa música. No segundo, curto festivais de rock/heavy metal desde adolescente, pois são eventos que me marcaram e continuam sendo uma das melhores experiências de vida. Em ambos os lugares, para mim, significa celebrar a vida com amigos e familiares.

Uma das partes que me deixou mais triste com essa pandemia foi o adiamento e cancelamentos de shows, festivais e cruzeiros no Brasil e mundo afora. O esquema de 'live' pela Internet virou a bola da vez, quebra o galho aqui e ali. Porém, nada como estar ao ar livre, com muitas pessoas, vendo os artistas ali na sua frente. Sim, porque tem gente dizendo que esse será o futuro dos shows. Para tudo! No dia que os fãs preferirem ficar em casa vendo um show a ver um festival ao vivo e o artista preferir tocar sem ter contato com seus fãs, acabou a magia do heavy metal.

Nós, que trabalhamos com o metal, temos no show ao vivo o auge daquilo que fazemos. Lá estão nossos artistas em ação, tocando suas criações e entretendo seus fãs. É onde também estão os roadies, os managers, os promotores, os técnicos de som, a imprensa e os fãs, todos unidos e tendo um momento de êxtase.

Não sabemos exatamente quando isso tudo voltará ao normal, mas espero que por novembro em diante possamos ter de voltar os grandes eventos e os shows indoor. Mais tardar no começo de 2021. Não sei se estou sendo otimista demais, pois alguns dizem que, em se tratando de festivais, apenas a partir do segundo semestre de 2021. Seja como for, retornando o que coloquei acima, os bares, os festivais e shows indoor vão voltar com tudo. Nós todos vamos estar loucos para estar com os amigos nos bares e nos grandes eventos. E teremos uma verdadeira explosão de sociabilidade.

CAMPO DE BATALHA

Por Ricardo Batalha

Ricardo Batalha é redator-chefe da Roadie Crew

DIAS BRANCOS

Trancado em quarentena, eu não vi o sol se pondo. Não vi ninguém, muito menos falei pessoalmente com alguém. Não estou conectando este texto com a obra 'Noites Brancas', de Dostoiévski, apenas relatando o que todos sentimos neste momento delicado da história da humanidade.

Aqui, em meio a panelas batendo, gritos ao anoitecer, discussões em redes sociais e medo exposto a todos, permaneço sozinho. Se houve uma profunda melancolia para alguns, os momentos de reflexão serviram com a mesma intensidade para outros. Porém, a música salva.

Neste ponto, a pandemia do Coronavírus conseguiu fazer o inimaginável, com todos os artistas e músicos espalhados pelo mundo trancados em casa. Sim, eles são meros mortais como nós, mas os fãs passaram a acompanhá-los atentamente em lives, webnars e algumas poucas respostas trocadas em mídias sociais.

As notícias são aterrorizantes, mais parecendo um filme de ficção ou uma letra de banda de thrash metal. Não é. A coisa é real. Como muitas outras, a cadeia inteira do cenário musical e do show business foi afetada. Fazer exercício de futurologia não é a minha especialidade. No entanto, nasci no Brasil. Passar por adversidades e problemas são coisas que sempre soubemos e enfrentamos. Esta é diferente, sim, mas deixar o negativismo aflorar é um erro. Aqui é o 'Campo de Batalha' e estamos, literalmente, assim. Expostos e preocupados, mas lutando. E seguiremos dessa forma. Em nosso caso, produzindo a revista, que fala sobre música. Repito: a música salva. A arte salva.

Muitos preferiam usar as mídias sociais para fazer ataques, alimentar disputas e postar fake news, enquanto outros, tentando abrandar um momento terrível, usaram a música para amenizar a situação. Se você criou listas, indicou Playlists em plataformas de streaming, biografias e livros, recordou discos antigos e recomendou novos que adquiriu ou mesmo respondeu desafios, como fiz em minha conta no Facebook, foi para fazer com que amigos saíssem, por alguns momentos, desta situação desconfortável (e real). Ninguém está indiferente ao problema ou deixando de tomar cuidados por tentar não se afundar somente em coisas negativas, por pior que seja esta pandemia. Estamos cientes do problema. O mundo está. Sigo aqui, vendo a folha em branco em dias brancos. Mas eles vão se transformar em algo que (ainda) não sabemos. Esperamos, para melhor. É batido e você certamente já ouviu que "a vida é uma escola". Pois é, e lições também se aprendem. Na marra.

PROFILE

NETO ROMÃO (FURIA INC.)

Por Leandro Nogueira Coppi • Fotos: Bruno Sessa (Punany Fotografia)

Primeiro disco que comprou:
"Iron Maiden - *The Best of the Beast*."

Melhor disco de heavy metal:
"Judas Priest - *Painkiller*."

Último disco que comprou:
"Tool - *Fear Inoculum*."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"Pantera - *Vulgar Display of Power*."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Lamb Of God - *Sacrament*."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Kiss, Iron Maiden, Judas Priest e Pantera. Seria o sonho!"

Gustavo Romão, Victor Cutrale e Neto Romão promovem o álbum *Raw*, lançado no ano passado

Disco que mudou sua vida:
"Pantera - *The Great Southern Trendkill*."

Disco que mais ouviu na vida:
"DevilDriver - *End of the Line*."

Melhor capa de disco:
"Iron Maiden - *A Real Live One*."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Funk nacional."

Disco que gostaria de ter gravado:
"Death - *Symbolic*."

Música que gostaria de ter composto:
"Judas Priest - *Painkiller*."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Kiss - *Destroyer*."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Iron Maiden - *Piece of Mind*."

Música que mais gosta de tocar:
"Não sendo da minha banda é a *Electric Eye*, do Judas Priest."

Música que melhor define sua carreira:
"Furia Inc. - *The Cage*."

Três hinos do rock/metal para você:
"Pantera - *Cowboys From Hell*, Kiss - *Detroit Rock City* e Judas Priest - *Breaking The Law*."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"Era - *Ameno*."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Nine Inch Nails fazendo a *The Cage*, do Furia Inc."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"Tocar com Ozzy Osbourne seria incrível."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"ZZ Top - *Sharp Dressed Man*."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Eric Adams - Manowar."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo deles a Kenny G.:
"Iron Maiden e Pantera."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Guitarra."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"In Flames - *Cloud Connected*."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Música Eletrônica, industrial e Dubstep."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Arquiteto e Designer."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Na fila do cinema. E foi engraçado porque já ia começar o filme."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Estou em paz e focado."

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

Miami / Ft. Lauderdale, FL – Ocho Rios, Jamaica

January 7 – 11, 2021

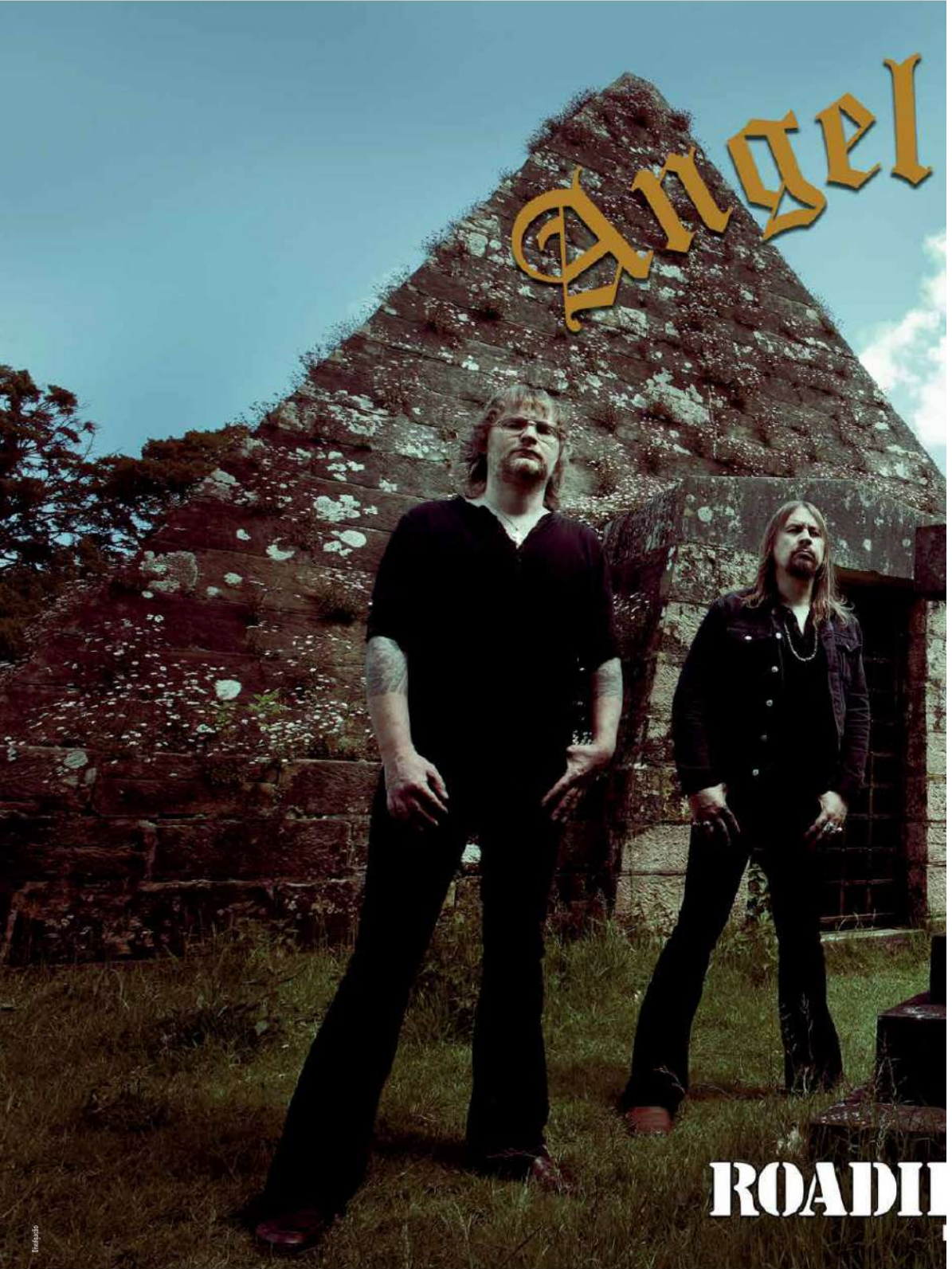
Get Ready for Round 11

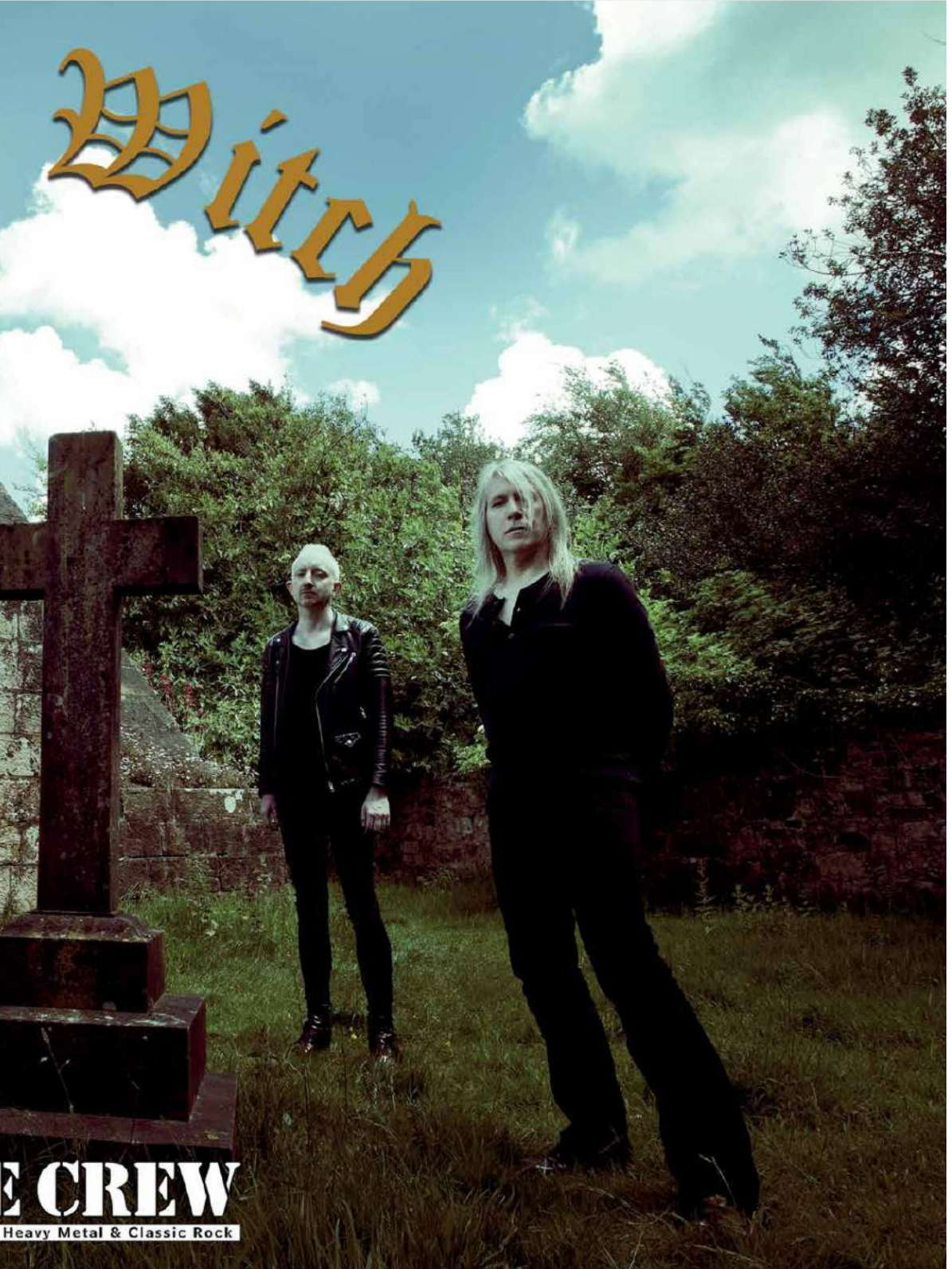
THE WORLD'S BIGGEST
THE ORIGINAL
HEAVY METAL CRUISE

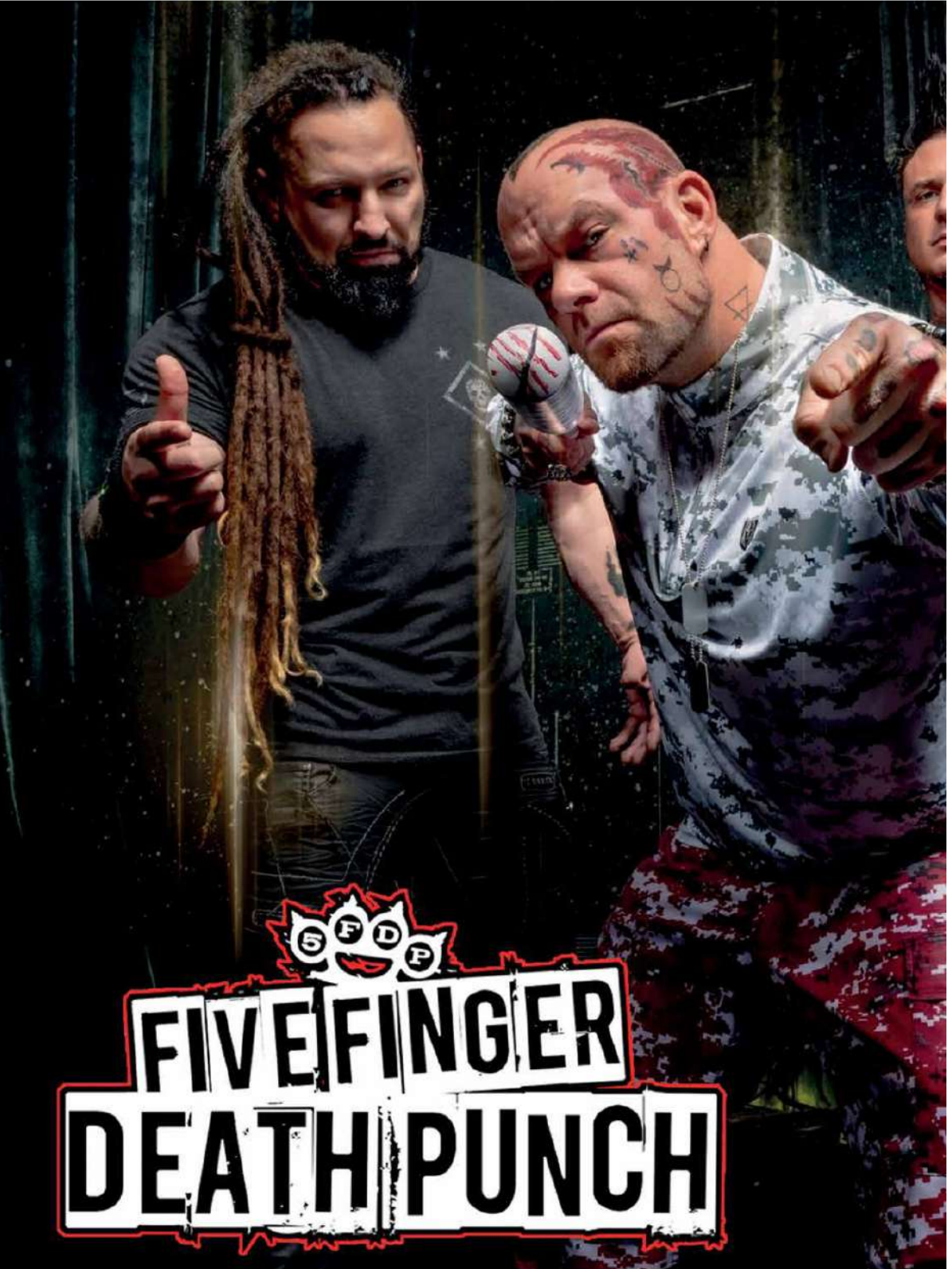
4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com

Tel.: +1 305 777 4878


Angel
ROADI


Witch
E CREW
Heavy Metal & Classic Rock


5FDP
FIVEFINGER
DEATH PUNCH

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

ATENÇÃO FÃS DE METAL!

Começa uma nova rodada de álbuns remasterizados em CD do Iron Maiden!

Agora são dois álbuns duplos ao vivo! Complete sua coleção!

Nas lojas em 19 de Junho de 2020

warnermusic.com.br facebook.com/WarnerMusicLegends

WARNER MUSIC BRAZIL

...JETHRO TULL...STORMWATCH... A STEVEN WILSON STEREO REMIX

HÁ 40 ANOS O JETHRO TULL LANÇAVA SEU ÚLTIMO ÁLBUM
COM A FORMAÇÃO CLÁSSICA DA DÉCADA DE 70!

O NOVO REMIX COMEMORATIVO
COM 8 MÚSICAS INÉDITAS
JÁ ESTÁ NAS LOJAS!

WARNER MUSIC BRAZIL warnermusic.com.br facebook.com/WarnerMusicLegends